

HISTORIA
DO BRASIL.

TOMO I.

PARIS. — NA TYPOGRAPHIA DE CASIMIR,
RUA DE LA VIEILLE-MONNAIE, 12.

HISTORIA DO BRASIL,

DESDE

O SEU DESCOBRIMENTO POR PEDRO ALVARES CABRAL
ATÉ A ABDICAÇÃO DO IMPERADOR D. PEDRO I.,

POR

FRANCISCO SOLANO CONSTANCIO,

M. D., membro das Sociedades de Medicina e de Historia Natural de
Edimburgo, Lincoons de New York e Paris; autor do Dictionnaire Critique
e Etymologique da Lingua Portuguesa, etc.

COM UM MAPPA DO BRASIL

TOMO I.

PARIS,
NA LIVRARIA PORTUGUEZA
DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, N° 11.

1859.

463

THE

LIBRARY

OF THE

AMERICAN

LIBRARY

OF THE

LIBRARY

OF THE

LIBRARY

1
1
V. 1

ADVERTENCIA.

Para compôr esta Historia do Brasil vali-me principalmente da excellente obra de M. R. Southey¹. Este benemerito e incansavel autor distingue-se por huma minuciosa exacção, o o que he não menos appreciavel, por hum espirito de imparcialidade, quasi sem exemplo entre os escriptores inglezes, quando tratão de terras e nações estranhas. M. Southey consultou, não só os documentos impressos os mais importantes, mas muitos ineditos, de que soube aproveitar-se em razão do cabal conhecimento que tem da lingua portugueza. Tambem me foi umi util a obra de M. David B. Warden, que faz parte da *Arte de verificar as datas*, publicada pelo marquez de Fortia; posto que tenha muitas incorrecções, omissões e inadvertencias, e esteja inçada de erros typographicos. Tambem consultei os escriptos recentes de sabios viajantes allemães, inglezes e francezes, de maneira a offerecer ao

¹ Publicada em inglez, em tres tomos, grande quanto, em 1810, 1812 e 1819.

publico huma historia resumida, mas exacta dos principaes acontecimentos dignos de memoria, de que o Brasil tem sido o theatro desde que foi descoberto por Pedro Alvares Cabral até á abdikação do Imperador D. Pedro I.

Na ultima parte da obra achará o leitor muitos factos e particularidades que me são proprias, e cuja verdade aslanço.

Não consultei a Historia do Brasil publicada em francez por M. A. de Beauchamp, porque tudo o que encerra do exacto he tirado de Southey. Da traducção portugueza e continuacão em 12 volumes de 18, nada direi : quem tiver tido a curiosidade de a correr pelos olhos, vera o porque.

Paris, 30 de Outubro de 1838

INTRODUCCAO GEOGRAPHICA.

LIMITES DO BRASIL.

Logo depois dos descobrimentos feitos por Christovão Colombo expedio o papa Alexandre VI duas Bullas, a 2 e 3 de Maio de 1493, em que fixava os limites das possessões Hespanholas e das portuguezas, estabelecendo por linha divisoria entre ellas hum meridiano traçado de hum polo ao outro, e passando a 100 legoas para oeste de hum das ilhas Canarias; declarando deverem pertencer à Corôa de Hespanha todas as terras e mares para oeste d'este meridiano, e a de Portugal as que ficassem para leste do dito meridiano; não prejudicando esta repartição as concessões feitas pelo Papa aos Portuguezes, e comprehendidas nas 100 legoas assignadas a Castella. Conveio-se que a linha chamada de *Concessão*, passaria pela mais occidental das ditas ilhas, denominada *Ilha de S. Antonio*; mas como se não especificou se erão legoas castelhanas de 26 $\frac{1}{2}$ ao grão, legoas marinhas de 20 ao grão, ou legoas portuguezas de 18 ao grão, subsistia notavel duvida sobre os verdadeiros limites.

A instancia de D. João II de Portugal foi fixada a linha de demarcação 270 legoas mais ao occidente, ficando os Portuguezes com direito a todas as descobertas e conquistas a leste d'esta linha. Este tratado entre os reis

de Portugal e de Castella, foi solemnemente ratificado em Tordesillas a 7 de Junho 1493, e approvado por elrei de Castella a 2 de Julho, e pelo de Portugal a 27 de Fevereiro 1494. Ambos se sujeitavão, em caso de infracção, ás mais severas censuras do Papa.

Por effeito d'este ajuste cada huma das duas potencias conveio em expedir quatro embarcações, com astrónomos cosmographos, encarregados de fixar a dita linha, e determinar o territorio pertencente a cada huma das duas Corôas.

O tratado de Tordesillas recebeu hum caracter ainda mais inviolavel pela sanção dada pelo papa Julio II, na sua Bulla de 24 de Janeiro 1506.

Os cosmographos castelhanos e portuguezes não puderão concordar, parte por effeito da imperfeição dos conhecimentos astronomicos naquella epocha, e parte em razão da má fé. A 6 de Setembro 1522 o navio Victoria voltou da viagem em que Fernão de Magalhães tinha circumnavegado o globo, e descoberto as Molucas. Ambas as potencias pretendêrão estarem estas ilhas dentro da sua linha de demarcação. Depois de varias negociações sem resultado, cedeo por fim a Hespanha a Portugal a posse das Molucas pela somma de 360:000 ducados, reservando-se a faculdade de se resgatar; e foi de novo estipulado que o tratado de Tordesillas ficaria em vigor em todas as suas disposições. Este ajuste foi assignado em Saragoça a 22 de Abril 1529.

Em quanto á linha de demarcação, os cosmographos das duas nações guiados por antigas cartas inexactas, e não fundadas em observações astronomicas, obtiverão resultados bem differentes, pela imperfeição dos mappas, e ignorancia em que se estava então do valor dos grãos de longitude e de latitude á medida da sua distancia do equador.

A solução d'este problema he devida ao Inglez Eduardo Wright, o qual demonstrou que os graus de latitude augmentão indo do equador para os polos, na mesma proporção que diminuem os de longitude.

A união dos dois reinos suspendeo esta interminavel discussão; mas renovou-se depois da revolução de 1840. Por fim em 1754 hum marco de marmore talhado em Lisboa, foi cravado no confluyente do Janubio do Paraguay, na latitude de 16° 24', para marcar o limite entre as possessões portuguezas e as hespanholas. No lado que olha para léste tem a seguinte inscripção:

Sub Joanne quinto Lusitanorum rege fidelissimo.

No da sul:

Sub Ferdinando sexto Hispaniarum rege catholico justitia et pax osculatae sunt.

No lado do norte:

Ex partis Frisium regendorum conventis.

Madridi idib. Januarii, M, DCC, L.

O 8º artigo do tratado de Utrecht fixou por limite entre a Guyana portugueza e a franceza o rio de Vicente Pinzon, denominando - o tambem Oyapoc ou Uiapoc em latitude norte de 1° 30'. Esta confusão de dois rios distinctos deo lugar posteriormente a discussões entre a França e Portugal. Os Francezes pretendião que o Rio Pinzon era o Aruari distante 60 legoas do Oyapoc para o sud-este. Pelo artigo 7 do tratado de Amiens (4 germinal anno X), 25 de março 1802, o rio Aruari que desembocca no Oceano acima do Cabo do Norte, ficou sendo o limite entre as duas Guyanas. Emfim, pelo tratado de 28 de Agosto 1817, o rio Oyapoc foi adoptado como limite, e a sua embocadura fixada entre os 4° e 5° graus de latitude

noite, e o 322° de longitude, da ilha de Ferro. A verdade he que o rio de Vicente Pinzon chamado pelos indigenas Calsoene ou Mayacari, he o rio onde desembarcou Vicente Pinzon, e vem correctamente marcado no celebre Mappa-mundi de Riben de 1599, ao norte do rio Amazonas, perto do golfo do Maranhão. Por consequente, tinham os Francezes razão, sendo o rio de Vicente Pinzon o limite, e os Portuguezes, sendo este o Oyapoc.

As duvidas suscitadas em quanto aos limites mal definidos no Uruguay forão removidas pelo tratado de S. Ildefonso do 1° de Outubro 1777, pelo qual o governo portuguez renunciou a Colonia do Sacramento e ilha de S. Gabriel.

Em 1532 o Brasil era dividido em 14 capitanias, e comprehendia desde perto do equador até 35° de latitude sul. Estas capitanias erão : 1° Gran-Pará; 2° Maranhão; 3° Ceará; 4° Rio-Grande do Norte; 5° Paraíba; 6° Itamaracá; 7° Pernambuco; 8° Seregipe; 9° Bahia; 10° Ilheos; 11° Espirito-Santo; 12° Porto-Seguro; 13° Rio de Janeiro; 14° S. Vicente. Foi depois dividido em 10 Governos, a saber: Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio-Grande do Sul, Minas-Geraes, Goyaz, Mato-Grosso.

Em 1817 o Brasil era dividido em 20 provincias, não contando os territorios de Goyana e de Solimões, dependentes do Pará. 1° Rio Grande do Sul; 2° Parauá; 3° Uruguay; 4° Santa Catharina; 5° S. Paulo; 6° Mato-Grosso; 7° Goyaz; 8° Minas-Geraes; 9° Rio de Janeiro; 10° Espirito-Santo; 11° Porto-Seguro; 12° Bahia; 13° Seregipe d'Elrei; 14° Pernambuco; 15° Paraíba; 16° Rio-Grande do Norte; 17° Ceará; 18° Piahy; 19° Maranhão; 20° Pará, com as suas dependencias de Solimões e Goyana.

Pelo 20° artigo da Constituição Politica da Monarchia Portuguez, decretada pelas Côrtes Constituentes em

1822, o Brasil era dividido em 17 provincias, a saber : 1.^a Pará e Rio Negro; 2.^a Maranhão; 3.^a Piaulhy; 4.^a Rio-Grande do Norte; 5.^a Ceará; 6.^a Paraíba; 7.^a Pernambuco; 8.^a Alagôas; 9.^a Bahia e Sergipe; 10.^a Minas-Geraes; 11.^a Espirito-Santo; 12.^a Rio de Janeiro; 13.^a São Paulo; 14.^a Santa Catharina; 15.^a Rio-Grande do Sul; 16.^a Goyaz; 17.^a Mato-Grosso, e as ilhas de Fernando de Noronha, Trindade, e outras adjacentes ao Brasil. Pela Constituição Politica do Brasil de 11 de Dezembro 1823, esta divisão foi mantida, excepto que se destacou Sergipe da Bahia, e se juntou a Provincia Cisplatina, que depois se constituiu em Estado independente republicano. Os limites actuaes entre o Estado de Monte-Video e o Brasil, se estendem até ao Cuarey, e passam depois pelas nascentes do Ituzzingo, do Ibicuy-Guaru, e d'alli corre a antiga demarcação até ao mar, isto he, segue o curso do Paraná.

DIVISÕES TERRITORIAES.

Rio-Grande ou S. Pedro do Sul : Esta provincia, a mais meridional de Brasil, comprehende desde 38° até 35° de latitude meridional. He limitada a leste pelo Oceano Atlantico; ao sul, pelo rio da Prata; ao occidente pelo rio Uruguay; ao norte pela provincia de S. Paulo e de Santa Catharina, de que he separada pelos rios das Felletas e Matopituba. Tem 130 legoas portuguezas do nordeste ao sudeste, e 100 de largura, termo médio. O governo d'esta provincia dependia do Rio de Janeiro até 1800. Em 1801 a sua povoação era avaliada em 60:000 individuos; em 1808 não passava de 40:000.

Os Tapuyas que occupavão este territorio á chegada dos Portuguezes forão expellidos depois de varios combates, e o paiz conquistado foi erigido em condado por Elrei de

Portugal, a favor de D. Lopo Fortado. Os Tapuyas que se haviam retirado para o oeste, continuaram por muito tempo a fazer incursões devastadoras das plantações e povoações.

Nicolao de Resende naufragou nesta costa; salvou-se com 30 Portuguezes, e penetrou no interior do paiz até hum grande lago cujas margens seguiu por alguns dias, sem poder attingir a sua extremidade. Em 1601 os Francezes se apouaram d'esta provincia, mas foram expulsados d'ella no anno seguinte pelos Portuguezes. Portlegre he a capital.

A provincia de S. Catherina, que antigamente fazia parte da de S. Paulo, está situada entre 25° 50' e 29° 20' de lat. sul. Comprehende a ilha de que tira o nome, e hum territorio de 60 legoas, de norte a sul, sobre o continente vizinho, que se estende desde o rio Sahy, que a separa da provincia de S. Paulo, ao norte, até Mainpituba que a separa do Rio-Grande, ao sul. A serra que atravessa estas provincias em direcção parallela áda costa, serve de limite occidental. A sua maior largura, que encerra a maior parte da antiga capitania de S. Amaro, não excede 20 legoas.

Em 1654 a ilha de S. Catherina, chamada a principio *Ilha dos Patos*, foi dada por Elrei D. João IV a Francisco Dias Velho, o qual estando no começo de seu estabelecimento, foi assassinado por hum pirata ingles. Este acontecimento desanimou os colonos, e o primeiro estabelecimento nesta fertil ilha foi feito a custa do governo portuguez.

A ilha de S. Catherina tem nove legoas de longo, de norte a sul, e 2 $\frac{1}{2}$ de largo; está separada do continente por hum canal que não tem mais de 200 brças, e forma dois portos; o que fica mais ao norte tem tres legoas de extensão, e pode conter os maiores navios. A ilha he montuosa, e ainda hoje parte d'ella he coberta de arvoredo. Em 1740

tinha mais de 4000 habitantes e estava fortificada. Em 1796 continha 4216 fogos e 23:865 habitantes. Em 1814 a povoação era de 10:142 brancos e 4000 negros; as forças militares da ilha consistião em perto de 1000 homens de tropa regular, e 3000 milicianos. Em 1813, a povoação montava a 32:949 indivíduos, isto he, 24:806 brancos, 665 negros e mulatos livres, e 7478 escravos. Em 1796 havia na ilha 3 engenhos de assucar, e 297 moinhos de vento, ou movidos por bestas.

A ilha de S. Francisco dependente d'esta capitania, situada a 5 milhas ao norte de Itapicu, tem 6 legoas de extensão do norte a sul. Tem a fórma de hum arco cuja corda he parallela á costa; o canal que a separa do continente he impropriamente denominado rio de S. Francisco. A entrada meridional, chamada Aracary, tem 200 braças de largo, mas he pouco funda, e só admite barcos. A entrada septentrional chamada Babitonga tem de 1000 a 1500 braças de largo e admite sumacas grandes. Em 1749, esta ilha continha 120 familias ou 1221 habitantes. A cidade de Nossa Senhora do Desterro he a capital da provincia.

A provincia de S. Paulo foi formada em 1710, de huma parte da capitania de S. Amaro, e de metade da de S. Vicente. Esta quasi inteiramente situada debaixo da zona temperada, entre 20° 30', e 28° lat. sul. He limitada a léste pelo Oceano; ao norte, por Minas-Geraes, de que he separada pela serra de Mantiqueira; pelo Rio-Grande do sul, que a separa da provincia de Goyaz; ao su., pelo rio Pelotas, que a separa do Rio Grande do sul; a oeste, pelo rio Paraná, que a separa de Goyaz e Mato-Grosso. Tem 135 legoas do norte ao sul, e 100 de largura media de léste a oeste. Segundo os viajantes allemães Spix e Martius, esta capitania tem 17:500 millhas quadradas, de

quase 5000 estão cobertas de arvorelo, e 12:500 de prados ou pastos. A povoação d'esta provincia em 1808 era de 200:478 individuos : contavão-se ne la 418 ecclesiasticos, dos quaes 331 regulares residentes em 15 conventos. Em 1813 a população era de 209:218, a saber : 112,964 brancos; 3931 negros livres; 37,602 escravos; 44,033 mulatos livres; 44:053 mulatos escravos. Em 1814 a população montava a 211:928; em 1815, a 215:211. Hoje he avaliada em 300:000. Em 1308 possuia 458 engenhos de sacar.

A ilha de S. Vicente, situada na provincia de S. Paulo, tem de 3 a 4 legoas de longo. He notavel pelas collinas chamadas *estreiras* formadas de cascas de ostras, de que se faz cal.

A ilha de S. Sebastião situada na mesma provincia a 8 legoas E. N. E. de S. Amaro, tem 4 legoas de extensão, e he separada do continente por huncanal profundo de huma legoa de comprido, chamado *Toque-Toque*. Contem 700 individuos livres, alem dos escravos.

A cidade episcopal de S. Paulo he a capital da provincia.

A provincia de Mato-Grosso, situada entre 7° e 24° 30' de latitude sul, occupa huma superficie de 315 legoas de norte a sul, sobre 230 na sua maior largura; tem huma superficie de 48:000 legoas quadradas. Ao oeste he separada das possessões hespanholas pelos rios Guaporé, Jaurú e Paraguay; a leste, pelo rio Paraná, que a separa da provincia de S. Paulo, e pelo Araguaya, que a separa de Goyaz. Mato-Grosso he dividido em sete districtos, a saber : 1° Camapuana; 2° Mato-Grosso; 3° Cuiabá; 4° Bororonia; 5° Juruenna; 6° Arinos; 7° Tapiraquia. A povoação d'esta provincia excede 100:000 individuos. No inciado do XVI° seculo Aleixo Garcia e seu irmão (ou filho) acompanhados de huma grande comitiva

de criados, atravessou o Paraguay e penetrou na parte meridional d'esta provincia. Algum tempo depois Manoel Correa, paulista, passou o Araguaia e se adiantou na parte septentrional. Em 1718 Antonio Pires de Campos, tambem paulista, remontou o rio Cuiabá perseguindo os Cuchipós. No anno seguinte Pascoal Moreira Cabral remontou o rio Cuchipó-Mirim e descobrio hum territorio abundante em ouro, de que foi nomeado *guarda-mórregente*.

Nas margens do Rio-Branco, grande affluente do Rio-Negro, os Portuguezes tem sete freguezias habitadas por indigenas que comço a civilisar-se. Estabelecerão alli hum forte, e desde 1775 nas ricas pastagens d'aquelle territorio se crião innumeraveis gados, e se cultiva o cacao.

Villa Bella he a capital d'esta provincia.

A provincia de Goyaz era huia ouvidoria ou comarca de S. Paulo antes de 1749. Está situada no centro do Brazil, entre 6° e 21° lat. sul. He limitada ao norte pelas provincias de Pará e Maranhão; a oeste, pelo districto de Cuiabá de que a separa o rio Araguaia; ao sul, pelo Camapuana, e a provincia de S. Paulo; e a léste, pela serraania das provincias de Minas Geraes e de Pernambuco. Goyaz tem perto de 200 legoas de longo, partindo da junção do Araguaia com o Tocantins, á do Rio-Pardo com o Paraná. O Snr. Giraldes lhe dá 300 legoas de longo e 200 de largo. Contem 3 districtos occidentaes: 1° Cayaponia; 2° Goyaz; 3° Nova Beira; e 3 orientaes: 1° Riодas Velhas; 2° Paranau; e 3° Tocantins. A povoação actual he avaliada em 175:000 individuos. Em 1804 contiha 50:539.

A cidade de Villa Boa he a capital da provincia.

Durante o governo de Gomes Freire, os habitantes de Minas-Geraes juntos aos Paulistas se apoderão do territorio de que se formou depois a capitania-geral de Goyaz, assim chamada do nome dos Indios que o habitavão. O

paulista Manoel Correa, indo em cata de escravos, descobriu ouro em hum dos rios. Bartholomeo Bueno, em humma primeira expedição achou pedras de ouro no paiz dos Aracys perto de hum affluente do rio Orelliana. Em humma segunda expedição feita em 1670, este celebre aventureiro penetrou até ao Rio-Vermelho, affluente do Araguaya, e viu mulheres indigenas ornadas de chapas de ouro que tinham achado nos regatos. O filho de Bueno que ainda moço acompanhara o pai nesta expedição, foi mandado pelo governador Rodrigo Cesar de Menezes com cem homens, a descobrir o lugar até onde Bueno se tinha adiantado; mas foram baldadas as suas diligencias, e voltou a S. Paulo, tendo perdido a maior parte dos seus companheiros. Foi porém mais feliz na segunda expedição em que descobriu ouro em diversos regatos. Nomeado *capitão-mór*, foi encarregado pelo mesmo governador de estabelecer humma colonia naquelles sitios, que denominou *Arraial do Ferreiro*.

A provincia de Minas-Geraes, assim denominada por se ter achado ouro em todos os seus ribeiros, foi formada em 1720 de humma porção da de S.-Paulo, situada entre 13° e 23° 27' latitude sul, e entre 328° e 336° de longitude, contada da ilha de Ferro. Segundo as observações as mais recentes, dá o padre Casal a esta provincia 112 legoas de longo, do norte a sul, e 80 de largo, de leste a oeste. He limitada ao norte pela provincia da Bahia, de que he separada pelo rio Verde, e pela de Pernambuco, de que he separada pelo rio Carinhenha; ao sul, pela serra de Mantiqueira, que a separa da de S. Paulo, pelos rios Preto, Parabuna, e Paraita, que a separa da provincia do Rio de Janeiro; a oeste, pela provincia de Goyaz, e a leste, pelas do Espirito-Santo, Porto-Seguro, e humma parte da Bahia.

Este paiz foi descoberto em 1573 por Sebastião Tourinho, habitante de Porto Seguro, que remontando o Rio Doce, se adiantou até ao Jequitinhonha cuja corrente seguiu até á costa. Depois de Tourinho, Antonio Dias Adorno, e Marcos de Azevedo seguirão o mesmo caminho para descobrir esmeraldas e saphiras. Em 1693, Antonio Rodrigues, natural de Taubaté, atravessou a parte occidental, em busca de minas de ouro. Bento Miguel d'Almeida, em 1694, e Manoel Garcia, em 1695, percorrerão os districtos de S.-João d'Elrei, Sabará, e Villa-Rica. As riquezas com que voltarão estes aventureiros, decidirão muitos Portuguezes e Indigenas a irem estabelecer-se nesta provincia.

A 9 de Novembro 1709, a provincia de S.-Paulo e a das Minas forão destacadas da capitania do Rio de Janeiro, para formar huma capitania distincta. Em 1711, Villa-Rica e Marianna, e em 1714 Villa do Principe forão creadas. Dividiu-se então a provincia em quatro comarcas, a saber: Villa-Rica, Rio das Mortes, Sabará, e Serro do Frio. Minas foi destacada de S.-Paulo em 1720 para formar huma capitania separada, de que D. Lourenço de Almeida foi o primeiro governador. Ao mesmo tempo foi nomeado hum intendente geral das minas.

Em 1776, esta provincia continha 319:769 habitantes. Em 1803 a povoação era de 433:049; e em 1813 de 480:000. Hoje avalia-se em 500:000. O coronel Eachwege publicou o mappa seguinte da povoação de Minas-Geraes em 1808.

Pessoas livres.

	Homens.	Mulheres.	Total.
Branços.	51:157	32:627	106:084
Mulatos.	64:408	16:250	129:656
Negros livres.	33:286	24:631	47:917
Total.	148:849	102:458	281:277

Escravos.

Côr.	Homens.	Mulheres.	Total, geral.
Mulatos.	77:757	7:830	115:393
Negros.	24:849	46:126	100:972
Total.	91:606	54:006	220:365

Villa Rica he a capital da Provincia.

A provincia de Rio de Janeiro he formada da antiga capitania de S.-Thome, de metade da de S. Vicente, e parte da do Espirito-Santo. He banhada pelo Oceano Atlantico ao sul e a leste; confina ao oeste com a provincia de S.-Paulo, e ao norte com a do Espirito-Santo, de que he separada pelos rios Cabapuana, Preto, e Parahyba, e em parte pela serra de Mantiqueira, e pela provincia de Minas-Geraes. Perto da sua extremidade septentrional, esta provincia situada entre 21° e 24° lat. merid. tem 60 legoas de leste a oeste, e 30 de largo, tomadas desde a fortaleza de Santa Cruz á entrada da bahia de Rio de Janeiro até ao rio Parahyba. A costa meridional se estende desde Cabo Frio até o Cabo Trindade quasi 3

leguas oeste da Ponta Joatinga. Esta provincia he dividida em duas partes pela Serra dos Orgãos: a primeira denominada *Serra-arima* comprehende os districtos de Paraltaba-Nova, e de Santa-Gallo; a segunda ou *Beiranian* encerra quatro districtos, a saber: Ilha-Grande, Rio de Janeiro, Cablo-Prio e Goitacazes. A povoação actual da provincia excede 400:000 habitantes. MM. Spix e Martius lhe dão 490:000. A cidade de Rio de Janeiro he a capital da provincia, e do Imperio, assento do governo, e residencia do Imperador.

A cidade do Rio de Janeiro foi a principio denominada São Sebastião, em honra do rei que então occupava o throno de Portugal. Está assente em hum terreno plano, chamado pelos indigenas *Ganabara*, entre a bahia e a Serra do Corcovado que a domina. Tem cerca de duas milhas de extensão de léste a oeste. A Cidade-Velha consta de oito ruas estreitas, mas parallelas, cortadas em angulos iguaes por outras transversaes. A Cidade-Nova he separada da Velha pelo Campo de Santa-Anna, e por huma ponte de madeira, do bairro de Mataporcos. A maior parte da Cidade Nova foi construida depois da vinda de D. João VI em 1808. Os edificios são construidos em pedra de cantaria; as ruas são largas, bem calçadas, e com passeio lateraes lageados. He provida de aguas por hum bello aqueducto que conduz a agua da Serra do Corcovado, e vai desaguar no Chafariz da Carioca. Este aqueducto, começado em 1710 e terminado em 1723, he composto de duas ordens de arcos sobrepostos. Antes da chegada da corte, a povoação da cidade excedia 50:000 habitantes, a metade negros ou mulatos. Em 1817 era avaliada em 110:000, e hoje suppõe-se ser de 140:000 a 150:000. Este notavel augmento foi devido, 1.^o a emigração de Portugal em 1808, que se avalia em 24:000 pessoas, e 2.^o ao grande numero de estrangeiros

que tem depois vindo estabelecer-se nella como negociantes, mercadores, artífices, etc. O numero dos Francezes residentes excede 1400. A 17 de Agosto amentarão os Ingleses os alicerces de hum templo protestante, o primeiro erigido na America meridional.

A bahia he mui espaçosa, segura e optimamente situada para o commercio exterior. Segundo as observações do almirante francez Rousin, a latitude de Rio de Janeiro he de 22° 54' sul, e a longitude 45° 36' do meridiano de Paris.

A provincia do Espirito-Santo tem huma extensão de 38 legoas, do sul ao norte, entre o rio Cahapuaná, e o rio Doce; a extensão de léste a oeste não está bem determinada, porque parte d'ella he ainda habitada pelos indigenas. He limitada ao norte, pela provincia de Porto-Seguro; a oeste, pela de Minas-Geraes; ao sul, pela do Rio de Janeiro, e a léste, pelo Oceano Atlantico.

Em 1749 esta provincia continha 1765 fogos; as principaes villas são: 1° Villa de Victoria; 2° Villa-Velha; 3° Benavente; 4° Almada; 5° Guarapary; 6° Itapemirim. Victoria he a capital.

A provincia de Porto-Seguro comprehende o antigo territorio da capitania do mesmo nome, e parte da dos Ilheos, e Espirito-Santo. He situada entre 15° 54' e 19° 31' lat. merid. Confina ao norte com a provincia da Bahia, de que he separada pelo rio Belmonte; a oeste com Minas-Geraes; ao sul, com Espirito-Santo; a léste he banhada pelo mar. Tem 63 legoas de norte a sul, mas os seus limites não estão bem determinados, porque os Indios Aymores ou Botecudos occupão ainda grande parte d'ella. O Sn^o. Giraldes lhe dá 85 legoas de longo.

As cidades e villas d'esta provincia são: 1° Porto Seguro; 2° Villa Verde; 3° Trancoso; 4° Prado; 5° Akobaça;

6° Caravelas; 7° Villa Viçosa; 8° Portalegre; 9° S. Mathias; 10° Belmonte. A cidade de Porto-Seguro he a capital.

Em 1749 continha 485 fegos.

A provincia da Bahia comprehende quasi todo o territorio da antiga capitania de S. Salvador, junto ao dos Ilheos. Está situada entre 10° e 16' lat. sul. He limitada ao norte pelas provincias de Seregipe d'Elrei e Pernambuco; ao sul, pelas do Porto-Seguro, e Minas-Geraes; a oeste, pela de Pernambuco, de que he separada pelo Rio S. Francisco; e a leste pelo mar. Tem 115 legoas de norte a sul; e 70 a 80 de largura, mas ainda não está bem determinada: O Sr. Giraldes a avalia em 100 legoas.

O Reconavo da comarca da Bahia, cuja largura he de 6 a 10 legoas, abraça a cidade e a bahia, na qual desaguão muitas ribeiras, todas navegaveis por barcos até alguma distancia da sua foz.

Esta provincia he dividida em tres comarcas, a saber: 1° dos Ilheos; 2° Jacobina; 3° Bahia.

A comarca dos Ilheos encerra as cidades ou villas seguintes: 1° Ilheos; 2° Olivença; 3° Rio de Contas; 4° Camamu; 5° Marahu; 6° Barcellos; 7° Serinhaem; 8° Cairi; 9° Igrapiuna; 10° Boipeba; 11° Valença.

A comarca da Jacobina encerra as seguintes villas: 1° Jacobina; 2° Villa-Nova da Rainha; 3° Rio das Contas; 4° Villa-Nova do Principe; 5° Urubú.

A comarca da Bahia encerra as villas seguintes: 1° Abrantes; 2° Agua-Fria; 3° Itapicuri; 4° Pombal; 5° Souro; 6° Mirandella; 7° Abbadia; 8° Iulianbupe; 9° Villa do Conde; 10° San Francisco; 11° Santo Amaro; 12° Maragugipe; 13° Cachoeira; 14° Jagnarype; 15° João Amaro; 16° Pedra-Branca; e 17° a cidade de S. Salvador ou Bahia de Todos os Santos, capital da provincia.

Em 1775 a povoação da capitania da Bahia montava a 245:000 pessoas; actualmente excede 500:000.

A ilha de Itaparica, situada na bahia de Todos os Santos, tem seis legoas e meia de comprimento, de norte a sul, e tres na sua maior largura.

A cidade de S. Salvador, ou Bahia de Todos os Santos está em 12° 59' lat. sul; longit. 40° 52' do meridiano de Greenwich. A primeira cidade occupava a actual Villa-Velha. A bahia, huma das mais espaciaes e seguras do globo, pode facilmente conter 1000 navios; tem oito legoas de extensão de léste a oeste, e seis e meia de norte a sul, e encerra cerca de cem ilhetas. D. João III' lhe deu por armazem huma tola branca em campo verde, com hum rio de oliveira no bico com cercadura de prata, e a letra: *Sic illo ad arcem reversa est*. Foi erigida em bispado pelo papa Julio III em 1551, e em arcebispado, por Innocencio XI, em 1676. Durante dois seculos foi o assento do Governador, e capital do Brasil. Em 1763 foi nomeado hum vice-rei, cuja residencia foi transferida ao Rio de Janeiro.

A cidade tem quatro millias de extensão do norte ao sul, comprehendidos os suburbios. He dividida em Cidade alta; e a Praia; esta consiste principalmente em huma longa rua. Em 1812 foram calçadas as ruas da Bahia, e no mesmo anno construiu-se hum theatro.

Em 1521 a povoação de S. Salvador não passava de 800 pessoas. A actual excede 100:000 habitantes, dois terços dos quaes são negros ou mulatos.

A provincia de Seregipe d'Elrei, antigamente districto da Bahia, está situada entre 1° e 12° 20' lat. sul. Tem 20 legoas de costa, desde o rio Real que a separa da Bahia, e o rio S. Francisco, que a separa de Pernambuco; e perto de 40 no interior até ao angulo em

que termina no pequeno rio Xingu, duas leguas abaixo da grande cachoeira de Paulo Afonso.

As cidades ou villas da parte oriental são : 1.^o Seregipe; 2.^o Santo Amaro; 3.^o Santa Luzia; 4.^o Itabayana; 5.^o Villa Nova; e na parte occidental, 1.^o Propriá; 2.^o Lagarto; 3.^o Thomar. A capital he a cidade de Seregipe.

A provincia de Pernambuco está situada entre o 7.^o e 16.^o lat. merid. He limitada ao norte pelas provincias do Parahyba, Ceará e Piahy; ao sul, pelo Rio de S. Francisco, que a separa de Seregipe e da Bahia, e pelo Carinhonha, que a separa de Minas-Geraes; a oeste, pela provincia de Goyas; e a leste pelo Oceano. Tem 70 legoas, de costa entre o S. Francisco e o Goyana. O Sn.^o Giraldea lhe dá 160 legoas de longo, e 100 de largo. Em 1717 o conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, donatario d'esta capitania, a cedeo pelo titulo de marquez de Valença, e huma somma de 80:000 cruzados.

He dividida em tres comarcas: Olinda, Recife, e Alagôas. A primeira encerra as cidades ou villas d'Olinda, Goyana, Iguaçu, Pao d'Alho, e Limoeiro. A do Recife comprehende a cidade do Recife, e as villas de Serinhaem, S. Antonio, e S. Antônio. As Alagôas encerrão as villas de Porto Calvo, Alagôas, Atalaia, Anadia, Maceió, Porto de Pedras, Poxim, e Penedo.

Esta provincia tem humma povoação de mais de 550:000 habitantes. A ilha de Itamaracá, antigamente chamada dos *Carmos*, tem tres legoas de longo e humma de largo. A cidade de Pernambuco he a capital da provincia, e séde episcopal. Está em 8.^o 13' lat. merid. e 37.^o 23' long. oeste de Paris. Consta de duas partes distinctas, Olinda e o Recife. O Recife he dividido pelo rio Capibaribe em tres partes ou parochias, o Recife, S. Antonio, e Boa-Vista, que communico por duas pontes de pedra e madeira, das

quase luma tem 850 passos de longo, e a outra 290. O Recife assente na península, he a parte commerciante da cidade. S. Antonio situado na parte septentrional da ilha, comprehende a antiga cidade fundada pelo principe Mauricio de Nassau e denominada Mauricio. Boavista foi fundada pelos Hollandezes com este nome portuguez. Os arredores de Pernambuco são deliciosos.

Em 1810 o Recife ou Cidade baixa continha 5381 familias. Pernambuco foi tomado em 1630 pelos Hollandezes, que conservarão a posse d'elle 24 annos. Em 1806 via-se ainda perto da porta da igreja do Corpo-Santo humma lamina de marmore com a inscripção seguinte em hollandez.

OP GEBOUWT
ONDER
D'HOOGHE AEGHERINGE
VAN
PERIJD'. EN BADEN
AENDE WELIJ.

Que significa: Construido pelo governo supremo, composto do Presidente e do Concelho 1652.

Olinda occupa humma bella posição em hum terreno elevado. Em 1582 continha 700 habitantes portuguezes, e cerca de 4 a 5000 negros escravos. Em 1631, quando foi queimada pelos Hollandezes, enterrava 25:000 almas. Em 1810 continha 1195 fogos. Hoje aviliã-se a povoação total de Pernambuco em 65:000 individuos.

A provincia da Parahyba, que comprehende perto dos dois terços da antiga capitania de Itamaracá, se estende a 19 legoas ao longo da costa entre o Rio Goyana e a Bahia de S. Marcos, a tres milhas de Camarajuba. Está situada entre 6° 15' e 7° 14' lat. merid. A sua maior extensão de leste a oeste he de 60 legoas.

Em 1634 continha 700 familias, e possuia 30 engenhos

de amucar. Em 1775 avaliava-se a sua povoação em 52:000 almas. Em 1812 excedia 120:000, dos quaes 17:000 são escravos, 3400 Indios; 8000 negros livres e 28:000 mulatos livres. As cidades ou villas na parte oriental são : Paraíba, Pilar, Alhandra, Villa-Real, Villa do Conde, Villa da Rainha, S. Miguel, Montemór. Na parte occidental, Pombal e Villa-Nova de Sousa. A cidade da Paraíba he a capital da provincia.

A provincia do Rio-Grande do Norte, comprehende parte da capitania concedida ao historiador João de Barros. Em 1654 D. João IV concedeo parte d'ella a Manoel Jordão, que morreu naufragado em vista do porto em que ia desembarcar. Em 1689 este territorio foi dado pela Corôa a Lopo Furtado da Mendonça. Está situada entre 4° 10' e 6° 18' lat. merid., e tem cerca de 50 legoas de longo sobre 30 de largo. He limitada ao norte e a este pelo Oceano; ao sul, pela provincia da Paraíba; a oeste pela do Ceará, da qual he separada pela serra de Appody, perto de humna legoa a oeste do rio d'este nome. As principaes cidades ou villas da provincia são : Natal, capital da provincia, Aviz, Estremoz, S. José, Villa Flor. A povoação d'esta provincia em 1775 era avaliada em 23:000 pessoas.

A ilha do Fernando de Noronha, está situada a 70 legoas E. N. E. do cabo S. Roque em 3° 53' lat. merid. Tem perto de tres legoas de longo, e outro tanto de largo; he montuosa, e tão esteril que só pequena parte da superficie he susceptível de cultura, e todavia he bem provida de agua. Tem dois bons portos capazes de dar abrigo a navios grossos, e he guarnecida de fortas.

A provincia do Ceará tomou este nome de hum pequeno rio, na embocadura do qual se fez o primeiro estabelecimento. He limitada ao norte pelo Oceano; ao

sul, pela serra de Aratipe ou Cayritá, que a separa da provincia de Pernambuco; a leste, pelas provincias do Rio-Grande do Norte, e Paraíba; e a oeste, pela de Piauí de que he separada pela serra de Ibiapaba. Tem perto de 90 legoas na sua maior extensão de leste a oeste, e outro tanto do norte ao sul, e hum extensão consideravel de costa. Segundo o Senhor Giraldes, o Ceará está situado entre 2° 30' e 6° lat. merid., e tem só 80 legoas de largura.

Durante a grande secca desde 1792 até 1798 muitos mil habitantes morrerão de doenças, e foi quasi abandonada. Em 1813 tinha 150:000 habitantes. As cidades e villas situadas na parte oriental da provincia são: Nossa Senhora da Assumpção, Aracaty, Iccó, Crato, Bom-Jardim, S. Bernardo, S. João do Principe, Campo-Maior, Aquiraz; Montemor o Novo, Hemejana, Soure, Arrouches. As da parte septentrional são: Sobral, Villa-Viçosa, e Villa-Nova d'Elrei. A cidade de Aracaty he a capital da provincia.

A provincia de Piauí tira o nome de hum dos rios que a banha. Foi estabelecida em 1713, sendo até então humma comarca do Maranhão. He quasi limitada a leste pela provincia do Ceará, de que he separada pela serra de Ibiapaba; a oeste, pelo rio Paraíba, que a separa do Maranhão. He quasi triangular, e tem mais de 100 legoas na costa meridional, onde he separada da provincia de Pernambuco, e 18 ao norte, onde he limitada pelo Oceano. Situada entre 2° 30' e 11° lat. merid. tem 120 (') legoas de longo, de norte a sul, e 50 de largura média.

A conquista d'esta provincia foi conecada em 1674 por hum paulista chamado Domingos Jorge, e Domingos

'O Sr'. Giraldes lha dá 140 legoas de longo.

Afonso natural de Mafra, mas não teve governador até 1758. As cidades e villas d'esta provincia são : Oeiras, Parnaíba, Marvão, Campo-Maior, Valença, Jerumenha, e Pernaguá. A cidade de Oeiras he a capital da provincia.

Provincia do Maranhão. O nome d'esta provincia he tirado do rio denominado Maranhão, do termo hespanhol *maraña*, maranha, dado por Pinzon ao grande rio chamado Orellana e Amazonas. Esta provincia está situada entre 1° 16' 29" e 12° lat. merid., e entre 332° 45' e 335° 52' 20" de longitude do meridiano da ilha de Ferro. He limitada a leste pela serraania do Piahy e pelo Rio Parnaíba; a oeste, pela provincia do Pará e o rio Turu-Açu, e com Goyaz, pelo rio Manoel Alves Grande, desde a sua junção com o Tocantins até á do rio Araguaia em S. João das duas barras; ao norte, pelo Oceano, e ao sul, pela serraania Taugatinga ou do Piahy. A sua maior extensão do norte ao sul, desde a parte septentrional da ilha de S. João até á origem dos rios Parnaíba e Balsas, he de 235 legoas de 20 ao grao, e a sua maior largura de leste a oeste, na latitude de 7° he 129 legoas. A extensão da costa he de 98 legoas. Tem humma superficie de cerca de 19:200 legoas quadradas (de 20 ao grao), de que 11:600 pertencem á povoação civilizada, e 7600 aos indigenas, que occupão os districtos de Mirim, Viana, Monção, Codo, Caxias, e Pastos-Bons.

A população em 1648 era de 400 colonos portuguezes, e 80 soldados. Em 1683 havia mais de mil habitantes, só na cidade de S. Luiz. A população actual monta a 152:893, dos quacs 55:618 são livres. Encerra humma cidade, 12 villas e 19 aldeias.

O primeiro donatario do Maranhão foi o juiz Antonio

Coelho da Carvalho. Em 1626 foi o Maranhão des-tacado do Pará e do governo geral do Brasil. As ci-dades e villas d'esta provincia são: Alcantara, Guima-rães, S. João do Cortes, Viana, Monção, Ilicatu, Caxias, Turi, Vinhaca, Passo do Lunjar, e Maranhão, que he a cidade capital da provincia, e sede episcopal.

A ilha do Maranhão, situada em hum golfo perto da foz occidental do rio Mixim, tem 7 legoas de extensão do N.-O. ao S.-O., e 5 na sua maior largura. Forma com o continente duas apraziveis bahias, huma a léste, do-beixo do nome de S. José; a outra a oeste, chamada de S. Marcos, cada huma de 6 milhas de largo, e que com-municação por hum pequeno estreito, chamado Rio do Mosquito, de 5 legoas de longo, qua separa a ilha do continente. Esta ilha tem varios outeiros, he coberta de arvoredo, e regada por 15 ribeiros.

A cidade de S. Luiz do Maranhão está situada na parte occidental da ilha na latitude meridional de $2^{\circ} 30' 44''$, e longitude oeste de Paris $46^{\circ} 36' 24''$. Foi erigida em his-pado em 1678. O porto he mui frequentado, e defendido por tres fortes. Em 1808 tinha 12:000 habitantes; hoje passa de 30:000. Foi tomada pelos Hollandezes em 1641, e retomada pelos Portuguezes em 1643.

A provincia do Pará he limitada ao norte, pelo Oceano, e pelo Rio Maranhão ou das Amazonas, que a separa da Guyana; a oeste, pelo rio Madeira; ao sul, pelas provin-cias de Goraz e Mato-Grosso, e a léste, pela de Maranhão. Estende-se desde o equador, ou, mais exactamente, de $15'$ em $17'$ lat. merid. e comprehende 250 legoas por-tuguezas de leste a oeste, e menos de 120, na sua maior largura. O Sn.^o Giraldes diz que tem 228 legoas de longo, e 150 de largo.

A provincia tem quatro districtos, a saber: 1.^o Para

proprio, cujas cidades ou villas são : Belém ou Pará , Bragança , e Collares ; 2.^a Xingutania , cujas villas são : Villa Viçosa , Gerupá , e Melgaço ; 3.^a Tapajonia , cujas villas são : Santarem , Souzal , e Alter do Chão ; e 4.^a Mandruania , cujas villas são : Villa-Nova da Rainha , Borba , e Villa-Franca . A cidade episcopal de Pará ou Belém he a capital da provincia .

A ilha de Joannes ou de Marajó , na provincia de Pará , situada entre o Rio Tocantins e o Amazonas , confina com o Oceano ao norte , e o estreito de Tagipara ao sul . Tem 27 legoas do norte ao sul , e 37 de léste a oeste .

Em 1616 Francisco Caldeira entrou nesta provincia com 200 soldados , e construiu hum forte de madeira perto do qual foi fundada depois a cidade de Belém .

A provincia do Solimões he limitada ao norte pelo Amazonas ; a léste , pelo Rio Madeira ; a oeste pelo Javary , que a separa das possessões hespanholas , e ao sul pelas mesmas possessões cuja demarcação foi fixada em 1757 . Está situada entre 3.^o 23' e 7.^o 30' lat. merid. Tem do norte a sul 70 legoas sobre a costa oriental , e mais de 180 de léste a oeste . Comprehende todo o paiz situado entre o Rio Madeira e o Javary que pertence ao governo do Rio-Negro, o qual depende do Gran-Pará . Esta provincia igual em extensão á Gran Bretanha , communica com os rios navegaveis Orelhana , Madeira , Purus , Coary , Tefé , Jurua , Jutai e o Javary , dos quaes o mais pequeno tem 1800 pes de largo na sua foz .

Suppunha-se que estes rios nascião das montanhas do Pará ; mas hoje sabe-se que além d'estes rios existe huma communicação entre o Ucayalé , grande affluente do Orelhana , e o Mamoré pelo rio da Exaltação e o lago Rogagualo , na provincia de S. Marcos ; mas ignora-se ainda se os rios nascem d'este lago .

Esta provincia he pouco conhecida, por estar em grande parte occupada pelos indigenas, excepto ao longo dos rios Madeira e Amazonas. He dividida em seis districtos, a saber: Puro, Coary, Tefse, Hiarba, Muntahi, Hiabari. Crato he a capital.

A provincia de Guyana forma a parte oriental da região denominada *Terra Firme*. He limitada, ao norte, pelo Oceano e o rio Orinoco; ao sul, pelo Amazonas; a leste, pelo Oceano; e a oeste, pelos rios Bipura e Orinoco. A Guyana portugueza, estende-se desde o Rio Oyapoc em 4° de latitude meridional.

Desde o anno 1775, os Portuguezes estabelecerão nas margens do rio Branco sete parochias, ou aldeas habitadas principalmente pelos indigenas, a saber: Santa Maria, S. João Baptista, Nossa Senhora do Carmo, S. Philippe, S. Antonio, S. Barbara, e S. Joaquim. O paiz tem muitos portos, e os rios abundão em peixe e tartarugas. Edificou-se hum forte a 369 legoas do Pará, ou a 62 dias de viagem seguindo o curso dos rios.

As villas da parte oriental são: Alemquer, Almeirim, Arraiollos, Cayenna, Espozende, Faro, Macapá, Massagão, Montalegre, Outeiro, Obidos, Prado, e Villa-Nova. As da parte occidental são: Barcellos, Moura, Marippi, Rio Negro, Silves, Serpa, e Thoinar.

DIVISÃO DO BRASIL EM 1831.

Nomes das provincias e dos districtos.

1. Provincia de Rio de Janeiro.

2. Provincia de S. Paulo.

Comarca de S. Paulo.

— de Ita ou Hita.

— de Fernago e Coritiba.

Cidades capitães, e cabeças de comarca.

Rio de Janeiro.

S. Paulo.

Idem.

Ita ou Hita.

Coritiba.

<i>Nomes das provincias e das comarcas.</i>	<i>Cidades capitais, e cabeças da comarca.</i>
3. Provincia de S. Catharina,	Nossa Senhora do Desterro.
4. Provincia de S. Pedro do Sul.	Portalegre.
5. Provincia de Mato Grosso.	Mato Grosso.
6. Provincia de Goyaz.	Goyaz.
Comarca de Goyaz.	<i>Idem.</i>
— de S. João de duas Barras.	Natividade.
7. Provincia de Minas-Geraes.	Villa Rica ou cidade do Ouro Preto.
Comarca de Ouro Preto.	<i>Idem.</i>
— de Rio das Mortes.	S. João d'Elrei.
— de Rio das Velhas.	Sabará, ou Villa Real do Sabará.
— de Paracatu.	Paracatu.
— de Rio de S. Francisco.	Rio S. Francisco das Chagas, ou Rio Grande.
— do Serro Frio.	Villa do Principe.
8. Provincia do Espirito Santo.	Victoria.
9. Provincia da Bahia.	S. Salvador, ou Bahia de Todos os Santos.
Comarca da Bahia.	<i>Idem.</i>
— de Jacobina.	Jacobina.
— dos Ilheus.	S. Jorge, ou Ilheus.
— de Porto Seguro.	Porto Seguro.
10. Provincia de Sergipe.	S. Christovão, ou Sergipe.
11. Provincia das Alagoas.	Alagoas.
12. Provincia de Pernambuco.	Pernambuco, ou cidade do Recife.
Comarca do Recife.	<i>Idem.</i>
— de Olinda.	Olinda.
— de Sertão.	Simbres, antigamente Orocabo.
13. Provincia da Paraíba.	Paraíba.
14. Provincia de Rio Grande de Norte.	Cidade do Natal, ou Natal.
15. Provincia do Ceará.	Ceará, ou Portalegre.
Comarca do Ceará.	<i>Idem.</i>
— do Crato.	Crato.
16. Provincia de Piahy.	Oeiras.
17. Provincia do Maranhão.	Maranhão, ou S. Luis.
18. Provincia do Pará.	Belem, ou Pará.
Comarca do Pará.	<i>Idem.</i>
— de Marajó.	Villa de Monserte, ou Villa Goyana.
— do Rio Negro.	Barras do Rio Negro.

A nova provincia das Alagoas situada entre 9° e 10° 30' de latitude meridional, foi destacada da parte oriental de Pernambuco; esta provincia tambem perdeu a oção de S. Francisco toda a comarca do mesmo nome, que faz parte de Minas-Geraes. A antiga provincia de Porto Seguro forma actualmente a comarca do mesmo nome da provincia da Bahia. O Brasil tem cerca de 23:000 legoas (de 20 ao grao) quadradas de superficie.

DO TERRENO DO BRASIL.

Uma grande parte do interior do Brasil ha occupada por vastas planícies estereis e densos bosques. Na provincia do Pará o solo he em geral p'asso, fertil, coberto de arvoredo. O do Maranhão, pelo contrario, he montuoso, sem todavia termontanhas elevadas: he mais fertil e abunda em excellentes madeiras.

A provincia do Ceará, não tem altos montes excepto as serranias que a cercam quasi inteiramente. As terras baixas são estereis, mas os outeiros são ferteis e frondosos.

A do Rio-Grande do norte ha terreno montuoso sem grandes serras. O solo he pouco fertil; mas em alguns sitios se cultiva a canna doce e o algodoeiro.

Os dois terços da Parahyba são fragosos e mal cultivados; o resto he fertil, e tem muito arvoredo, particularmente nas vizinhanças dos rios.

O territorio de Pernambuco he fertil e mais proprio á cultura da canna, do algodão, e prodos madeira de excellente qualidade, tanto para tinturaria como para construcção e marcenaria.

A parte oriental de Sergipe abunda em matas; a occidental he agreste, pouco fertil, falta de aguas, e mal cultivada.

A Bahia tem hum terreno montuoso e fertil, proprio á agricultura e abundante em arvoredo. Dá muito algodão e amucar. Porto-Seguro he coberto de bouques que dão excellentes madeiras. A Serra dos Ayruores, que atravessa parte d'esta provincia, e da da Bahia, se prolonga até ao mar, de hum lado, e se estende pelo sertão, do outro. O territorio do Espirito-Santo he costado por muitas terras cobertas de arvoredo. O terreno he fertil, mas pouco cultivado.

A provincia do Rio de Janeiro he montuosa, excepto no districto de Goytacazes. Os campos que se estendem desde Paraiiba até Macahé são mui ferteis e productivos. A de S. Paulo offerece huma grande diversidade do terreno. A parte oriental encerra a Serra de Cubatão que se estende em direcção parallela á costa; he coberta de arvoredo, e regada por muitos rios, dos quos hums desaguão no mar, e outros se perdem no sertão. Santa Catharina he montuosa, fertil e coberta de arvoredo. Tem algumas terras pantanosas.

A provincia do Rio-Grande do Sul he atravessada por huma serraania; mas o terreno he em geral plano, mui fertil, e abundante em pastos.

Mato-Grosso he hum paiz chato, com muito arvoredo nas margens dos rios. Parte do districto de Campuaia de huia extensão de 70 milhas, he annualmente inundado pelo Paraguay. Paroné he tambem plano. O clima he temperado, e o solo he susceptivel de dar quasi todos os productos da Europa. Outro tanto se applica á provincia do Uruguay.

As duas provincias do Uruguay, Solimões e Piahy são mui ferteis.

A provincia de Minas-Geraes he a mais montuosa do Brasil. O aspecto da de Goyas he montuoso, e o terreno

pouco favoravel á agricultura, excepto em alguns sitios.

Os *Campos Geracs* do Brasil oriental, diz o conde Maximiliano de Neuwied, são como hum mundo novo; planicies immensas nuas de arvoredo, cu humma continuação de outeiros cobertos de hervas altas e seccas, e de alguns arbustos dispersos. Os campos que se extendem ate ao rio de S.-Francisco e no Goyaz são coriados por valles onde nascem diversos rios, e parte d'elles dá bons pastos e está coberta de arbustos.

MONTANHAS, LAGOS, RIOS, etc.

Diversas serranias correm ao longo da costa desde o 10° ate ao 30° de latitude meridional. A serra que se prolonga da extremidade septentrional da provincia da Bahia até S.-Catherina, dista 150 legoas da costa. Outra serra mais consideravel começa entre as provincias de Pernambuco e Maranhão, e se estende ate á grande cordilheira do Brasil da qual nascem os seus principaes rios. Humma terceira serrania se prolonga por alguns centenares de milhas ao longo da borda oriental do Tocantins.

A alta serrania que atravessa as provincias de Minas-Geracs, Goyaz e Pernambuco he separada da serrania da costa oriental por immensos bosques, que se extendem desde o Rio de Janeiro até á vizinhança da Bahia, em distancia de 11 graos de latitude ou 188 legoas portuguezas. Na provincia do Rio-Grande do Sul humma serrania se dirige ao norte, proxima ao mar até latitude de 29° 30', onde se desvia para oeste, e depois a noroeste. Dá passagem a varios rios, dos quizes o Paraná he o mais consideravel.

Na capitania de S.-Paulo, a alta serrania chamada do *Cubatão* coberta de arvoredo, he parallela á costa e se

inclina para o interior. Da origem a muitos rios, que desaguam, hums no Paraná, outro no mar.

Altura das montanhas. A elevação média das provincias montuosas no interior tem sido avaliada em 450 braças acima do nivel do mar. O terreno o mais elevado se encontra em Minas-Geraes, mas a elevação média de Mato-Grosso he maior. Nenhuma montanha do Brasil attinge a altura do nivel das neves perpetuas.

A serra do Itambé, em Minas-Geraes, tem 5590 pés francezes acima do nivel do mar. A *Fazenda de Gama*, situada entre Barbacena e Padre Anastasio, tem 3330 pés. A serra dos Orgãos, na provincia do Rio de Janeiro tem 1099 metros acima do nivel do mar. A montanha do Carcovado tem 2329 pés acima do nivel do mar, segundo as observações dos capitães Fitzroy e King. O ponto mais alto da estrada na serra de Mantiqueira, tem 3160 pés de altura.

As mais altas montanhas que se tem medido não exceedem 900 braças : taes são a de Itacolumi perto de Villa Rica, a de Itambe, a de Carca, etc.

Volcões e Terremotos. Não existe volcão algum no Brasil, mas observão-se vestigios de hum nas montanhas do Espirito-Santo. A 24 de Septembro 1744 ao meio dia, sentio-se hum tremor de terra em Mato-Grosso. O terremoto que destruiu a cidade de Lima em Outubro de 1746 fez-se tambem sentir nesta provincia.

Aguaes thermaes. Ha cinco nascentes de aguas thermaes, chamadas Caldas de S.-Felix ou de Frei Rainaldo, a 10 legoas do Arraial do mesmo nome, no districto de Paraná da provincia de Goyas.

Lagos. O maior lago do Brasil heo dos Patos, situado na provincia de Rio-Grande do Sul, e parallelo à beiramar. Tem 45 legoas de extensão do N. E. ao S. O., e 10

na sua maior largura. Navios de mediana grandeza podem navegar nesta lago, mas encerra muitos baixos perigosos. Na parte meridional as aguas do lago são salgadas. Recebe a maior porção das suas aguas da parte septentrional e oriental da provincia, pelo Jacuby, ao norte, e o rio de S.-Gonzalo, ao sul. Desagua no Oceano pelo Rio-Grande da S.-Pedro que tem 3 legoas de longo e huma de largo. As bordas d'este lago são baixas, e o seu leito muda ás vezes.

O lago Mirim ou *Menor*, assim denominado por comparação com o dos Patos, tem 26 legoas de longo, e 7 na sua maior largura. Estende-se ao longo da beiramar, e desagua no lago dos Patos pelo rio S. Gonzalo.

O lago Mangueira, situado entre a beiramar e o lago Mirim, com o qual communica, tem 23 legoas de extensão.

O lago do Peixe, chamado tambem Mostardas, situado na península entre o lago Mirim e o mar, tem 9 legoas de extensão e 5 a 6 palmos de fundo.

O grande lago de Saracá, na provincia do Rio-Negro, a 9 legoas do Maranhão, communica com elle por seis canaes, dos quaes os dois extremos distão entre si 13 legoas. O inferior recebe as aguas co Unaina, pelo qual os Hollandezes, no meado do XVIII seculo commerciavão com os indigenas de Surinam e de Essequibo.

O lago Ibera ou Caracaras, situado na provincia de Paraná, tem hum grande extensão. Communica, pelo Mirimay com o Uruguay, e pelo rio das Correntes com o Paraguay. Segundo alguns mappas tem 44 legoas de longo, e hum pouco menos de largo. Outros lhe dão só 25 de longo, e 8 de largo.

O Japaranan, na provincia de Porto-Seguro, a 7 legoas

do mar, tem quatro legoas de circuito; está rodeado do arevado, e he abundante em peixe.

Rios. Geralmente fallando, quasi todos os rios do Brasil são affluentes do Maranhão, ou do Rio da Prata. Os primeiros regão a parte septentrional, e os segundos a meridional.

O Rio Maranhão, assim chamado pelos Hespanhoes do *partido marañá*, enredo, maranha, em razão da sua intrincada navegação na foz, foi chamado *Mar doce* por Pizarro, e Rio das Amazonas por Gonçalo Pizarro, em razão das mulheres guerreiras que encontrou nas suas margens na latitude de 2° sul. Tambem foi chamado Rio Orellana. Os indigenas o denominão *Parand-Açu* que significa Grande rio, e tambem Guyenna. He incontestavelmente o maior rio conhecido, pois tem 1200 legoas portuguezas de curso. Os Portuguezes lhe dão o nome de Amazonas até á junção do Rio-Negro; d'alli ao confluyente do Ucayalé e do Tanguragua dão lhe o nome de Solimões, e mais acima, o de Rio Maranhão. O nome de Solimões vem de huma nação indigena chamada *Soriman*.

O Tanguragua sahe do lago Hauricocha, situado em 10° 30' lat. merid., no districto de Huancó, cerca de 30 legoas portuguezas a N. N. E. de Lima. Corre N. N. E. por espaço de 100 legoas entre as duas cordilheiras dos Andes até á cidade de Jaen de Bracamoras, onde começa a ser navegavel. Recebe alli o Chincipé que vem do N. O. e o Chachapoiás do S. E.; hum e outro navegaveis. A 40 legoas mais abaixo recebe tambem o Santiago, que desce das montanhas de Loxa. No lugar d'esta junção o Tanguragua tem 1600 pés inglezes de largo, e mais legoa mais abaixo correndo a léste a través da cordilheira interior dos Andes, o seu leito não tem mais de 25 tocas de largo, no lugar o mais estreito. Por este canal

chamado *Pongo*, de duas legoas de longo, a corrente devese em huma hora. Na sua extremidade está situada a cidade de Borja. Perto de 20 legoas mais abaixo, o Tanguragua recebe, da banda esquerda, o Rio Marona que vem do volcão de Sangay; e 12 legoas mais abaixo, da mesma banda, o Pastaza, que nasce da mesma serraania. Des legoas mais abaixo, desagua nelle o Gualaga, que nasce em 10° de latitude ao norte do lago Chiquiacoba, no districto de Huanaco; depois o Chambira e o Tigre. Estes dois rios correm do noroeste, o segundo tem 100 legoas de curso.

Em distancia de 20 legoas abaixo da foz do Tigre, se opera a magnifica junção do Tanguragua com o Ucayalé. Este nasce na latitude de 18° ao sudeste do grande lago Chucuito ou Titicaca; e a 36 legoas E. N.-E. da cidade de Arica. Corre ao norte e nordeste com o nome de *Beruni* até á sua junção com o Apurimaco na lat. 11° onde toma o nome de Ucayalé.

O Aparimaco nasce algumas legoas ao norte da cidade de Arequipa, entre o lago Chucuito e o oceano Pacifico, de que dista so 16 legoas. No seu curso tortuoso para o norte recebe da banda esquerda os Pampas em lat. 13° 10', e da banda direita, o Urubamba, em lat. 12° 15', e o Montaro, em lat. 12° 6'. Dirigindo-se então ao nordeste, recebe o Perene da esquerda, e o Paucartamba, da direita, a 3 legoas da sua junção com o Beni, em de 11° de latitude meridional.

O Montaro nasce do lago Chichaiocha em 11° lat. merid. no districto de Huanaco, e corre ao longo de cordilheira para o sudeste em distancia consideravel.

O maior affluente do Ucayalé, depois que toma este nome, he o Pachitea, que faz a sua junção da banda esquerda em lat. 8° 30'. O seu curso he de 60 legoas.

O Maranhão, no confluento em que toma este nome, corre a nordeste em distancia de 30 legoas, e recebe da banda esquerda o Napo, que nasce dos Andes na vizinhança de Quito, corre ao sudeste, e depois de hum curso de 180 legoas, desembocca por varios canaes formados por ilhas acima das quacs tem 600 braças de largura. Depois da junção do Napo, o Maranhão tem 900 braças de largo. A sua distancia até ao Oceano, em linha recta, he de 400 legoas. Deste ponto se dirige a leste, e depois de hum curso de 13 legoas, recebe da banda direita o Cassiquim, que vem do sul e tem 100 legoas de curso. Vinte e quatro legoas mais abaixo o Maranhão recebe o Hinbary ou Javary, que nasce no territorio dos Toromomas, em lat. 11° 30'. Mais adiante, cousa de 34 legoas acima a foz do grande Iça, o qual com o nome de Pucumayo, nasce perto da dita serra, ao nordeste de Napo, e na vizinhança de S. João de Pasto.

Depois se lhe junta o Hinutahy, o Hiuruba, menor que o precedente; e o Telle, o Cuary, e a Puria que desaguão por diversas boccas.

O Telle cujas aguas são claras e cor de ambar, he navegavel por navios de grande porte, a hum distancia consideravel do Maranhão. As barcas gastão dois mezes a remontá-lo. A sua origem, e os seus afluentes são desconhecidos. O territorio que elle habia he occupado pelos Murás, que tem expulsado todas as outras tribus.

O rio das Trombetas, chamado tambem Oriximana, he hum dos maiores afluentes do Maranhão acima do rio Negro; tem na sua junção 860 braças de largo, e ainda se lhe não achou fundo. As margens d'este rio, segundo Orellana, crão a residencia das suppostas Amazonas.

O rio Hiapurá, chamado Caquetá perto da sua nascente, e Japura ou Iaputá, pela maior parte dos escriptores,

nasce na provincia de Popayan, ao norte do Putumayo, e corre parallelo ao Maranhão em grande distancia. No seu curso a esquerda, este rio rega hum terreo de 320 legoas da provincia de Guyana, e desemboca no Amurona por 9 canaes, dos quaes o primeiro dista 100 legoas do ultimo. Os seus nomes são: Anapirima; Guiradilla; Manhaná; Urtamapú; Haputá; Uhaná; Gopela-Huanta; e Cadaya. O Haputá communica com o Rio-Negro por meio de lagos e de correntes. O seu curso he tão rapido, que não seria navegavel, a não ser obstruido por innumeras ilhas de diversas grandezas, formadas pelas sinuosidades do seu leito. Depois do Rio-Negro o Haputá he o maior afluente do Maranhão.

Segundo La Condamine, o Maranhão tem de 1000 a 1500 braças de largura, 8 legoas abatto do Porth, e tem mais de 103 braças de fundo.

O Rio-Negro, cujo nome entre os indigenas, he Guyari, he quasi igual em volume de agua e em largura ao rio em que desemboca. Nasce na provincia de Popayan, ao nordêste do Haputá cuja direcção he parallela em igual distancia. A 1.^a legoa da sua entrada, divide-se em dois canaes; dos quaes o mais septentrional, em distancia de 10 milhas do Maranhão, tem, segundo M. de la Condamine, 1728 pés de largura. Na sua junção com este rio tem cerca de humas milhas de largo, mas mais acima, tem 4 a 6 legoas. Encerra muitas ilhas. As suas aguas, que pertencem negrâs como tita, são todavia puras e saudaves. As suas margens não são infectadas de insectos, nem de outras, como as do Maranhão. He por isso que os barqueiros indigenas fazem exclamações de alegria quando entram neste rio. Entre o forte S. José e Limalonga, em distancia de 112 legoas, o Rio-Negro recebe muitos afluente que communicão por canaes na-

suras: é da estação das chuvas, por pantâneos. 36 léguas acima da junção longa a navegação do Rio-Negro he obstruida por rochedos, e mais acima, por outros obstáculos. A junção d'este rio com o Maranhão he em 3° 9' de latitude merid. Para verificar a communição entre o Orinoco e o Rio-Negro M. de Humboldt ascendeu (em 1800) neste segundo rio, pelo Apure, e depois da humada navegação attingio o forte de S. Carlos, limite dos domínios portuguezes, e voltou a Guyana pelo Casiquary, grande affluente do Orinoco, e cuja entrada está em lat. 3° 30'.

A vinte legoas abaixo do Rio-Negro, se encontra o Madeira ou Caiary que se lança no Maranhão em latitude de 3° 20'. Deo-se-lhe o primeiro nome em razão dos grandes troncos d'árvores que leva na sua corrente. Foi descoberto em 1726 pelo sargento-mór Fernando de Mello Palheta. Em 1741 foi remontado até ás vizinhanças de Santa Cruz de la Sierra, cidade do Alto Peru (hoje Bolivia) situada em 17° 2' latitude meridional. Toma o nome de Madeira no confluente do Guaporé com o Madeira em latitude 10° 22'. Quarenta legoas abaixo d'esta ponta na latitude de 13°, o Madeira communica com o Beni pelo rio Exaltado, que sahe do lago Rogagualo, d'onde outro rio de pequena extensão corre para se ajuntar ao Mamoré. Defronte do angulo da junção dos dois rios, está hum ilha formada por hum rochedo que os domina ambos. D'esta ponta até a foz do Madeira conta-se 260 legoas. No decurso das primeiras 50 ha 13 grandes cachoeiras que obstruem a navegação. O Salto do Theotonio he a primeira em latitude de 8° 48'. Numa canoa gasta tres mezes a navegar desde esta cachoeira até á de Guajumirim do Guaporé. Desde a cascata do Theotonio até ao Maranhão, o Madeira encerra mais de

30 ilhas, de huma a tres legoas de estensão. A de Minas situada a 17 legoas abaixo do Rio-Marmellos, tem 10 milhas de longo e 3 de largo. Estão todas cobertas de arvoredo.

O Maranhão engrossado pelas aguas do Rio-Negro e do Madeira, tem de ordinario huma legoa de largo, e o dobro, nos sitios onde ha duas ilhas parallelas.

A 60 legoas em linha recta, e 90, seguindo a corrente do rio, abaixo do Madeira, se encontra a foz do grande rio-Tapajoz, e 60 legoas mais a leste, o rio Xingu, a qual na proximidade do seu nascentese denomina Arinos, nome de huia nação hoje extincta. Nasce perto das origens do Paraguay, ajunta-se ao Jurucuma, para formar o Tapajoz ou Tapajó. O Jurucuma nasce em latitude 14° 42', e tem hum curso de 120 legoas: os seus afluentes estabelecem communicações facis com o Guaporé. M. Maue observa, que a communicação entre a cidade do Pará e as minas de Mato-Grosso e de Cuiabá por estes rios, he 900 legoas mais curta que pelo Madeira e Guaporé.

O Arinos foi descoberto em 1746 pelo capitão Juão de Sousa de Azevedo. Em 1803 foi explorado por João Viagens, e em 1812, por Antonio Thomé de França.

Nas planicies arenosas de Paraycu se encontra o Tapajó, que nasce na capitania de Mato-Grosso, corre para o norte entre o Madeira e o Xingu em distancia de 300 legoas, e se lança no Maranhão em latitude 2° 24', e longitude de Greenwich 55°, a 118 legoas da cidade do Pará em linha recta, e 162 pela mais curta navegação.

O Xingu ou Zingu, chamado Paranalba pelo Padre Acuna, e Aoripana, pelo padre Frits, rega o districto do Tapajonia, na provincia do Pará. Os seus nascentes, assim como os do Tapajó, estão no districto de Cuiabá, mas

Mindá não são bem conhecidos. Cada hum d'estes rios tem pelo menos, 230 legoas de corrente. Gastão-se 8 dias em navegar até ás primeiras cachoeiras, e remonta-se em 80 dias metes.

O Maranhão depois de ter recebido as aguas do Xingu dirige-se a nordeste por espaço de 40 legoas, e augmenta de largura approximando-se do equador. Emfim desembocca no Oceano por humã foz de 7 a 8 legoas de extensão.

Alguns escriptores dão ao Maranhão 80 legoas de embocadura; mas segundo os melhores máppas, tem 50 legoas. He de a ponta de Tigioca até Macapá, e nesta distancia se acha a ilha de Marajó.

Vinte e quatro legoas abaixo da entrada do Xingu existe hum canal chamado Tagipurú que se estende ao sueste e a leste cujas aguas se lanção no Rio Tocantins. Em muitos lugares a canal he estreito; mas na proximidade do rio Annapa tem 4 legoas de largo, com muitas ilhas.

O Tocantins nasce no centro do provincia de Goyas, dirige-se ao nordeste, e augmentando em largura, se lança no Oceano por humã embocadura igual á do Maranhão. Em distancia de 40 legoas da foz tem 10 milhas de largo, e a 28 legoas mais arriba a navegação he facil. A maré faz-se sentir até Arroios, onde se registão as canoas e barcos. Numerosas ilhas retardão a corrente e servem de abrigo nos temporaes. As embarcações que partem do Macapá para remontar o Maranhão, passão pelo Tocantins, afim de evitar ás rapidas correntes e as enchentes extraordinarias d'este rio chamadas *Pororocas*.

Em 1798 a corte de Lisboa mandou fazer humã exploração do Tocantins. Elias Ferreira de Barros habitante de Pastos-Bons fez partir em humã barca Manoel Alves Grande, o qual depois de dia e meio de navegação entrou

neste canal e foi ter ao Pará, d'onde abriu hum commercio com o alto Maranhão.

A maré faz-se sentir no Maranhão até á cidade de Obidos, a mais de 150 legoas acima de Macapá seguindo o curso do rio. Desde Borja, onde acabão as cachoeiras, tem as margens planas e cobertas de arvoredo. A corrente he sempre rapida no tempo das cheias, e muitas ilhas se formão ou se unem, e outras desaparecem.

O Rio da Prata ou Paraguay nasce na planície da Serra de Pari ou Lage, que faz parte de de Parycis, na provincia de Mato-Grosso, e nas Sete lagoas que communicão entre si. Hum pouco abaixo do ultimo d'estes lagos o rio corre ao norte atravessando hum terreno pantoso; depois, a pequena distancia a oeste, dirige-se ao sul. O primeiro alluente he o Rio-Diamantino, que recebe as aguas do Corrego-Rico ou Rio-do-Diam. O Rio-Novo descoberto em 1786, alluente oriental do Paraguay, he formado das ribeiras Santa Anna, Gomes e outras, a despe das quaes passa a estrada de Cuiabá.

O Jauru he o primeiro grande alluente do Paraguay; nasce nas planícies já mencionadas em latitude $14^{\circ} 42'$, e longitude de Greenwich $59^{\circ} 38'$. Corre ao sul por espaço de 34 legoas, e depois de hum curso de 60 legoas desagua no Paraguay em latitude $16^{\circ} 24'$, a 7 legoas ao sul de Villa-Maria.

A borda oriental do Paraguay he muito elevada em toda a sua extensão, e tem 7 legoas portuguezas além do ponto da ponte Escalvada, onde as duas bordas se abaixão e são cortadas pelos lagos Oberaba, Galiba e Mandiore; o primeiro tem tres legoas de diametro, e o ultimo cinco. A 20 legoas abaixo do ponto Escalvada a margem occidental he ladeada por huma terra estreita e cheia de quebradas d'ão passagem à agua dos ditos lagos.

O S. Lourenço ou Portões nasce no 15^o de latitude meridional. O Guaiabá, grande afluente do S. Lourenço, nasce na mesma latitude que o Paraguay; e he formado por dois afluentes, o Guaiabá-Mirim e o Casca. Depois de encrassado por muitos outros, torna-se navegavel a mais de 30 legoas acima da capital, mas corre com difficuldade, em razão das muitas cataduras. Abaixo de Villa-Real augmenta em largura, e corre rapido atravessando hum terreno plano, que he submergido nas águas peridicas. Desagua no S. Lourenço em latitude de 45° 20'. Quando atravessa o caminho de Goyaz, o S. Lourenço he já hum rio caudaloso; depois recebe as aguas do Paranahá, que tambem recebe as do Sucuri. Hum pouco abaixo do Paranahá está a ultima cachoeira, d'onde corre para o sudoeste atravessando hum paiz chato, e desemboca por dois cascaes no Paraguay, em latitude 18° 45'. O canal de lécio he conhecido d'abaixo do nome de Rio-Cbaynera. Na sua junção o S. Lourenço signala em grandeza o Paraguay, mal se veyr este rio. O rio de Guayraque.

O Tocantys tem o seu principal desagudouro na latitude de 19° 15' defronte da serra do Chapetá. Este rio nasce na provincia de Mato-Grosso perto dos humiltes de Cayapônia ao norte da Gamastra. Nas suas junções com o Cochim, o Tocantys he já mui caudaloso. Tem 118 cataduras desde o porto de S. Felix até Gaiaba, a ultima d'ellas he chamada Bellagoi. A 20 legoas mais se sul estão as bocas do rio Mondego, chamado pelos indigenas Aranhahy ou Embolatera. Hea navegavel quasi desde a sua origem; que he perto da do Abrahambé-Guayú. Neste afluente o Paraguay corre e en doia com a de 20 legoas de longo. O mais oriental se chama Paraguay-Mirim. Em distancia de sete legoas ha dois montes muito altos e defronte hum do outro. No meio do

mais occidental, está situado o forte de Nova-Coimbra. Na mesma distancia d'este forte se encontra a bocca da Bahia-Negra; 17 legoas mais abaixo o Paraguay recebe da banda de-léste o rio Quapa. A 8 milhas abaixo d'este rio em lat. de 21°, da banda do oeste, se acha o morro sobre o qual está o forte Borbon; a que os Paulistas chamão Monte de Miguel Jose.

Descendo mais 8 legoas ao sul d'este morro, na latitude de 21° 30', hum pequena terra ladã o Paraguay, que corre rapido em dois canaes estreitos, separados por hum ilha de rochas. Este lugar chamado Fecho dos Morros separa o alto do baixo Paraguay. Alli terminão as margens pantanosas d'este majestoso rio, que tem 100 legoas de longo desde a ponta Escalvada. No tempo das cheias, que começa em Abril e continua até Setembro, tem de 20 a 40 legoas de largo. As suas aguas formão hum immenso lago, chamado Xarais, do nome de hum nação hoje extincta. Durante as cheias, as terras altas tem a apparencia de ilhas. O leito dos rios S. Lourenço, do Tocantins, do Mondego e outros da banda de leste, assim como os lagos e os bosques da outra banda formão parte d'este mar Caspio periodico.

Partindo do Fecho dos Morros, as duas margens do Paraguay começam a offerecer terreno firme, particularmente da banda de léste. D'este lado se encontra o pequeno Tipoty, o rio Correntes, o rio Branco, que parece ser o mesmo que o Correntes, o Appa, que se julga ser o Parahy dos antigos Paulistas, o Guidara, o Ippancá-Guacá, o Ippancá-Mirim, e o Chichuby. O Rio-Branco he consideravel; lança-se no Paraguay 14 legoas abaixo do Fecho dos Morros. O Ippancá-Guacá lança-se no Paraguay 20 legoas abaixo de Correntes. O Chichuby ou Jējuhy, formado dos dois pequenos rios, o Iguary-Açu

o Iguary-Mirim, desagua no Paraguay, na latitude de 24° 12'.

A borda aspera do Hoguraguita começa no Chichnhy e se estende por dez legoas até ao Suobogo, onde começa a costa do Patague que termina no Tabiru. Estes dois rios desembocam no Paraguay da banda esquerda.

A 18 millias sul da cidade da Assumpção situada em lat. 25° 22', descobre-se o primeiro braço do grande Pilcomayo, que desce da cordilheira dos Andes no distrito de Potosi. Doze legoas mais abaixo está a entrada do segundo braço, e quatro mais longe, se encontra o terceiro braço, que he o mais meridional. Este rio tem hum curso de pouco de 200 legoas, e he navegavel perto da sua origem.

Da banda de leste o Paraguay recebe as aguas do Piraju, do Cannabé e do Tibiquary. O Cannabé, que nasce na provincia de Paraná, tem hum curso de 30 legoas e desagua no Paraguay 15 legoas ao norte do Tibiquary ou Tibicoary. Esta rio he consideravel, e lança-se no Paraguay 25 legoas acima do confluyente do Paraná.

Na latitude de 26° 50' o Rio-Verde, Paria, ou Colorado, lança as suas aguas no Paraguay, depois de hum curso de mais de 200 legoas. Doze legoas mais ao sul, se se a união majestosa d'este rio com o Paraná, que lhe he quasi igual em grandeza.

O Rio Paraná he formado de dois grandes affluentes, o Paranálba que vem do centro de Goyas, e o Rio-Grande que nasce no interior de Minas-Geraes. Os outros principaes affluentes são: 1.º o rio Curuhuty, que vem do interior de Goyas, atravessa o territorio de Cayapós, e desagua no Paraná abaixo da grande cataracta de Urubu-Pungá que intercepta a passagem dos peixes. 2.º O Rio Tieté, ou Tachulhy que entra pela banda oriental tres legoas mais abaixo. Tem hum curso de 7 a 800 milhas; mas a sua nave-

gação he obstruida por cincoenta cachoeiras rapidas. 3.^o O rio Sucuriu, que faz a sua junção mais abaixo da banda occidental. A legoa e meia está a ilha Comprida, que tem seis legoas de longo. 4.^o A duas legoas e meia abaixo da sua extremidade meridional o Rio Agiapchy se une ao Paraná do lado esquerdo por huma embocadura de quatro braças de largo. 5.^o Quatro legoas mais abaixo se encontra o Rio-Yede, que vem do oeste. Deffrente da sua foz ha duas ilhas parallelas huma á outra, que tem menos de huma legoa de largo; 6.^o dez legoas mais adiante está a entrada do rio Onça do mesmo lado, e 15 legoas mais abaixo o rio Perdo que vem de norte e communica com o Camapuan. Este rio tem muitas catadupas e são preciosos dois mteos para o remontar até á sua origem. 7.^o Legoa e meia mais abaixo está o Rio do S. Anastasio que corre de leste. 8.^o Vinte legoas alem se encontra o Paraná-Papeta, em frente de cuja junção está huma ilha de quasi duas legoas de extensão. 9.^o Porto de legoa e meia abaixo da estreitidade meridional d'esta ilha está a embocadura central do Rio Ivinheyma que vem do oeste. Neste lugar o Paraná tem quasi duas legoas de largo, e encerra muitas ilhas extensas. 10.^o Oito legoas mais abaixo o Ivahy faz a sua junção vindo de leste. 11.^o Seis milhas alem está huma ilha de 4 legoas de extensão deffrente da qual se vê a entrada do Rio-Amambahy, que vem do oeste. Porto d'este affluente, está a Ilha-Grande, que tem quasi vinte legoas de extensão, e huma largura consideravel. A sua extremidade está huma legoa acima das Sete Quédas. 12.^o Pouco mais de duas legoas acima da ponta meridional d'esta ilha, se vê o Rio Igatimí do lado occidental, na latitude de 24^o 40'. Abaixo da grande ilha, a corrente do Paraná he forte, e se torna ainda mais rapida atravessando a Serra de Maracaju, onde esta

inimense volume de agua represado em hum espaço de 60 brazas; se precipita, com estrondo o ruído. por 7 canaes formados por 6 illhas de rocha; 48' doze legoas abaixo das Sete Quédas está a embocadura do Jaguareé, na margem esquerda; e 18 legoas mais abaixo, o Iguaça. Mais longe o Paraná se dirige a oeste, e lança-se no Paraguay, na lat. de 27° 20'. O Paraná abunda em peixe. Acima da missão de Corpus as margens d'este rio, e as dos seus afluentes são habitadas por nações indigenas.

Tripsa legoas alem da junção do Paraná com o Paraguay, se encontra o affluent septentrional do rio Salado, e 50 legoas mais ao sul, o affluent meridional denominado Xalupoy. No angulo meridional d'esta junção está a cidade de Santa-Fé em lat. 31° 35'. Hum pouco alem o Paraguay recebe do lado direito o Tercero ou Carcapal, cujo curso tem perto de cem leguas, e corre a hum obliquo.

O Paraguay, que desde o parallelo de 20°, se inclina hum pouco ao S. S. O., muda de direcção n'este ultimo rio para E. S. E., em distancia de 40 legoas, e recebe as aguas de varios rios pouco caudalosos até á latitude de 34°, onde recebe o Uruguay, que he o seu ultimo affluent. O Uruguay, que os Hespanhoes denominão Rio da Prata, he formado de varios afluentes que regão a provincia do Rio Grande do Sul. Depois de engrossado com as aguas do Pilcomayo tem algumas legoas de largo, e encerra muitas illhas baixas chamadas Paranas. O Itacuy que une as suas aguas ao Uruguay na lat. de 29° 30', tem 400 brazas de largo e alguma distancia da sua junção. Outro affluent, o Negro, rega hum pair de 80 legoas de extenso. Outro affluent, o Gualeguay, tem hum curso de mais de 40 legoas. Decca o Pilcomayo, a margem esquerda do Paraguay se estende para leste ate ao cabo Santa Maria, e a direccão N. E. a partir do encontro do rio e mais de 20

legoas da ponta das Carretas, onde a sua foz tem mais de 15 legoas de largo. O Uruguay he navegavel por grandes barcas até a primeira catadupa das legoas abaixo do confluente do Ibicoy. As canoas remontão até aos Campos da Vaccaria, mas com difficuldade, em razão das muitas catadupas, e rapidez das correntes.

O Sipotuba, cujo curso he de 60 legoas se une ao Paraguay em lat. 15° 50'. Depois de receber este affluente o Paraguay não offerce mais catadupas, e tem grande fundo.

O Paraguay corre desde 12° de lat. até 24°. Depois de hum curso de 600 legoas, desagua no Oceano, com o nome de Rio Paraná. Na sua embocadura as aguas se lanção com tal impeto, que se conservão doces em distancia de muitas legoas ao mar. He navegavel desde o Jauru quasi na sua origem, em distancia de 70 legoas; á excepção de huma catadupa:

O rio S. Francisco, o maior de todos os que se lanção no mar entre o Maranhão e o Paraguay: nasce na serra da Canastra, na provincia do Minas-Geizos, em 20° 46' lat. onde forma hum magnifico cascata. Depois de correr longo espaço ao N. E. recebe, da banda esquerda, o rio Rambuihy, e 8 legoas mais abaixo, o rio Lambary, o qual vindo da banda opposta rega o grande districto do Tamandua. A igual distancia ao norte, se encontra o rio Marmelada que vem da serra dos Quatys. Cinco legoas mais abaixo o S. Francisco se engrossa com as aguas do Pará, que tem 40 legoas de curso. Segue-se o Parapueba, que nasce perto da cidade de Queluz, e cujo curso he de 60 legoas. Sete legoas mais abaixo está o Andaya, que tem hum curso de mais de 30 legoas, e pouco adiante o Borrachuda, quasi tão consideravel como o precedente. Ambos correm ao longo de huma serra e desembocão da banda esquerda. Cinco legoas mais abaixo da mes-

na banda está o Abayé formado por dois afluentes do mesmo nome, cujas origens distão mais de 30 leguas huma da outra. 16 leguas mais adiante vê-se a grande cachoeira de Pirapora, e a 4 leguas alem está o Rio-das-Velhas, chamado pelos indigenas Guaycuby, que tem a mesma significação. Este rio nasce na vizinhança de S. Bartholomeo, e tem hum curso tortuoso de 60 leguas. Hum pouco abaixo de S. Francisco recebe da banda direita o Jequetahy e o Pucuby, e mais abaixo, do lado opposto, o grande Parana, navegavel até perto do Corrego-Rito. Seis leguas mais ao norte o S. Francisco recebe o Urucuya, grande rio navegavel que nasce perto dos limites de Goyaz. Depois encontrou-se na borda occidental os afluentes regulares: o Amery, o Pardo, o Pandeiro, o Salgado, o Pindahiba, o Itacaramby e o Japoré. O Pandeiro corre por hum grande espaço atravessando magnificos bosques. Algumas leguas abaixo do Japoré, o grande rio Carinhenha he navegavel. Nasce nas Chapadas de Santa Maria, perto dos limites de Goyaz. A sua corrente he rapida e as aguas claras.

Desde o Carinhenha até a embocadura do S. Francisco, existem só cinco afluentes consideraveis, a saber: o Rans, o Parimirim, o Verde, da banda direita; e Correntes, 20 leguas abaixo do primeiro, e 40 mais abaixo; o Rio-Grande, na margem esquerda. O Rans nasce nos montes altos da provincia da Bahia, e desagua no S. Francisco 30 milhas acima da Capella do Bom Jesus da Lapa. O Parimirim nasce do Morro das Almas, na provincia da Bahia, e vai juntar-se ao S. Francisco 30 milhas abaixo do Arraial do Bom Jardim. O Verde corre ao norte atravessando hum grande espaço de terreno, e vai unir-se ao S. Francisco perto da paisagem que condos do Pillo-Arcado. O Correntes nasce de hum lago na provincia de Pernambuco, d'onde corre com o nome de Rio-Formoso,

recebe varios affluentes, e depois de hum curso de 40 legoas desagua no S. Francisco 10 milhas abaixo da Gappella do Bom Jesus da Lapa. Ha navegavel a distancia consideravel de for.

O Rio-Grande nasce na serra de Paraban, na provincia de Pernambuco. Depois de hum curso consideravel recebe as aguas do Motquito; 6 legoas abaixo as do Fcneas, e 12 mais adiante o Ondas; 4 alem, o Rio-Branco, navegavel até a junção do Riachão o do Janeiro, chamada Três Barras. Vinta legoas mais adiante junta-se-lhe o Rio-Preto, que he o seu maior affluente. O Rio-Grande lança-se no S. Francisco 20 legoas abaixo do Preto, e he navegavel até as Ondas. Depois desta junção o S. Francisco se dirige a leste, e depois a E. S. E. conservando a mesma largura até a aldeia de Vargem Redonda. Neste lugar o canal se estreita, e a corrente se torna mais rapida até a pequena aldeia de Canindé, limite da navegação superior. Neste intervalo de 20 legoas, tem muitas catadupas, das quaes a principal he a de Paulo Afonso. O S. Francisco he cheio de ilhas: contão-se 300 desde esta cataracta até a embocadura no Oceano; que tem duas legoas de largura. Este rio he navegavel até 40 legoas do mar. No lugar em que tem hum milha de largo, as suas aguas não se elevão mais de 3 pés nas fortes marés; mas nas cheias caminha pelas chuvas, sobem a 20 pés, e inunda os campos a hum legoa de distancia no 10° 50' de lat. meridional. O S. Francisco desemboca por dois canaes de grande desigual; o do norte tem meia legoa de largura; mas he pouco fundo, e só admittre sutucas. M. do Saint-Hilaire diz que o S. Francisco he navegavel desde o Rio das Velhas até a Vargem Redonda, em hum estenão de 240 legoas, a saber: 200 de Salgado ao Joazeiro, e 40 d'Alli á Vargem Redonda, onde se encontra a grande catadupa

do Porto Affonso, que intercepta a navegação em huma distancia de 26 legoas. D'este ponto até a embocadura que dista 37 legoas não, he interrompida a navegação.

Segundo o coronel d'Eachwege, a profundidade do S. Francisco no passo do Pará, parte do continente do Parapeba he de 1777 pés; d'alli até á catadupa do Pimpora, o rio heixa 94 pés, e algumas legoas mais adiante tem só 1602 pés acima do nível do mar.

MM. Spix e Martius dão as seguintes informações relativamente á navegação e afluentes do Paraná.

A navegação do rio Tieté, afluente do Parahy, he difficil em razão das sinuosidades, que resultão das muitas cachoeiras, cujos nevoeiros decaem que se formão depois do pôr do sol tornão aquelles sitios doctes. A sua entrada dista só 45 legoas da Porto Felis em linha recta, mas pelo rio a distancia he de 130. Tem 13 cachoeiras em que os barqueiros são obrigados a desembarcar a carga. Nas de Avahandavassu, e em Itapuré que tem 30 pés de quóda, he preciso arrastar por terra os barcos carregados. A ultima cachoeira está a 7 legoas da junção dos dois rios. Tendo passado a grande catarata de Urubu-Punga, situada 3 milhas mais ao norte, a corrente perigosa do Jupia, attinge-se a embocadura do Rio-Pardo, de orlizarin no quinto dia. O Paraná neste lugar tem mais legos de largura, e a navegação he arriscada, quando o vento he sizo. O Rio-Pardo atravessa hum paiz pittoresco e tem 32 cachoeiras. O seu curso he de 60 legoas; mas a navegação he tão difficil, que leva muitas vezes dois mezes.

O Mearim ou Meary, chamado algumas vezes Maranhão, nasce na parte meridional da provincia d'este nome. He hum grande rio, profundo e rapido, navegavel desde a sua embocadura na bahia de S. Marcos até

ao centro da provincia, onde a sua navegação he obstruida por humas catadupa. Na foz he tão pouco fundo que as ajudados da maré podem as embarcações entrar nelle. O Mearim he notavel por sua extraordinaria Pororota, cuja força he tal que por nove horas repelle a maré, á qual por fim vence o obstáculo, e renova cinco legoas com impeto e estrondo tremendo, por tempo de tres horas. O Mearim nasce nas montanhas do Canella e de Negro, corre ao sul e ao sudoeste 196 legoas.

O Parnaíba ou Paranalba, que forma o limite do Maranhão e do Piauí, nasce na terra de Tungatinga, em 12° lat. He formado por tres ribeiras e recebe depois os affluentes Balsas e Urumuby, 24 legoas mais abaixo entra o Gurgueú, e 70 mais adiante o Carindé, a 20 legoas o Poty, e a 40 legoas a foz do Longá. A seis legoas d'este ultimo o Parnaíba se divide em dois braços, e desagua no Oceano por seis bocas formadas por cinco ilhas que nunca são submergidas. As duas bocas exteriores estão 12 legoas distantes humas da outra. He navegavel por grandes barcas até ao Rio-Balsas, e as canoas o remontão até quasi ao nascente, indo á vela cito dias; e depois a remo e vara.

Segundo o Sr. Lago este rio tem 240 legoas de curso; a sua maior largura he de 680 braças, com fundo de humas até cinco. Canoas grandes podem navegar até Manga, a 140 legoas da sua foz, mas são obrigadas a descarregar perto de S. Gonçalo, em razão de duas cachoeiras. De inverno a corrente he violenta, e a navegação difficil, e de verão tem muitos baixos e bancos de areia.

O Jaguaribe ou Rio dos Jaguars, que rega a provincia do Ceará, nasce na serra da Boa-Vista, no districto de Inhama, e corre para o norte até ao Oceano, cuja

marés se fazem sentir a 30 milhas da embocadura.

O Appody ou Lipanema atravessa, na provincia do Rio-Grande do Norte, humma extensão de perto de 130 milhas de longo. O Paralba, que rega a provincia d'este nome, nasce no districto de Cayritia-Velhos da serra de Jabitacá, perto da origem do Capibaribe, e corre a E.-N.-E. até ao Oceano, em que se lança por dois braços formados pela ilha de S. Bento que tem humma legoa de extensão. As sumacas remontão até á capital, e as canoas até á cidade do Pilar.

O Rio-Real atravessa a provincia de Seregipe d'Elrei em distancia de 140 milhas. He navegavel até 30 milhas da sua embocadura no mar, onde se lança 25 legoas ao nordeste de Itapicuru.

O Cotindiba recebe a 8 milhas de mar o Seregipe. As sumacas o remontão até 18 milhas da foz.

O Rio Itapicuru, da provincia do Maranhão, nasce no districto de Balsas, e desagua na bahia de S. José. Corre a nordeste até Caxias. Trinta legoas acima d'este confluente une-se ao Alpercatas, rio de igual grandeza, que vem das terras habitadas pelos Indios Timbyras. A corrente he rapida, e o seu curso tortuoso.

O Capibaribe, ou Rio das Capibaras, que rega a provincia de Pernambuco, nasce no districto de Cayritia-Velhos da mesma provincia, e a perto de 50 legoas do mar, onde elle desembocca por duas fozes, humma na praia de Recife, a outra a humma legoa ao sul no Arraial dos Afogados, onde tem humma ponte de 260 passos de longo.

O Rio-Grande ou Potengy, nasce no centro da provincia do Rio Grande do Norte, e desembocca no mar 4 legoas ao sul do Cabo de S. Roque. He navegavel por grandes barcos de 150 toneladas, a onze legoas de distancia da foz.

O Rio-Doce, que atravessa a provincia de Porto-Seguro, he assim chamado, porque as suas aguas se conservão doces a alguma distancia do mar, nasce na serra do Espinhaço no centro de Minas-Geraes. Passando perto da provincia do Porto-Seguro, a navegação he obstruida por tres cachoeiras, chamadas Escadinhas, que tem huma legoa de extensão. O rio atravessa depois huma vasta extensão de paiz chato, e desembocca no mar, a 46 legoas do Rio de Santa Cruz. Tem muitas ilhas, e abunda em peixe. He navegavel a huma grande distancia da foz, e parece proprio para formar o melhor canal de communicação para o transito dos generes do interior do Brasil. Perto de 20 legoas da sua embocadura communica com o lago Japaranan, que tem 4 legoas de circuito. Foi explorado pela primeira vez em 1572 por Sebastião Fernandes Tourinho, habitante de Porto-Seguro, que o remontou até á nascente, desceado pelo Jequitinhonha.

O Jequitinhonha ou Rio-Belmonte, tão celebre pela grande quantidade de diamantes que se tem extrahido d'ella, nasce no Serro do Erio, perto de Tijuco, na provincia de Minas-Geraes. Depois de receber alguns grandes afluentes, atravessa as montanhas dos Aymores, onde as suas aguas se precipitão de huma altura de 20 braças, com hum ruido que se ouve a quatro legoas de distancia; corre depois por entre grandes bosques, e desembocca no mar em 15° 40' de latitude meridional. A sua foz tem de 5 a 600 passos de largo, mas he obstruida por bancos de areia. No tempo das enchentes a sua corrente he impetuosas. He navegavel até á aldeia dos Tecoys, situada a 98 legoas do mar. Entre essa aldeia e S. Miguel, as rochas tornão a navegação difficil. D'alli até ao mar, he forçoso descarregar as embarcações tres vezes: 1.ª em Cachoeira-Inferno a 28 legoas do S. Miguel; 2.ª no Salto

Grande a 48 legoas, e 3^a na Cachoeirinha, a 18 legoas do Oceano. Em 1804 João da Silva Santos, capitão-mór de Porto-Seguro se embarcou no Rio-Grande, e tendo chegado perto de Tocoyos cousa de 80 legoas de Belmonte, encontrou hum colono portuguez que lhe disse se este rio o Jequitinhonha. Depois de ter recebido as aguas do Bramushy toma o nome de Rio-Grande, e abaixo de S. Miguel, o de Rio-Grande de Belmonte.

O Rio Paraíba, o mais consideravel da provincia do Rio de Janeiro, nasce de hum pequeno lago situado na serra da Bocaina, continuação da serra dos Orgãos. Com o nome de Paratinga corre entre esta serra e a de Mantiqueira. Entrando na provincia de S.-Paulo recebe na margem esquerda o pequeno rio Jacuhy, hum pouco acima da cidade de S.-Luiz, e hum pouco abaixo da Paraíbauna que nasce na serra de Ubatuba, e alli toma o nome de Paraíba; corre então na direcção do mar, depois se desvia a N. N. E. e corre ao longo da bahia da serra de Itapeba, e atravessa a cidade de Jacaréhy. Depois de hum curso de 20 legoas, dirige-se a léste e E. S. E. e depois vai ter ao Rio de Janeiro. Durante a sua direcção N. E. recebe as aguas de Piauhý, e algumas legoas mais abaixo, as do Paraíbauna, da banda opposta. Esta junção chama-se Tres-Rios. Dez legoas mais abaixo está a entrada do Rio-Pomba, na margem septentrional, e mais abaixo o Bengalas. Depois d'este confluente o Paraíba se precipita, formando o salto de S.-Felix. Oito legoas dalli se encontra o Muriahé, que desagua na margem septentrional, e seis legoas mais abaixo está a embocadura do Paraíba. Dalli até ao Salto de S.-Felix que he a primeira cachoeira, encontram-se 72 ilhas, e remontando, são ainda mais numerosas. A oito legoas abaixo de Lorena as suas aguas estão estreitadas entre rochas que tam mais de

60 pés de elevação e 1800 pés de longo; o alveo do rio não tem alli mais de 30 pés de largo. O rio he navegavel até ao rio das Balsas a mais de 100 legoas da embocadura. Navegão as embarcações á vela os primeiros oito dias, e depois vão a remo o á vara.

Bahias. A bahia de Rio de Janeiro tem 6 legoas do norte ao sul, 4 de largo, e 32 de circumferencia, e tem fundo para navios do maior porte. A entrada tem 850 braças, e 14 de fundo. No centro está a ilha da Lage defendida por hum forte. A leste está o forte de Santa-Cruz, e a oeste as baterias de S.-José e de S. Theodosio, perto de hum enorme rochedo que tem 97 braças de altura, denominado pela sua fôrma Pão-de-amúcar. O forte de Santa-Cruz está situado junto ao monte do Picc, assim chamado em razão da seu come agudo. O nome primitivo d'esta bahia era Nitheroy ou Nitherohy, formado dos termos *nithers* que significa occulto, e *hy* ou *hi* agua. E com effeito está occultada por montes que a cingem á entrada.

Rio de Janeiro, era a principio hum lago de agua doce. A entrada está entre dois rochedos mui altos distantes meia milha hum do outro. O ancoradouro tem 17 legoas de circumferencia. No meio do estreito ou barra está hum rochedo de 100 pés de altura e 60 de largura.

A Bahia de Todos os Santos parece ter sido formada pela irrupção de hum grande lago. A entrada, situada ao sul, entre o continente á direita e a grande ilha de Itaparica á esquerda, tem tres legoas de largo. Esta bahia que recebe as aguas de muitos rios navegavel, tem toda ella grande fundo, e pode conter as esquadras de todas as potencias do globo.

Portos. Os principaes portos são: Rio de Janeiro, Bahia. Pará, Maranhão, Olinda ou Pernambuco, Pe-

salha, Porto Seguro, Espirito Santo, Santa Catharina, e Rio-Grande do Sul.

A distancia do Cabo S.-Roque ao ponto o mais proximo do continente Africano, pode avaliar-se em 500 legoas.

Navegação costeira. Gastão-se de ordinario 22 a 23 dias para ir da embocadura do Rio da Prata ao Rio de Janeiro; 15 a 26, de Santa Catharina ou do Rio-Grande do Sul; 8 a 15, de Porto-Seguro; 13 a 20, da Bahia, conforme os ventos que reinão nas diversas estações do anno.

Clima. A pesar da immensa superficie do vasto continente do Brasil, he em geral o seu clima temperado, até na proximidade do Equador. Pelas observações de M. d'Eschivege, o thermometer de Fabrenheit nunca se eleva em terras baixas a mais de 82° (27° 77 cent.), e não baixa de 54° (12° 22 cent.). Na provincia de S. Paulo ha geadas no inverno. Nos Campos-Geraes a atmosphera está cobrada de inverno, e os ventos são continuos. De verão o calor he mui intenso e abafadigo, a herva seca por falta de agua. O mesmo acontece em Mato-Grosso, onde os louques ardêrão durante a grande sêcca de 1744 a 1749. No Ceará as ribeiras seccão de verão. Quando faltão as chuvas as consequencias são funestas. No Maranhão a mais alta temperatura não passa de 92° Fahren. (33° 33 cent.) e isso só no mez mais quente de todo anno. Ao longo da costa as noites são refrescadas pela viração do mar, e cahê orvalho que conserva a herva verde. Em geral o Brasil he sadio, e só sujeito a doenças causadas por pantanos e terras alagadiças. A febre amarella, o cholera-morbo são desconhecidos em toda a extensão do Brasil.

Reino mineral. As minas de ouro começaram a ser exploradas em 1681. Em 1689 os Paulistas descobrirão a rica mina de Jaraguá, na serra do mesmo nome e

perto de 25 legoas de S.-Paulo, as de Villa-Rica, e do Sabara. Outras minas fôrão consecutivamente descobertas em Minas-Geraes. Em 1714 se descobrião as minas da Jacobina, no interior da Bahia, das quaes se tem extrahido as minas metallicas as mais volumosas de todo o Brasil. Em 1718 o Paulista Antonio Pires de Campos descobrio na minas de Cuiabá situadas ao oeste de S.-Paulo, as quaes no primeiro mez de exploração derão 400 arrobas de ouro. Em 1726 os Paulistas descobrião as minas de São João de Goyaz, e em 1733 se encontrão diamantes no Serro do Frio. Bernardo da Fonseca Lobo descobrio o *Districto diamantino* em Minas-Geraes, sem conhecer o valor dos diamantes nelle encerrados. Tem hum diametro de 14 legoas. Em 1800 se extraherão hum diamante octogono que pesa 7 oitavas. Perto do arraial de Agua-Quente, districto de Paranaíba na provincia de Goyaz, achou-se humma massa aurea do peso de 45 arrobas, que foi mandada ao Muséo de Historia Natural de Lisboa.

Productio das minas de ouro. Em 1735 as minas de Goyaz, S.-Paulo, Mato-Grosso e Cuiabá rendião acima de 11 milhões de cruzados. As de diamantes, crysolitas, topazios, rubis, amethystas e jacintos, descobertas depois de 1730 no Rio Caravelas e no Serro do Frio, rendião annualmente perto de milhao e meio.

Em 1773 o ouro extrahido em Minas-Geraes montou a 118 arrobas, e desde então ate 1812 tirião-se 6895 arrobas ou 85 milhões de cruzados. Hoje se extrahem d'ellas apenas 24 arrobas por anno. As minas de ouro do Brasil davão no principio d'este seculo, de 8 a 9 milhões de cruzados cada anno. Desde 1810 o producto annual não excede dois milhões e meio de cruzados.

O governo portuguez arrendou a principio as minas por

certo numero de annos, e por huma somma determinada, depois abolio o privilegio e estabeleço como direito o quinto do ouro extrahido, que depois se diminuiu; mas a legislação a este respeito tem variado muito.

Cobre. Acha-se muito cobre no districto da Cachoeira na serra de Ibiapaba do Ceará. Huma massa do peso de 2666 arrateis foi ha annos mandada ao Museo de Lisboa onde se acha ainda.

Platina. Acha-se este metal perto do Sumidouro.

Ferro. A serra Arassoiava na provincia do S. Paulo encerra abundante mineral de ferro puro. Em 1818 alguns mineiros suecos dirigidos pelo coronel Frederico Varnagem começaram a extrahir-lo em Minas-Geraes.

Salinas. Ha salinas mui productivas perto de Cabo-Frio, Cabo de S. Roque, em Alcantara, a tres legoas de S. Luiz, em Pilão-Arcado em Pernambuco; e fontes salgadas, chamadas bebedouros nas fronteiras de Goyaz, S. Paulo e Minas-Geraes. Antes da descoberta do lago Salgado ou Salina de Almeida, perto do rio Jauru, não havia sal no districto de Mato-Grosso. Hum punhado de sal valia o seu peso em ouro.

Salitre. Acha-se salitre nas cavernas do Serão de Minas-Geraes.

Ossos fossis. Tem-se achado ossos fossis de Mastodonte e de outros animaes cujas especies estão extinctas. M. A. de Saint Hilaire remetteu ao Museo de Historia Natural de Paris hum dente de mastodonte que desenterrou na Villa do Fanado.

Animaes. Ha muitas especies de monos, e macacos, mas não as duas especies de *Orang-outang* e *Chimpanzé* da Asia e da Africa. Ha cães de huma especie particular, cinco especies de gamos e veados, que era o maior quadrupede do Brasil antes da introdução pelos Portuguezes.

do cavallo, do burro, do boi, etc. O tapir ou anta, o tamandua; o pecari ou porco do mato; o tatu; o capibara, o *bradypus* ou preguiça do Brasil; o igoli, tres especies de gatos montezes; os cinzentos chamam-se *marlicos*, e os avermelhados *maracaiaes*; o *cazingá* especie de esquilo; o coelha que tem o rabo mais grosso que o da Europa; o *cuica*, ou rato amphibio; o porco-espino e o *cuim* que tambem tem espinhos; o *hyrara* ou *papamel* parecido com o macaco; a lontra, o *ondeo*, semelhante ao coelho, mas sem orelhas nem rabo, e grande inimigo das ratazanas; o *paca* ou *ngoti*, pequeno animal semelhante a hum bécora, mas que tem só dois palmos de comprimento, e hom para comer; o *prehá*, da grossura de hum febre; o *savá* semelhante a hum laparo; o *saroké* ou *gambá*, e o *jaraticaca*, ou *cangambá* especies de *opossum*; a raposa; diversas especies de ratos e ratazanas, e entre ellas o *rato de espinho* que tem garras, e se come; cinco variedades de onça ou jaguar, das quaes a maior tem 12 pés de longo, a onça preta, o conguar, a onça vermelha; o *manati* ou peixe-boi cuja carne he delicada, e cuja gordura dá muito azeite.

O morcego voraz (*phyllostomus Spectrum*) chupa o sangue dos animaes, e faz grande estrago nos gados.

Reptis. O jacaré ou crocodilo de 6 a 9 pés de longo habita em todos os rios do Brasil. No Maranhão alguns tem até 30 palmos de longo. Abundão em pantanos, e nos rios pouco rapidos. O lagarto cuja carne he gostosa. A enguia electrica encontra-se no Rio Itapicurú.

Tortugas. Existem no Brasil varias especies de tartugas. Era antigamente o principal alimento animal dos indigenas. O azeite extrahido da tartaruga usa-se na cosinlia, e tambem serve para luzes.

Serpentes e Cobras. As mais notaveis são: 1.ª a *giboiá*

a cobra d'agua (*boa constrictor*); 2° a cobra de cascavel: o *jurucua* (*crotalus mutus* L. e *lachesis mutus* de Daudin), cobra de 7 a 8 pés de longo, e tão venenosa que a sua mordedura mata em menos de 6 horas, caindo logo o corpo e o sangue em putrefacção: encontra-se em todo o Brasil. 4° a cobra de coral; 5° a cobra de anheca cor de laranja (*Coluber formosus*); 6° a cobra de capello, 7° a vilora verde, ou *jararaca*, reptil atroz de genero *trigonocephlo*, que tem de 5 a 6 pés de longo; 8° o *sucury* e o *sucuriu*; o primeiro he cinzento e o segundo denegrido: tem ambos dois grandes e fortes ganchos no rabo com que se firmão nas arvores ou nos rochedos quando se querem lançar sobre algum animal cogulento, como bois. Comem os pombos e os ovos. Algumas d'estas cobras tem 80 palmos de longo.

Testaceos. Havia antigamente muitas baleias: no costa do Brasil, e principalmente na proximidade do Rio de Janeiro e da ilha de S. Catherina. Hoje são raras, e a peçaria antigamente muito productiva cessou de todo.

Crustaceos. Na ilha de S. Vicente ha ostras de grandeza enorme, cujas cascas servem de pratos. Ha tambem outras pequenas que se pegão ás arvores. Ha muitas especies de caranguejos. M. Mawe achou nas bordas da bahia dos Ganchos cascas do genero *murex* que da a bella cor escarlata ou purpurina dos antigos.

Insectos. Abelhas. Ha varias especies de abelhas. Huma dellas faz as colmeas em troncos de arvores, outras em covas.

Ha innumeraveis insectos sumamente incómodos, mas são os mosquitos que inção os terrenos humidos, os bichos dos pés, o pernilongo, a broca, as chucas, a *mucoça* que pica a pelle penetrando o panno de lan, as

vespas, e as carapanas que apparecem e desaparecem do seio em seis mezas.

Acino vegetal. O Brasil abunda em arvores, e plantas. Entre as primeiras se distinguem os pinheiros, que ao norte do districto de S. Francisco, sobeja a 80 pés de altura, com tronco limpo de ramos até 55 pés. Dão mastros para navios de 2 a 300 toneladas. Ha arvores de enorme grandeza. La Condamine mediu huma que tinha 84 pés entre a raiz e os primeiros ramos, e 24 pés de circumferencia no tronco secco e limpo de casca. Tambem viu huma moa inteiriça de 8 a 9 pés de comprido sobre 4 de largo, de madeira dura e polida. O Coqueiro cresce em Minas a 30 pés de alto, e contão-se 12 especies d'elle.

Ha muitas madeiras de construcção e de tinturaria, outras balsamicas, e grande variedade de arvores fructificaras. A sarsaparilha, a canafistula, o cannella branca, a noz moscada, a baunilha, o anil, a cochenilha, o algodoeiro, são productos naturaes do paiz. Quasi todas as plantas da Asia, da Africa e da Europa central prosperão no Brasil. A mandioca e o *aypí* ou mandioca doce, abundão em todo este paiz.

M. Southey, de ordinario tão exacto, enganou-se dizendo que nenhum autor tinha feito menção de ser cultivada no Brasil a mandioca não venenosa. Lery diz expressamente que a raiz do *aypí*, (ou mandioca doce) se come cozida no horralho, e tem o gosto da castanha (V. Voyago, Edit. de 1678, pag 118). E o padre A. Ruiz de Montoya, que escreveu em 1687, afirma (v. *Thes. ling. guaran*, 24 bis) que o termo *aypí* significa em Guaraní huma especie de mandioca doce, e que a mandioca ou *aypí macaxero*, segundo Pison (Hist. nat. 1617) se come torrada ao lume sem caracter de preparaçõ. Os indigenas tinham por tradição, que a mandioca lhes viera de fóra.

Agricultura. O Brasil foi a primeira colonia Americana agriculural. Em 1531 introduziram os Portuguezes a canna de assucar, trazida das ilhas do Cabo-Verde e da Madeira, na capitania de S. Vicente e na de Mato-Grosso. Em nossos dias se introduzou a canna do Tabiti.

Julga-se que o arroz he indigena do Brasil. Em 1763 se introduziu no Maranhão a cultura do da Carolina.

Em 1770 começaram a cultivar-se o trigo e o café. O milho geralmente cultivado amadurece em 4 mezes, e dá 200 por hum.

Em 1554 foram introduzidas no Rio da Prata vaccas e touros de Hespanha, e pouco depois no Brasil. Multiplicao mais que na Europa, mas são mais pequenos, e a carne he inferior. Na capitania do Piauhy huma fazenda dá anualmente de 800 a 1000 bezerrros.

Os primeiros cavallo foram levados do Cabo-Verde á Bahia em 1581, mas só nas margens do Paraguay e do Uruguay he que tem multiplicado do modo prodigioso. Ha muitos machos e mulas no Rio-Grande do Sul, onde ha costume capar os machos.

Os carneiros e as cabras tem multiplicado muito, mas degenerão, assim como os porcos.

População. Em 1708 era avaliada a população total do Brasil em mais de 3.000:000, e em 1818 por hum censo imperfeito, montava a 3,617. 900 individuos, a saber :

1.728:000 escravos negros

426:000 homens livres, mulatos, mestiços, mapangues

150:500 negros livres, ou forros

202:000 escravos mulatos

259:400 indigenas domesticados

843:000 brancos

3.617:900

Hoje supõe-se montar a perto de 4 milhões, mas não ha bases sufficientemente exactas para estabelecer hum juizo. Alguns a fazem exceder cinco milhões, sem produzirem provas cabaes d'esta asserção : provavelmente exaggerão o numero dos indigenas domesticados.

Escravos Africanos. A importação-annual do negros da costa de Africa sem variado muito. Nos primeiros annos da criação das Companhias do Pará, e Maranhão montaram a mais de 100:000 cada anno. No Rio de Janeiro tem variado de 22 ou 23:000 a 43:000 cada anno, e na Bahia e Pernambuco á proporção. Pode em geral avaliar-se, termo medio, de 50 a 60:000 por anno. Hoje, a pesar da cessação legal do infame commercio de escravatura, entrão 35 navios cada anno no Rio de Janeiro carregados delles, vindos de Angola, Cabinda, etc.

Longevidade. Ha muitos exemplos de indigenas cuja idade excede cem annos, conservando-se ainda vigorosos; e tambem muitos mestiços e brasileiros atingem idade mui provecça.

Doenças. As unicas molestias proprias do paiz são algumas doenças herpeticas, as mais dellas introduzidas pelos negros de Africa, e certas inchações glandulares, particularmente dos testiculos, papeiras, etc. Tambem Piso descreve huma especie de doença hereditaria, semelhante á syphilis, chamada *mid* pelos indigenas, e *bubas* pelos Portuguezes e Hespanhoes.

O leitor que desejar adquirir hum perfeito conhecimento dos productos naturaes do Brasil, deverá consultar as excellentes obras de MM. Spix e Martins. de M. Eschwege, do principe de Neuwied, de M. Auguste S. Hilaire, onde achará amplas e exactas descripções de todos os ramos de Historia Natural d'aquelle vasto continente, tão rico em variadas produções. Entre os autores na-

homens a quem se devem interessantes memorias sobre botanica, agronomia, mineralogia, etc., merecem particular menção os senhores Manoel da Camara Bettencourt, José Bonifacio de Andrada, o padre Leandro do Sacramento, a quem M. A. S. Hilaire faz justiça, José de Sá Bettencourt, Arruda, etc. O padre Manoel Ayres do Casal he o pai da geographia do Brasil. He de lamentar que este digno escriptor se ache por falta de meios pecuniaros impossibilitado de publicar a segunda edição da sua interessante *Corographia*.

The first of these is the
 second of these is the
 third of these is the
 fourth of these is the
 fifth of these is the
 sixth of these is the
 seventh of these is the
 eighth of these is the
 ninth of these is the
 tenth of these is the
 eleventh of these is the
 twelfth of these is the
 thirteenth of these is the
 fourteenth of these is the
 fifteenth of these is the
 sixteenth of these is the
 seventeenth of these is the
 eighteenth of these is the
 nineteenth of these is the
 twentieth of these is the
 twenty-first of these is the
 twenty-second of these is the
 twenty-third of these is the
 twenty-fourth of these is the
 twenty-fifth of these is the
 twenty-sixth of these is the
 twenty-seventh of these is the
 twenty-eighth of these is the
 twenty-ninth of these is the
 thirtieth of these is the
 thirty-first of these is the
 thirty-second of these is the
 thirty-third of these is the
 thirty-fourth of these is the
 thirty-fifth of these is the
 thirty-sixth of these is the
 thirty-seventh of these is the
 thirty-eighth of these is the
 thirty-ninth of these is the
 fortieth of these is the
 forty-first of these is the
 forty-second of these is the
 forty-third of these is the
 forty-fourth of these is the
 forty-fifth of these is the
 forty-sixth of these is the
 forty-seventh of these is the
 forty-eighth of these is the
 forty-ninth of these is the
 fiftieth of these is the
 fifty-first of these is the
 fifty-second of these is the
 fifty-third of these is the
 fifty-fourth of these is the
 fifty-fifth of these is the
 fifty-sixth of these is the
 fifty-seventh of these is the
 fifty-eighth of these is the
 fifty-ninth of these is the
 sixtieth of these is the
 sixty-first of these is the
 sixty-second of these is the
 sixty-third of these is the
 sixty-fourth of these is the
 sixty-fifth of these is the
 sixty-sixth of these is the
 sixty-seventh of these is the
 sixty-eighth of these is the
 sixty-ninth of these is the
 seventieth of these is the
 seventy-first of these is the
 seventy-second of these is the
 seventy-third of these is the
 seventy-fourth of these is the
 seventy-fifth of these is the
 seventy-sixth of these is the
 seventy-seventh of these is the
 seventy-eighth of these is the
 seventy-ninth of these is the
 eightieth of these is the
 eighty-first of these is the
 eighty-second of these is the
 eighty-third of these is the
 eighty-fourth of these is the
 eighty-fifth of these is the
 eighty-sixth of these is the
 eighty-seventh of these is the
 eighty-eighth of these is the
 eighty-ninth of these is the
 ninetieth of these is the
 ninety-first of these is the
 ninety-second of these is the
 ninety-third of these is the
 ninety-fourth of these is the
 ninety-fifth of these is the
 ninety-sixth of these is the
 ninety-seventh of these is the
 ninety-eighth of these is the
 ninety-ninth of these is the
 hundredth of these is the

ga
 ce
 e
 A
 P
 ac
 m
 ac
 M
 co
 N
 ri
 d
 S
 h
 e
 te
 co

HISTORIA DO BRASIL.

CAPITULO 1º.

Do Descobrimento do Brasil, e origem d'esta nome.

Incitados pelo exemplo dos illustres navegantes portuguezes, quizerão os Hespanhóes competir com elles, descobrindo novas terras, e explorando incognitos mares. Descoberta a America por Christovão Colombo, Vicente Yañez Pinzon, hum dos tres irmãos que o haviam acompanhado na sua primeira viagem, animado da nobre emulação de emparelhar com aquelle illustre Genovez, armou em Palos de Moguer huma expedição de quatro caravelas, com que se fez á vela d'aquelle porto a 18 de Novembro de 1499. Deixando após si as Canárias, e ilhas do Cabo Verde, fez derrota ao sudoeste, e havendo navegado cousa de 700 legoas, atravessou o equador. Sobreveio-lhes hum furioso temporal de que escaparão a custo, e em vão procurarão avistar a estrella do norte. Não obstante, o intrepido Pinzon proseguio cousa de 240 legoas no rumo do oeste, e es-

tando na altura de 8 graos de latitude meridional, no dia 25 de Janeiro 1500, avistou em grande distancia a terra hoje denominada Cabo de Santo Agostinho, a que elle poz o nome de *Santa Maria de la Consolacion*, que, como todos sabem, forma a parte a mais proeminente do immenso continente do Brasil. Aqui desembarcou Pinzon, acompanhado do escrivão da caravela, e de alguns companheiros, e tomou posse solemne da terra em nome d'El-Rei de Castella. Não virão habitante algum, mas notarão pégadas, indicio certo da proximidade de gente. No dia seguinte mandou o chefe desembarcar 40 homens bem armados, e ao encontro d'elles vierão muitos indigenas de aspecto feroz e ameaçador, armados de arcos e flechas; e foi impossivel determiná-los a entrar em trato amigavel, rejeitando espelhos, vidrilhos e outros objectos com que os convidarão. Deixando tão inhospita costa, dirigio-se Pinzon ao noroeste, e aportou na embocadura de hum rio oude, por pouco fundo, não puderão surgir as embarcações, ficando ao largo em quanto elle mandou reconhecer a terra por hum troço de homens bem armados. Acharão a praia coberta de selvagens que parecendo a principio corresponder ás demonstrações amigaveis dos Hespanhoes, os assaltarão em breve com singular furia e denodo, obrigando-os a

aculliar-se ás embarcações. A peleja foi porfiada, e nella morrerão não poucos Hespanhoes, e hum maior numero de indigenas. Tornou Pinzon a dirigir-se a noroeste, até que na proximidade da linha equinoxial descobrio as ilhas verdadejantes que se elevão na foz do rio Maranhão. Com grande admiração observou Pinzon ser a agua em torno d'estas ilhas doce como a de hum rio; della encheo os barris, e não tardou a reconhecer a embocadura d'este incomparavel rio, que, ao entrar no mar tem 30 legoas de largo, e cujas aguas se conservão doces até 40 legoas no Oceano. Os indigenas se mostrárão pacíficos, e fizeram bom acolhimento aos navegantes. Visitou depois a costa, as bocas do Urinoco, e o golpho de Paria onde cortou pao brasil, o primeiro que daquelle continente veio á Europa.

No mesmo anno descobrio Pedro Alvares Cabral a costa e terra a que poz nome *Santa Cruz*. Vamos transcrever a relação que d'este acontecimento dá o nosso illustre João de Barros. Decad. 1, liv. V, cap. 2. Conservo a orthographia da edição de 1628.

« Ao seguinte dia, que eraõ nove do mes de Março desferindo suas velas que estavão a pique: saio Pedralvarez com toda a frota, fazendo sua viagem as ilhas do Cabo Verde, pera ahi fazer aguada, onde chegou em treze dias. Pero antes

de tomar este cabo, sendo entre estas ilhas, lhe deu hum tempo que lhe fez perder da sua companhia o navio de que era capitão Luyz Pirez, o qual se tornou a Lisboa. Junta a frota depois que passou o temporal, por fugir da terra de Guine onde as calmarias lhe podião impedir seu caminho, empêgou-se muito no mar por lhe ficar seguro poder dobrar o cabo de Boa Esperança. E avendo já hum mes que hia naquella grão volta, quando veio a segunda octava da Pascoa que crão vinte e quatro de Abril, foi dar em outra costa de terra firme, a qual segundo a estimacão dos pilotos lhe pareceo que podia distar pera aloeste da costa de Guine quatro centas cinquenta legoas, e em altura do pólo Antartico da parte do sul dez graos. A qual terra, estavam os homens tão crentes em não haver alguma firme occidental a toda a costa da Africa, que os mæes dos pilotos se affirmavão ser algũa grande ilha assi como as terceiras, e as que se achavão por Christovão Colom que crão de Castella, a que os Castelhanos cõmumente chamão Antilhas. E por se affirmar no certo se era ilha ou terra firme, foi cortando ao longo della todo hũ dia; e onde lhe pareceo mais azada pera poder anchorar, mandou lançar hũ batel fora. O qual tanto que foi com terra, virão ao longo da praia muita gela nua, não preta e de cabello torcido como

a de Guiné: mas tola de cor haça, e de esbello comprido e corrido, e figura do rosto cousta mui nova. Porque era tão amagado, e sem a cõinũ semellança da outra gente que tinham visto, que se tornaroo logo os do batel a dar razão do que virão, e que o porto lhe parecia bom surpidouro. Pedralvarez por aver noticia da terra encaminhou ao porto com toda a frota, mandou ao batel que se chegasse be a terra, e trabalhasse por aver a mão algũa pessoa das que virão, sem os amedrentar com algũ tiro que os fizesse acolher. Mas elles não esperarão por isso, porque como virão que a frota se vinha contra elles, e que o batel tornava outra vez a praia, fugirão della, e puzem-se em hum teso soberbo, todos apiuloados a ver o que os nosos fazião. Os do batel, em quãto Pedralvarez surgia liũ pouco largo do porto, por não amedrentar aquella nova gente macea do que o mostrava em se acolher ao teso: pozerã-se debaixo no mesmo batel e começou hum negro grumete falar a lingua dẽ Guiné, e outros que sabião algumas palavras do Aravigo, mas elles nem a lingua nem aos acenos em que a natureza foi cõinũ a todas as gẽtes nunca acodião. Vendo os do batel que nem aos acenos nem ás cousas que lhe lançarão na praia acodião, cansados de esperar algum sinal de entendimento delles, tornarão-se a Pedralvarez,

cotando o que virão. Tendo elle determinado ao outro dia de mandar lançar mais bateis e gente fora : saltou aquella noite tanto tempo com elles que lhe conveo levar as anchoras, e correrão cotra o sul sempre ao longo da costa, por lhe ser per aquelle rumo o verto largo, té que chegarão a hum porto de mui bom surtidouro, que os seguiu do tempo que levavão, ao qual por esta razão Pedralvarez poz o nome que ora tem, que he Porto seguro. Ao outro dia como a gête da terra ouve vista da frota, posto que toda aquella fosse hũa : parece que permittio Deos não ser esta tão esquiva como a primeira, segundo logo veremos. E porque em a quarta parte da escriptura da nossa conquista, a qual como no principio dissemos se chama Sancta Cruz, e o principio della começa neste descobrimento : lá faremos mais particular menção desta chegada de Pedralvarez e assi do sitio e cousas da terra. Ao presente basta saber que ao segundo dia da chegada que era domingo da Pascoa, elle Pedralvarez saio em terra com a maior parte da gente : e ao pé de hũa grande arvore se armou hũ altar em o qual disse missa cantada F. Henrique guardião dos religiosos, e ouve pregação... Pedralvarez vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer, dali espedio hum navio, capitão Gaspar de Lemos com nova pera

elRey dom Manuel do que tinha descoberto: o qual navio com sua chegada deu muito prazer a elRey, e a todo o reyno assi por saber da boa viagem que a frota levava, como pola terra que descobrirá. Passados algũs dias em quanto o tempo não servia, e fizerão sua agoada, quando veo a tres de Maio que Pedralvarez se quis partir, por dar nome áquella terra per elle novamente achada, mandou arvorar hũa cruz mui grande no maes alto lugar de hũa arvore, e ao pé della se disse missa. A qual foi posta cõ solenidade de benções dos sacerdotes: dando este nome á terra, Sancta Cruz... que soa melhor entre prudentes que Brasil posto per vulgo sem consideração. »

Antes de partir tomou Cabral posse da terra novamente descoberta em nome d'Elrei de Portugal, elevando hum padrão de pedra com as armas reaes. Cabral deo ao monte mais elevado, e que primeiro havia avistado, o de *Monte Pascoal*, e á terra que tomou por hum grande ilha, o de Santa-Cruz. O piloto Affonso Lopes sondando o porto, apanhou dois dõs indigenas que trouxe ao almirante, o quãl depois de os ter vestido á Portugueza, os mandou pôr em terra acompanhados de hum homem condemnado á morte, e cuja pena Elrei tinha commutado em degredo perpetuo. Em breve correrão á praia mais de 200 selvagens dansando, cantando e tangendo

frutas e bozinas, e sem arcs e frechas; trazião pedaços de ossos pendurados nas orelhas e nos beiços. Não quizerão aceitar pão, peixe secco, nem vinho; mas aceitarão varios dizes, e deão em troco farinha de mandioca, batatas doces, milho, fruta e papagaios. Em distancia de legoa e meia da costa se vião nove a drz cabanas de madeira cobertas de heivas, e podendo conter cada hum a 30 a 40 pessoas. Os selvagens ajudarão os marinheiros a cortar lenha e a conduzi-la a bordo das embarcações. Cabral deixou aqui dois degradados, de vinte que tinha trazido de Portugal, para observarem os costumes da gente: hum d'elles chamava-se Alfonso Ribeiro. Foram acolhidos dos indigenas com ardentes mostras de commiseracão. A 9 de Maio Cabral perdeu quatro dos 13 navios de que constava a sua frota; os outros dobrãao o cabo de Boa-Esperança, e entrou no golpho de Moçambique a 24 de Julho.

No mesmo anno (1500) Diego de Lepé, que partira de Palos nos fins de Dezembro de 1499, pouco depois de Vicente Yañez Pinzon, depois de passar diante da Ilha do Fogo, hum das ilhas do Cabo-Verde, dirigio-se ao sul e depois a leste, avistou o cabo de Santo Agostinho, que dobrou, e aportando em varias partes da costa, tomou posse da terra em nome da corõa de Castella. Vio alli hum arvore da prodigiosa

grandeza, cujo tronco 18 homens não bastavão a abrigar. Lepé entrou depois na embocadura do rio Marauão, e depois no golpho do Paria.

1501. Tres navios partirão de Lisboa no mez de Maio d'aquelle anno, mandados por Elrei D. Manoel a proseguir o reconhecimento do continente descoberto por Cabral. Não consta com certeza quem fôra o chefe d'esta expedição. Alguns creem ter sido Gonçalo Coelho; outros com mais razão supõem que foi Christovão Jaques; mas nenhum escriptor portuguez ou hespanhol do XVI seculo faz menção de Vespucci, que muitos historiadores estrangeiros representam como capitão della. Esta expedição chegou á costa do Brasil pelos 5° de latitude meridional e se adiantou até aos 32° onde experimentarão intenso frio e soffrêrão hum tremendo temporal na mez de Abril do seguinte anno (1502). Voltarão a Lisboa no mez de Setembro depois de 15 mezes de viagem.

1503. A 10 de Junho d'este anno mandou Elrei D. Manoel Gonçalo Coelho com seis navios afim de examinar as costas e terra de Santa-Cruz. Nesta expedição tornou a embarcar-se o florentino Amerigo Vespucci como piloto. Coelho correu grande parte da costa, descobriu muitos portos, enseadas, e elevou padroes de pedra com as armas reais de Portugal em di-

HISTORIA

versos sitios : hum d'estes padrões com a data de 1503 subsiste ainda na bahia de Cananéa. Descobrio a Bahia de Todos os Santos onde levantou hum padrão. Deteve-se alli 2 mezes e 4 dias, mas não recebendo novas dos mais navios, fez-se a vela, e correndo a costa ao sul em distancia de 260 legoas, surgio em hum porto em 18° de latitude e 35° longit. do meridiano de Lisboa. Alli se demorou cinco mezes, e construo hum forte que guarneceo de 12 peças e 24 homens, com mantimentos para seis mezes e munições. De seis caravelas com que partira, só salvou duas carregadas de pao brasil, em que trouxe tambem grande numero de macacos e papagaios, com que voltou a Lisboa em 18 de Junho de 1504.

A relação de Amerigo Vespucci, ou attribuida a elle, e publicada muito depois da morte d'este navegante, differe em alguns pontos do que referem os historiadores portuguezes do XVI seculo, dos quaes nenhum faz menção de Vespucci; o que torna duvidosa a authenticidade ou a veracidade das cartas que este florentino dirigio ao seu amigo Pietro Soderini á cerca das duas viagens de descoberta feitas por ordem de Elrei D. Manoel de Portugal. O que parece certo he que este monarcha chamara Amerigo Vespucci de Sevilha, e o convidara a acompanhar, em qualidade de cosmo-

grapho e habil navegador, as expedições que meditava para continuar a exploração de novas terras e mares. He de crer que Vespucci obteve licença d'Elrei de Castella, a cujo serviço se achava, havendo acompanhado Ojeda nas suas duas primeiras viagens em qualidade de piloto e cosmographo; porquanto he certissimo que morreu em Sevilha a 25 de Fevereiro de 1512, e que em 1508 fôra nomeado piloto-mór com o ordenado de 50:000 maravêdis por Elrei de Castella, por hum a cedula regia datada de Burgos a 22 de Março; e por outra cedula da mesma data lhe foi concedida hum a gratificação de 25:000 maravedis (1). Accresce ainda que, em hum a carta datada de Santarem a 29 de Julho de 1501, Elrei D. Manoel dá parte a Elrei e á Rainha de Hespanha da viagem de Cabral, e não diz hum a só palavra de Vespucci, o qual, segundo a sua relação, havia partido de Lisboa a 13 de Maio do mesmo anno. Se com effeito Vespucci navegou nas duas expedições de 1501 e 1503 ao serviço de Portugal, foi em qualidade de cosmographo e piloto, e não de chefe. Isto se collige claramente do que elle diz na relação

1 V. Don M. E. Navarrete. *Relacion de los viages y descubrimientos que hicieron por mar los Espanoles desde fines del siglo xv*, Tom. 1. Introducção, pág. 130. Madrid, 1825.

da segunda viagem de Gunçalo Caelho, a quem reconhece por commandante, e que incute de presumptuosa obstinação; e na relação da primeira destas duas viagens reconhece igualmente a existencia de hum chefe a quem elle obedecia, e o qual não consentio que tirassem os Portuguezes vingança dos selvagens por matarem hum desgraçado que se tirha afoutado a ir a terra, e o terem comido, depois de assar os pedaços da sua carne ao fogo¹; mas como não diz o nome do commandante, não se pode colligir quem fosse, visto não se achar nomeado por autor algum nacional e contemporaneo. Por consequente mui pouco se sabe com certeza desta expedição de 1501 composta de tres navios, que forão encontrados pelos de Cabral em Besenque perto de Cabo Verde na sua volta da India. Claudio Bartolomeo assevera no seu *Orbis Maritimus*, que Vespucci nesta viagem descobriu o rio da Prata, o que não tem a menor probabilidade. A expedição, quando muito, attingio o Rio-Grande do Sul e a Lagoa dos Patos. Em quanto a ter Vespucci navegado até aos 52° de latitude meridional, he inadmissivel

¹ « Et ita tam magnam ac tam gravem injuriam passi, cum malivolo animo et grandi opprobrio nostro, efficiente hoc navi præceptore nostro, impunitis illis accessimus. » Grynæus, pag. 156.

supposição, se bem que admittida como facto historico por M. Southey na sua Historia do Brasil, assim como outras asserções contidas nas duas cartas (verdadeiras ou suppostas) de Vespucci a Soderini. Huma simples observação basta para fazer ver quão pouca sensação fez em Portugal a expedição de 1501 (se he que ella existio) : he o absoluto silencio que á cerca d'ella guardarão todos os escriptores portuguezes e hespanhoes contemporaneos. Como he crível que huma tão atrevida navegação, e a descoberta do rio a que João Diaz de Solis poz em 1515 o nome de *Mar dulce* (doce), fosse ignorada á partida de Gonçalo Coelho em 1803, e continuasse a sê-lo até á volta de Solis a Hespanha ?

1508—9. El Rei de Castella tendo resolvido proseguir a exploração das costas do Brasil para o sul, mandou a este fim Vicente Yañez Pinzon, e João Diaz de Solis. Partirão de Sevilha em duas caravelas, abordámo ao Cabo de Santo Agostinho, e correrão a costa para o sul até 40°, desembarcando em varios portos e

A volta de Gonçalo Coelho a Lisboa com os dois navios que escapáram do naufragio, desmente Vespucci, que na sua segunda carta dá a entender que Coelho morrera naufragado, e que elle Vespucci he que voltou a Lisboa com os dois navios. Se isto fosse verdade, como poderia ser facto ignorado de todos os autores contemporaneos

enseadas, e tomáráo posse d'ella para a coroa de Castella.

1510.— Hum navio portuguez naufragou na costa da Bahia; a maior parte da tripolação se salvou, e 25 annos depois achámo os Portuguezes nove d'esses marinheiros vivendo tranquillamente neste portb com os indigenas. Damiao de Goes conta que em 1513 Jorge Lopes Bixorda apresentou a ElRei D. Manoel tres indigenas do Brasil acompanhados de hum interprete portuguez versado na lingua brasilica.

1515—16. Havendo o navegante hespanhol Balboa descoberto o *Mar do sul* ou *Pacifico* em 1513, elrei de Hespanha fez partir dois navios debaixo do mando de Solis para continuar a exploração das costas do Brasil, e buscar huma passagem ás Moluccas. Partio Solis de Lepé perto de Cadiz a 8 de Outubro 1515, seguiu sua derrota ás Canarias, tocou em Santa Cruz de Tenerife, navegou para Cabo Prio e a costa de S. Roque situada em 6° lat. Dirigindo-se ao sul dobrou o Cabo da Natividade, passou a embocadura do rio dos Innocentes (23° 114'), o Cabo de Cananéa (25°), a ilha dos Patos, a bahia dos Perdidos (27°), o cabo das Correntes, e tomou terra pelos 29°, entrou no porto de *Nossa Senhora das Candeias* (33°) passou o rio dos Patos e veio emfim dar em hum rio e que poz o

nome de *Mar doce*, rio depois denominado *da Prata*, que remontou até humo ilha situada em 34° 15'. Enganado pelas demonstrações pacíficas dos naturaes desembarcou, mas cahio em huma emboscada, e foi morto ás frechadas com cincoenta companheiros, que os selvagens pisarão e comêrão. Os dois navios voltarão ao Cabo Santo Agostinho, onde carregarão pao brasil, e voltarão á Europa.

1516. — Neste anno o cavalheiro Thomás Berth acompanhado de Sebastião Caboto, fez por ordem d'ElRei de Inglaterra Henrique VIII, humo viagem ao Brasil que não teve resultado.

1519. — Fernão de Magalhães entrou a 15 de Dezembro no porto que denominou de *Santa Luzia*, e a que depois se chamou *Bahia de Janeiro*, ou *Rio de Janeiro*, nome improprio que tem prevalecido. Aqui foi Magalhães bem recebido dos indigenas, fez abundante provisão de batatas doces, de ananazes, cannas doces, gallinhas, carne de tapir ou anta, e troco de campelinhos, vidrilhos, campainhas, fitas e outras frioleiras.

Em 1520 os tres irmãos Parmentier, naturaes de Dieppe, mui practicos na navegação, partirão d'este porto, e aportarão a Pernambuco d'onde trouxerão a França humo carregação de pao brasil.

1525.— Havendo ElRei D. Manoel fallecido a 15 de Dezembro de 1521, D. João III, seu filho e successor, resolveo mandar ao Brasil Christovão Jaques, fidalgo da sua casa, com o titulo de *capitão-mór*, para continuar a exploração, e verificar a exacção da relação apresentada por Gonçalo Coelho a D. Manoel. Partio com algumas caravelas, e reconheceo ou descobrio a bahia que denominou *de todos os Santos*, em razão de ser no 1.^o de Novembro que nella entrou (1). Sondou muitas bahias, e rios, e descobrio novos portos. Entrando no rio Paraguaçu encontrou dois navios francezês, que afundio. Estabeleceo huma feitoria no canal que separa a ilha de Itamaracá do continente, para facilitar a extracção do pau brasil, e obstar a que navios estrangeitos viessem tomar parte neste commercio. Elevou varios padroes de pedra com as armas de Portugal; deixou em Porto-Seguro dois padres franciscanos e mais alguns portuguezes, e voltou a Portugal.

1525—1526. Sebastião Caboto, encarregado pelo Imperador Carlos V de ir pelo estreito de Magalhães á descoberta do supposto Ophir, das ilhas de Torsis e Cipango, que se julgava ser

* Alguns autores querem que a bahia descoberta por Gonçalo Coelho, fosse mais meridional de 6 graus.

hum dependencia do Japão, visitou e remontou o rio de Solis (da Prata) e a ilha dos Patos (Santa-Catherina) onde desembarcou, e remontou o Paraná ate ao rio Paraguay. No anno de 1626 Diego Garcia natural de Moguer partio do cabo Finisterra a 15 de Agosto de 1526, chegou nos fins do mesmo anno á costa do Brasil pelos 17° lat. merid., e proseguio até á bahia de S. Vicente pelos 24° onde encontrou hum Portuguez que lhe forneceo provisões frescas; d'ahi passou á Ilha dos Patos (Santa Catherina) pelos 27°, onde recebeu viveres dos indigenas denominados *Carriores*. D'alli expedio a S. Vicente hum navio, destinado a tomar a bordo 800 escravos destinados para Portugal, em virtude da hum convensão feita com o sobredito Portuguez. No principio de 1527 entrou no Rio de Solis, que appellidou *da Prata*, por haver obtido dos indigenas varias peças d'este metal vindas do Perú.

1551. — No principio d'este anno Diego de Ordás partio de Sevilha, e chegando á costa do Brasil entrou no rio Maranhão, que não ponde navegar em razão dos baixos e correntes, passou depois a Paria, e foi invernar no Viapari onde perdeu quasi toda a sua gente por naufragio e outros accidentes, e voltou com o resto a Hespanha.

O padre Jorge Fournier, nas suas *Memorias*

da *marinha sjuncea* (1), diz que os Normandês e Breiões asseverão ter descoberto o Brasil antes de Cabral, e que havia muito tempo que commerciavão no rio de San Francisco, d'onde trazião o pao que elles denominavão *brasil* (*brésil*) proprio á tinturaria.

Aqui terminamos a noticia do descobrimento dos principaes portos, rios, e pontos da costa do Brasil. Em outro capitulo continuaremos a historia da colonisação d'aquella vasta região. Agora daremos algumas esclarecimentos relativamente aos nomes *Brasil* e *America*, á cerca dos quaes resta ainda muita discrepancia e incerteza nos autores geographicos.

Que o nome *Brasil*, mui anteriormente ao descobrimento d'aquella região por Cabral, designava o pao usado na tinturaria, he incontestavel, como o he igualmente o conhecimento d'esta madeira, que se encontra em varias partes da Asia. O celebre viajante Marco Polo diz que no Lambri, reino sujeito ao Gran Khan, se acha em abundancia o pao *brasil*, de que elle trouxera estacas a Veneza para as cultivar, mas onde não vingarão em razão do clima. E o celebre autor arabico Abulfeda diz

Hydrographie contenant la théorie et la pratique de toutes les parties de la navigation, livre v., chap. xii, 2^e. édit. in-fol. Paris, 1679.

(na traducção latina): *Zamora est matrix ligni Bravillii et Canua Induo Tabul. XVI exhibens insulas maris orientalis.* A terra chamada Santa Cruz por Cabral foi portanto denominada vulgarmente *Terra do pao Brasil* por ser esta mercadoria quasi a unica que por muito tempo de lá foi trazida á Europa. Mas o nome, posto que derivado do mesmo radical grego (*brazó*), que o nome brasa ou brasa, não he de origem portugueza, nem castelhana, mas sim franceza. Na lingua Roman ou Francez antigo, o verbo *brassier* significa torrar, tostar.

O termo *America* era já usado em Portugal em 1550, porquanto por hum alvará de 20 de Novembro do dito anno foi Martim Affonso nomeado por el Rei D. João III Governador da *America Lusitana* ou *Terras Brasilianas*. Ora não he crível que os Portuguezes adoptassem essa denominação em honra de Amerigo Vespucci, apenas conhecido entre nós, antepondo o nome de hum estrangeiro que nunca capitaneou expedição alguma portugueza ou hepanhola, ao de Cabral. Não he menos inverossimil que os Castelhanos esquecendo os illustres nomes de Ojeda, Pinzon, Solis e Balboa, lhes preferissem o de hum piloto italiano. Parece-me pois que a opinião geralmente admittida que attribue o nome de America a Amerigo Vespucci, he sem fundamento.

HISTORIA

He tambem inadmissivel a supposiçãõ de M. Luccock. Pretende elle que o nome de America foi dado pelos primeiros descobridores ao novo continente, em razão do termo *maricá* da lingua *tupi*, que significa concha ouca, concava, e que os indigenas applicarão talvez aos navios. *Maricá* designa particularmente hum cabaça de abobra ou outro fructo semelhante. Não me demorarei em refutar opinião tão gratuita e extravagante. Eis a minha conjectura. He bem sabido que na epocha que se seguiu ao descobrimento do Novo-Mundo era geral entre os eruditos o estudo da lingua grega, e a mania de traduzir em grego até os nomes proprios, v. g. o de *Melarchton*, traducção de *Schwartzærde*, terra preta, nome do celebre heresiarca; não he portanto de estranhar que se desse ao novo continente hum nome composto de radicões gregos. Eu creio o nome formado de *meiró* separar, dividir, e *gaia* terra, e a augmentativo: *ameirogaia*, isto he, terra muy remota do antigo mundo, ou *terra do ultramar*; ou de *mytós*, muito grande, muito extenso, ou muito distante.

CAPITULO II.

Aspecto do paiz, costumes e lingua dos indigenas.

Não podemos dar ao leitor idéa mais exacta do elleito que fez o aspecto da terra e o dos seus habitantes nos primeiros descobridores, que valendo-nos da excellente traducção que da obra do bispo Jeronymo Osorio fez o illustre Francisco Manoel, e aproveitando-nos tambem da carta que de Porto-Seguro enviou o escrivão Pedro Vaz de Caminha a el Rei D. João III, no primeiro de maio de 1500, e das noções adquiridas posteriormente.

« A terra he fertil e amena e sadia de seu natural; muitos e grandes rios a humedecem, e as fontes de agua doce e perennal que tem, são fora de algarismo. Tem languissimas campinas que se tapizão de mui graciosas pastagens: seus portos são bonissimos, de mui facil embarcadura, em que as naos achão seguro abrigo contra os vendavaes, e não tem baixos ou restingas em que periguem. A maior parte d'aquella região he empollada de montes, que abrem grandes valles; as florestas densas e

sombria tem arvores de muita diversidade, nunca d'antes conhecidas dos nossos; entre ellas huma, da summidade de cujas folhas cortadas destilla hum genero de balsemo. As arvores, de que se tira a cõr vermelha com que se tingem as lãs, são alli mui triviaes e muito altas. Brota alem disso a terra plantas muito medicinaes, e entre ellas a lierra santa, muito proveitosa para chagas, apertos de amudado anhelito, e tambem para canoros, e para a gangrena. São os homens fulos de cõr, tem corrido o cabello, negro e comprido; não tem barba, e ainda algum pello que pelo corpo lhes aponta, com pinças o arrepellão. Letras nenhuma conhecem, nenhuma religião cultivão, nenhuma lei os ligão, nem se servem de alguns pesos e medidas, nem ao governo de algum rei vivem sujeitos. Quando todavia entre elles se levantão guerras, elegem hum General que julga por de todos o mais forte, e mais acerrimo em dar batalhas. Vulgarmente se não cobrem com traje algum, sómente os que entre elles realção por nobreza, se cingem de tecidos de pennas de papagaio, e de aves de outras côres. Com cocares das mesmas penas enfeitão as cabeças, e compõem braceletes, que passam por cima do cotovello. Descem-lhes estes saios de plumas do embigo até ás curvas. As mulheres deixão crescer o cabello; mas as

homens o raspão desde a fonte até ao toutho. Os que porém caprichão de garridos, furão as orelhas, os labios e os narizes e até as faces, para as permeiarem pelos furos de pedrinhas de côres variadas, de ossos ou peças de pau. As mulheres, em vez de pedras se servem de miudas conchiinhas, que ellas estimão a mui alto preço. Usão de arcos em suas pelejas, e com tanta arte atirão huma flecha, que a qualquer parte do corpo a que acenem, lá a empregão. Para as pontas das flechas servem-se de espinhas de certos peixes em vez de aço, e profundão não obstante, tal ferida, que trespassão com o furo qualquer plancha. Vivem do que cação, comendo macacos, lagartos, cobras, ratos; que nenhum d'estes manjares os antoja. Usão de canoas compostas de troncos excavados de robustissimas arvores, e d'ellas ha que podem conter trinta pessoas no bojo. Quando querem pescar, vão hums d'ellas remando, e outros batendo a agua com varapaos para amotinar o peixe, que espantidico vem boiando á flor da agua. Então os que para tal ficam de apresto, tem cabaços grandissimos seccos e oucos descidos ao revéz da corrente, e nellea vem de si mesmo encovar-se o peixe. Não semeião trigo, mas fazem pão da raiz de huma herva do porte da beldroega (mandioca), que com tudo encerra veneno tão mortifero,

que morre em breve quem a come crua; mas elles pisão-na, e pisada a espremem, que gotta lhe não reste de sumo venenoso, e então a secção ao sol, e moida entre pedras. lhe extrahem a farinha. Os pães que d'essa farinha fazem, não sómente são saudaveis, mas tem ainda mui regalado sabor. D'ella e do milho compõem huma bebida mui parecida com a cerveja, na qual quando se enfrasão, o que mui de uso lhes acontece, mais que ordinarias fraudulencias e traições muchinão. Observão agouros, e são dados a empeçonhamentos. São entre elles em muita honra certos lincons malleficos, a quem vão consultar nos casos duvidosos: chamão-lhes *pages*. Trazem estes na ponta d'huma setta huma cabaca com figura de homem, e cada vez que lhes dá na vontade mettem brazas na cabaca, e de sobrepostas hervas sahe fumo, que resfolgão pelos narizes, até bebados tremellicarem, se espojarem, e sahirem de si. Que tem tal força aquellas hervas, que com seu fumo, como se fora sobejido do vinho, os privão do entendimento. Logo começam a ranger os dentes, a escumar a bocca, a revirar os olhos, a ameaçar multos de morte, e amedrontar com turbalentos esgares e meneios os circumstantes; e ninguém suspeita que sem instincto da espirito divino elles profirão tão horrendas vozes. Ora se al-

guin dos a quem aquelle homem assim eivado agoirou desastre, passou por sinistro acontecimento, logo crém que aquelle agoiro cabe reportar como em castigo. São agasalhados com summa veneração, espadanão-lhes os caminhos, cantao-lhes versos a seu modo acompanhados com frautas, dansão-lhes bailes; trazem-lhes ao aposento moças formosas, humas d'ellas virgens, e outras já casadas, porque tem para si estes pobreses, que tudo lhes virá a seu desejo, se os tiverem azeitados. Não he dado entre elles casarem pais com filhas, nem irmãos com irmãs; com as mais mulheres se conjungem indiscriminadamente, e tambem as deixão se d'ellas se julgão aggravados. Matão-nas porém, ou as vendem como escravas, se as apanhão em adulterio. Não os pais, mas os irmãos tem poder nas filhas e as põem em venda quando bem lhes parece, e esta venda consiste em escambo por outras cousas, que moeda não a tem. São mui preguiçosos para o trabalho, e mui inclinados ao jogo, e descanso; todo o tempo que não empregão na guerra, o dão aos banquetes, ao canto e dansa sem teor algum. Toda a sciencia de sua dansa está n'huma roda, que vai sempre saltando, e no canto em huma nota monotona, que não sobe nem desce na entoação das coplas. Alli se recitão as proezas que na guerra

acabário, a que dão consummados elogios, e todas as canções tornão em applauso do esforço militar. O acompanhamento d'essa musica lho fazem elles assobiando e batendo com os pés. Andão em tanto os outros occupados a dar de beber aos danzantes, até que embragados cahem sem sentidos. Fabricão suas casas de madeira, e as cobrem de unidos colmos, e as circumvallão de dois e de tres muros, em razão das guerras em que de continuo lidão. Em huma só casa (porque são mui compridas), assistem muitas familias, porquanto se amão todos fraternalmente, e com gosto arrojjão a vida a todo e qualquer risco, por acudir a cada hum d'aquelles com quem vivem. Guerras nunca as comprehendem por defender ou dilatar suas fronteiras, mas sim por pundonor, quando concebem que serão aviltados por seus convizinhos, ou qualquer outra arredada nação. Nesse caso anciãos, que já na guerra esclarecerão seus nomes quando motos, entrão no conselho, e antes que deliberem, cada hum toma tanta bebida quanta seu animo lhe pede; e logo mettem suas forças e vontades a pôr por obra quanto á cerca da guerra e da paz foi pelos velhos decretado. Escolhem, como já dissemos, por general o acerrimo em seu conceito, honra de que subito o despojjão, se em alguma occurrencia teve o menor desar de

cobardia, e lhe substituem outro no seu posto. Vai o general de casa em casa convidando a todos com grandes gritos para a guerra, e avisando-os de como tem de se aviar para ella, e quanto lhes he necessaria a valentia. Só usão de arcos e flechas, mas com espadas tambem lavradas de madeira durissima, quebrão e fendem os membros dos inimigos. Tração frequentes emboscadas, e põem o ponto em acommetter de sobresalto os seus contrarios. Os prisioneiros de guerra, mórmente se velhos são, sem tardar os comem; os mais os prendem. A quantos dos seus na guerra perecerão fazem mui pranteados funeraes, em cuja celebração fazem o encomio de seu valor. Dão mui bem de comer a seus cativos, e até lhes dão mulheres para com elles dormirem, e quando chegão seus dias de festividade, atão com cordas hum prisioneiro de guerra, que lhes parece já bem nutrido e gordo, e antes que tudo a sua amiga em sinal de amor lhe lança hum corda ao pescoço e arrasta ao supplicio o seu querido. Cercão-no depois os homens que lhe garrotão braços, pernas e ventre, e atado a hum columna, o pintão de varias côres, e o enfeitão de plumas. E para não parecerem deshumanos, lhe relaxão as prisões, e louta e liberalmente o convidão com bebidas e manjares. Em tanto todos se põem a comer,

e a se engolfar naquella licor de que já fallamos. Salão depois, cantão e danção pateando, e neste jogo mui apparatuso empregão tres dias echeios até que, findado o triduo, desimpedido dos laços dos pés e das mãos, o conduzem a hum subterraneo, onde mulheres e meninos o tirão pela corda que lhe cinge o peito; o resto dos homens e mulheres lha atirão com limões e outras fructas, e o preso quantas d'ellas pode apanhar, as revira contra os que com ellas o magoairão. Em tanto bebe, e ao que parece mui contente, que bebida e comer não se lhe refusa, demonstrando em tudo não mediana alegria. Elles ao valentinho, e que como tal blazona, lançao injurias a hum sem numero de vituperios, e lhe dizem: «Homem muito malvado e muito facinoroso pagarás agora os males que fizeste, e vingaremos no teu sangue os males de quantos na guerra nos morrerão. Que temos de tirar-te a vida, despedaçar-te e comer-te assado.» Prompto me tendes (lhes responde), que o não haveis vós com hum cobarde, que esquivae o supplicio. Sempre me portei com brio em meus deveres, e se tendes de matar-me, já muitos de vós ás minhas mãos morrerão; e se de minhas carnes ides saciar-vos, já eu das carnes de muitos me saciei tambem. Tenho demais irmãos, tenho inda parentes, que certo estou não deixarão

impunida a minha morte. » E assim dizendo vai entrando no subterraneo, e logo aquelle, sob cuja guarda estava, entra com elle no mesmo subterraneo todo pintado pelo corpo, e o pescoço bem adereçado de plumas, vibrando em suas mãos huma desmedida clava, e vem cantando e assobiando em quanto a cegrimo. O preso põe todo o esforço em lha arrancar das mãos, mas em quanto faz lança a correr a esta parte, as mulheres e meninos que nas mãos tem o cabo da corda que o amarra, o tirão a si; e se volta a outro lado, da mesma sorte as mulheres lhe dão contrario torcimento. Tão amarrado o tem alli, que não pode dar passo do lugar em que se achia; então o valente gladiador o magoá a seu salvo, e o atenua a golpes da clava, até que por ultimo com hum, que á mão tenente lhe descarrega sobre a cabeça, lha fende, e os miollos lhe derrama. Corta-lhe depois as mãos, e vem logo as mulheres, que lanção o cadaver sobre o fogo, para que, queimado todo o pello, possa o corpo com mais aceio ser lavado. Aberto pelo ventre, lhe arrancão as entrañas e intestinos, depois o fuzem em chacina, e por não dizer mais mordem mui regaladamente naquellas carnes. Outros homens ha montanhezes e silvestres, que porfiadamente guerreiro com estes que habiõ barracas, e se

enlodão nos mesmos crimes e feridades (1). Nenhum delicto, senão o homicidio he punido entre elles; mas os mesmos proprios parentes do homicida são forçados de entregá-lo aos que em razão de commum consanguinidade tem acção de requerer-lhe a morte. Ora estes lhe dão garrote e o enterroão; e com muitas lagrimas e carpiduras de todos os parentes, celebrão as exequias de hum e outro defunto, e dão banquete, a que assistem, depositas as inimizades, todos os parentes. Se porém por algum accidente poude escapar o homicida, então suas filhas, ou suas irmans, ou já parentas, são entregues á serventia dos parentes do morto, com o que toda a desavença entre os dois bandos fica sepultada no olvido. »

He difficil formar huma ideia exacta dos antigos habitantes do Brasil, povoado de mais de 400 nações ou tribus. O que se pode deduzir do pouco que deixarão escripto com alguma individuação e clareza os antigos historiadores, e do que em tempos posteriores tem observa-

1 Algumas nações comião as crianças tomadas ao inimigo depois de as engordarem, e quando chegavam á idade de puberdade, entregando-as ás que providão da cohabitação das mulheres com os prisioneiros destinados a morrer. Ellas porreu muitas vezes fugillo com elles ou se fazião abortar.

do viajantes instruidos, he que o immenso contiueute comprehendido entre o rio Amazonas e o da Prata era habitado por homens de raça diversa, pelo menos duas ou tres, e falando dialectos de outras tantas linguas primitivas. Nas margens do Paraguay, assim como no Brasil, notavão-se duas raças mui differentes em estatura, côr e feições, huma quasi tão alva como os Europeos, de alta estatura e feições regulares, outra de estatura mais pequena, feições menos europeas e côr sula mais ou menos avermelhada. Nos costumes não differião menos. Huns erão rudes, anthropophagos, vivendo da caça e pesca, e dos fructos e raizes que a terra dá sem cultura, quasi nus, e com pouca barba e pello. Outros erão barbudos. Os *Omaguas* tinham a cabeça achatada de nascença, e ainda mais pela compressão do cranio das crianças. Havia nações que não comião os prisioneiros, e se davão á cultura da mandioca e de algumas plantas leguminosas, e se vestião de pelles de animaes: taes erão os *Carijós* que habitavão as bordas do rio Cananéa e São Vicente até ao Rio da Prata, e os *Omaguas*. A vista do character da physionomia de differentes raças como a dos Guaranis, Tupis, *Omaguas*, parece provavel que algumas das raças brasicas tinham vindo do Peru, Chili, e até da Patagonia, regiões habitadas por huma

raça de homena guerreiros de alta estatura, bellas feições e proporções, e còr branca, sem mistura da còr de cobre. Em quanto ás linguas, a pezar dos trabalhos dos Hespanboes, colligidos, analysados e comparados por Hervás, por Vater, e das noções dadas pelos sabios viajantes Spix e Martius, o principe de Neuwied, St. Hilaire, Eschewege etc., subsiste ainda grande obscuridade. A lingua *guarani* parece ser a mai do maior numero dos idiomas fallados pelos indigenas desde o Rio da Prata e Uruguay até á Guyana. O *tupi*, della derivado, he a base do idioma a que nós demos o nome de *Lingua geral brasilica*. Todavia existem muitos outros idiomas que não tem semelhança alguma com os radicaes guaranis, e pertencem a outras familias.

Os *Tapiniquins* que acolherão Cabral erão hum ramo da nação *Tupi*, assim como os *Tupinambas*, *Tupinaes*, *Cahetés*, *Carihós* ou *Carijós*, *Pitaguarea*, *Tabayares*, *Tamayos*. Os *Tapuyas* era a mais antiga e numerosa nação *brasilica*, e contava 76 povos d'ella emanados, entre os quaes são os *Aymorés* que os Portuguezes denominarão *Botocudos*, do pau em fôrma de botoque que trazem pendente do beijo. Cada tribu tinha seu chefe, e occupavão toda a costa desde a embocadura do rio da Prata até ao Amazonas, e no interior se

estendia muito a sua dominação. As tribus se tornaram hostis umas ás outras; isto suscitou guerras que reduziram muito a povoação, e acabaram por expulsar os que occupavam d'antes as costas. Os Tupis se apoderaram de toda a costa do Brasil quando os Tapuyas foram d'ella expulsados para o sertão, e se dividiram em 16 tribus, das quaes as principaes são : os Cahetés, os Caribós ou Carijós, os Pitagoyares, os Tabayares, os Tamoyos, os Tupinanabas, os Tupinaes, os Tupiniquins etc.

A pesar da diversidade dos povos que habitavam esta região, havia grande conformidade de usos e costumes entre elles. Quasi todos pintavam o corpo com urucu e outras plantas, usavam de arcos, flechas e clavas, viviam de caça, pesca, mel, milho, yucca, mandioca, e preparavam grande variedade de bebidas espirituosas fazendo fermentar diversos succos vegetaes, e o mel. Os homens tomavam mulher de 10 a 18 annos, e as raparigas casavam de 10 a 12, mas eram pouco prolificas, talvez por isso mesmo que em idade demasiado tenra começavam a conceber. Em geral os indigenas viviam largos annos, e frequentes exemplos de centenarios se encontram ainda hoje nas aldeias delles. Os viajantes affirmão que alguns attingiam 120 e até 140 annos de idade.

Posto que todos estes povos se achassem

HISTORIA

mui atzados em civilização, não todavia alguma industria. Acendão lume fazendo gyrrar rapidamente a ponta de hum pao secco no buraco de outro. A casca do *pao-estopa* lhe servia de isca. Alguns construíão, com bastante arte, cabanas de madeira e terra cobertas de folhas de palmeira, e macas mui curiosamente tecidas de *ambira* que suspendem aos ramos de arvores. Fazião machados de pedra nephritica ou jade, e machadinhas da casca da barriga da tartaruga, que afiavão sobre hum a pedra, e que fiavão em cabos de pao. Fazião cordas das fibras das folhas de hum especie de *bromelia*, do *pao-estopa*, do *pao de ambira*, do *ambira broma*, do *barriguedo* (*bambox*). Os Omaguas fabricavão alguns tecidos de algodão. Tinhão vasos de barro cozido, tecião cestos e cabazes de diversas plantas flexiveis, como folhas de palmeira. Cozião o pão de yucca em fornos. Muitos erão insignes na construcção de canoas e jangadas. Os arcos erão de ordinario de pao da palmeira *airi* que he duro e massiço; a corda he da fibra de *gravata* (*bromelia*). As frechas de seis pés de longo são de *taquara*, especie de canna nodosa e solida que cresce nas matas o em terrenos seccois, ou de outras plantas. As frechas de guerra tem a ponta feita da canna chamada *taquarara* (*bambusa*). Alguns usavão de lanços de pao

duro. As clavas erão arredondadas no punho e chatas na extremidade. A's vezes envenenavão as pontas das flechas. Muitos usavão de broqueis de anta, ou de pelle de jucaré. Fazião flautas de canna, e trombetas do osso semur do homem, ou de cornos de animaes. Huma nação queimavão os cadaveres com todos os móveis que tinhão pertencido ao morto; outras os mettiao acorados em grandes vasos de barro; outros os enterravão ao pé de grandes arvores com diversas ceremonias e ritos. Os Guayacurus os enterrão em cimiterios compostos de galerias cobertas de juncos. Não era conhecido no Brasil quadrupede algum semelhante ao *lhama*, *alpaco* ou *guaco*, e só diversas especies de gamos.

Contavão por luas, e tinhão algum conhecimento das constellações correspondentes aos quatro pontos cardinaes. Entre algumas nações conservão-se vagas tradições da vida de homens brancos do oriente, que evidentemente tiravão a sua origem do Peru, ou do Mexico. He de notar que as testas achatadas e cabeças alongadas dos Omaguas tem grande semelhança com as figuras representadas nos antiquissimos templos de Guatemala. A lingua dos Omaguas do Peru tem a maior analogia com o Guarani.

O estudo de infancia que caracterisava todas

as nações que habitavão a America occidental e meridional, a falta total de restos de monumentos antigos, assim como a de crepças religiosas, de todo e qualquer culto, e a simplicidade das linguas cujos vocabulos não exprimem senão objectos sensiveis e affectos do animo, ou sons imitativos; tudo attesta que esta vasta região separada do Peru por vastas campinas desertas, por altissimos montes e densas florestas, não teve communicação com os povos civilizados da costa oriental; e se alguma emigração se effectuou de lá para o Brasil e Paraguay, foi anterior ao progresso da civilização das nações Peruvianas, e outras orientaes.

Relativamente á religião, he incontestavel que os mais dos indigenas não tem culto algum, nem adorão o Sol, a Lua e os astros, nem cogitão de causas invisiveis dotadas de energia intellectual. Hum amigo meu que viveo bastante tempo entre os Cahetés do Pará, cuja lingua fallava correntemente, me assegurou que não achara entre elles o menor indício de crença religiosa, ou de usos supersticiosos. Parece comtudo que algumas nações tinham ideias vagas da persistencia da alma depois da morte, e de hum principio bom e outro mau; alguns reverencião a lua, a que attribuem o trovão, o raio e relampagos e mil outras influencias. Barlow diz que os Tapuyas

admittem hum inferno onde são castigadas as almas dos maos, e o collocão ao occidente (como os antigos Egypcios), e admittem hum Elyseo onde as almas dos bons vivem folgadamente de mel e de peixe. Entre muitas d'estas nações havia feiticeiros adivinhos, que erao ao mesmo tempo curandeiros. O fumo do tabaco respirado era o mais poderoso remedio usado entre elles.

Dizem alguns autores que os Pagés do lapuru affirmavão que o sol se não movia, e que a terra he que gyrava em torno d'elle. Se he verdade esta asserção, parece prova de antiga communicação com alguma nação mui adiantada em astronomia. Hoje he bem sabido que os antigos sabios Egypcios conhecião o verdadeiro systema do mundo. Se em tempos remotos houve communicações entre as nações do antigo mundo e a America, como parece provavel¹, he de crer que tiveram lugar nas costas septentrionaes e occidentaes daquelle continente, e na costa oriental d'elle, e que o Brasil não foi visitado antes de fins do seculo XIV^o.

¹ He hoje bem sabido que os navegantes da Noruega visitarão parte das costas septentrionaes da America, no principio do x^o seculo. Na mesma epocha alguns Mouros residentes em Lisboa navegáão até ás ilhas Açores, e de lá attingião diversas ilhas da America.

CAPITULO III.

Estado do Brasil desde 1430 ate 1580.

1530. *Estado do Brasil segundo Herrera.*

—A costa do Brasil, em 1530, estava dividida em nove capitánias. A primeira a da ilha de *Itamaracá*; tem tres legoas de comprimento e duas de largo, e a sua jurisdicção se estende a 55 legoas ao longo da costa. Encerra perto de cem casas e alguns engenhos de assucar. 2°. *Pernambuco*, 5 legoas ao sul de *Igararacá* pelos 8° lat. sul, contém duas cidades, Olinda e Garasú (*Iguarassú*), situadas a 4 legoas huma da outra; contém cousa de 1000 famílias e 23 engenhos de assucar, cujo producto annual he de 250:000 arrobas. 3°. *de todos os Santos*, a costa de 100 legoas de Pernambuco, em 13° de latitude sul, onde reside o Governador, o bispo e o auditor geral da toda a costa. Esta capitania encerra duas cidades portuguezas, a saber Villa-Ve-

¹ Herrera. Dec. IV, lib. viii, cap. 12 *De la descripcion de la costa del Brasil i cosas de ella.*

ilha, a mais antiga da capitania perto da barra de São Salvador, fundada por Thome de Souza; e a cidade de Paripé a 4 legoas no interior, cuja povoação he de 1100 familias: tem 18 engenhos de assucar, mas dão-se de preferencia á cultura do algodão. A cidade tem 5 igrejas e hum collegio de Jesuitas. 4°. A capitania dos Ilheos, distante 30 legoas da Bahia de todos os Santos, na latitude de 14° 40'; tem huma povoação de 100 familias, hum collegio de Jesuitas e 8 engenhos de assucar. 5°. A capitania de *Porto-Seguro*, a 20 legoas dos Ilheos em 16° 30' de latitude. Compreheende tres cidades: Santo Amaro, Santa Cruz, e Porto-Seguro, com huma povoação de 220 familias. Tem hum casa de Jesuitas e 5 engenhos de assucar. 6°. A capitania da *Espirito Santo*, a 50 legoas de Porto Seguro, em 20° de latitude, habitada por 200 familias que cultivão o algodão. Tem hum só engenho de assucar e hum collegio de Jesuitas. 7°. A capitania do *Rio de Janeiro*, na latitude de 23° 20' tem 200 casas, a cidade de S. Sebastião, hum só engenho de assucar, e hum casa de Jesuitas. 8°. *S. Vicente*, a 70 legoas do Rio de Janeiro, na latitude de 24° contém tres cidades, 800 casas, quatro engenhos de assucar e hum forte na ilha denominada Britioga (*Beilioga*), proxima ao continente, para proteger os estabelecimentos

contra os Indios e os piratas. A principal cidade he Santos, onde ha huma casa de Jesuítas.

Nem Herrera, nem Pedro de Magalhães Gaudavo, o mais antigo historiador do Brasil, fallão na nona capitania. O segundo conta oito capitánias, mas omitta a de Pedro de Goes. O celebre João de Barros, hum dos primeiros donatarios, diz que o Brasil fôra dividido em 12 capitánias, cujos nomes não refere.

A historia conserva os nomes de nove donatarios, a saber: João de Barros, Duarte Coelho Pereira, Francisco Pereira Coutinho, Jorge de Figueiredo Corrêa, Pedro do Campo Tourinho, Vasco Fernandes Coutinho, Pedro de Goes, Martim Afonso de Sousa, e seu irmão Pedro Lopes de Sousa.

Decorrerão trinta annos depois do descobrimento do Brasil sem que o governo portuguez se occupasse de o colonisar, pondo todo o seu fto na India. Os Francezes aproveitando-se d'esta incuria, estabelecerão povoações na proximidade da costa; e os Hespanhoes formarão estabelecimentos nas margens do Paraguay. Emfim D. João III resolveo dividir o territorio do Brasil em capitánias hereditarias, instituidas a favor de fidalgos ou outros particulares que se haviam distinguido pelos seus serviços na India. Estas capitánias comprehendião de 50

a 60 legoas de costa, e podião estender-se indefinidamente para o sertão. Conforme ao plano de colonisação que tinha prosperado na ilha da Madeira e nos Açores, os donatarios tinhão poderes illimitados, tanto em materias civis como crimes. Elrei se reservava o dizimo dos productos, e o direito de cunhar moeda.

Por hum alvará de 20 de Novembro 1530, Martim Affonso de Sousa, do conselho d'elrei, foi nomado *Governador da America Lusitana*, ou *Terras Brasilianas*, para alli construir fortificações, e distribuir terras aos colonos. Os seus poderes suspendêrao ou limitárão os que havião sido concedidos aos donatarios das diferentes capitánias. O doutor Pedro Borges foi nomeado Ouvidor-geral, para registrar os actos de todas as capitánias, e Antonio Cardoso de Barros, Procurador da fazenda.

Martim Affonso de Sousa, fez-se á vela de Lisboa nos fins de 1530, e abordou ao Cabo Santo Agostinho. Para explorar o terreno, desembarcou perto da ponta elevada chamada *Pão d'assucar*, em huma pequena praia chamada *Porto do Martim Affonso*, e depois *Praia Vermelha*. Seguindo a costa, entrou na Bahia de Todos os Santos, onde tomou dois navios francezes. João de Sousa, capitão de hum dos navios da expedição foi expedido a Lisboa para annunciar esta preza a Elrei. Prolongando a

costa na direcção do sul tomou refresco em Porto-Seguro, e depois descobrio a bahia de Santa Luzia, a que poz o nome de *Rio do Janeiro* porque entrou no porto no primeiro d'este mez 1531. Os Tamoyos a denominavão *Nhiteroi*, que significa *mar morto*. Levando ferro navegou ao ocete, e a quatro legoas de distancia descobrio a barra de *Tojuca*, e quasi na mesma distancia, a de *Guaratiba*. Continuando a custear foi ter á ilha *Marambaia*, de cinco legoas de extenção, e á *Ilha grande*, em 25° 19' de latitude. Entre esta ultima ilha e o Morro de Marambaia entrou a 6 de Janeiro com a armada em huma enseada de duas legoas de largo, e lhe deu o nome de *Angra dos Reis*. Subindo d'ella passou a de *Cairuçú*, d'alli á *Ilha dos Porcos*, seguiu viagem até á *Enseada dos Maramomis*. Mais adiante em latitude de 25° 48' descobrio a 20 do mez huma ilha que appellidou de S. Sebastião. Oito legoas mais adiante chogou no dia 22, á embocadura de hum rio com fundo sufficiente para admitir navios de mediana porte. Denominou-o *Rio de S. Vicente*, em honra do padroeiro da colonia.

A ilha de S. Vicente sendo mais favoravel á cultura, Sousa transportou para ella os colonos, em 1531, com todo o gado, e lançou os primeiros fundamentos de humma cidade denomi-

nada S. Vicente, e destinada a ser a cabeça da capitania.

Esta capitania comprehendia 100 legoas de costa, e se estendia do rio Macabé até a 12 legoas ao sul da ilha de Cananéa, onde estava situada a barra de Paranaguá, excepto huma superficie de 10 legoas comprehendidas entre o rio *Curupau* (*Juquiriqueré*), e o de S. Vicente.

Os Goyanazes, senhores então d'aquella parte da costa, tinham já ajuntado todas as suas pirogas para resistirem aos invasores, quando d'esse intento forão dissuadidos pela influencia de hum portuguez chamado João Ramalho, que tinha sido lançado na costa pela expedição de Gonçalo Coelho. Em premio dos uteis serviços feitos aos indigenas, este homem tinha casado com a filha de *Tebireça*, chefe, o mais poderoso d'esta nação que habitava as planicies de Piratininga, e negociou hum tratado de alliança perpetua entre esta tribu e os Portuguezes.

Tendo provido á segurança da nova cidade, e á da *Conceição*, o governador proseguio a sua navegação para explorar a costa até ao Rio da Prata, onde chegou no primeiro de Dezembro. Entrou neste rio, e navegando por elle arriba por espaço de alguns dias, perdeu algumas embarcações nos baixos. Não havendo en-

contrado estabelecimento algum hespanhol, voltou á sua colonia, que em pouco tempo se tornou florecente. Fez vir da Madeira a canna doce, e estabeleceu o primeiro engenho de assucar; outros se elevárão logo á imitação do primeiro. Mandou 80 homens ao sertão para descobrir minas, e tomar posse da sua capitania; mas todos foram mortos pelos indios Carijós. Felizmente os Goyanazes, vizinhos dos Tamayós, não obstavão ao progresso da colonisação, e vivião em boa intelligencia.

Martim Affonso chamado á côrte por elRei, foi nomeado Governador da India. Entretanto S. Vicente continuou a prosperar. De volta a Portugal, onde foi nomeado conselheiro d'estado, enviou muitos colonos ao Brasil, e promoveo o estabelecimento de novas plantações e engenhos de assucar, assim como o transporte de diversas mercadorias para trato mercantil. Seu filho Pedro Lopes lhe succedeo na capitania.

1551. *Capitania de Paratiba ou Parahiba*, ou de *São Thomé*. Pedro de Goes, fidalgo de grande merecimento, tinlia acompanhado Lopes de Sousa ao Brasil. Encantado da belleza da terra, pediu o obteve a concessão de 50 legoas de costa, partindo da capitania de Coutinho, e sem poder estender-se além dos baixos de Pargos, ainda no caso de não estarem pre-

enchidas as 50 lagoas. Esta concessão estava comprehendida entre a capitania de São Vicente e a do Espirito Santo.

Goes armou navios á sua custa, ajuntou colonos e tudo quanto podia contribuir ao bom exito da sua empreza, e desembarcou na foz da Parahyba onde se fortificou e lançou os fundamentos de huma cidade. No cabo de dois annos passados em paz com os Goytacazes, estes povos se tornãrão hostis e não cessarão de assaltar os colonos durante o espaço de cinco ou seis annos, usando de mil estratagemas para destruir a cidade. Muitos colonos perdêrão a vida nestes ataques repetidos; os outros, pedecendo da falta de viveres, instarão com o governador para que abandonasse a colonia. Elle, não recebendo reforços, vio-se obrigado a consentir, e embarcou-se para a capital do Espirito Santo, a bordo de huma das caravelas que lhe expedia Vasco Fernandes Coutinho.

Depois d'este desastre, Pedro de Goes, voltou a Portugal, mas logo regressou ao Brasil com o titulo de capitão-mór, acompanhado por Thomé de Sousa, a quem ajudou a fortificar e povoar a cidade de S. Salvador. Goes tinha não só dispendido todo o seu cabedal na formação da sua colonia, mas até ficou endividado de alguns mil cruzados a Martim Ferreira.

1531 e 1540.—*Capitania da Bahia.* Esta ca-

pitania que se extendia desde a ponta do Padrão (S. Antonio) e o Rio S. Francisco, foi concedida por D. João III, a Francisco Pereira Coutinho, em recompensa dos serviços que elle fizera na India, e lhe ajuntou depois todo p. Reconcavo.

Coutinho, tendo armado á sua custa alguns navios em Lisboa, se embarcou neste porto, levando consigo grande numero de colonos, de soldados e aventureiros para fundar hum estabelecimento duravel. Depois de hum feliz viagem aportou á Bahia, desembarcou na ponta do Padrão, e se fortificou em hum lugar chamado depois *Villa Velha*. Os primeiros annos se passaram sem hostilidades da parte dos indigenas; varias plantações se fizeram, e alguns engenhos de assucar. Mas no fim d'este tempo os Tupinambas atacarão os estabelecimentos e continuarão a guerra durante sete ou oito annos. Finalmente o chefe da colonia tendo perdido o seu filho bastardo, e os colonos soffrendo de doenças e de escassez de viveres, se embarcou com a gente que lhe restava a bordo de duas caravelas, e se dirigio á capitania vizinha dos Ilheos, onde os Portuguezes debaixo da direcção de Jorge de Figueiredo, vivião em paz com os Tupiniquins.

Depois da sua partida os Tupinambas, arrependidos do seu procedimento, o convidarão

a voltar, e elle tendo feito hum ajuste com alguns dos chefes, embarcou-se com os seus colonos a bordo das suas caravelas. Estando já perto da entrada da Bahia de Todos os Santos, foi acolhido por hum temporal, que o fez encalhar nos baixos da ilha de Itaparica. Todos os que escaparão do naufragio, e puderão ganhar a costa, forão mortos e devorados pelos Tupinambas, excepto Diogo Alvares da Cunha, ou Diogo Alvares Corrêa, segundo o autor da *Corographia Brasilica*, appellidado *Caramurú*, o qual fallava a lingua dos indigenas, e que tinha acompanhado Coutinho na sua fugida.

Segundo alguns historiadores portuguezes e estrangeiros, Diogo Alvares Corrêa, natural de Viana, indo buscar fortuna á India, foi lançado por hum temporal na costa do Brasil, e o seu navio naufragou nos baixos ao norte da barra da Bahia. Parte da tripolação morreu; os outros havendo ganhado a costa, forão devorados pelos Tupinambas, excepto Corrêa, o qual tendo salvado huma espingarda e alguns barris de polvora, e matado hum passaro a tiro diante dos selvagens, estes cheios de admiração exclamarão *Caramurú*, isto he, *homem de fogo*, nome que elle conservou depois d'este successo.

Caramurú lhes ensinou o uso do ferro, que tirou dos destroços do navio. Marchou com

elles contra os Tapuyas, os quaes fugirão á vista da sua temivel armia, que reputavão sobrebatural. Desde então adquirio grande preponderancia; os chefes lhe offerecêrão suas filhas em casamento, e penetrado de reconhecimento, deo a esta magnifica bahia o nome de *São Salvador*, e escolheu para se estabelecer o sitio onde depois foi fundada *Villa Velha*. Estava occupado em construir alli cabanas e pequenas barcas dos restos do navio naufragado, quando hum navio francez aportou alli, expedido de Dieppe para commerciar. Corrêa se embarcou para França neste navio levando consigo a sua esposa favorita *Caramurú-Assu*; foi bem acolhido do rei Henrique II e da rainha Catherina de Medicis, os quaes a fizeram baptizar debaixo do nome de Catherina Alvarres. Esta potencia querendo ter parte no commercio do Brasil, nomeou Caramurú chefe de huma expedição mercantil de dois navios para a costa da Bahia, onde aportou com grande satisfação dos Tupinambas.

Alguns historiadores dizem que á sua chegada a Padrão, Coutinho recorreo a Caramurú, que se dava inteiramente á civilisação; mas concebendo ciumes d'elle o fez prender e conduzir ao seu navio. A mulher de Caramurú, julgando-o morto, armou toda a sua nação e a dos Tamoyos seus vizinhos contra os Portu-

guezes; o que obrigou Continho a soltá-lo.
1532. — *Capitania de Santo Amaro, e d'Itamaracá.* D. João III, informando que os Francezes tinham feito hum forte em Itamaracá, guardado de 100 soldados, e que os seus navios vinham buscar pau brasil a esta ilha e no continente vizinho, expedio huma esquadra ás ordens do capitão-mór Pedro Lopes de Sousa, para expulsar os Francezes e todós os estrangeiros que se achavão na *Nova Lusitania*, ou que commerciavão nos portos.

No mesmo tempo, elRei concedeo a este capitão 50 legoas de costa, em duas porções differentes, em vez de huma só, em conformidade do seu peditorio; a saber: Santo Amaro que confinava com S. Vicente, e Itamaracá, lugar o mais proximo da linha que separava Pernambuco da Parahyba. Lopes armou alguns navios, partio de Lisboa e desembarcou em S. Vicente. Depois de varios combates contra os Petiguares, que rechaçou,

* Na igreja dos Bentos, no suburbio de Victória lê-se a inscripção seguinte: Sepultura de D. Catharina Alvarez, senhora d'esta capitania da Bahia, a qual ella, e seu marido Diogo Alvarez Correa, natural de Viana derão aos senhores reys do Portugal: Fex e deu esta capella ao patriarca S. Bento, anno de 1582.

* Herrera, Dec. V. lib. viii. cap. 8.

estabeleceo duas colonias, humã de que *Santo Amaro* foi a capital, a outra na ilha de Itamaracá, separada do continente por hum canal. Dispendeo muitos mil cruzados nestes estabelecimentos, que não disfrutou muito tempo, havendo perdido a vida em hum naufragio no Rio da Prata. Quarenta annos depois da fundação da colonia d'Itamaracá, toda a povoação da ilha não excedia 200 familias, e não havia senão tres engenhos de assucar.

1534 e 1535. — *Capitania de Pernambuco. Fundação da cidade de Olinda.* E Rci D. João III em recompensa dos serviços de Duarte Coelho Pereira, lhe concedeo a capitania de Pernambuco, comprehendendo 50 legoas da costa desde a embocadura do Rio S. Francisco no nordéste até Itamaracá, limitada pelo Igarapé. Humã feitoria que se tinha estabelecido nesta capitania foi tomada por hum corsario de Marselha, que deixou alli 60 homens de guarnição. Mas na viagem que fez para voltar a França foi apresado pelos Portuguezes, que não tardarão em expulsar os Francezes d'esta costa.

Coelho armou alguns navios nos quaes se embarcou em Lisboa com sua mulher, filhos

* Pernambuco he corrupção de *Parená luco*, que na lingua dos Cabetes significa *excavado pelo mar*.

e grande numero de parentes e amigos, acompanhados igualmente de suas familias. A' sua chegada ficou tão encantado com o aspecto da terra, que exclamou: *oh que linda situação para se fundar huma villa!* Daqui veio o nome de Olinda (ó linda) fundada por elle. Durante alguns annos vio-se obrigado a defender-se contra as incursões dos Cahetés, tribu numerosa e barbara que occupava toda esta costa e 50 legoas no interior, e tinha feito alliança com os Francezes que alli vinhão commerciar. Coelho foi atacado na cidade, perdeu alguma gente e foi mesmo ferido; mas o seu valor triumphou, e conseguiu rechazar os Cahetés, fortalecendo-se por huma alliança que fez com os Tabayazes.

A formação d'estê estabelecimento custou muitos mil cruzados a Coelho; mas colheo bom fructo d'elle, deixando 10:000 cruzados de renda a seu filho, procedente da cultura e fabricação do assucar, e da pesca.

1534.—*Capitania do Espirito Santo.* Esta capitania vizinha da de Santo Amaro, e comprehendendo 50 legoas de costa, foi dada por D. João III a Vasco Fernandes Coutinho em remuneração dos serviços militares que tinha feito na Asia. Depois de haver disposto tudo o que convinha, fez-se á vela de Lisboa com 60 soldados da casa real, e aportou com a sua frota

a humna bahia a 60 leguas do Rio de Janeiro. Alli desembarcou, e com o pequeno numero de homens que levava, expulsou os Goyanazes que occupavão a terra, e lançou os fundamentos de *Nossa Senhora da Victoria*, chamada depois *Vilha Velha*. Fez construir hum forte, e voltou á Europa a buscar novos colonos. Entretanto os colonos se derão á agricultura, plantarão vinhas e cannas, e estabelecerão quatro engenhos de assucar; mas os Goyanazes renovarão as hostilidades e matarão em hum combate Jorge de Menezes, que Coutinho tinha nomeado capitão durante a sua ausencia. Auxiliados pelos Tupiniquins obrigarão os colonos capitaneados por Simão de Castello Branco a se retirarem para as margens do rio Circaré. Os selvagens destruirão os engenhos e plantações e matarão muita gente. Finalmente os colonos não tendo forças para resistirem aos ataques dos Indios se refugiarão na ilha de Duarte de Lemos, e se dispersarão por diversas capitánias. Quando voltou, achou Coutinho o seu estabelecimento abandonado. Depois de varios esforços para repellir os indigenas, vio-se em tal aperto por escassez de gente e munições, que estava a ponto de se embarcar quando lhe chegou hum reforço mandado por Mendo de Sá, governador da Bahia. Com estas forças atacarão os Indios, e a principio os repellirão,

mas elles voltarão, e renovarão a peleja com tal furia, que obrigarão os Portuguezes a acolher-se ás suas embarcações em debandada, deixando muitos mortos, entre os quaes se achava Fernão de Sá, filho do Governador.

Coutinho havendo esgotado todo o seu haver no estabelecimento da colonia, vio-se reduzido a pedir esmola. Seu filho e successor viveo ignorado e pobre na capitania de seu desgraçado pai.

1534. — *Capitania de Porto Seguro*. Esta capitania que demarcava com a de Jorge de Figueiredo Corrêa, e se extendia para o sul, comprehendendo 50 legoas de costa, foi concedida por D. João III a Pedro de Campos Tourinho, natural de *Viana da Foz do Lima*, homem nobre, e perito na navegação. Partio de Viana com sua mulher Inês Fernandes Pinto, seu filho Fernão de Campos, e alguns parentes, amigos e outras pessoas. Aportou a Porto Seguro e se fortificou no mesmo sitio onde depois foi assentada a capital da provincia. Achou alli alguns Portuguezes que habitavão a terra havia 30 annos, e que de mulheres americanas tinham filhos mestiços denominados *mamelucos*. Hum dos dois degradados que Pedralvares Cabral tinha deixado alli em 1500, servio de interprete. Os Tupiniquins, que habitavão entre os rios Camamu e Circaré, se oppozerão ao

estabelecimento; pozêrão-lhe cerco e matãrão alguma gente, mas depois fizerão a paz. Tourinho cuidou então em augmentar a colonia, e as cidades de Santa Cruz e Santo Amaro, que acabava de fundar, a primeira na bahia *Cabralia* e a outra huma legoa ao sul de Porto Seguro. Os indigenas ajudarão nos trabalhos da agricultura. Dentro de pouco tempo esta colonia começou a expedir para Lisboa navios carregados de assucar e pao brasil.

1535-1536. *Capitania do Maranhão*. Esta capitania concedida a João de Barros, comprehendia, como as mais, 50 legoas de costa, a partir dos limites da de Itamaracá. O donatario associou-se com Fernando Alvares de Andrade e Ayres da Cunha, para estabelecer huma bella colonia. Armazão á sua custa em Lisboa dez navios, a borda dos quaes embarcãrão 600 homens e 113 cavallos, e todo o provimento necessario para formar o estabelecimento de que os dois filhos de Barros devião tomar a direcção. A frota capitaneada por Ayres da Cunha chegou á visita da ilha do Maranhão, e alli naufragarão todos os navios nos cachoeiros e baixos que a cingem. Algumas pessoas escaparão e se refugiãrão na ilha do *Medo ou Boqueirão*, á entrada da bahia, mas não achando o sitio proprio para assentar huma colonia, voltãrão a Portugal no primeiro navio que se lhes offereceo.

Os dois filhos de João de Barros tinham escapado do naufrágio, e se haviam refugiado em humilha na embocadura do rio; alli permanecerão alguns annos, mas não puderão communicar com Pernambuco nem com as mais capitánias. João de Barros mandou alguns navios ao soccorro dos filhos, mas chegarão quando estes tinham abandonado a ilha, e encaminhando-se ao longo da costa cahirão nas mãos dos Pitiguares e foram mortos por estes Indios. Na foz do *Rio Pequeno*, chamado *Basilique* pelos indigenas, a 3 legoas do *Rio Grande* pelos 5° 1/3 de latitude. O autor do *Roteiro Geral* attribue a morte dos filhos de João de Barros aos conselhos dos Francezes que então vinham carregar alli pao brasil, mas he supposição gratuita, e sem fundamento. Barros tinha dispendido bastante cabedal sem proveito, e ficava ainda devendo á corôa 600:000 réis por artilharia e munições, que lhe foram perdoados por El-rei D. Sebastião. A perda de seus filhos e da fazenda fez renunciar Barros á capitania, que foi dada a Luiz de Mello da Silva.

1540. *Capitania dos Ilheos*: Esta capitania assim chamada de tres ilhetas situadas na embocadura do principal rio d'ella, foi concedida a Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão da fazenda, e comprehendia 50 legoas de costa, partindo da Bahia do Salvador. Corrêa não po-

dendo em razão do seu cargo transportar-se á capitania, enviou Francisco Romero, cavalheiro castelhano, com alguns navios e colonos para tomar posse d'ella. Este desembarcou no porto de Tinharé, e assentou a colonia na altura chamada *Morro de S. Paulo*; mas pouco satisfeito do sitio, escolheu outro na emboccadura do rio dos Ilheos que elle vinha de descobrir, e alli lançou os fundamentos da cidade dos Ilheos, ou de S. Jorge, assim nomeada em honra do proprietario. Nos primeiros annos teve que se defender contra os Tupiniquins, com quem depois assentou pazes. O filho do donatario, com o beneplacito regio, vendeo a sua capitania ao Florentino Lucas Giraldes, que estabeleceo nella oito ou nove engenhos de assucar, que mais tarde forao destruidos pelos Aymores, que matárão parte da povoação: o resto se acolheo á Bahia, em 1570.

1530 a 1532. *Guilherme Hawkins* de Plymouth, pai do cavalheiro João Hawkins, fez duas viagens ao Brasil, em hum navio de 250 toneladas e duas outras embarcações mais pequenas. Na sua segunda viagem trouxe consigo hum chefe Indio que foi apresentado ao rei Henrique VIII, no palacio de Whitehall.

1539. *Expedição de Luis de Mel'o da Silva*. Havendo João de Barros renunciado aos seus direitos sobre o Maranhão, D. João III fez mercão

d'esta capitania a Luiz de Mello, e lhe deu tres navios e duas caravelas para penetrar pelo rio Amazonas, até ás minas, a léste do Perú. O novo donatario fez-se á vela, e chegando perto dos baixos onde os navios de Ayres da Cunha tinham naufragado (que se suppõe ser as *Atins* ou *Coroa grande*), teve a mesma sorte. Perdeo todas as embarcações, á excepção de huma caravela a bordo da qual voltou a Lisboa.

1539. *Viagem de descoberta de Francisco Orellana no rio Maranhão* que elle tinha chamado *Rio Orellana*. Gonçalo Pizarro havendo sido nomeado governador da provincia de Quito por seu irmão, o marquez D. Francisco Pizarro, tentou fazer a conquista de hum paiz chamado *Terra da Cannella*. Com este intento partio de Quito em fins de Dezembro 1539, com 400 Hespanhoes, 4000 Indios que levavam a bagagem, e 4000 cabeças de gado, vacas, carneiros, porcos, para sustento da gente; dirigindo-se ao norte entrou no paiz de Quixas, e d'alli no val de Zuinaque, a 100 legoas de Quito, onde achou D. Francisco Orellana, fidalgo de Truxillo, em Hespanha, que se associou com elle para descobrir outro Perú. Entrarão ambos com 100 soldados e alguns Indios na provincia de Coca cujo Cacique lhes fez bom agasalho, e lhe deu informações á cerca de hum rio muito maior que o Coca, o qual cortava ter-

ras fertilissimas, e cujos habitantes trazião o corpo coberto de chapas de ouro. Encantado d'esta nova, Gonçalo, tendo ajuntado toda a sua tropa e gente da comitiva, depois de alguns dias de descanso, poz-se em marcha seguindo a borda d'agua por espaço de 43 dias, sem achar viveres nem meios de atravessar o rio, até que deparou com hum lugar em que, estreitado entre dois rochedos não offerecia mais que 20 pés de largura. Lançou alli huma ponte, sobre a qual fez passar a sua gente. Todavia na outra margem o caminho não era melhor, nem a terra mais fertil. Os mantimentos cada vez escasseavão mais; isto o decidio a fazer alto no confluyente dos rios Napo e Coca, chamado *la Junta de los Rios*, para construir hum bergantim destinado a levar os doentes e 100:000 arrateis de ouro que possuia; confiou o commando d'esta embarcação a Orellana, dando-lhe ordem de se não arredar d'elle; mas vendo-se mui falto de viveres ordenou-lhe que fosse em busca d'elles. Orellana ganhou o meio do rio Coca, e adiantou-se 100 legoas em tres dias levado pela corrente, sem carecer de véla nem de remos, e foi ter ao grande rio, que havia tempo se buscava em vão. Deide logo resolveo segui-lo até ao mar, e começou a haver-se como chefe, declarando que devia tudo a si proprio e ao rei, e nada a Gonçalo Pizarro. Hum

religioso e hum fidalgo que ousarão fazer-lhe representações contra tão desleal procedimento, forão postos em terra sem viveres nem armas. Os soldados o reconhecerão por chefe; então desembarcou para procurar mantimento, e conhecer os habitantes, e deo ao grande rio o nome de rio de Orellana. Foi atacado pelos indigenas com grande coragem, e havendo notado que as mulheres combatião com valor varonil, aproveitou-se d'esta circumstancia para fazer acreditar que tinha descoberto o paiz das Amazonas. Tal he a origem do nome improprio dado ao rio Maranhão.

Proseguindo sua viagem encontrou povos menos guerreiros; alguns d'elles mui pacíficos lhe derão mantimentos em abundancia. Orellana valeo-se da oportunidade favoravel para construir hum bergantim maior, no qual se embarcou, e depois de alguns dias de navegação attingio o mar, e costeando o Cabo do Norte foi demandar a ilha da Trindade onde comprou hum navio, em que passou a Hespanha. Depois de huma residencia de sete annos na Côrte de Madrid, obteve do imperador Carlos V tres navios para voltar ao paiz d'onde viera, para tomar posse d'elle em nome d'este principe, e erigir alli fortes e cidades. Partio com effeito; mas chegado á altura das Canárias, perdeu parte da tropa que levava por

doença, que continuou a ser fatal ás tripulações até ás ilhas de Cabo Verde. Chegou á embocadura do Amazonas onde abandonou dois dos navios, e em breve vio-se obrigado pela continuada perda de gente a conservar só dois grandes barcos com os quaes tentou em vão penetrar pelo rio. Foi lançado sobre a costa de Caracas, depois sobre a ilha de Margarita, onde perdeu o ultimo companheiro, e morreu pouco depois de pezar e de doença.

1540.—*Expedição ingleza á Costa do Brasil.* Os negociantes inglezes de Southampton, Roberto Reniger, Thomás Borey e outros fizeram huma viagem mercantil proveitosa á costa do Brasil. Outro negociante denominado Pudsey, partiu do mesmo porto em 1542, e construiu hum forte junto á Bahia.

1540 a 1545. — *Viagem de Alvaro Nunes Cabeça de Vaca.* Este official mandado por Carlos V a fazer novas explorações, tomou posse da ilha de Santa Catherina, e alli formou o projecto de huma viagem da costa vizinha até Buenos-Ayres. Expedio hum navio com parte da sua gente ao Rio da Prata, mas não lhe foi possível abordar em razao da opposição dos Indios. Entao partiu elle mesmo, e depois de se demorar algum tempo na ilha de Martim Garcia, entrou pelo rio Itabucú a 20 legoas de Santa Catherina, e desembarcou com a sua

gente bem armada na margem septentrional do Rio da Prata; atravessou altos montes, e rios que encontrou em huma extensão de 100 legoas de terras desertas antes de chegar aos primeiros estabelecimentos chamados *del Campo*, habitados por diversas nações, comprehendidas todas debaixo do nome de *Guaranis*, que significa guerreiro. Fez hum commercio proveitoso escambiando as suas fazendas por prata e outros generos, e denominou o paiz *Provincia de la Vera*; embarcou-se por fim e seguiu a corrente do rio, passou á banda opposta, e foi tomar posse do governo de Buenos Ayres.

1546. — A villa de Santos situada na costa septentrional da ilha de S. Vicente, provincia de S. Paulo, pelos 23° 56' de latitude, foi erigida em cidade.

1548. — Opprimidos pelos colonos de Pernambuco, os Cahetés tomáram as armas, e cinco d'elles vierão atacar o estabelecimento portuguez, situado a seis legoas ao norte de Olinda, e a duas milhas da embocadura do Aguarassu. Estava cercado de huma estacada, e defendido por 90 europeos e 30 negros escravos. Os Indios empregáram todo o genero de ardis para reduzir os sitiados pela fome, e lançando frechas accensas para incendiár o forte; mas no cabo de hum mez vendo baldados to-

dos os seus esforços, fizeram a paz e se retiraram. Hans Stade, natural da Hesce, ajudou muito a defender o forte de Iguarassu como artilheiro. Este homem havia sido prisioneiro dos Tupinambas cuja historia escreveo; tinha passado a Portugal com tenção de se embarcar para a India, mas aceitou o posto de artilheiro a bordo de hum navio tripulado por degradados, e destinado a aprezar os navios francezes que commerciaão na costa do Brasil. Chegou a Pernambuco a 28 de Janeiro 1548, com 88 dias de viagem.

1549. — *Expedição de Thomé de Sousa nomeado governador geral do Brasil. Fundação de S. Salvador.* Depois da morte de Coutinho, o territorio da Bahia tinha ficado devoluto. el-rei D. João III informado da fertilidade da terra, resolveo mandar Thomé de Sousa filho bastardo de hum fidalgo, e pessoa de toda a sua confiança que se tinha distinguido na India, e lhe conferio o titulo de *governador geral do Brasil ou Nova Lusitania*, revestido de plenos poderes em materias civis e crimes. Para obviar os numerosos abusos de que os colonos se queixavão, nomeou o Doutor Pedro Borges ouvidor geral ou juiz auditor, e Antonio Cardoso védor da Fazenda real. Outras pessoas forão igualmente escolhidas para diversos cargos, e alguns Padres da Companhia forão

escol
conv
tos.
fund
Santo
sistir
nação
amen
vado
Th
Fever
carav
de Pe
dos,
Depo
terra
quom
meos
que
parec
pio (c
seus
Portu
vern.
Vell
reos
erigi
e cor
dou

escolhidos para formarem hum collegio , converter os Indios e administrar os Sacramentos. Ao novo governador ordenou el-rei que fundasse huma cidade na Bahia de Todos os Santos, e a fortificasse de maneira a poder resistir aos ataques dos Indios e de qualquer nação estrangeira. Esta cidade devia ser o assento do governo , e denominar-se São Salvador.

Thomé de Sousa partio de Lisboa, a 2 de Fevereiro, com huma frota de tres navios, duas caravelas e hum bergantim, debaixo do mando de Pedro de Goes. Levava a bordo 300 soldados, 400 degradados, e perto de 300 colonos. Depois de dois mezes de navegação , tomou terra, a 29 de Março, na Bahia. A hum pequena distancia da cidade abandonada, Sousa encontrou o velho Caramurú Diogo Alvarez, que se tinha fortificado com cinco dos seus parentes e outras pessoas escapadas ao naufragio (em 1510). Vivião em paz com os Indios seus vizinhos, que consentirão a ajudar os Portuguezes a construir a nova cidade. O governador desembarcou a sua tropa em Villa Velha; não satisfeito com esta situação, foi reconhecer a bahia e escolheu outro sitio para erigir a nova cidade, a meia hora de distancia e cercada de bons nascentes de agua. Alli fundou a cidade de S. Salvador ou da Bahia, que

foi por muito tempo a capital do Brasil. Está situada na foz do rio Parahyba, a 600 pés acima do nível do mar em latitude 12° 59' sul. Dentro de quatro mezes cem casas se tinham construído, e se haviam lançado os fundamentos de hum cathedral, de hum collegio de Jesuitas, hum casa para a residencia do governador e outra para alfandega. Sousa a cingio de hum muro de taipa, e fez construir cabanas de madeira cobertas de folhas de palmeira. Estabeleceo seis baterias de artilheria, quatro dirigidas contra o interior, e duas na direcção do mar. Depressa se elevárão engenhos de asucar.

Hum acontecimento infansto esteve a ponto de arruinar a colonia. Hum dos colonos foi morto por hum Indio, em distancia de oito legoas da cidade, que ainda não estava em estado de resistir aos ataques dos Tupinambas. Felizmente o Indio foi declarado o aggressor, e por hum lei d'esta nação elles o entregarão ao governador, o qual para inspirar terror aos Indios, o fez atar á bocca de hum canhão a que mandou pôr fogo. O padre Manoel de Nubrega e cinco missionarios Jesuitas que o governador tinha trazido para catechizar os Indios, e lhes administrar os sacramentos, começaram a sua missão. Forão os primeiros Jesuitas que aportarão ao Novo-Mundo.

1550. — Neste anno chegou á Bahia outra expedição composta de galeras e navios mercantes, ás ordens do Simão da Gama de Andrade, que trazia a seu bordo o bispo Pedro Fernandes Sardinha, acompanhado de clérigos, com vestimentas, ornatos de igreja, sinos, vasos, e animaes domesticos. Estes dois armamentos custarão á Corôa 300:000 cruzados.

1551. — Este anno chegou outro armamento capitaneado por Antonio de Oliveira, com alguns colonos casados, e alguns degradados, e raparigas orphãs de famílias nobres, que tinham sido educadas no Recolhimento das Orphãs em Lisboa. A rainha D. Catherine a tinha recommendado ao governador para que se casasse com os mais distinctos colonos. Esta expedição trouxe tambem escravos africanos, gado, e eguas para serem distribuidas aos habitantes, com obrigação de pagarem o valor em jornaes, ou em generos cujos preços seriam regulados pelos de Lisboa. Em cada hum dos annos seguintes el-rei continuou a mandar degradados, orphãs, e mercadorias á colonia que foi florescendo, e cuja prosperidade se communicou ás outras capitánias.

Passados quatro annos, Thomé de Sousa, tendo acabado de visitar as outras capitánias, em que estabelecco a ordem e a tranquillidade,

solicitou e obteve licença de voltar a Portugal. D. Duarte da Costa, do consello d'el-rei, foi nomendo em seu lugar. Pouco depois da sua chegada os Indios se levantárão contra a colonia; mas elle deo tão boas providencias com a ajuda de seu filho Alvaro da Costa, que conseguiu apaziguar os levantados. A gente que continuamente lhe chegou de Portugal augmentou as suas forças.

Sete Jesuitas tinham acompanhado D. Duarte da Costa; hum d'elles era José Anchieta. Segunda ás instrucções de Loyola fundador da Sociedade de Jesus, o padre Manoel de Nobrega e Luiz da Gram forão nomeados conjunctamente provincines do Brasil, como de provincia independente.

A D. Duarte da Costa succedeo Mendo de Sá. No espaço de 14 annos que durou o seu governo conseguiu subjugar os Tupinambas do districto da Bahia e de todos os outros até ao Rio de Janeiro, sem que depois da morte d'el-rei tivesse recebido de Portugal outro auxilio mais que hum galera cada anno. Tinha destruido 50 aldeias de Indios na vizinhança da cidade, soccorrido a capitania dos Ilheos, a de Porto Seguro e a do Espirito Santo, e tinha duas vezes expulsado os Francezes do Rio de Janeiro.

1552. — O primeiro bispo do Brasil, Pedro

Fernandes Sardinha, que tinha vindo em 1550, fundou a cathedral de S. Salvador. Este prelado tinha feito os seus estudos na Universidade de Paris, e occupado o cargo de vigario geral na India.

1553.—O jesuita Manoel Nobrega fundou o *Collegio dos trabalhos apostolicos* na planicie de Piratininga, a 10 legoas do mar, e perto de 13 de S. Vicente. Treze padres, debaixo da direcção de Manoel de Paiva, foram mandados a formar alli hum collegio que foi chamado de S. Paulo, o qual deo nome á cidade que alli se fundou em 1554, e que foi depois (1560) transferida para tres legoas mais longe, no angulo formado pela junção das aguas do rio Tamandahy e do Hinhababahu, dois affluentes do Tieté, em hum terreno elevado de 350 braças acima do nivel do mar.

Os padres d'este collegio em pouco tempo conseguiram fazer-se amar e respeitar dos Indios, que lhes fornecião liberalmente mandioca, aves, peixe e fruta. Anchieta decidio alguns Indios, e mestiços ou *mamelucos* a virem estudar a lingua latina, em quanto elle aprendia com elles a lingua tupinamba, de que compoz hum grammatica e hum vocabulario. Este padre tinha algumas noções de medicina e de cirurgia, e com hum simples canivete fazia todas as operações. Como a regra de Loyola

vedava o derramar sangue, Anchieta consultou o fundador sobre a questão de lhe ser ou não licito sangrar. Loyola respondeo que a caridade abraça tudo. Neste collegio exigia-se dos rapazes que se flagellassem todas as sextas feiras com disciplinas.

1554. — *Estabelecimento da cidade de São Paulo*, capital da provincia do mesmo nome. Em 1542 João Ramalho, que tinha tomado por mulher huma rapariga dos Goyanazes, se estabeleceo na planicie de Piratininga, de que foi nomeado alcaide-mór em 1555, por Antonio de Olivella, lugar-tenente do districto, e que denominou esta povoação *Villa de S. André*. Em 1554 os Jesuitas que tinham começado no anno precedente a construcção do seu collegio, celebráram nelle a primeira missa, dia da conversão de S. Paulo.

Os Mamelucos de S. André cujo unico fim era grangear escravos para d'elles tirar partido, fazendo-os trabalhar por sua conta ou vendendo-os, erão hostis aos Jesuitas que procuravão civilisar os Indios, e os protegião com efficacia e zelo. Conseguirao excitar diversas tribus, que, unidas com os Mamelucos, atacádo Piratininga, mas forão rechaçados e completamente derrotados pelos Indios da missão, sobre os quaes o padre Anchieta e seus companheiros tnhão adquirido grande ascen-

dente. O interesse dos colonos coincidia com o dos mamalucos, porquanto era então uso geral e continuou a sê-lo por muito tempo, apanhar Indios e tratá-los como escravos; por isso erao mal vistos os Jesuitas que por meios de brandura e persuasão aspiravão manifestamente a dominar as povoações de Indios sujeitando-os ás missões, como fizeram depois nas margens do Uruguay. O numero de Indios que os Jesuitas de S. Paulo tinham determinado a formar aldeias em torno da novo estabelecimento, e cujos habitos ferinos tinham algum tanto modificado, era consideravel; mas nao merecem credito os escriptores que os representam como convertidos ao christianismo, ou havendo renunciado aos seus costumes, particularmente no artigo da pluralidade de mulheres. A conversão era só apparente, e reduzia-se a actos exteriores do culto.

1555. — *Expedição franceza debaixo da direcção de Nicolao Durand de Villegagnon.* Em quanto a feroz superstição de huma corte corrompida e dissoluta condemnava ao fogo, ou fazia matar a ferro milhares de Francezes em razão de sua crença religiosa, cujos bens a iniquidade dos magistrados confiscava, o almirante Gaspar de Coligny, hum dos principaes chefes protestantes, attendendo ao que os viajantes contavão da fertilidade do Brasil,

esperou achar naquella região hum asylo onde poderião refugiar-se os protestantes francezes assim de escaparem á perseguição. Com este fim deo a Villegagnon, vico-almirante de Bretanha, habil e intrepido official de marinha, tres navios, cada hum de 200 toneladas, e 10:000 francos para os gastos da viagem, havendo obtido do rei Henrique II licença para estabelecer huma colonia no Brasil. *

Villegagnon partio do Havre de Grace, a 12 de Julho 1555, acompanhado de alguns cavalheiros, e de soldados e artifices. Hum temporal o obrigou a arribar a Dieppe onde parte dos companheiros abandonarão a expedição. Fez-se de novo á vela a 14 de Agosto, passou pelas Canarias, chegou a 8 de Setembro ao Cabo Verde, e depois de huma dilatada viagem aportou a 15 de Novembro a huma pequena ilha na embocadura do *Canabera* (Rio de Janeiro), d'onde a força da maré o fez sahir, e foi demandar outra ilha deserta de 600 passos de largo e perto de huma milha de circuito rodeada de cachopos á flor d'agua, de maneira que ainda na enchente da maré, os navios não podião avizinhar-se mais que a tiro de canhão. Só pequenas barcas podião abordá-la por huma abertura de difficil accesso, que lhe servia de porto. Alli levantou hum forte, que denominou de *Coligny*, destinado a proteger os colonos contra

os Portuguezes e os indigenas, e tomou posse de todo o continente, a que poz o nome de *França antarctica*. Não tinha mais de 80 homens, que alojou em cabanas por elles construidas, e ajudados dos Indios attrahidos por alguns presentes. No meio da ilha sobre hum rochedo de 50 a 60 pés de elevação estabeleceu a sua residencia, e fez construir armazens e hum templo. A casa principal era em parte feita de madeira, e protegida por hum recinto de alvenaria. Foi facil a Villegagnon estabelecer relações amigaveis com a tribu de indigenas que habitava aquella costa e erão mui adversos aos Portuguezes. Tinha trazido para lhe servir de interprete hum marinheiro normando, que havendo naufragado na costa do Brasil com outros compatriotas, tinha vivido entre os selvagens, aprendido a lingua d'elles, e passados alguns annos tinha voltado a França. Por meio d'elle e dos outros Francezes que viviao em boa harmonia entre os selvagens, se estabelecerão relações de amizade. Mas o nimio rigor e escriptulo religioso do chefe calvinista lhe fez perder estas inappreciaveis vantagens, e o expoz a hum perigo de que só escapou por fortuna. Sabendo Villegagnon que o interprete normando vivia com huma India, ordenou-lhe que se separasse d'ella, ou que a tomasse por mulher. O malvado, para se vir-

gar do chefe, ordio huma conjuração com trinta dos colonos mercenarios e alguns dos Francezes que vivião entre os selvagens, para matar Villegagnon e toda a sua gente. Tres Escocезes que servião de guardas ao chefe, lhe descobrirão o plano da conspiração que foi assim mallograda. Tres dos conspiradores forão enforcados, outros reduzidos á condição de escravos; mas o autor do infame projecto escapou a nado e foi excitar os selvagens contra os Francezes, persuadindo aos primeiros que toda a gente do forte estava contaminada de huma epidemia que infallivelmente communicarião aos indigenas se estes não interrompessem toda a comunicação com elles.

1556 e 1557. *Segunda expedição Franceza.* Apenas havia Villegagnon feito as suas disposições na ilha em que se fortificara, expedio hum navio a França solicitando de Coligny reforços, e ministros do evangelho calvinistas para missionarios. O zelo dos calvinistas de Genebra, e o valimento do almirante Coligny, conseguirão em breve tempo satisfazer aos desejos de Villegagnon. Philippe Carguilleray, mais conhecido pelo nome de *Dupont*, seu solar, homem respeitavel que em idade avançada se tinha retirado para as vizinhanças de Genebra, offerceceo-se para conduzir ao Brasil as pessoas dispostas a auxiliar os planos de Coli-

gny. Calvino designou Pedro Richier, e Guilherme Chartier como ministros do Evangelho, e mais doze parúrio voluntariamente, sendo hum d'elles João de Léry, homem instruido e honrado a quem devemos huma excellente relação dos successos da empreza e dos costumes dos indigenas. Parúrio todos de Genebra a 10 de Setembro de 1556, e forão cumprimentar o almirante Còligny na sua residencia de Châtillon-sur-Loing. D'alli forão a Paris, onde alguns cavalheiros e outros protestantes se lhes aggregarão. Tomarão então o caminho de Rouen, onde se lhes juntou mais alguma gente, e chegarão a Honfleur, porto do embarque. Alli tiveram a imprudencia de celebrar a cea segundo o rito de Calvino, contra as ordenações regias, o que por tal maneira irritou o povo fanatico, que os assaltou matando hum official chamado *S. Denis*, que era destinado a explorar as minas de ouro.

A expedição, composta de tres bellos navios, foi armada á custa do governo por Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon; levava 13 peças de bronze, e mais de 50 barcos de ferro, e mosquetões. Partio de Honfleur, a 17 de Novembro 1556, levando a bordo 300 calvinistas, marinheiros, soldados e artifices, cinco rapazes para aprenderem a lingua dos indigenas, e outras tantas raparigas, com huma mestra.

Bois-le-Comte embarcou-se em qualidade de protector. A pesar do furor fanatico de alguns habitantes, os navios ao sahir do porto forão honrados com hum salva da artilharia do forte, e com musica militar. A expedição, depois de ter experimentado hum temporal que durou vinte dias, chegou a 5 de Decembro á altura do Cabo S.-Vicente, onde encontrou hum navio irlandez ao qual tomãõ seis ou sete pipas de vinho de Hespanha, figos, laranjas, e outros mantimentos de que elle estava carregado. Sete dias depois aportarão ás Canárias. Vinte marinheiros se lançáõ nas barcas e forão a terra com tenção de roubarem os habitantes, mas forão repellidos pelos Hespanhoes. Todavia aprezirão hum caravela, e destruíãõ a golpes de machado hum barca e hum batel. Costeando a Barberia a esquadra se apossou, dia de Natal, de hum caravela hespanhola carregada de sal branco, cuja tripulação foi cruelmente abandonada em hum barca sem velas nem viveres. A 29 de Dezembro tomáõ mais duas caravelas, hum Hespanhola, a outra portugueza, nas quaes acháõ vinho, biscoito e outras provisões. Em hum palavra estes rigidos calvinistas houvêrão-se como infames piratas. A expedição aportou enfim, a 26 de Fevereiro 1557, a hum lugar da costa do Brasil, que os indigenas de-

nominação *Huvassu*. Alguns dos marinheiros, que tinham já feito a mesma viagem, julgarão reconhecer a costa dos Margajás aliados dos Portuguezes. Dispararão alguns tiros de canhão e mandarão hum chalupe a terra para attrahir os Indios á praia, e obter d'elles mantimentos. Apparecerão logo muitos selvagens trazendo diversas sortes de refrescos, que allegres trocarão por facas, espelhinhos e outros objectos semelhantes. Seis homens e hum mulher saltarão na chalupa, e se deixarão conduzir aos navios.

No dia seguinte se fizeram outra vez á vela, e costeando nove a dez legoas, avistarão o forte portuguez do Espirito Santo. O commandante, tendo reconhecido hum caravela portugueza que os Francezes tinham aprezado, fez disparar algumas peças contra os navios. A expedição se afastou, e se dirigio a hum lugar chamada *Tapemiry*, cujos habitantes se mostrarão pacíficos. Mais adiante, pelos 20° de latitude, a frota passou diante da costa arida e escabrosa dos *Parilbes*.

No primeiro de Março a navegação se tornou perigosa, em razão dos baixos que obstruio o mar, em frente de hum terra plana, habitada pelos *Onctacis*, povo feroz. Continuando a costear, correrão o maior risco perto das ilhas de *Maghé*, por hum furacão, que se levantou

de repente quarta feira de cinza. No dia seguinte, avistou a esquadra Cabo Frio com grande satisfação dos Tupinambas, alliados de Villegagnon. A 7 de Março, chegaram á enseada de Rio de Janeiro, e no dia 10 apertárão a ilha Coligny. Forão recebidos com summa alegria por Villegagnon, e alojados em huma cabana de arbustos, provida de macas de algodão. Não havia outro mantimento a dar-lhes mais que peixe secco ao sol, e farinha de mandioca, e por bebida agua de cisterna, a unica que havia na ilha. Trabalharão assiduamente por espaço de hum mez na construcção dos fortes e de outros edificios. Villegagnon estabeleceu hum regulamento relativo ao culto, ordenou aos ministros que fizessem orações publicas, todas as tardes, e pregassem duas vezes nos domingos, e huma hora nos mais dias. No dia 21 do mez fez celebrar a cta, a que só admittio os que professavão a religião reformada. Teve pouco depois huma disputa com João de Cointe, antigo doutor da Sorbonna, sobre a doutrina da eucharistia, o que o decidiu a enviar a França hum dos ecclesiasticos a conferir sobre o ponto com os doutores, e particularmente com Calvino. Chartier, encarregado d'esta commissão, embarcou-se, a 4 de Junho, em hum dos navios que voltava carregado de pao brasil, e que levava a bordo

da natureza da terra, de 9 a 10 annos de idade, apreçados na guerra, e vendidos como escravos a Villegagnon. Depois da partida d'este navio casou as cinco raparigas francezas, duas com dois dos seus criados, outras duas com dois dos interpretes normandos, e a quinta com João Cointa, que mudou o seu nome pelo de Heitor.

Ao mesmo tempo Villegagnon, informado que alguns dos Francezas escapados ao naufragio, vivião na costa vizinha com mulheres indigenas, prohibio sob pena de morte, todas as relações entre os christãos e as mulheres ou filhas dos indigenas; mas permittia o casamento d'elles com as que estivessem instruidas na religião e baptizadas.

Dia de Pentecostes houve segunda celebração da ceia, e Villegagnon aproveitou a occasião para persuadir á congregação, entre outras cousas, que se não devia misturar agua com o vinho, contra a opinião de S. Cypriano e de S. Clemente; que se devia misturar sal e azeite á agua do baptismo, e que hum ministro da igreja não podia contrahir segundas nupcias. O doutor da Sorbonna lhe respondeu sobre estas materias. Villegagnon, sem esperar a resposta de Calvino, se pronunciou abertamente, e declarou que o considerava como hum vil herege. Deade então rompeo em con-

tinuos excessos contra os protestantes, enja causa vinha de trahir. A indignação geral dos colonos contra Villegagnon lhe fez recear que o matassem, e este terror o instigou a se haver com a maior crueldade contra alguns individuos, que suspeitava de terem formado o projecto de o lançar ao mar. Tinhão os protestantes celebrado a cêa durante a noite, sem participação sua; isto o irritou ainda mais, e expellio do forte todos elles. Quarenta e cinco se retirarão á margem esquerda da enseada, a meia legoa da praia, em hum sitio que os Francezes tinham denominado *la Briqueterie*, afim de alli esperarem a partida de hum navio para França. Embarcárão-se com effeito, a 4 de Janeiro 1558, a bordo do *Jacques*, carregado de pao brasil, pimenta, algodão, etc.; a 24 de Maio avistarão a costa de Bretanha, e a 26 fundearão no porto de Blavet, depois de terem padecido tal escassez de mantimentos, que tinham comido ratos e ratazaras, e estavam a ponto de se devorarem huns aos outros. Por fortuna d'estes infelizes, os magistrados d'aquelle porto, favoraveis aos protestantes, desprezarão a recommendação dirigida pelo infame Villegagnon ás autoridades do primeiro porto de França onde aportasse o navio, e que elle confiara ao patrão do navio, de os fazer queimar como hereges.

Léry attribue a mudança de Villegagnon ás cartas que o cardeal de Lorena e outras personagens lhe escreverão, increpando-o de ter renunciado ao catholicismo, e promettendo-lhe a sua protecção se abandonasse o calvinismo. Calculando ser este o partido o mais proveitoso, trahio Coligny e seus coreligionarios. Todavia, não recebendo reforços de França, e tendo-se desavindo com os ministros de Genebra, partio para França, deixando alguns soldados no forte. Hum numero consideravel de Flamengos e 10 : 000 Francezes se dispunhão a emigrar para o Brasil, mas esta noticia os fez renunciar a hum projecto, cuja realisação teria provavelmente segurado á França a posse d'aquelle vasto continente.

Villegagnon meditava outra expedição composta de sete navios, com o fim de interceptar a frota portugueza das Indias, e destruir os seus estabelecimentos no Brasil; mas não poudo este pirata pôr em obra os seus predatorios projectos. Escreveo contra Calvino, e foi denominado pelos protestantes de França o *Cain da America*.

1556. — *Desavenças entre o governador Mem de Sá e o bispo Sardinha*. O bispo auxiliado dos Jesuitas tinha usado de meios violentos contra os colonos refractarios de S. André; procedimento que o governador reprovou, como usur-

pação da autoridade regia. O padre Antonio Pires os reconciliou em apparencia, mas o prelado se embarcou para Lisboa, esperando que el-rei decidiria o negocio de modo favoravel ás suas pretenções. O navio em que se embarcára deo á costa entre os rios S. Francisco e Curuppu; o bispo conseguiu ganhar a costa com cem brancos e seus escravos, mas todos elles forão mortos e devorados pelos Cahetés. Só dois Indios e hum Portuguez escaparão. Para castigo d'esta atrocidade, reduzirão os Portuguezes a escravidão quantos indios Cahetés puderão haver ás mãos.

1560. — *Expedição de D. Pedro de Ursua para explorar o rio Amazonas.* Este cavalheiro natural da Navarra, depois de ter estudado a carta do Perú, formou o projecto que communicou ao vice-rei, marquez de Canete, e com a approvação e auxilio d'elle, partio de Cusco com mais de 700 soldados escolhidos, e bastantes cavallos vigorosos, e marchou direito á provincia de Mosilones para ganhar o rio Moyabamba. Don Fernando de Guzman, joven hespanhol, e D. Lopez d'Aguirre, biscainho que elle levava na sua companhia, tendo-se namorado da mulher de Ursua, assentarão de o matar, e executarão o seu projecto. A tropa reconheceo Guzman por chefe, mas pouco depois o matarão, e Aguirre tomou o commando

com
pelo
Guy
pod-
do g
logo
depi
San
11
D. J
con-
é en
nou
que
ello
e é
D. J
a M
pari
all-
e re
nhe
D. J
exer-
os p
den
ceza
os I
me

com o titulo de rei. Conduzio as embarcações pela Amazonas, esperando senhorear-se da Guyana, do Perú e da Nova-Granada, mas não podendo resistir á força da corrente, foi levado por ella á embocadura do rio, mais de mil legoas alem do lugar de que partira. Passou depois á ilha Margarida, d'ahi a Cumaná e Santa-Martha, matando quahtos lhe resistião.

1569. — *Expedição de Mendo ou Mem de Sá.*

D. João III informado que os Francezes tinham construido hum forte, em humta ilha proxima á entrada da enseada, ou Rio de Janeiro, ordenou a D. Duarte da Costa, então governador, que fizesse reconhecer o forte e a barra, o que elle fez com a maior diligencia, transmittindo a el-rei as informações que havia obtido. D. João III as recebeu quando vinha de nomear a Mem de Sá governador, e lhe deo instrucções particulares para expulsar os Francezes do Brasil. D. João tendo fallecido a 11 de Junho 1557, a rainha D.^a Catherina, sua mulher, foi reconhecida regente do reino, na menoridade de D. Sebastião, que então tinha tres annos. Esta excellente princeza, determinada a executar os projectos de seu defuncto marido, deo ordem a Mem de Sá, que fosse expulsar os Francezes do Rio de Janeiro, e castigar severamente os Indios alliados d'elles, e conferio a Bartholomeo de Vasconcellos o mando da esquadra que

devia cooperar para este fim. A' sua chegada ao Brasil congregou hum conselho em que houve muitos pareceres oppostos á expedição contra o forte de Villegagnon. O jêsuíta Nobrega, por seu character e influencia, decido Mem de Sá a cumprir as ordens da rainha, e a armada foi reforçada por algumas caravelas em Bahia-Gava, onde se provêo abundantemente de armas e de munições. A expedição constava de dois navios de alto bordo, e oito menores; levava a bordo 2000 homens, e a 21 de Fevereiro juntáram-se-lhe mais reforços expedidos de Santos e de S. Vicente. Muitas pessoas distinctas da Bahia se embarcáram nos navios da expedição, e alistáram-se para o serviço militar escravos e negros livres. O commandante recebeu ainda reforços de todos os portos do Brasil, e havendo ajuntado todas as suas forças, chegou diante do Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro. Eis aqui o extracto do despacho em que Mem de Sá participou á rainha-regente a tomada da ilha, e que expedia por hum grande navio francez que tinha aprezado.

« A expedição mandada por V. A., chegou á Bahia no ultimo dia de Novembro. Em conformidade da resolução tomada em conselho, de ir tomar o forte do Rio, parti de Bahia a 16 de Janeiro, e appareci diante do Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro. Tendo o inimigo

respondido com arrogancia á minha primeira intimação, fiz atacar o forte no dia 15 de Março, e o combate não cessou até que a victoria se pronunciou a nosso favor. A perda do inimigo foi consideravel, e a nossa pouco importante. As minhas forças consistião em 120 Portuguezes, 18 soldados bisonhos, que ainda não tinham visto o fogo, e 140 indigenas mal armados e pouco dispostos ao combate. O forte a principio não tinha por guarnição mais que 74 Francezes e alguns escravos, mas este numero foi augmentado de mais 40 soldados, e de 1000 Indios escolhidos e disciplinados.

« Villegagnon partio ha oito ou nove mezes, com tenção de voltar com huma poderosa armada destinada a combater a nossa frota da India, e a formar hum estabelecimento no Rio de Janeiro; he portanto necessario povoar este lugar quanto antes, para servir de protecção de todo o Brasil. » E terminava a carta pedindo licença para voltar a Portugal, allegando o muito que havia dispendido com esta expedição.

He evidente a exaggeração da relação de Mem de Sá. Não só as suas forças erão muy superiores ás dos Francezes, mas os Tamoyos armados de arcos e flechas erão pouco para temer em hum assalto e em terreno tão circumscripto. Segundo refere M. Sonthey, na sua Historia

Curupebe (que significa *ran iachada*), que declarou o firme proposito de continuar a devorar os inimigos, e até os Portuguezes, se tentassem vedar-lho. Ao mesmo tempo tres Indios alliados dos Portuguezes, estando á pesca, forão apanhados pelos selvagens, que os devorarão. A tribu a que pertencião os culpados recusou entregá-los, e ajudada por outras das margens do Paraguassu inquietou a colonia. Mas estes ferozes selvagens depressa forão atacados e dispersados pelos Indios alliados dos Portuguezes.

1560.—*Hostilidades dos Nymores, e sua derrota*. Esta tribu, a mais feroz de todas as que habitao o Brasil (hoje denominada *Batucudos*), infestava as capitancias dos Ilheos e de Porto Seguro, e inquietava os habitantes, que mandarão pedir soccorro a Mam de Sá. O Governador tendo ajuntado forças sufficientes, se embarcou em S. Salvador, e indo desembarcar ao porto dos Ilheos, marchou logo contra os Indios que se tinham retirado de trás de hum lagôa de mais de hum milha de extensão, que atravessarão em hum ponte feita de arvores. O Governador prolongou a lagôa e conseguiu surprender o campo inimigo de noite, matando homens, mulheres e crianças; poz fogo aos bosques circumvizinhos, e voltou á costa. Durante esta marcha foi assaltado por hum corpo

de Aymores; postos em emboscada, mas foram derrotados e dispersos; muitos morrerão afogados no mar, perseguidos pelos Índios aliados dos Portuguezes. De novo atacado junto-à costa pelos Aymores que haviam reunido grandes forças; anciosos de vingarem os desastres da sua tribu, tornou a derrotá-los e os constrangeo a pedirem paz, que lhes foi concedida. Dizem os historiadores que nesta expedição Mem de Sá destruiu trezentas aldeias de Índios, e determinou os Aymores que recusarão submeter-se, a se retirarem a sessenta legoas para o interior do sertão; mas se elles tal prometterão, he certo que não executarão o pacto.

Era tradição entre os Índios que os Aymores tinham vivido tanto tempo separados das outras tribus, que ellas não entendião a sua lingua; o que não he verosimil. He mais provavel que os Aymores que são de estatura mais alta que os outros indigenas, são oriundos do sul, onde as raças são de maior estatura, mais ferozes e guerreiras. A lingua dos Aymores he hum dialecto do Tupi derivado do Guarani do Paraguay.

1561. — *Hostilidades dos Tamoyos.* Estes Índios possuíam grande parte do territorio situado entre o Rio de Janeiro e S. Vicente; incitados pelos Francezes, atacarão com vantagem os Portuguezes do districto de Piratininga,

marchando por terra junto á faldada dos montes, e por mar em suas canoas. Reforçados pelos Tupinambas e Tupis, que abandonarão a alliança dos Portuguezes, resolverão atacar S. Paulo, a cidade a mais florescente d'aquella parte do Brasil. Com effeito marcharão os confederados contra ella e a acommettersão com denodo, mas foi salva da pela coragem dos neophytas capitaneados pelo Indio Tebyreza, Tebyrezi ou Tabiricá, cujo nome baptismal era Martin Affonso. Os missionarios jesuitas contribuíro muito á defesa da cidade, pelas acertadas disposições que fizerão, e sua grande influencia sobre os animos dos catechumenos. Este intrepido e feroz alliado dos Portuguezes a quem elles devêrão a conquista de S. Vicente, morreu pouco tempo depois da defesa de S. Paulo, atacado de dysenteria.

1562.—No mez de Abril d'esto anno foi erigida em cidade a villa de *Nossa Senhora de Itanhaem*, na provincia de S. Paulo.

1563.—*Depredações dos Tamoyos, Tupinambas, etc.* Não obstante os recentes desastres, os Tamoyos continuavão a inquietar os estabelecimentos portuguezes. Nas suas longas canoas de 20 remos infestavão a costa, ao mesmo tempo que os Goyanazes atacavão a capital do Espirito Santo por hum lado, e os Tupinambas por outro. Menezes, que cõmandava na capitania,

foi morto, e o seu successor D. Simão de Castello-Brancó, teve a mesma sorte. Coutinho, que voltava de Portugal, não tendo podido repelli-los, pediu auxilio a Mem de Sá. Este lhe mandou seu filho Fernão, com huma pequena frota de navios ligeiros. Esta expedição desembarcou na embocadura do rio Quiricaré, e unida ás tropas da capitania repellio os selvagens; mas estes tendo recebido reforços atacarão de novo os Portuguezes, os cercarão, romperão e derrotarão completamente. Fernão de Sá morreu na peleja com quasi todos os Portuguezes.

Dois flagellos sobrevierão á lamentavel derrota dos Portuguezes: huma epidemia de bexigas summamente malignas grassou a principio na ilha de Itaparica, e depois em S. Salvador, extendendo os seus estragos ao norte da costa. Mais de tres quartas partes dos naturaes de Reconção forão victimas d'este contagio, e perto de 50:000 Indios catechumenos morrerão da enfermidade.

Esta calamidade foi seguida de huma fome causada por huma estação funesta aos cereaes e aos fructos das arvores. O trigo apodrecia antes de maduro, e outro tanto acontecia á fruta. De onze estabelecimentos formados pelos Jesuitas, seis forão agrauidados pela morte dos habitantes, e fugida dos que restavão para

o interior, onde esperavão escapar á sorte infesta que os ameaçava.

Os colonos portuguezes, menos expostos que os indigenas, tiveram a barbaridade de se aproveitar da miseria dos infelizes Indios, que a troco de algum mantimento, para salvar a vida, chegarão a vender seus proprios filhos, e até a si proprios se vendêrão como escravos aos desapiadados colonos! Em vñ clamário os Jesuitas no pulpito contra tal procedimento, que, alem de atroz, era em summo grão impolitico, e devia arraigar no coração dos indigenas rancoroso odio ao nome portuguez. Suscitando-se algumas duvidas sobre a validade d'estas infames transacções, foi consultada a Mesa da Consciencia de Portugal. Este tribunal decidio com a mais impudente iniquidade, que em extrema penuria hum homem podia vender-se a si e a seus filhos. O bispo e o ouvidor geral promulgarão esta decisão, para *tranquillisar a consciencia dos colonos!* E como havia entre os numerosos Indios reduzidos á escravidão muitos que nem se tinham vendido a si, nem havião sido entregados por seus parentes; e que os Portuguezes tinham comprado a outros Indios que os havião roubado ou captivado; com a capa da religião forão retidos, fazendo estes hypocritas valer o pretexto de que se tornarião idolatras se fossem restituídos á liberdade!

Quando a epidemia e a fome abrandarão, muitos dos Indios convertidos voltarão ás suas cabanas, e não achando as suas mulheres quizerão tomar outras, o que os escrupulosos Jesuitas não consentirão em quanto não havia certeza de ellas terem morrido : isto indispoz muito os Indios.

Entretanto a guerra dos Tamoyos se tornava de dia em dia mais destructora e funesta aos Portuguezes. e provavelmente estes corajosos inimigos os terião expulsado do Brasil, a não ser a intervenção dos missionarios jesuitas a quem os selvagens respeitavão e amavão por seu exemplar procedimento, singular continencia, e por saberem que em todas as occasiões pré-gavão a favor dos Indios, e pugnavão contra a escravidão a que os colonos os reduzião. Nobrega e seu fiel companheiro animados de zelo tomãrão a magnanima resolução de exporem as vidas, indo ao campo dos Tamoyos implorar d'elles a paz. Com o beneplacito do Governador se embarcarão no navio de Francisco Adorno, Genovez e hum dos mais ricos colonos do Brasil, e dirigirão-se á praia occupada pela tribu a mais poderosa d'estes Indios. A' vista do navio, grande numero de canoas se dispozêrão a atacá-la, mas conhecendo pelo traço os missionarios, abaixarão logo os remos em signal de paz. Anchieta fallou-lhes na sua

lingua, e tal confiança lhes inspirou, que, apesar das traições que haviam experimentado dos Portuguezes, muitos guerreiros Tamoyos foram a bordo do navio escutar as proposições do missionario.

No dia seguinte os chefes dos selvagens enviarão a S. Vicente doze moços para servirem de reféns, e rogáram a Nobrega e Anchieta que desembarcassem em hum lugar chamado Ipe-royg. Alli foram hospedados por Coaquira, velho chefe, de quem souberam que todas as tribus confederadas das margens do Paraiiba tinham 300 canoas promptas para atacar todos os estabelecimentos portuguezes da costa, e expulsar os colonos. Os missionarios construirão huma cabana coberta com ramos de palmeira, que lhes servio de igreja, onde Anchieta pregou em linguagem americana, com tal eloquencia do estylo e viveza de imagens, que encheo de admiração os animos incultos d'aquelles selvagens.

Entretanto vinham chegando os chefes das diversas tribus, enviados para tomar parte nas negociações, e entre elles hum chamado Aimbere, que viera do Rio de Janeiro com dez canoas de vinte remos, determinado a somper as negociações. Este Indio tinha concebido mortal odio aos Portuguezes, e com razão. Em huma expedição recentemente empreendida

para fazer escravos, Aimberé cahio em poder dos Portuguezes, e foi posto a bordo de hum dos navios carregado de ferros, mas ainda que agrilhoado lançou-se ao mar e escapou a nado; alem do que, tinha dado hum filha em casamento a hum dos Francezes do forte Coligny. No dia seguinte da sua chegada a Iperoyg, o congresso dos chefes Tamoyos abriu a deliberação sobre as proposições de paz. Aimberé fallando em nome da maioria das tribus do Rio de Janeiro, exigio como condição preliminar, que tres chefes que havião desertado a confederação das tribus, e se tinham unido aos Portuguezes contra seus alliados naturaes, fossem entregues immediatamente para serem mortos e devorados.

Nobrega e Anchieta, presentes á conferencia, declararão com firmeza que proposição tão impia era inadmissivel. Esses chefes transfugas, disserão elles, que vós reclamais, são hoje membros da igreja de Deos, e amigos dos Portuguezes, cujo dever he protegê-los guardando inviolavelmente a palayra que lhes derão. A lealdade dos Portuguezes nesta conjunctura será para o futuro mais hum penhor da fidelidade que porão em guardar as condições que estipularem com os Tamoyos. De outra maneira, que confiança vos podem merecer promessas de homens capazes de trahir seus

amigos, e como podereis esperar que sejam mais escrupulosos a respeito d'aquelles que até agora tem olhado como seus inimigos naturaes? Aimbere respondeo que não haveria paz, se os Portuguezes não entregassem os desertores, que tinham morto e devorado tantos dos seus amigos, e que esta era a resolução invariavel das tribus que elle representava. Perturbada assim a conferencia, pareceo rota sem esperanza, e Aimbere se dispunha a maltratar os missionarios, quando o velho Pindobaçu (a grande palmeira), chefe do districto onde se fazia a assemblea, tomou Aimbere pela mão, e usando da autoridade que lhe dava sua provecida idade, o impedio de commetter acto algum de violencia. Entretanto o prudente Nobrega julgando acertado ganhar tempo, consentio que a proposição de Aimbere fosse submittida ao governador de S. Vicente, e aquelle chefe se offereceo a levá-la em pessoa, determinado a romper a negociação se não obtivesse o que tanto desejava. Pela sua parte Nobrega tinha necessidade de aproveitar hum pretexto para fazer saber ao Governador general o estado das conferencias, e recommendar-lhe que por modo nenhum annuisse a huma condição tão impia e deshonrosa, ainda quando da rejeição formal d'ella pudesse resultar a morte d'elle e de seu companheiro.

Neste comenos Parapussu (o vasto mar), filho de Pindobussu, que estava ausente ao tempo da chegada dos missionarios que vinhão a tratar da paz, rompeo em transportes de raiva, quando soube o grande ascendente que elles havião adquirido sobre o velho pai. Decidido a matar os dois Jesuitas, rompendo assim toda a negociação, voltou á pressa acompanhado dos seus amigos. Anchieta e Nobrega instruidos de seus sinistros projectos, e vendo-o approximar-se na sua canoã, se refugiarão na cabana de Pindobussu, mas achando-a deserta, e julgando inevitavel a morte, puzerão-se de joelhos em fervente oração. Todavia vendo Anchieta os Tamoyos furiosos entrar na cabana, lhes fallou com vehemencia, reclamando os direitos da hospitalidade, e o caracter sagrado de embaixador. Parapussu, em quem o aspecto de Anchieta e de seu companheiro, e as palavras d'aquelle fizerão grande impressão, lhes confessou que viera com intenção firme de os matar, mas que convencido das suas virtudes, queria ser amigo d'elles e viver em paz com os Portuguezes. Iluma das circumstancias que mais admirarão os selvagens, foi a continencia dos padres, que recusarão gozar das mulhieres que elles lhes offercião, segundo o uso d'aquella gente. Os Tamoyos, pasmados de tão extraordinario

procedimento, perguntarão a Nobrega como era possível ser insensível aos prazeres, que todos os mais homens com tanto ardor desejavam. O missionario, tirando de debaixo da roupeta humas disciplinas, lhe respondeo que, mortificando a carne, lhe acalmava os appetites. Este methodo de vencer as paixões não causou sem duvida menos admiração aos selvagens, que a exemplar continência dos religiosos. Nobrega era velho e quebrantado, mas Archieta moço e vigoroso, vio-se exposto ás maiores tentações, quando Nobrega partio para S. Vicente. Todos os dias os Indios vinhão offerecer-lhe as mais formosas mulheres da tribu; e o casto padre vio-se em tal perigo, que, para resistir á tentação, invocou o auxilio divino, fazendo voto de compôr hum poema latino em louvor da Virgem Maria, se conseguisse conservar intacta a castidade. Com effeito fez hum poema em 7500 versos latinos em honra da Virgem*, e dizem que não tendo papel, pennas, nem tinta, os traçava na areia e os ia decorando.

* Eis aqui alguma dos seus versos :

En ubi quæ gerit, Mater sanctissima, quondam
Carmine, quæ non minus hostis latus;
Dum mea Veneris gentem illigat hostes.
Træque tranquillæ pacis ingratæ opus.
Me in mœnibus me gratia levit amore.
Et corpus solum meaque regente fuit, etc.

Havia quasi dois mezes, que os missionarios vivião entre os Tamoyos, quando Nobrega obteve d'elles que o deixassem ir a S. Vicente conferir com o Governador, ficando Anchieta em refens. Este se viu, por espaço de tres mezes, exposto aos caprichos e furores dos selvagens, que o ameaçãõ de o matar e comer, se a commissão não voltasse no praso fixo, que elles de proposito adiantarãõ. Hum partido de Tamoyos, impaciente das demoras da negociação, emprehendeo huma expedição hostil, e trouxe alguns Portuguezes prisioneiros a Iperoyg. Anchieta poz todo o empenho em os salvar, e ajustou o resgate d'elles; mas como elle tardasse, declarou ao missionario que o devorarião. Não tendo outro recurso, ariscou-se a asseverar que no dia seguinte chegaria o resgate, e sustentou com estudada tranquillidade e plena confiança, que não seria devorado. Com effeito, por fortuna chegou no dia fixado a barca com o resgate: o padre foi havido por santo, e o successo por milagroso. Os Tamoyos o reverenciãõ igualmente denominando-o o *grande Payé* ou adevinho. Outros casos semelhantes forão depois da morte de Anchieta transmitidos ao papa, para sollicitar a canonisação d'este Jesuita.

A' sua chegada a S. Vicente Nobrega achou o commandante morto, a fortaleza tomada de

assalto pelos selvagens, as negociações rotas, e a paz mais rumota que d'antes. O seu grande animo e incomparavel actividade venceu todos os obstaculos; socegou os espiritos, reanimou os esmorecidos, e fazendo conduzir os deputados indios a Itanhaem, os reconciliou com os alliados dos Portuguezes; d'alli correu de Piratininga a S. Paulo, onde fez confirmar a reconciliação com solemnidade na igreja principal, o por fim concluiu a paz entre os Portuguezes e os Tamoyos: tudo isto foi obra de tres mezes. A rapidez com que Nobrega transportou aos differentes pontos do Brasil por amor da paz, lhe mereceu o appellido de *Abare-Bebe* (o padre voador), que lhe derão os selvagens. Depois de ter passado cinco mezes em Iperoyg voltou Anchieta a S. Salvador.

1564 a 1567. — *Nova expedição portugueza contra o resto do estabelecimento francez.* Os Francezes, depois da tomada do forte de Coligny, se retirarão à ilha do Gato, onde tinham edificando o pequeno forte de *Baranapucuy*; outros se refugiaram na terra firme, onde com a ajuda dos Tupinambas e Tamoyos, tinham fortificado o posto de *Urucumiri*. A Rainha regente D. Catherina informada d'isto, e recendo que novos reforços consolidassem no Rio de Janeiro a colonia franceza, se determinou a arruinar o estabelecimento em quanto não tinha

lançado raizes. Para este fim expedio Estacio de Sá com dois galeões á Bahia, onde chegou no principio do anno de 1564, com ordem de seguir as instrucções de Mem de Sá, seu tio, o qual devia dar-lhe gente e munições para a empreza. Tendo juntado todos os seus navios, Estacio de Sá se fez á vela, chegou em Fevereiro de 1565 á vista de Cabo-Frio, e despachou logo hum navio a S. Vicente a convidar o padre Nobrega a vir ajuda-lo dos seus conselhos, como expressamente lhe tinha recommendado Mem de Sá. Reconheceo depois a costa, e por hum Francez que aprezoou, soube que os Tamoyos do Rio de Janeiro tinham rompido a paz, alliando-se de novo a seus compatriotas. Esta noticia foi confirmada pelas embarcações enviadas a fazer aguada alem da barra: huma d'ellas foi atacada por sete canoas de selvagens, que lhe matáráo quatro homens. Os Francezes tinham tres navios, e os Indios mais de 120 canoas, e occupavão em grande numero todos os pontos da praia, armados dos seus terriveis arcos. Tendo tentado algumas escaramuças com os Tamoyos com máo exito, resolveo voltar a S. Vicente, que os Indios atacavão, para conferir com Nobrega. Tomada esta determinação fez-se á vela no mez de Abril, e dia de Paschoa encontrou-se com o missionario Nobrega na ilha Villega-

gnon. O jesuita, depois de haver escapado a humra furiosa tempestade, vio o navio cercado de canoas inimigas, e já recommendava sua alma a Deos, quando appareceo a frota de Estacio de Sá, que salvou d'padre das mãos dos selvagens. Para dar graças a Deos prégoou hum irmão. Estacio de Sá tendo consultado Nobrega, fez-se á véla, e a expedição foi tomar o porto de Santos : alli soube que os Tamoyos de Iperoyg pacificados por Anchieta e Nobrega, se conservavão fieis ás estipulações pacteadas, e até muitos d'elles tinham vindo auxiliar os Portuguezes. O chefe Cunhambeba se tinha postado com toda a sua gente sobre as fronteiras dos Tupia, para defender os seus novos aliados. Todavia os colonos de S. Vicente exagerando as forças dos Francezes e dos Tamoyos, não pareciao dispostos a auxiliar a expedição; mas o zelo de Nobrega, de Anchieta e dos outros missionarios vencerão todos os obstaculos. A' vista dos numerosos Indios convertidos de Piratininga dispostos a marchar debaixo das ordens dos Portuguezes, os animos cobrãrão novo alento, e conseguiu-se ajuntar forças sufficientes. Reforços chegarão da Bahia e do Espirito-Santo, ea armada constava de seis nãos de guerra, com hum numero proporcionado de transportes e barcas, e nove canoas tripuladas por Mamalucoas e Indios, commandados

por Anchieta. A expedição fez-se á vela do porto de Buriquoca ' a 20 de Janeiro de 1555, dia de S. Sebastião, mas os ventos contrarios os retardarão por tal maneira que quando, no principio de Março, chegáram ao rio de Janeiro, tinham quasi consumido todos os viveres. Muitos transportes tardavam ainda, assim como o commandante, e a capitania. Já os Tamoyos alliados impacientes ameaçavam de se retirar, não querendo, dizião elles, ficar ociosos nem morrer de fome; mas Anchieta, com a sua costumada astucia prophetica, lhes annunciou a proxima chegada do general e dos transportes com os viveres; e com effeito, apenas acabava de fallar se avistáram os navios. A frota entrou pela barra, e o commandante fez desembarcar a infantaria em Villa-Velha a huma legoa da altura chamada *Pao de Assucar*. Entrincheiráram-se alli, mas não achando senão aguasalobra, abrirão hum poço, por direcção de José Adorno e Martim Namorado, dois dos mais ricos colonos do Brasil, e acháram agua excellente. Foram immediatamente atacados pelos Tamoyos: estes havendo tomado hum dos Indios convertidos, o ataram a huma arvore e fizerão d'elle alvo das setas: mas este acto de feroçidade com

' Por corrupção *Bertioga*. O nome significa casa do macaco, *Buriqui* he huma especie de macaco; *oca* casa.

que culdavião intimidar os inimigos, por tal maneira os enfureceo, que cahirão enraivecidos sobre os Tamoyos, os derrotarão e destruírão as suas canoas, capitaneados pelo intrepido Anchieta. Seis dias depois soube-se que se haviam reunido e posto em emboscada com 27 canoas de guerra, em hum pequeno porto por onde devião passar os Indios convertidos. Estes estando prevenidos, ousadamente marcharão contra os Tamoyos, e os derrotarão segunda vez.

A guerra continuou com pouco vigor; Nobrega veio ao campo, e enviou Anchieta á Bahia sollicitar do Governador novos reforços, e cuidar dos interesses da Companhia, fazendo-se ordenar sacerdote, porque até então Anchieta não era senão coadjutor temporal. Chegado á Bahia convenceo Mem de Sá da necessidade de fazer hum ultimo e decisivo esforço para expulsar os Francezes, e arruinar os estabelecimentos dos seus alliados. Mem de Sá fez novas levas, ajuntou alguns navios, e conduzindo elle mesmo o reforço, chegou ao Rio de Janeiro a 18 de Janeiro do anno 1567. O ataque foi differido até o dia de S. Sebastião, reputado feliz. Com effeito o forte francez de Uraçumiri foi tomado de assalto no dia 20: não escapou hum só dos Tamoyos que o defendião. Houve sómente dois Francezes mor-

tos; cinco prisioneiros serão enforcados, segundo o barbaro costume adoptado pelos Europeos na America, e no alto mar.

Os vencedores marcharão logo sobre Paranaquy (mar grosso), que foi batido em brecha, e tomado de assalto; mas no primeiro ataque foi Estacio de Sá ferido na cara de humna flechada, e depois de atroz padecimento por espaço de hum mez, morreo. Seu primo, Salvador Corrêa de Sá, nomeado em seu lugar, tomou logo o commando.

O pequeno numero de Francezes, vendo o destroço dos Tamoyos seus alliados, se embarcaram em quatro navios que tinham no porto, fizeram-se á vela para Pernambuco, e tomaram posse do Recife; mas o governador de Olinda os expulsou, obrigando-os a fazer-se ao largo. D'esta maneira os Francezes, que por onze annos se tinham mantido de posse do Rio de Janeiro sem receberem o menor auxilio da patria, se virão constrangidos a renunciar á mais brilhante perspectiva. A França dilacera-da pelas guerras de religião, e pela atroz perseguição feita aos calvinistas, não se occupou do Brasil, que tão fácil lhe fôra colonisar. A côrte de Portugal tambem, depois da morte de Don João III, poucos esforços fez a favor dos novos estabelecimentos na America. A' perseverança de Mem de Sá, e ao zelo, actividade

e talentos dos jesuitas Nobrega e Anchieta, deverão os Portuguezes a conservação de tão importante conquista.

Immediatamente depois da sua victoria fez Mem de Sá elevar fortificações para dominar a entrada da barra, cuja construcção foi dirigida por Christovão de Barros, que ali guarneceu de artilharia. Traçou logo o plano de hum cidade, e escolheu hum planície cercada de montes cobertos de frondosos arvoredos, e abrigada por elles dos ventos impetuosos, podendo os navios fundear no porto com a mesma segurança, que se fosse hum placido lago. Denominou a nova cidade S.-Sebastião, em honra do santo e do rei de Portugal. Dentro de poucos mezes começaram a elevar-se nobres edificios de pedra de cantaria, e os dois fortes que protegem a barra, hum dedicado a Nossa Senhora da Guia (hoje Santa-Cruz), e o de Santiago, mais conhecido pelo nome de *Calabouço*. Os Indios, catechizados pelos missionarios, ajudarão a todos os trabalhos da edificação da cidade, do arroteamento do solo, e esgotamento dos pantanos, convertidos em breve tempo em fertilissimas campinas, que apenas exigião hum leve amanho para darem maravilhosos productos. Entre os primeiros edificios erigidos, se distinguia hum templo, hum casa do misericórdia, e hum collegio para 50 je-

sitas, ao qual se assignou huma pensão annual de 2000 cruzados. O assento da nova cidade, que duzentos annos mais tarde era destinada a ser a capital de hum imperio, era no sitio denominado pelos Indios *Ganabora*. Mem de Sá se retirou á Bahia, nomez de Junho 1568, e nomeou governador de S.-Sebastião seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá. A cidade foi dividida em tres bairros, hum na planicie vizinha ao porto, outro na faldá dos montes, e o terceiro na encosta. Os Indios domesticados pelos jesuitas formarão povoações em torno da cidade. O chefe indio Martim Affonso, que tanto se havia assigualado nas ultimas expedições, assentou a sua aldeia quasi a huma legoa da cidade, no sitio hoje denominado S.-Lourenço, servindo de posto avançado contra os Tamoyos.

Nem de Sá manchou a sua gloria, derramando com ferina barbaridade o sangue innocente de hum infeliz protestante, que havia escapado á perseguição do traidor Villegagnon, e viera buscar asylo entre os Portuguezes. Chamava-se João Bolés, e era homem mui versado em litteratura, sabia o grego e o hebraico. Foi preso em S.-Salvador, a instancias de Luiz da Grã, provincial dos Jesuitas. Hum dos companheiros de Bolés, para evitar a morte, fingio abraçar a religião catholica, mas Bolés a dois

outros Francezes sujeitáram-se á prisão perpetua, recusando abjurar a sua creença. Havia oito annos que Bolés estava preso, quando foi embarcado para S.-Sebastião, onde foi conduzido ao supplicio como herege obstinado. Esta atrocidade deve principalmente imputar-se aos jesuitas, que por suas infernaes doutrinas effectuáram a ruina d'Elrei D. Sebastião, e a da nação, que entregáram ao odioso Felipe II. Estes hypocritas ambiciosos, que na Europa procuravão exterminar os protestantes pelo fogo e ferro, no Brasil protegíam os selvagens, porque d'elles querião fazer doces subditos.

Os Francezes fizêro em 1568 outra tentativa infructuosa para se apossar do Rio de Janeiro, e da Paraíba onde fazião hum commercio lucrativo com os naturaes.

Os Tamoyos vizinhos da nova cidade soffrião impacientes o jugo portuguez, e anhelavão por occasião de se vingarem de Martin Affonso, e dos outros Indios alliados dos Portuguezes. Esta se lhes offereceo com a chegada de quatro navios francezes ao Cabo-Frio, provavelmente os mesmos que havião sido expulsados de Pernambuco. Entrarão pela barra de Rio de Janeiro sem opposição, por não estarem ainda terminados e armados os fortes, causando grande surpresa ao governador Corrêa. Este mandou pedir soccorro a S.-Vicente, e fez par-

tir d
Affo
que
tim
chos
apre
em
das
sou
da
so la
Ce
esça
bo-F
enco
tripo
das e
te tr
vado
mar,
tar r
coz,
tolda
mão
co qu
até q
lho e
netra
vado

tir hum destacamento para reforçar Martim Affonso, e se preparou a defender a cidade, que ainda não estava cingida de muros. Martim Affonso, apenas se vio reforçado, marchou com o fito de surprender os Francezes, e aproveitando a vasante da maré, que deixára em secco os seus navios, e lhes tolhia fazer uso das suas peças, os atacou com furor e lhes causou grande perda de gente, até que na enchente da maré os Francezes leváruo ferro e se fizeram ao largo.

Com o reforço chegado de S.-Vicente deo caça o Governador aos navios francezes até Cabo-Frio, mas não os poudo alcançar. Todavia encontrou humna náó de 1200 toneladas, bem tripolada, e cujo capitão não receando ataque das canoas dos Indios; rechaçou vigorosamente tres tentativas de abordagem feitas por Salvador Corrêa, que tres vezes foi lançado ao mar, e salvado pelos seus Indios, apesar de estar revestido de pesadas armas. O capitão francez, vestido de armas brancas, combatia na tolda com singular intrepidez, tendo em cada mão humna espada 'nua', rebatendo o peito d'aço quantas frechás lhe disparavão os selvagens, até que hum d'elles pondo a mira na viseira, lhe enfiou humna setta por hum olho, que, penetrando no cerebro, o matou. O navio, privado do seu commandante, rendeo-se aos Por-

tuguezes, e a sua artilharia transportada ao Rio de Janeiro servio para armar os fortes da barra.

1568. — D. Sebastião que em idade de quatorze annos havia sido acclamado rei, a 20 de Janeiro 1568, apenas foi informado do estado das cousas no Brasil, prolongou por mais dois annos o governo de Mem de Sá, mandou ricos presentes ao Indio Martin Affonso, e lhe concedeu hum escudo de armas.

1570. — *Expedição infeliz de D. Luiz de Vasconcellos.* Elrei D. Sebastião, inteiramente dominado pelos jesuitas, determinou mandar ao Brasil hum a forte armada de sete nãos, e hum a caravela com D. Luiz de Vasconcellos, nomeado successor do Mem de Sá, e o padre Ignacio de Azevedo, provincial dos jesuitas no Brasil, acompanhado de sessenta e nove padres da Companhia. O padre Azevedo foi nomeado provincial por Francisco de Borja, Geral dos Jesuitas, com o beneplacito do papa Pio V, que nesta occasião foi liberal de indulgencias e reliquias, e por favor muy especial permittio que o padre Azevedo levasse hum a copia do retrato da Virgem attribuido a San Lucas! D'estes jesuitas trinta e nove se embarcarão com o provincial na não *Santiago*; vinte naõ com o padre Pedro Dias a bordo da capitânia; e o padre Francisco de Castro com os outros dez, se embarcou na

não das *Orphans*, assim denominada porque levava meninas orphãs para casarem no Brasil com colonos. Esta expedição era essencialmente destinada a fortalecer o imperio dos jesuitas na America portugueza, que elles já consideravam como colônia da Companhia de Jesus.

A frota partio de Lisboa, tocou na Madeira, e a não em que ia Azevedo, e que este tinha fretado por metade, se separou da frota para ir á ilha de Palma vender a carga e tomar outra. No dia seguinte appareceu na altura da Madeira hum frota de cinco navios de guerra francezes, commandados por Jacques Soria, calvinista ao serviço de Jeanne d'Albret, princeza do Béarn e condessa de Foix. O governador fez-se á vela para o combater, mas Soria lhe escapou e dirigio-se a Palma, onde tomou por abordagem a não *Santiago*, e matou todos os jesuitas, excepto hum noviço cozinheiro. O resto da expedição chegou ao Cabo de S.-Agostinho, que não pôde dobrar; hum violenta tempestade dispersou os navios, indo hum ter á ilha de S.-Domingos, e outro a Cuba. Reunida de novo a frota, foi ainda desviada da sua derrota e lançada sobre os Açores, mas tão destroçada e falta de gente, que hum só navio recebeu todas as tripolações. D. Luiz tornou a embarcar-se com quatorze

jesuitas; mas depois de sete dias de navegação cahio nas mãos de quatro corsarios, tres francezes e hum inglez, commandados por João Capdeville. O governador foi morto, assim como Pedro Dias e os missionarios. Hum só jesuita ficou em hum porto, e conseguiu ir ter ao Brasil. Os jesuitas celebrarão a morte dos padres como hum triumpho de martyres, e publicarão mil patranhas de milagres operados pelo cadaver de Azevedo, que disserão ter-se levantado das ondas com os braços em cruz e tendo na mão o quadro da Virgem.

Nobrega morreo a 18 de Outubro 1570, quatro mezès depois d'esta catastrophe, sem d'ella ser informado, em idade de cincoenta e tres annos. A este infatigavel jesuita se deve em grande parte a colonisação do Brasil, e a pacificação de muitas tribus de Indios. Para bem da humanidade, teria sido mui feliz se todos os jesuitas da Europa tivessem sido obrigados a ir viver na America.

1572. — D. Sebastião, informado da triste sorte da expedição de D. Luiz de Vasconcellos, nomeou Luiz de Brito de Almeida para lhe succeder. Este chegou á Bahia em 1572, e assistio á morte de Mem de Sá, que havia governado e feito prosperar os estabelecimentos portuguezes no Brasil quatorze annos, auxiliado pelos padres Nobrega e Anchieta.

D.
hom
foi m
Jane
estav
teria
pitan
capit
ma f
confe
viou
de ei
ou S
distri
tigo g
acert
em t
dinac
De
madc
Frio,
aos T
unide
de 8.
setes
Salen
estas
goros
ma es

Divisão do Brasil em dois governos. — Por hum decreto d'Elrei D. Sebastião, o Brasil foi separado em dois governos : o do Rio de Janeiro, dado ao doutor Antonio Salema que estava em Pernambuco, extendia-se da capitania de Porto-Seguro até aos limites das capitanias do sul : a cidade de S.-Sebastião foi a capital d'este governo. Salema estabeleceu hum plantação e hum engenho de assucar, em conformidade das ordens d'Elrei, que lhe enviou quatro mil cruzados para a construcção de edificios e ornato da nova cidade. A Bahia ou S.-Salvador continuou a ser a capital do districto septentrional, e a residencia do antigo governo. Mas a corte de Lisboa julgou acertado reunir de novo os dois governos em 1576, ficando o do Rio de Janeiro subordinado ao da Bahia.

Derrota e dispersão dos Tamoyos. — Os armadores francezes que negociavão em Cabo-Frio, tinham vendido espingardas e arcabuzes aos Tupinambas e Tamoyos, os quaes de novo unidos aos Francezes ameaçarão a nova cidade de S.-Sebastião. Quatrocentos Portuguezes e setecentos Indios auxiliares, commandados por Salema, marcharão contra elles. Protegidos por estacadas oppuzerão humma resistencia tão vigorosa, que Salema julgou prudente fazer humma convenção com os Francezes cujas estipula-

lações executou á risca, em virtude da qual elles depozeram as armas, e entregaram as que tinham fornecido aos Indios. Os Tamoyos, abandonados pelos Francezes; foram quasi de todo destruidos. Oito ou dez mil foram mortos ou feitos escravos; os poucos que escaparam, depois de queimar as suas habitações, uniram-se aos outros Tupinambas, transmigraram para o norte, e se estabelecerão na margem meridional de Maranhão, como adiante veremos.

Expedição de Tourinho para descobrir as minas, no interior da capitania do Porto-Seguro, por ordem do governador Luiz de Brito de Almeida. — Tendo subido o Rio-Doce até Mandii, Tourinho desembarcou, e caminhou vinte milhas ao oeste-sudoeste, até hum lago, que os indigenas chamão embocadura do Mundo-Mandii; d'alli remontou em distancia de trinta legoas hum rio que se lança no Rio-Doce, depois marchou para oeste quarenta dias em distancia de setenta legoas, e attingio o confluente d'estes dois rios; alli fez construir barcos de casca de arvores, cada hum podendo levar vinte homens, e se embarcou de novo no Rio-Doce, que navegou até o affluenté *Leecy*, que remontou em distancia de quatro legoas. Alli deixou os barcos, e caminhou ao noroeste durante onze dias, atravessou este affluenté, e costcou as suas margens na extensão de cin-

coenta legoas, onde vio rochas cobertas de pedras, que tomou por torquezas. Tambem achou esmeraldas, saphiras e grande quantidade de crystal de rocha.

Outra expedição com o mesmo objecto foi tentada pelo capitão Antonio Dias Adorno, por ordem do mesmo governador. Constava de cento e cincoenta Portuguezes e quatrocentos escravos ou Indios alliados, com os quaes remontou o rio de Caravelas, e confirmou á volta a relação de Tourinho. Achou tambem crystal de rocha, esmeraldas, saphiras, e pedras tão pesadas, que suppoz conterem prata, e até mesmo ouro. A expedição desceo o Rio-Grande em chalupas, e atravessou o territorio de algumas tribus de indigenas. Por algumas amostras, ainda que imperfeitas das rochas, se conheceo haver diamantes. Duas outras expedições se tentarão ainda com o fim de descobrir minas de ouro ou prata, por ordem do governador da Bahia. A primeira foi confiada a Diogo Martins Cão, por alcanha o *Mata-Negro*; a segunda foi emprendida por Marcos de Azevedo, que trouxe grande quantidade de pedras preciosas de differentes côres, e entre ellas algumas diamantes. O territorio onde se acharão estes primeiros diamantes era habitado por tribus indigenas dadas á agricultura, e pacificas; mas só muito tempo depois he que o go-

verno se occupou da extracção dos diamantes.

Luiz de Brito tinha tambem procurado minas de cobre, mas desanimado por obstaculos imprevistos, não deo seguimento ás explorações; se bem que era opinião geral entre os colonos, que a sessenta legoas pelo sertão havia hum montanha onde se encontrava cobre nativo em grandes massas, e igualmente affirmavão haver a meia legoa d'alli outras montanhas, que encerravão ferro da melhor qualidade.

1578. — A separação dos dois governos, Bahia e Rio de Janeiro, achou-se ser nociva aos interesses do estado e da colônia, e de novo forão unidos em hum só, e Luiz de Brito nos fins da sua administração governou todo o Brasil, e entregou a autoridade ao novo governador Diogo Lourenço da Veiga, nomeado por Elrei D. Sebastião. Luiz de Brito governou cinco annos, e contribuiu muito a promover a prosperidade do Brasil.

O novo governador tomou posse da colônia em S.-Salvador, no anno de 1578; anno calamitoso para Portugal, menos pela morte do fanatico e estouvado D. Sebastião, sacrificado pelos seus perfidos conselheiros jesuitas, que pela perda de tanto guerreiro illustre, nos campos de Alcaçar-Quibir, e pelas funestas consequencias que resultarão à nação do tyrannico

jugo dos Felippes. Este joven rei, a quem a natureza tinha com mão larga liberalizado talentos, virtudes e o mais heroico valor, pervertido pelos jesuitas esgotou o reino de dinheiro e gente, descuidou-se dos estabelecimentos portuguezes na Asia e na America, e dominado pelo mais grosseiro fanatismo, recusando casar-se, deixou o reino sem successão, entregando-o, a bem dizer, ao astuto e ambicioso tyranno da Hespanha. Com o fito de converter os Mouros ao christianismo, e de arvorar a cruz nos minaretos das mesquitas do Marrocos, perdeu-se a si e trahio os interesses da patria. Morreo D. Sebastião a 14 de Agosto 1578, tendo pouco mais de vinte e quatro annos. O cardinal D. Henrique, seu tio, lhe succedeo tendo sessenta e oito annos de idade, e falleceo a 31 de Janeiro 1580. Felippe II, o mais poderoso dos pretendentes à corôa de Portugal, sem difficuldade nem obstaculo se fez proclamar Rei de Portugal pelas Côrtes de Thomar. O Brasil reconheceo a sua autoridade. Em vão D. Antonio, prior do Crato, tentou apossar-se do Brasil, e fazer-se reconhecer rei. Huma esquadra franceza que apoiava as suas pretensões, foi batida pela esquadra hespanhola nos Açores. Tres navios francezes expellidos ao Brasil para fazerem reconhecer D. Antonio, enviãrão hum parlamentar ao Rio de Janeiro

a informar Salvador Corrêa do Sá, governador da cidade, que o commandante da esquadra trazia despachos do Prior do Crato, a quem os Francezes davão o titulo de Rei: porém o Governador não quiz receber as cartas de D. Antonio.

No mesmo anno forão introduzidos no Brasil os religiosos carmelitas, conduzidos pelo padre frei Domingos Freire, que fundou o primeiro convento na villa de Santos. Frei Antonio Ventura veio no mesmo anno com monges beneditinos, que se estabelecêrã em S. - Salvador.

Pouco tempo depois o governador Veiga, velho e doente, vendo-se proximo a morrer, renunciou a sua autoridade, e entregou o governo ao senado da Camara e ao Ouvidor geral Cosme Rangel de Macedo. Felipe II confirmou esta forma de governo, e o Brasil foi assim regido perto de dois annos até á chegada de Manoel Telles Barreto, nomeado por Felipe II Governador general da America portugueza.

1580. — *Estado do Brasil.* Quando no cabo de oitenta annos estava o Brasil a ponto de colher o fructo de tantos trabalhos, quiz a infesta sorte que cabissem os Portuguezes da America como os da Europa nas garras do despota da Hespanha. Este monircha, cujos dominios abrangião quasi a metade do globo,

não tinha meios de acudir a todos os pontos de tão vastos estados, e todavia meditava projectos chimericos de conquista, dictados pelo fanatismo e intolerancia religiosa, e combinados com desmedido orgulho e improvida jactancia. A perda da grande armada ridiculamente appellidada *invencivel*, preparou a ruina da Hespanha, e expoz o Brasil aos maiores perigos. Os Hollandezes se apoderarão da maior parte dos estabelecimentos portuguezes na Asia, e estiverão, como adiante veremos, a ponto de se apossarem de todo o Brasil. Mas antes de narrar os acontecimentos calamitosos que marcarão a epocha da dominação hespanhola, convém expôr brevemente o estado da colonia brasilica em 1580, e pouco depois.

S.—Salvador, capital do Brasil, continha então oito mil colonos ou habitantes, e o Recôncavo contava pouco mais de dois mil, não comprehendidos os Indios e os Negros, que devião ser mais numerosos, porquanto, segundo os documentos, essas duas classes podião pôr em campo quinhentos de cavallo e dois mil infantes. O clero era numeroso, mas pobre. Alem do bispo havia na cathedral cinco dignidades, oito cônegos, hum cura, hum coadjutor e cinco cantores. Sessenta e duas igrejas, das quaes dezaseis erão parochiaes, e tres mosteiros completavão o estabelecimento

ecclesiastico. Os jesuitas, cuja influencia predominava, tinham hum collegio de vasta extensão com igreja espaçosa e ricamente ornada.

Acabavão-se de lançar nesta cidade os alicerces do arsenal e do estaleiro de construcção. As casas e edificios erão de pedra e tijolo, mas o unico edificio notavel era o palacio do Governo onde residia o Governador general. A cidade estava assentada sobre hum altura escarpada, e para introduzir nella os fardos e caixas vindos por mar, e depositados noua almazena do porto, era necessario empregar guindastes. A maior parte das ruas, posto que alinhadas, e bastante largas, erão tão íngremes que se tornavão impracticaveis ás carruagens e até aos palanquins. Apesar d'este inconveniente, os colonos ricos não andavão a pé, e já então se fazião transportar, ao uso da India, em redes de algodão, suspensas em hum grande paode bambú, que dois negros vigorosos levavão sobre os hombros. Estas redes erão cobertas de hum sobreceço, d'onde pendião cortinas que se corrião á vontade. Estes palanquins chamavão-se *serpentinhas*, talvez por terminarem os cabos do bambú em cabeça e cauda de serpente: hoje denominão-se *tipoiás*. O luxo dos vestidos tinha feito grandes progressos. Contavão-se já naquella cidade mais de cem colonos, cujo ren-

dimento montava de tres a cinco mil cruzados, e as propriedades de vinte a sessenta mil. Estes ricos proprietarios ostentavão hum fausto extravagante; suas mulheres e filhas trajavão estofos de seda bordados de ouro, e alguns possuião baixellas e joias de ouro, do valor de dois a tres mil cruzados. O luxo da mesa não tinha feito os mesmos progressos; mas o mercado era bem provido de pão, feito de trigo vindo de Portugal, e não faltava vinho das Canarias e da Madeira.

Alguns baluartes de terra mal construidos, e alguns fortes formavão a defesa da cidade da banda do mar, mas das oitenta peças que os guarneceião, quarenta erão de tão grosso calibre que de pouco podião servir; todavia a situação da cidade he forte por sua natureza. A bahia espaçosa, capaz de conter numerosos navios, tem o inconveniente de não catar abrigada contra os tufões. Os habitantes tinhão perto de trezentas caravelas, e cem navios capazes de levar artilharia, sem fallar de muito maior numero de embarcações pequenas. Não havia homem no Reconcavo, branco, indio ou negro, que não possuisse huma canoa.

A canna de assucar tinha sido trazida da capitania dos Ilheos, onde fôra importada da ilha de Madeira; mas esta planta he indigena do Brasil, e crescia em abundancia á roda do

Rio de Janeiro. Havia trinta e seis engenhos de assucar no Recôncavo, e vinte e hum d'elles moísa por agua. Exportava annualmente a cidade mais de cento e vinte mil arrobas de assucar. Em torno da cidade havia muitas quintas. As vaccas e cabras vindas da Europa e do Cabo-Verde tinham multiplicado de maneira prodigiosa, e davão leite de que se fazia manteiga e queijos como em Portugal. Tinha-se tambem transportado a S.-Salvador cavallos de Cabo-Verde; ricos colonos criavão até quarenta ou cincoenta eguas, que valião dez a doze mil réis cada huma. Em Pernambuco se vendião a razão de vinte e quatro mil réis. Os porcos e outros animaes tambem prosperavão; só os carneiros degeneravão.

As frutas da Europa e da Asia medrarão. As laranjas e limões introduzidos pelos Portuguezes melhorarão em grossura e qualidade. O gingibre trazido da ilha de S.-Thomé medrou tão depressa, que desde o anno de 1573 se tinham colhido quatro mil arrobas da melhor qualidade, mas que os colonos não sabião secar como se pratica na India. O café e o algodão erão indigenas do paiz. A casca do *ambira* fornecia cordas e cabos excellentes, e a semente era usada como pimenta, e reduzida a pó era considerada como antidoto da mordedura das oobras venenosas. As palmeiras tamareiras

forão introduzidas por caroços de tamaras de Portugal ou da Barberia. O cânamo tambem se criava na colonia. O cacao levado de Cabo-Verda, prosperou em poucos annos, mas hum insecto destructor, e a ignorancia dos colonos o fez perder. Os meloaes, as romceiras e as vinhas forão quasi inteiramente destruidas por huma especie de formiga. Este insecto fazia tal estrago, que os colonos portuguezes mui aptamente o denominarão *Rei do Brasil*, mas por compensação destruia escorpiões, centopeas, cobras e muitos outros animaes daninhos que infestão o Brasil. Outro insecto chamado *broca* roía as vasilhas de madeira, excepto as que continhão azeite. As cobras destruíão os pombacs. Mas o insecto que mais atormentou os colonos foi o *chica* das Antilhas, que se introduz por baixo das unhas dos pés e das mãos, e causa perigosas feridas a não ser destrahamente extrahido.

O salitre era abundantissimo, mas não havia outra cal senão a que se tirava da casca das outras de que havia immensa copia. O mar abundava em peixe e marisco. Erão abundantissimos os caranguejos, e os tubarões de cujo figado se extrahia muito azeite; havia tambem muita balça. Na costa se encontrava âmbar, que todavia era mais frequente no Ceará, e as aves o comião com voracidade.

Pernambuco tinha prosperado quasi na mesma proporção. A morte de Duarte Coelho, seu primeiro donatario, foi quasi immediatamente seguida de huma confederação geral dos Indios contra os colonos d'esta provincia. A côrte de Lisboa, informada d'este successo, fez partir Duarte de Albuquerque Coelho, filho e successor do antecedente, e acompanhado de seu irmão Jorge, chegou em 1560 a Olinda. A colônia estava ameaçada de perigo imminente, e os habitantes não ousavão aventurar-se a duas legoas da cidade. Os jesuitas chamados a conselho com os chefes civis e militares, elegerão para chefe militar, com o titulo de *conquistador da terra*, o mais moço dos irmãos Coelho. Elle se mostrou digno d'esta confiança, apesar de não ter mais que vinte annos, pelo seu valor, energia e actividade. Repellio os Cahetés e dentro de cinco annos, toda a costa estava livre d'elles, assim como quinze ou vinte legoas para o interior, e estas vantagens serão duraveis. Em pouco tempo se elevarão cincoenta engenhos de assucar, cuja decima era arrendada por dezanove mil cruzados. A provincia extendia-se quasi quarenta legoas ao sul até ao rio de S.-Francisco.

Olinda, construida em huma eminencia perto da praia, encerra muitos outeiros em seu circuito; o Recife lhe serve de porto: he pe-

queno e pouco commodo, e de alguma sorte fechado por huma enfiada de bancos e de rochedos, de que a costa está semenda. Ao sul, perto da cidade corre o rio Biberibe, que vem perder-se entre o continente e o porto, onde surge huma pequena ilha. Entre os edificios publicos se distinguia o collegio dos Jesuitas, fundado por Elrei D. Sebastião, onde se ensinavão as linguas e algumas sciencias aos colonos, até aos Indios convertidos. A cidade continha setecentos habitantes ou colonos, e alem d'estes havia em cada engenho de assucar vinte ou trinta colonos e cem negros. Quatro a cinco mil escravos negros erao empregados nesta provincia, que podia pôr em campo mil soldados, e d'estes quatrocentos de cavallaria. Muitos aventureiros, que de Portugal tinham vindo pobres, voltarao ricos á patria. A cultura da canna, o preparo do assucar, e o côrte e transporte do pao de tinturaria occupavão todos os braços, e todo o outro genero de cultura era desprezado. Por isso em parte alguma do Brasil erão os viveres mais caros, pois vinhão das Canarias, e até de Portugal. As aldéas da Mata, de Garassu e de S.-Lazaro tinham bastante povoação, e nesta ultima se fazia o melhor assucar. O pao brasil pertencia á corda; o assucar pagava á sahida dez por cento, e cinco mais de entrada nos portos de Portugal. Qua-

renta e cinco navios vinhão annualmente carregar estes dois generos. Todavia não havia fortaleza ou fortificação para proteger o porto de Pernambuco.

A capitania de S.-Vicente, posto que de menor importancia, tambem prosperava, e os Tupiniquins que habitavão a vizinhança vivião em boa harmonia com os colonos. O estabelecimento da ilha Bertioga, a duas legoas de S.-Vicente, destruido pelos Tupinambas, foi reconstruido e fortificado.

A cidade de Santos, situada em huma bella fronteira á pequena ilha de S.-Amaro, era o estabelecimento maritimo o mais consideravel da capitania. A entrada do porto chama-se *Barra-Grande*, os navios do maior porte sobião até Santos, que então não continha mais que oitenta casas. A povoação compunha-se de Portuguezes e mestiços, cujo numero não passava de trezentos ou quatrocentos, a maior parte casados com Indias baptizadas. Tinhão grande numero de escravos e de Indios tributarios.

A tres legoas d'esta cidade estão as altas montanhas de Pernabiácabá, das quaes hum ramo coberto de bosques conduz á cidade de S.-Paulo de Piratininga, fundada pelos Jesuitas e povoada de Malucos e Indios convertidos. O clima he excellente; o ar refrescado pelas

montanhas e ventos he mui temperado, e nunca alli se sente excessivo calor. O rio Ingambi, que corre ao norte a huma legoa da cidade, despenha-se das montanhas de Pernabiaccaba, e na estação das chuvas engrossa e inunda os campos vizinhos. Ao norte do rio se estende a trinta ou quarenta legoas a serrania que encerra minas de ouro e diamantes, cuja exploração foi mais tarde devida á activa perseverança dos Paulistas.

O clima de S.-Vicente permittia a cultura da cevada e do trigo, mas cultivavão-se pouco. A vinha criava-se bem, e algum vinho se fazia, mas era preciso fervê-lo para não azedar. Em S.-Paulo tambem se plantarão vinhas.

A capitania do Espirito-Santo começava a restabelecer-se dos desastres que soffrêra. A de Porto-Seguro tinha declinado pela má administração do filho de Tourinho. Morto este, deixou huma filha que não quiz casar, e vendeo os seus direitos ao primeiro duque de Aveiro. A influencia e os capitaes do novo senhorio, e o estabelecimento de hum collegio de Jesuitas derão nova vida á colonia; formá-rão-se logo nos contornos muitas aldeas de Indios convertidos e policiados. A cidade conservava ainda a cruz que Pedralvares Cabral fez arvorar nesta nova terra. Esta capitania era a mais rica do Brasil em madeira de cons-

trução. As arvores do balsame e da gomma, são alli communs, assim como a mandioca, as bananeiras, laranjeiras, coqueiros, etc. Na epocha de que tratamos, Porto-Seguro estava quasi despovoado, contando apenas vinte familias portuguezas. Não lhes restava mais que hum só engenho de assucar. Esta decadencia era devida aos estragos renovados pelos ferozes Aymores. Para completar a ruina da colonia dois incendios consumirão os edificios e fazendas.

A capitania dos Ilheos situava a trinta legoas ao norte de Porto-Seguro, e quasi em igual distancia ao sul de S.-Salvador, fertil em assucar e mandioca, já encerrava mais de cem familias portuguezas e grande numero de escravos occupados nos trabalhos da agricultura, mas foi quasi inteiramente destruida pelos Aymores.

Na mesma epocha a provincia do Rio de Janeiro estava ainda na infancia, e não tinha da banda de terra defesa alguma. As povoações de Indios convertidos lhe servião de postos avançados, contra os ataques dos selvagens, menos a receiar depois da derrota dos Tamoyos e transmigração dos Tupinambás.

A' excepção das provincias de S.-Salvador, S.-Vicente, S.-Paulo, Pernambuco, e de alguns estabelecimentos devidos aos missionarios, as

outras colonias estavam destruidas ou assoladas pelos selvagens. Todos os esforços para colonisar a embocadura do Amazonas e costas vizinhas forão baldados : duzentas legoas de costa ao norte de Pernambuco estavam ainda occupadas pela formidavel e numerosa nação dos Tapuyas. A' excepção dos Goianazes e dos Aymores, todas as tribus selvagens ao longo da costa, desde Pernambuco até S.-Vicente tinhão sido repellidas, vencidas e sujeitadas. A barbara nação Caheté, destruida quasi no principio da occupação de Pernambuco, renovou as hostilidades; mas segunda vez vencida, abandonou a provincia aos colonos portuguezes reforçados pela alliança com os Tabayares. Os Tupinambas do norte estavam vencidos e sujeitos á Bahia. Em Itamaracá os Petiguares forão vencidos e expulsos.

Dissolvida pela industria dos missionarios a poderosa confederação das tribus selvagens do sul, não podia para o futuro renovar-se; e a conversão inteira dos Goianazes, fieis alliados dos colonos de S.-Vicente e de S.-Paulo, punha a salvo estas duas colonias dos ataques das tribus do sul.

O clima do Brasil, posto que em geral mui saudavel, causou algumas molestias aos colonos. As Portuguezas a principio criavão poucas filhas, e de tres era mui commum morrerem

dois. Depois que adoptarão hum regime accommodado ao clima, cessou esta mortandade. Algumas doenças cutaneas devidas ao contacto com os negros da Africa, e inchações lymphaticas tambem grassarão bastante. Porém o maior mal veio da corrupção dos costumes, causada pela perniciosa introdução de escravos, cuja abjecção e obediencia cega ás vontades e caprichos dos imperiosos senhores, convertem estes em odiosos tyrannos. A mistura das raças, útil a promover a população, foi perniciosissima para a moral; e parte do desprezo com que os Portuguezes tratavão os negros, recabia sobre a pro genie dos primeiros com as Africanas. A injustiça dos brancos para com os mulatos e mestiços arraigou nestes odio entra nhavel aos brancos, que durará em quanto existirem as denominações que attestão a origem differente de cada raça. De todas as misturas, a mais útil tem sido a dos Portuguezes com as mulheres indigenas; a raça nascida d'esta união he robusta, activa e emprehendedora, e ao mesmo tempo a mais bella de todo o Brasil. Tambem a mistura do sangue africano com o das indigenas produz huma raça de bellos mulatos valerosos e mui stilados. O peor cruzamento de raça he o de Europeo com negros de Africa, e por desgraça he o mais commum. Se a exemplo das colonias hespanholas,

se tivesse proseguido com desvelo a civilização dos Indios, teria hoje o Brasil povoação propria de homens livres, e não se veria exposto a huma ruina total, e não mui remota, quando lhe faltarem braços para a cultura.

CAPITULO IV.

O Brasil debaixo de Felippe II e Felippe III. 1580
a 1621.

Felippe II conservou a administração do Brasil no estado em que a achou, quando unio Portugal e seus dominios á corôa de Hespanha, e por huma judiciosa politica escolheu para os cargos d'esta importante colonia quasi exclusivamente naturaes portuguezes; mas a guerra que o fanatismo religioso lhe fez emprehender contra a Inglaterra, e as perdas que d'ella resultarão á monarchia, deixarão o Brasil quasi sem protecção, entregue aos seus proprios recursos.

1580. — O Inglez João Whitehall, estabelecido em Santos, obteve em 1578, por meio de seu sogro, natural de Genova, licença para fazer vir directamente de Inglaterra huma cargação de mercadorias, que he deo grande lucro. O clero brasileiro favoreceo esta expedição; da qual sem duvida tirou proveito. Efectuou-se no decurso d'este anno.

1582. — *Expedição ingleza Combate naval.*
Depois da expedição hostil de Drake no mar do

Sul em 1579, os Inglezos forão considerados e tratados como piratas pelos Hespanhoes. No anno seguinte huma esquadra ingleza de quatro navios, commandada por Duarte Fenton e destinada para a China, appareceo diante de S.-Vicente, na costa do Brasil, onde procurou prover-se de mantimentos. Foi atacada por huma esquadra hespanhola ccommandada por Flores. Fenton sahio victorioso, metteo a pique hum dos navios hespanhoes, e proseguio a sua viagem.

1585. — *Estado dos negocios na provincia da Paraíba.* Os Petiguares que occupavão o territorio situado entre os rios Paraíba e o Rio-Grande, continuãrão as suas hostilidades contra os Portuguezes, auxiliados pelos Francezes que vinhão a estas paragens carregar pao de tinturaria. O novo governador da Bahia, Manoel Telles Barreto, mandou hum corpo de gente armada ás ordens do capitão Fructuoso Barbosa, para formar hum estabelecimento no porto de Paraíba e fortificá-lo, mas não o poudo effectuar, tendo perdido parte da gente em huma emboscada, e havendo o resto fugido. Ao mesmo tempo, os habitantes de Pernambuco e de Itamaracá pedião com instancia auxilios ao Governador contra os ataques dos Indios. O general Diogo Flores de Valdez achava-se então na Bahia com seis navios, e dos

mais que voltavão de Goa commandados por Diogo Vaz da Veiga. O Governador ordenou a Flores que conduzisse esta esquadra á Paraíba, e o ouvidor geral Martim Carvalho foi encarregado de prover a fragata de gentio e de viveres. Flores partio para o seu destino, e hum corpo de tropas, em que ião muitos escravos, marchou por terra ás ordens do capitão Fructuoso Barbosa. Apenas a esquadra appareceu na barra da Paraíba, os Francezes se tornarão a embarcar. Alguns autores affirmão que elles queimarão quatro dos seus navios, e se refugiãrão no interior entre os indigenas. Para evitar novos desembarques fez o almirante construir hum forte de terra e madeira, em que deixou huma guarnição de cem homens commandados pelo capitão Francisco Castrejon. Este official hespanhol tendo recusado reconhecer por chefe a Barbosa, este voltou á Bahia. Castrejon, depois de ter sustentado diversos combates com os Indios, se vio obrigado a abandonar o forte, retirando-se por terra. A capitania de Itamaracá. Durante a sua marcha de dezoito legoas, perdeu alguns homens e mulheres, que cahirão de cansaço. Os habitantes de Pernambuco informados d'este desastre, expedirão outro corpo de tropas bem provido de armas e munições, commandado pelo capitão Fructuoso Barbosa, o qual ajudado pelos

Tupinambas, retomou o forte, e fundou em torno d'elle huma povoação, a que em 1585 se deu o nome de cidade denominada Filippéa.

1586. — *Expedição ingleza commandada pelo capitão Roberto Withrington.* Esta expedição composta de dois navios, hum de duzentas e sessenta toneladas e cento e trinta homens de tripolação, e outro de cento e trinta toneladas e setenta homens, era destinada a cruzar no mar do Sul. O commandante depois de ter tomado dois navios portuguezes que ião do Rio da Prata a Santa-Fé, dirigio-se á Baha de Todos os Santos com tenção de arruinar o Reconcavo. Alli andou pairando seis mezas sem poder desembarcar, pela resistencia dos Indios convertidos dirigidos pelo padre Christovão de Gouvêa, e habeis frecheiros.

1587. — *Fundação da cidade de Cannanea.* Esta povoação situada na comarca de Paranaguá e Curityba, provincia de S.-Paulo, em huma pequena ilha, a dez milhas da barra de Cannanea.

1587. — O Governador e Capitão general Manoel Telles Barreto morreu depois de ter governado quatro annos. El-rei tinha designado, para formar huma junta de governo, o bispo D. Antonio Barceiros, e Christovão de Barroa, provedor-mór da fazenda, os quaes governarão a colonia outros quatro annos, até 1591, epocha em que Francisco Giraldes,

senhor da capitania dos Ilheos, foi nomeado Governador, e não tendo aceitado o cargo, D. Francisco de Sousa, da casa dos condes de Prado, foi nomeado em seu lugar.

1590. — *Conquista e colonização de Serecipe d'el-rei.* Esta provincia esteve muito tempo sujeita á Bahia, de que formava hum districto. Foi começado este estabelecimento por Christovão de Barros sub-governador da Bahia, por ordem de Felippe II. Os Portuguezes que habitavão entre Rio-Real e Itapicuru, soffrião muito das continuas hostilidades dos indigenas, e dos piratas francezes que frequentavão a costa para cortar pao brasil.

1591. — *Descobrimento, real ou supposto, das minas de prata.* Roberto Dias, descendente de Catherina Alvares, e habitante da Bahia, possuia rica baixella de prata que asseverava proceder de minas d'este metal situadas nas suas terras: Este homem partio para Hespanha, e prometteo patentear o sitio onde, dizia elle, havia mais prata que ferro em Biscaya, e exigio como recompensa o titulo de *Marquez das Minas*. El-rei contentou-se com lhe conferir o cargo de *Administrador das minas*, e prometteo ao novo governador, D. Francisco de Sousa, o titulo cobiçado por Roberto Dias. De volta ao Brasil affectou destruir todos os indicios da sua supposta descoberta, e morreu pouco tem-

po depois sem ter dado o menor esclarecimento sobre este ponto. He provavel que tudo era invenção do sujeito para se afidalgar marquez.

1591. — *Expedição de Thomás Cavendish.*

Este atrevido aventureiro aproveitando a guerra entre a Inglaterra e a Hespanha, para reparar pela pilhagem a fortuna que tinha perdido ou dilapidado, partio em 1586 para o mar do Sul, queimou Paita e Acapulco, devastou as costas do Chili, do Perú e da Nova-Hespanha, e tomou perto da California hum galeão hespanhol ricamente carregado. No cabo de dois annos de piraticas depredações, voltou a Plymouth, possuidor de immensas riquezas; mas a sua insaciavel cobiça o instigou a tentar de novo a fortuna, que tão prospera se lhe havia mostrado, e escolheu o Brasil para theatro de seus projectados roubos.

Em 26 de Agosto 1591 sahio Cavendish de Inglaterra com tres navios de alto bordo, e duas galeras, bem equipados. Contrariado pelos ventos teve viagem demorada, e chegou diante de S.-Vicente falto de mantimentos. Querendo prover-se do necessario, destacou dois dos seus navios para se apoderarem da cidade de Santos. Os Inglezes sorprendêrão a povoação, estando todos os habitantes na Igreja, e sem encontrar resistencia só hum homem foi morto. Puzêrão guardas ás portas da igreja,

para não deixar sahir ninguem, e obrigar os habitantes a tratarem do seu resgate; mas o vice-almirante Corke, por effeito da sua intemperança, perdeu hum tempo precioso em lauto banquete em que elle e os mais officiaes se enfrascáão de vinho e aguardente, e a tropa seguiu o exemplo dos chefes. A' bocca da noite os habitantes de Santos aproveitando as trevas e o lethargo dos piratas, levárão para o interior tudo o que puderão, de sorte que á chegada de Cavendish, oito dias depois, a frota não achou de que se prover.

Alguns chefes indigenas vierão offerecer-se aos Inglezes para seus alliados, se os ajudassem a expulsar os Portuguezes; mas Cavendish só queria roubar, e não combater ou formar estabelecimento permanente. Entretanto o chefe inglez procurou obter por astucia o que não pudera conseguir pela violencia. Offereceo aos habitantes tratar com elles em nome de D. Antonio, rei titular de Portugal, mas de balde. Por huma inconsideração apenas explicavel, demorou-se muitas semanas em Santos, e partito do porto ainda mais falto de viveres que quando entrara.

Seguindo a costa para o sul, queimou S. Vicente e dirigio-se ao estreito de Magalhães, mas não poudo penetrar. O seu navio, apartado dos outros pela força do vento, foi lançado so-

bre as costas do Brasil, perto de Santos. Cavendish desembarcou vinte e cinco homens a tres legoas de distancia d'esta cidade, esperando achar algum mantimento de que tinha a mais urgente precisão, estando a tripolação doente e quasi morrendo de fome. Todo este destacamento foi morto pelos indigenas, á excepção de dois que conduzirão em triumpho á Santos, levando como trophcos as cabeças dos outros Inglezes degollados. Este novo revet teria sido irreparavel para Cavendish, sem a chegada de outro navio da sua esquadra. Continuarão a costear juntos dirigindo-se ao norte, e assolando todas as povoações por onde passavão. Desejava Cavendish abordar ao Espirito-Santo, mas não tinham practico da barra, quando hum Portuguez que tinham feito prisioneiro se offereceo a conduzi-los áquelle porto. Chegado á barra, mandou Cavendish hum chaluça sondar o fundo, e achou não ser sufficiente para surgirem os navios. Irritado d'este contratempo mandou enforcar o desgraçado Portuguez, não attendendo ás protestações do misero que declarava ter feito entrar em Santos navios de cem toneladas, mas sem nunca ter sondado o fundo. Então Cavendish fez avançar os navios á força de remo, e chegando perto da cidade avistou tres navios de guerra fundeados: elle enviou as suas em-

barcações para começar o ataque, porém anoi-teceo, e a gente não quiz desembarcar antes de amanhecer. Cada hora de demora augmentava o risco; era impossivel passar a barra, e a artilharia jogava de todos os lados. Emfim ao romper do dia offerecêrão-se a marchar contra os Portuguezes, e embarcárão-se nas chalupas oitenta homens capitaneados por Morgan, a quem Cavendish ordenou que fosse descobrir hum ancoradouro, prohibindo-lhe sob pena de morte, o desembarque em caso algum.

Partio Morgan, mas já os Portuguezes unidos com os indigenas se tinham fortificado trazendo os seus navios para perto da cidade, a distancia de hum tiro de espingarda do rio. Duas pequenas obras, protegidas por estacas e rochedos, defendião a entrada. Os Portuguezes fizeram fogo do fortim de oeste sobre as chalupas, e Morgan queria retirar-se segundo lh'o prescrevião as suas instrucções; porém a sua gente com o furo na pilhagem, o increpou de cobarde, e obrigou a tentar o ataque. A' força de remos avançõ as chalupas, quando o forte de leste, que os Inglezes não tinham ainda avistado, fez fogo sobre elles e ferio e matou alguns homens. Morgan mandou atacar o forte de oeste pela pequena chalupa, a qual com pouca resistencia o tomou;

mas a chalupa grande que demandava muita agua encalhon, saltando todavia a gente em terra com agua até á cintura, e denodados escalão o fortim que era de pedra, e tinha quasi dez pés de altura; mas os Portuguezes e indigenas que o guarnecião lanção sobre os Inglezos pedras, e matao Morgan e mais cinco dos seus; foge o resto para a chalupa onde se dirigem os tiros, e de quarenta e cinco homens que guarnecião as embarcações não ficou hum só que não fosse ferido. Neste estado não podendo por mais tempo sustentar o combate, fazem-se ao largo, abandonando alguns camaradas. Em vão chamãrão em seu soccorro a gente da chalupa pequena; os que estavam a bordo fugirão deixando em terra dez dos seus companheiros, que tñhã corajosamente acommettido os entrincheiramentos que os indigenas tornarão a occupar. Cavendish com razão disse do patrão da chalupa, que era o mais vil cobarde que nascêra de mulher. Em vão entrarão estes dez valentes Inglezes no rio com agua até ao pescoço, supplicando que os recebessem a bordo, mas os seus infames camaradas não tiverão d'elles compaixão. Cavendish deixou a costa do Brasil, e traspassado de dôr, por ver todos os seus projectos mallogrados, morreo no mar, mais de paizão que de enfermidade.

1594 a 1595. — *Expedição de Jaime Lancaster.* Esta expedição foi armada á custa de alguns membros da camara municipal e negociantes de Londres, e confiada a James Lancaster, em razão do seu perfeito conhecimento do Brasil, onde tinha residido muitos annos, servindo no exercito portuguez, e depois se havia estabelecido como negociante. Esquecendo o que devia a huma nação da qual tinha recebido tantos favores, este desleal Inglez resolveo ir saquear Pernambuco.

Fez-se á vela do Dartmouth a 30 de Novembro 1594, com tres navios e duzentos e setenta e cinco homens de guarnição, levando consigo dois Francezes de Dieppe, que fallavão a lingua dos indigenas do Brasil. Separado do navio montado por Barker, segundo no commando, reunirão-se em Cabo-Branco. No decurso da viagem Lancaster apreheu huma frota de vinte e quatro navios portuguezes e hespanhoes, dos quaes só conservou quatro, saqueando e destruindo os outros. Sabendo de hum prisioneiro que hum navio ricamente carregado e vindo da India, naufragara na costa de Pernambuco, e que toda a sua carga estava em deposito no Recife, dirigio-se á ilha de Maio; alli encontrou o capitão inglez Verner com tres embarcações e huma preza biscainha. Lancaster o convidou a unir-se á sua

expedição, offerecendo-lhe hum quarto das
prezas, o que Venner aceitou. Continuarão en-
tão a derrota de conserva, e chegarão no ul-
timo de Março pela meia noite ao Recife. Achou
no porto tres navios grandes hollandezes, de
que a principio se receiou, e dispunha-se a
atacá-los, mas com grande satisfação vio que
elles se desviavão, deixando-lhe o passo livre.
O governador de Olinda mandou ao meio dia
hum parlamentar, para saber o que preten-
dia a esquadra ingleza. Lancaster respondêo
que por força ou por vontade exigia a carga
do navio naufragado. No em tanto os Portu-
guezes, que tinham mais de seiscentos soldados,
guarnecião o forte á entrada da enseada. Ape-
zar do fogo mal dirigido do forte, logo que a
maré o permittio, avançõ a esquadra e des-
embarcou a gente; a galera despêdaçou-se em
hum rochedo, e a mesma sorte tiveram ou-
tras embarcações: vencer ou morrer era a al-
ternativa que restava aos Inglezes. Sete peças
defendiao o forte do Recife, mas Lancaster
vendo que erão mal servidas, se precipitou
contra o forte e o levou de assalto. Os Portu-
guezes aturdidos e intimidados fugirão para o
interior da terra. Fez logo o almirante signal
a toda a sua esquadra de entrar, e pondo guar-
nição no forte voltou a artilharia contra a ci-
dade de Olinda, d'onde temia huma sortida.

Marchou então para occupar a cidade baixa ou do Recife; os habitantes fugirão nas suas caravelas e canoas, abandonando aos vencedores os almazens, e tudo quanto possuíam. Obtida a victoria, Lancaster houve-se com prudencia, manteve a disciplina, e não de xou commetter roubos á tropa. Fortificou o Recife com estacadas, e construiu hum forte á entrada da enseada.

Entrou depois em negociação com os capitães dos navios holandezes, que afretou para Inglaterra, com condições vantajosas, á fim de levarem parte do despojo. Passados tres dias entrarão cinco navios francezes, dos quaes hum dos capitães tinha o anno antecedente salvado Lancaster de hum naufragio, na ilha de Mona nas Antilhas. Em reconhecimento do beneficio recebido, tratou os Francezes com benevolencia, e lhe fez presente de huma caravela carregada de pao brasil. Os mais capitães francezes, esperando ter parte no saque da cidade, se puzeram ás ordens de Lancaster. Passados tres dias, quatro dos principaes habitantes de Olinda tentarão negociar com o chefe inglez, mas este se esquivou passando de seu bordo para o de hum navio hollandez, e fez dizer aos Portuguezes, que faria enforcar o primeiro que ousasse vir propôr condições. Cumpre advertir que estes saqueadores ostem-

navio de muito religiosos, e tinham de continuo na bocca o nome de Deos.

Toda a actividade de Lancaster se dirigia a buscar meios de conduzir á praia os generos que achára no Recife. Quiz a sua ventura que se apossasse de cinco carros do paiz, e no dia immediato lhe cahio nas mãos hum navio com quarenta Portuguezes e sessenta negros escravos. Lancaster deu a liberdade aos Negros, e teve a insolencia de obrigar os prisioneiros portuguezes a puxar as carroças carregadas do despojo, querendo poupar á sua gente a fadiga de tão rude trabalho em clima e estação tão quente.

Havia já vinte dias que Lancaster estava senhor do Recife, sustentando repetidos ataques, que, por mal dirigidos, pouco damno lhe causirão. Por tres vezes tentarão os Portuguezes incendiaraesquadra, lançando contra ella caravelas e jangadas inflammadas; tambem procurarão cortar-lhe as amarras, mas tudo foi frustrado pela vigilancia do chefe. Tendo já a bordo todo o despojo, e receiando novas tentativas incendiarias, dispoz-se a huma prompta partida. Lancaster esperava só pela maré da tarde para se fazer á vela, quando descobrio os Portuguezes postados em grande numero sobre hum banco de areia, donde podião molestar muito a armada á sahida do porto.

Voltou logo ao Recife, e depois de consultar com os officiaes da esquadra, resolveo desalojar o inimigo, e para esse fim desembarcou trezentos Inglezes e Francezes que se senho-rearão da posição lançando d'ella os Portuguezes, e destruirão huma bateria. Usados com esta victoria se entranhárão pela terra dentro, mas envolvidos por todos os lados serão quasi todos mortos, e entre estes Barker, lugar-tenente de Lancaster, e dois capitães francezes. Lancaster levantou ancora na mesma noite, e fez-se á vela com quinze navios, que todos chegarão a salvamento aos portos de Inglaterra carregados do rico despojo, no mez de Julho.

A fabula inventada pelo celebre Inglez, Sir Walter Raleigh, de hum supposto paiz em que tudo era ouro, e qñe appellidou *El-Dorado*, despertou a cobiça dos Inglezes. Apenas se espalhou esta noticia, partio hum numero consideravel de aventureiros em cata da terra do ouro. Em quanto os Inglezes a procuravão na Guyana, navegava Gabriel Soares o rio de S.-Francisco até á sua origem, e adiantou-se até ás fronteiras da provincia de Charcas e do Perú; mas depois de fadigosa e arriscada peregrinação em que perdeu os mais dos companheiros, voltou ao Brasil sem ter encontrado minas de ouro. Pedro Coelho, colono da Parai-ba, fez duas viagens consecutivas com o mesmo

fim, e na segunda parece ter feito descobertas que mais tarde facilitarão a formação de estabelecimentos no norte do Brasil.

A 18 de Setembro de 1598 morreu Felippe II no palacio do Escorial, deixando por successor seu filho Felippe III, rei inepto, devoto e frouxo.

1603: — Pedro Botelho, nomeado Governador general do Brasil, foi render D. Francisco de Sousa, o qual havia governado a colonia por espaço de onze annos. Botelho proseguio com ardor os projectos de Coelho, a quem nomeou capitão-mór e deu huma commissão para ir descobrir minas e formar colonias. Partio Coelho com oitenta aventureiros, muitos dos quaes sabião as linguas dos indigenas, e oitocentos Indios alliados os acompanhavão. Parte da expedição embarcou em duas caravelas, debaixo da direcção de hum piloto francez, mui practico de toda a costa; o corpo principal marchou por terra para o Ceará. Coelho augmentou alli as suas forças levando consigo outros Indios civilizados pelos Jesuitas. Marchou immediatamente para a serra de Ibiapaba, mas os Tapuyas senhores d'esta serra se oppozerão aos seus designios. Mel-Rêdondo hum dos seus chefes, apoiado por alguns Francezes debaixo das ordens de Montbille, résistio a principio vigorosamente, porém os Portugue-

zes conseguirão apoderar-se de tres postos fortificados. Mel-Redondo submetteo-se, e por mediação dos Francezes seus alliados obteve condições favoraveis. Mas outro chefe chamado Juripari porfiando na sua resistencia durante hum mez, obrigou os Portuguezes a abandonarem o territorio. Retirou-se Coelho para Jaguaribe, que era da jurisdicção de Pernambuco, e fundou alli hum estabelecimento denominado *Nova-Lusitania*, e hum cidade a que deo o nome de *Nova - Lisboa*. A nascente colonia teria prosperado, se a tyrannia do chefe a não tivesse arruinado. Não só vendeo como escravos os Tapuyas prisioneiros de guerra, mas fez outro tanto aos Indios alliados, violando a lei protectora recentemente promulgada pela côrte de Madrid, que declarava livres todos os indigenas, e só permitia serem feitos temporariamente escravos os que fossem tomados com as armas na mão em guerra feita por ordem do governo. Os Tapuyas ultrajados e indignados de tão barbaro e desleal procedimento, abandonarão Coelho, e se dispunhão a tirar vingança de tão atroz injuria, quando elle procurou pôr-se a salvo retirando-se com sua mulher e filhos ao seu primeiro estabelecimento da Paraiba. No caminho perdeu dois filhos de pouca idade, que morrerão de cansaço, e elle soffreo mil infortunios.

Elrei mandou dar a liberdade aos Indios vendidos por Coelho, mas as ordens regias forão mal executadas por colonos costumados a considerar os indigenas como bestas de carga.

Os Jesuitas tentarão por meio de brandura insinuar-se com os Tapuyas, e aproveitar-se dos estabelecimentos começados por Coelho. Estes selvagens são menos ferozes que os Cabetés; não matão os prisioneiros, e tem alguma cultura. Usão de sendalhas feitas de casca do *huraguá*, trazem braceletes, e fazem instrumentos musicos de sopro de ossos humanos, de cornos de animaes ou de canna. Festejão com canto e danças a elevação e o occaso dos astros e das constellações, considerando-as como Divindades; e mudão de vivenda com mais frequencia que tribu alguma do Brasil. Antes de se pôrem em marcha consultão os adivinhos, para saber d'elles a direcção que convém tomar; então banhão-se, esfregão depois o corpo com areia, tornão a banhar-se e raspão o corpo com pentes feitos da espinha de hum pequeno peixe, persuadidos que estas operações previnem o cansaço e agilitão o corpo. São moi dados á caça, celebrão a volta d'ella com musica, dança, e jogos de luta. Furão as orelhas e abrem huma fenda no beijo inferior, que forma como segunda bocca. Diz-se que vivem mais que os outros indigenas. As mu-

lheres cultivão a mandioca e alguns legumes nos valles da serra, e colhem algum mel.

Os jesuitas Francisco Pinto e Luiz de Sequeira partirão de Pernambuco para a serra de Ibiapaba¹ com intenção de converter os Indios que a habitavão, autorisados pelo seu provincial e por Diogo Botelho governador da Olinda, e escoltados por setenta Indios domesticados. Depois de atravessarem densos bosques e vastos desertos, chegarão á Serra, e mandarão alguns dos Indios alliados a sondar as disposições dos Tapuyas. Os selvagens matarão todos os Indios, e corrêrão ao lugar onde os missionarios esperavão a volta dos seus desgraçados companheiros. O padre Pinto foi victima do furor dos Tapuyas; Luiz de Sequeira salvou-se com alguns dos seus Indios nos bosques do Ceará.

Guerra e pacificação dos Aymores. — Estes ferozes selvagens infestavão por tal maneira os contornos de S.-Salvador que os habitantes pedirão soccorro aos Pitaguares de Pernambuco. Oitocentos d'estes guerreiros escolhidos, capitaneados pelo padre Diogo Nunes, partirão, e quando chegarão á Bahia, já tinha cessado o perigo; mas o Governador em vez de despedir os

¹ Esta serra tem oitenta legoas de longo e vinte de largo. Vasconcellos e outros autores affirmão que todos os Tapuyas erão antropophagos.

Pitaguares, como elles o tinham estipulado, quiz retê-los para a guarnição dos fortes, e para a defesa da capitania dos Ilheos. Insistião os Indios, e já se dispunhão a combater, quando por intervenção dos jesuitas consentirão ficar. He incerto se nesta occasião os padres forão complices da má fé do Governador, ou se obrarão por compaixão dos Indios que os colonos querião reduzir á escravidão.

Em quanto a cidade da Bahia gozava da tranquillidade, os Aymores assolavão as capitánias do sul. Em Santo-Amaro quasi todos os colonos tinham sido victimas do furor d'estes ferozes selvagens; a capitania dos Ilheos foi quasi destruida. Em Porto-Seguro fizerão grã-de estrago.

Hum rico colono, chamado Alvaro Rodrigues, estabelecido a doze legoas no sul da Bahia, sustentava huma guerra obstinada contra os Aymores. Em huma expedição contra elles tomou duas mulheres, que levou para a sua fazenda. Huma d ellas morreo de paixão, mas a outra de tal modo se conformou com a sua situação, que não quiz voltar á sua tribu quando Alvaro lhe offereceo restituí-la; antes elle rogou a conservasse, ainda que fosse como escrava. Desta mulher sé servio utilmente Alvaro Rodrigues para negociar huma paz duravel com os Aymores. Attribuidos por caricias e pre-

sententes consentirão por fim a mandar deputados a S.-Salvador, onde foi firmada a paz, quebrando hum dos chefes Aymores a ponta de hum frecha; cerimonia usada entre elles em signal de pacificação. Até aceitarão para residência a ilha de Itaparica, cujo clima não lhes sendo favoravel, a abandonarão; mas mostrarão-se dispostos a adoptar os habitos dos Portuguezes. O jesuita Domingos Rodrigues novamente chegado de Portugal, se tinha ligado com os Aymores e aprendido a lingua d'elles. Este missionario contribuiu muito á pacificação dos Aymores da capitania dos Ilheos, que a principio não seguirão o exemplo das tribus vizinhas de S.-Salvador.

1608. — Botelho, tendo governado o Brasil por espaço de cinco annos, foi rendido por D. Diogo de Menezes, o qual informado que os Francezes e Hollandezes frequentavão a costa do Maranhão, resolveo, para segurança d'estas paragens, formar hum estabelecimento no Ceará, e escolheo para esse objecto Martim Soares Moréno, com o titulo de capitão-mór, o qual na expedição da Serra de Ibiapaba tinha contrahido amizade com *Jacaúna*, hum dos principaes chefes dos Tapuyas. Confiado na protecção d'este chefe, partio acompanhado unicamente de dois soldados, e com o auxilio dos indigenas lançou os fundamentos de hum

povoação que denominou *Nossa Senhora do Amparo*, e começou a construcção de hum forte. Algum tempo depois tomou hum navio hollandez por abordagem, com Tapuyas vestidos e disciplinados á portugueza. Mas não lhe chegando os reforços que esperava, vio-se obrigado a retirar-se. Os Tapuyas vendo Francezes na costa, destruírão parte dos edificios começados.

1611. — Neste anno foi fundada a cidade de *Mugi das Cruzes* na capitania de S.-Paulo, a cousa de meia legoa do rio Tieté, a dez legoas ao éste nordeste de S.-Paulo, e a doze de Santos. As casas são de taipa.

1611 a 1612. — *Expedições francezas para conquistar o Maranhão. Estabelecimento de hum colonia perto da embocadura d'este rio.* O capitão *Francisco Riffault*, armador de Dieppe, tendo-se ligado intimamente com hum chefe indigena d'esta costa, chamado *Ovyropico*, esta lhe offereceo o seu auxilio para fundar hum estabelecimento. Occupado d'este projecto voltou a França, e tornou ao Brasil a 14 de Março 1594, com tres navios. Abordou á ilha do Maranhão, depois de ter reprimido a insubordinação das tripolações, e haver perdido hum navio. Os Tupinambas lhe prestarão os meios de formar hum estabelecimento provisional; mas passado hum anno suscitárão-se

disensões entre os colonos. Rissault partio para França, deixando o commando a Carlos, senhor *des Vaux*, e veio propôr a Henrique IV a fundação de huma colonia permanente. Este projecto foi abraçado pelo Rei, e para proceder com pleno conhecimento, ordenou-lhe que voltasse ao Brasil, e deo-lhe por companheiros *Daniel de la Touche*, e de *La Rivardiére*, dois protestantes bons nauticos, e que já tinham feito muitas viagens ao Brasil. Estes dois officiaes, depois de terem residido seis mezes no Maranhão, voltarão a França, sendo já fallecido Henrique IV. A Regente occupada de outros cuidados, não attendeo logo a este negocio, mas em 1611 *La Rivardiére*, debaixo dos auspícios da rainha Maria de Medicis, formou huma sociedade com *Nicolao de Harlay*, senhor *de Sancy*, o barão *da Molle e Gros-Bois*, e *Francisco*, senhor *de Rasily* e *des Aumelles*, os quaes forão nomeados tenentes generaes de S. M. Christianissima nas Indias occidentaes e no Brasil. A expedição compunha-se de tres navios: a *Regente*, a *Carlotin* e a *Santa-Anna*, e levava quinhentos homens de guarnição. A Rainha lhe deo huma bandeira com as armas de França pintadas em campo azul celeste com hum navio em cuja poppa apparecia a figura da Rainha em pé, e á proa Elrei seu filho tendo na mão hum ramo de oliveira, com a lettra:

Tanti dux sanina facit. Esta frota partio de Cancale na Bretanha a 19 de Março 1612, arribou a Plymouth com hum temporal onde se demorou até 23 de Abril; então se fez á vela. A 7 de Maio avistou a grande Canaria, e a 11 o Rio do Ouro na costa de Africa. A 17 de Junho tomou o rumo de oeste, e a 24 aportou a ilha de Fernando de Noronha, onde se deteve até 8 de Julho. Encontrarão alli hum Portuguez com alguns Tapuyas de ambos os sexos, que se deixarão baptizar pelos capuchos que ião a bordo, e forão embarcados para servirem de interpretes. No dia 11 avistou a costa do Brasil, e a 26 entrou pela barra de Piria, e ancorou a doze legoas do Maranhão em frente da ilha de *Upaonmery* a que Rasilly poz o nome de *Santa Anna*, por ser dia d'esta Santa que desembarcou. Dalli foi á ilha Maranhão o padre jesuita *Claudio d'Abbeville*, chefe da missão franceza, plantou huma cruz em huma eminencia d'onde deitou a benção á ilha. Alli desembarcãrão sem opposição dos Tupinambas, e achãrão tres navios de Dieppe. Elevou-se hum forte em hum outeiro que dominava a entrada do porto, e foi guarnecido de vinte e duas peças de grosso calibre, denominado *Fort de S.-Luiz*, em honra de Luiz XIII, rei de França. A bahia se deo o nome de *Santa-Maria*, em honra da Virgem, e da Rainha regente Maria de Me-

dicis. Dois outras fortes foram construidos, e os capuchos francezes que acompanhavão a expedição fundarão hum convento. A ilha continha então vinte e oito aldéas de Tupinambas, que se puzerão debaixo da protecção dos Francezes. O mesmo fizeram duas outras povoações, huma em *Cuma*, de onze aldéas, e a outra de dez, em *Tapuytapera*.

A ilha Maranhão, situada entre as embocaduras de dois rios o S. Francisco e o Maranhão, está em 2º 5'44" de latitude merid. A bahia em cuja frente está situada a ilha, se abre cem legoas ao suléste da embocadura do rio das Amazonas, e penetra quas doze legoas pelo continente. Do lado de léste he formada pela ilheta de Upaonmery ou de Santa-Anna. A ilha do Maranhão tem menos de vinte legoas em torno. A sua entrada oriental, chamada *Bocca do Piria*, offerece huma barra perigosa, posto que alguns navios a tem atravessado: a barra occidental he de facil accesso, ainda para navios de maior porte, até na baixamar. Tres bellos rios a cingem e separão do continente de que dista duas legoas para léste e tres para oeste: o mais consideravel chama-se *Tabucurú*; ao sul o rio dos *Mosquitos* que forma huma ilheta. Cercada pela banda do mar de escolhoas perigosos, e de bancos de areia, a ilha he como a chave de toda a provincia, cuja

costa semeada de baixos, de pequenos montes ainda mais perigosos, he guarnecida de mangueiras espessas sobre hum terreno movediço, onde as pisadas se desvanecem no mesmo instante, de sorte que he quasi impossivel caminhar. O clima he mui temperado; o inverno desde o fim de Fevereiro até ao mez de Junho he a estação das chuvas. Abunda a ilha em nascentes de agua doce, e he fertilissima. Fornece madeiras de tinturaria e de construcção, linho, açafraão, diversas gommás, âmbar-gris e crystaes. Tem muito barro e cal.

A origem do nome *Marañon* dado pelos Hespanhoes, tem embaraçado todos os autores, e ainda nenhum deo d'elle explicação satisfactoria. Eu creio ter acertado com a verdadeira etymologia, que me parece ser o termo hespanhol *Maraña*, em portuguez *Maranha*, de que *Maranhão* he o augmentativo: equivale a embocadura e costa emmaranhada.

Rasilly deixou o commando a La Rivardiére, e voltou a França para se prover das cousas necessarias á colonia.

Foi acompanhado pelo padre d'Abbeville e levou consigo seis Tupinambas, dos quaes tres morrerão depois de desembarcarem em França: os outros tres forão baptizados em Paris, sendo padrinho e madrinha Luis XIII e a Rainha regente.

Primeira tentativa de conquista do Maranhão pelos Portuguezes, expedição de Jeronymo d'Albuquerque. — O novo Governador general Gaspar de Sousa havendo recebido do Rei ordem de ir explorar e conquistar as margens do rio Maranhão (8 de Outubro 1612), e o territorio ao norte do Brasil, confiou esta empreza a Jeronymo d'Albuquerque, e para facilitar a sua execução, o Governador foi residir em Olinda.

Albuquerque partio de Pernambuco com quatro barcas armadas e cem homens, e chegou ao rio Camuri, mas não encontrando alli situação conveniente para hum estabelecimento, dirigio-se ao *Buraco das Tartarugas*, que os indigenas chamão *Peruququará* que se vaza nos baixos de *Jericoacoará*. Alli construiu hum forte de madeira defendido por estacadas, que denominou *Nossa Senhora do Rosario*. D'alli expedia Martim Soares Moreno em huma das barcas para ir reconhecer a ilha do Maranhão. Não recebendo novas d'elle, e vendo que o chefe principal dos Indios de Huapara recusava fazer alliança com os Portuguezes, Albuquerque deixou o sobrinho nas Tartarugas com quarenta homens, mandou as barcas a Pernambuco, e foi por terra ao Ceará com o resto da sua gente, depois de seis semanas de ausencia; o que muito desgostou o Governador.

1614:—*Segunda expedição de Jeronymo d'Albuquerque.* Combate a convenção de Guaxenduba. No mez de Maio, Diogo de Campos Moreno, nomeado sargento-mór do Brasil, chegou de Lisboa ao Recife com cem soldados a tempo que se estava preparando nova expedição ao Maranhão. Soube-se então que Martim Soares Moreno, que tinha sido mandado reconhecer a ilha do Maranhão, não podendo voltar por causa dos ventos contrarios, tinha ido a Hespanha, e que a guarnição do *Presidio do Rosario* repellira hum ataque dos indigenas, e os obrigára a pedir paz.

Soares tendo informado o governo hespanhol da formação do estabelecimento francez na ilha do Maranhão, o Governador teve ordem de empregar todos os meios para os expellir. Com este fim ajuntou na Paraíba toda a gente disponivel e Indios disciplinados, e deo o commando d'este corpo a Jeronymo d'Albuquerque, e Diogo de Campos Moreno, que devião reunir-se no porto do Rio-Grande do Norte. Esquipou huma pequena frota de dois navios, huma caravela e cinco caravelões, guarnecida de cem marinheiros e soldados portuguezes, e esperava tirar dos diversos presidios mais duzentos. A armada fez-se á vela a 23 de Agosto, e no mesmo dia passou diante do *Porto dos Franceses*, defronte do

Rio-Aviyajú, na capitania de Iamaracá. Proseguindo a sua derrota encontrou na bahia da Traição ou *Augutibiro*, hum caravelão que tinha sahido de Tartarugas a 8 de Junho. A 25 a expedição chegou ao Porto dos Buzios, e a 27 entrou no Rio-Grande. Fez-se resenha dos Indios alliados cujo numero se avaliava em quinhentos frecheiros, mas não apparecêrão mais de duzentos e trinta e quatro capitaneados por doze chefes.

A expedição fez-se á vela e aportou ao presidio das Tartarugas, onde Albuquerque fez toda a diligencia para ganhar a amizade dos Taramandezes de Titoya, que Martim Soares tinha pacificado; porém o chefe principal *Juripariguaçu* (ou o Grande Diabo), lhe enviou dois mensageiros, escusando-se com o pretexto de hum epidemia mortifera que grassava na sua tribu. Este contratempo, e o conhecimento da alliança dos Tupinambas com os Francezes do Maranhão, decidirão Albuquerque a retirar-se á pequena ilha de Piriá, onde aportou á bocca da noite, e a achou deserta. Effectuado o desembarque, Diogo de Campos foi de parecer que se entrincheirassem, mas Albuquerque resolveo marchar contra o Maranhão. Belchior Rangel que elle tinha mandado em hum lancha com seis soldados a reconhecer a ilha, voltou e disse, que tendo explorado todas as ba-

hias e angras, não vira navio algum francez, nem tropa d'esta nação, e que da outra banda da bahia havia hum lugar chamado *Guaxenduba* mui proprio para assentar hum acampamento, bem abrigado, e cuja entrada cingida de ilhetas ficava encoberta. A tropa apenas ouviu esta relação apertou com o chefe para que a conduzisse lá, estando mui descontente por não haver nascente d'agua na ilha, e ser mui a dos poços que abrirão, e Albuquerque, contra o voto de Campos, ordenou o embarque. Depois de quatro dias de navegação perigosa, chegarão a *Guaxenduba*, onde tomarão terra sem opposição, e no dia 28 de Outubro derão principio á construcção de hum forte, a que puzerão o nome de Santa-Maria.

A chegada d'esta expedição foi logo conhecida em S.-Luiz. A guarnição do forte S.-José, em Itapary, sobre a costa fronteira, advertida d'este acontecimento fez huma descarga de artilharia, e expedia huma lancha armada com vinte e cinco homens a bordo, commandados por *Duprats*, para ir reconhecer o inimigo. Albuquerque estava disposto a atacá-la, mas não poudo alcançá-la por entre os escolhos. Expedia então despachos a Pernambuco com tres caravelões, os quaes voltarão felizmente depois de terem passado perto de hum forte navio francez surto na bahia de Arroagy.

La Rivardiere, informado do estado das cousas, tinha feito sabir huma esquadilha ás ordens de M. de Pizieu seu lugar-tenente. Ajudado por Dupratz e Rasilly, aprezou á bocca da noite tres navios portuguezes, de seis que encontrou. Entretanto começavão a saltar os viveres no campo portuguez, e não os podião receber de Pernambuco em razão das emboscadas dos Francezes. Cresceo o perigo com a chegada de La Rivardiere, que trazia sete navios e quarenta e seis canoas em que ião quatro mil Tupinambas e quatrocentos Francezes. Mandou logo dois destacamentos occupar huma altura que dominava o forte da Natividade onde se estabelecerão. Cada Tupinamba se tinha munido de faxinas para se fortificarem, e abrirão trincheiras para conservar as communicações com a frota. D'esta maneira achá-rão-se os Portuguezes completamente cercados e reduzidos á alternativa de se renderem ou de combater. Albuquerque de accordo com os seus officiaes, tomou este ultimo partido, dividio a sua tropa em dois corpos, cada hum de setenta soldados e quarenta Tapuyas, hum d'elles destinado a forçar a altura, e o outro a fazer face ás tropas desembarcadas na costa. Depois de hum curto mas renhido combate em que morreu Pizieu, os Francezes se retirarão detrás dos seus entrincheiramentos na altura, e

forão perseguidos pêlos Portuguezes, que tomarão e destruirão os outros redutos. Nesta acção tiverão cento e quinze mortos, e nove forão feitos prisioneiros, entre os quaes havia alguns officiaes de distincção. Dos Portuguezes morrerão só dez, e dezoito feridos. No dia seguinte, 20 de Novembro, perto de setecentos Tupinambas de Cuma apparecerão em dezasseis grandes canôas, no rio Mony (ou Muni) vindo unir-se aos Francezes; mas não puderão desembarcar, achando a costa guardada pela tropa portugueza. Buscando outro sitio conveniente encontrárão alguns fugitivos que os informarão da derrota dos Francezes, o que os decidiu a voltarem para suas habitações.

Seguiu-se huma correspondencia entre os dois commandantes, e no dia 27 La Rivardiêre propoz huma capitulação que foi aceita por Albuquerque. As principaes condições erão as seguintes:

1.^a Haverá suspensão de hostilidades até ao fim do anno.

2.^a Cada hum dos belligerantes mandará hum official á corte de França e á de Hespanha para expôr a Suas Magestades christianissima e catholica o estado das cousas.

3.^a Nenhum Portuguez, excepto os commandantes e as pessoas do seu serviço, poderá approximar-se a dez legoas dos fortes ou postos

francezes, sem para isso obter licença expressa.

4^a Aquelle dos dois partidos que, pelo tratado definitivo, receber ordem de evacuar o paiz, a executarâ dentro de tres mezes.

5^a Os prisioneiros de guerra serão reciprocamente restituídos.

Os Portuguezes fizeram huma procissão em acção de graças, e começaram a construir huma igreja dedicada a Nossa Senhora da Ajuda.

Os Tupinambas receiando verem-se reduzidos á escravidão, por qualquer dos dois partidos que ficasse vencedor, como tinha acontecido aos Tapuyas vendidos por Pedro Coelho, depois da sua expedição de Ibiapaba, mostrão disposições hostis; mas forão apaziguados por Diogo de Campos que La Rivardiére conhecia das guerras de Flandres, e pelo padre Manoel da Piedade que o commandante francez tinha chamado para conferirem com elle. Campos e o padre aproveitarão a occasião para visitarem hum convento de capuchos onde tinham chegado ultimamente de França dezasete debaixo da direcção de Fr. Archangelo de Pembrock. Este frade lhes disse que a Rainha regente tinha tenção de chamar para França La Rivardiére, « homem de grandes partes, mas cujas virtudes erão maculadas pelos erros da sua abominavel heresia. » Pizieu devia succeder-lhe.

Gregorio Fragoso e Dupratz foram expedidos a Paris. O primeiro era encarregado de expor ao embaixador de Hespanha os factos seguintes: o direito incontestavel dos Portuguezes a estas terras onde tinham mais de tres mil colonos, e muitas cidades e villas; o estado florescente da colonia franceza que tinha achado novas madeiras de tinturaria e huma pescaria de perolas, e tinha hum porto onde acolhiam os piratas que infestavam a costa do Brasil, e a de Africa que lhe fica fronteira; a detença arbitraria de muitos Portuguezes prisioneiros, obrigados a trabalhar como escravos, para não irem descobrir estes factos aos estabelecimentos portuguezes do Brasil. Os colonos francezes pareciam dispostos a entregar-se á Inglaterra, se a França os abandonasse; mas os Portuguezes desejavam conservá-los, em razão da sua alliança com os Tupinambas, para assim debellarem os Hollandezes que se tinham fortificado no Cabo do Norte, perto da embocadura do Amazonas.

Fragoso munido d'estas instrucções embarcou-se com Dupratz a bordo de hum navio francez. Diogo de Campos partio para Hespanha; e os Portuguezes para pagar a passagem d'elle foram obrigados a vender por duzentos mil réis a caravela tomada na bahia de Guaxenduba. Fez-se á vela em Janeiro 1615, acompanhado de Mr. Malhart.

A convenção foi pouco depois quebrantada pelos Portuguezes. Jeronymo d'Albuquerque tendo fecho da Bahia e Pernambuco reforços conduzidos por Francisco Calceira Castello Branco, e tropas do Portugal debaixo de Miguel de Sequeira Sanhudo, intimou a La Rivardiére a cessação do armistício, e exigio a entrega da ilha do Maranhão como pertencendo incontestavelmente aos Portuguezes. O commandante francez consentio em evacuar a ilha e todos os fortes dentro de cinco mezes, com tanto que se lhe pagasse o valor do material que alli deixaria, e que se lhe fornecessem transportes para elle e a sua gente. Fez logo entrega (a 31 de Julho) a Caldeira do forte de Itapary, que os Francezes tinham construido na ilha do S.-Luiz.

Chegou Diogo de Campos a Lisboa no mez de Março, e informou o arcebispo de Goa, D. Aleixo de Menezes, vice-rei de Portugal, dos successos do Maranhão. Este prelado olhando como piratas os Francezes que tinham occupado o Maranhão, deu ordem a Gaspar de Sousa, governador de Pernambuco, que os expulsasse. Em consequencia Sousa fez partir huma expedição de sete navios e nove caravelas, com novecentos homens commandados por Alexandre de Moura. Depois de alguns dias de navegação a frota entrou a 5 de Outubro na mesma

baía de Pirilá onde os Francezes tinham desembarcado tres annos antes. No primeiro de Novembro seguinte Moura surgiu na baía de S.-Marcos, acompanhado de Jeronymo d'Albuquerque, e desembarcou na praia de S.-Francisco onde construiu hum forte de madeira, a que poz o nome de S.-Francisco ou de *Sardinha*.

O forte S.-Luiz foi investido e se rendeo. O governador La Rivardiére se embarcou com quatrocentos homens. Alguns Francezes que tinham casado com mulheres indigenas, ficaram na ilha. Para perpetuar a memoria d'esta victoria obtida no primeiro de Novembro, o commandante portuguez deo á ilha o nome de *Todos os Santos*, que não conservou muito tempo.

1615. — *Fundação de Belem ou Pará*. Moura em virtude da sua commissão nomeou Jeronymo d'Albuquerque capitão - mór da conquista do Maranhão, e Francisco Caldeira de Castello Branco, com a mesma patente, para governar o Grão-Pará, explorar o paiz, formar outra colonia mais perto do rio, e estabelecer os direitos da coroa de Portugal sobre o territorio adjacente. Caldeira abordou com tres navios e duzentos soldados á margem oriental do Moju, e tomando-o pelo Grande-Rio, começou a 3 de Dezembro a lançar os alicerces da cidade de Nossa Senhora de Belem, e fez construir hum forte de madeira. A situação foi mal escolhida.

Diversas nações indígenas, e particularmente os Tupinambas se oppozerão ao estabelecimento d'esta colonia, instigados pelos Hollandezes, e por alguns Francezes e Inglezes que tinham entrado no Amazonas.

1615. — *Estabelecimento da cidade de Cabo-Frio.* Esta povoação situada na provincia do Rio de Janeiro, na borda meridional do lago Araruama perto da sua extremidade oriental, foi erigida em cidade em 1615, depois da expulsão de alguns piratas que procuravão estabelecer-se alli para fazer o commercio de madeiras de tinturaria.

1616. — *Levantamento dos Tupinambas.* Mathias de Albuquerque, filho de Jeronymo d'Albuquerque, que commandava em Cuma, tinha ido a S.-Luiz chamado por seu pa. Durante a sua ausencia vierão a Cuma alguns Tupinambas do Pará com cartas de Caldeira para Albuquerque, de que se encarregou hum Indio convertido chamado Amaro, mui affecto aos Francezes. Este fez crer que as cartas encerravão a ordem de os fazer escravos. Cheios de indignação contra os Portuguezes, matarão cruelmente a trinta homens da guarnição, e as tribus todas tomarão as armas. Os Indios atacarão o forte de Belém com grande coragem, e talvez o tivessem tomado, a não terem perdido o seu valente chefe. Pouco depois o capitão Bento Ma-

ciel chegou de Pernambuco com hum força auxiliar de oitenta Portuguezes e quatrocentos Indios disciplinados. Com esta força perseguiu os Tupinambas desde S.-Luiz até ao Pará, matando e aprisionando grande numero d'elles. Amaro foi aprisionado, e expirou pela explosão de hum peça á bocca da qual foi atado, e a que se deo fogo.

1618. — A 11 de Fevereiro d'este anno morreu Jeronymo d'Albuquerque com setenta annos de idade, geralmente estimado por sua austera virtude e grande valor. Tinha nomeado por successor seu filho primogenito Antonio, dando-lhe por adjunctos Bento Maciel Parente, e Domingos da Costa Machado; porém Antonio de Albuquerque, morto o pai, julgou não carecer de conselheiros. Machado não insistio, mas Maciel mostrou-se resentido, e fallou com tal altivez, que o governador o prendeo e remetteo a Pernambuco para ser embarcado para Lisboa com Machado, que ia sollicitar a remuneração dos seus serviços.

Discussões no Pará. — Antonio Cabral, sobrinho de Caldeira, tinha concebido mortal inimizade ao capitão Alvaro Neto, bom official e geralmente estimado, e hum dia encontrando-o no lugar menos publico da cidade, o matou á traição. Suseitou-se hum grande clamor, acodem Paulo da Rochã, e Thadeo de Passos,

amigo de Neto, e vendo Caldeira lhe pedem justiça e o castigo do matador; mas elle tambem inimigo de Neto, não lhes dá ouvidos, e estes officiaes temendo o rancor de Caldeira, se refugiarão no convento de S.-Antonio. Todavia o governador dissimulou, e fez prender o sobrinho; mas poucos dias depois o soltou com o pretexto que os seus serviços eram necessarios contra os Indios. Então tirando a mascara exigio dos frades a entrega dos dois officiaes, e não annuindo estes, mandou setenta soldados para forçar o convento; o que elles repugnarão fazer. Emfim levantou-se a guarnição indignada na madrugada seguinte; prendem, mettem a ferroa Caldeira, e nomeão governador Balthazar Rodrigues de Mello. Este, vista a urgencia, aceitou, e deo parte a D. Luiz de Sousa Governador general do Brasil e á corte de Madrid.

Entretanto Domingos da Costa entregou Maciel a D. Luiz de Sousa que ainda residia em Olinda; mas o governador reconheceo a injustiça das accusações de Antonio Caldeira, e lhe deo hum commendo contra os Tupinambas. Confirmou Antonio de Albuquerque no governo, e nomeou-lhe por adjuncto Domingos da Costa, e em caso de empate, adjungio-lhe o ouvidor geral Luiz de Madureira. D. Antonio recusou conservar o cargo com estas

condições, dimittio-se, e partio para Madrid.

No mesmo navio que tinha concluzido Domingos da Costa a S.-Luiz, partio tambem Jeronymo Fragozo de Albuquerque, primo de Antonio, o qual fôra nomeado capitão-mór do Pará. Levava ordem de embarçar presos para Portugal o matador Cabral, seu tio Caldeira, os dois officiaes autores da sublevação, o Balthazar Rodrigues, por ter accitado o governo.

Nada pode igualar a crueldade de Bento Maciel na guerra que fez aos Indios da provincia; desde a margem opposta á ilha do Maranhão até á cidade de Belem, poz tudo a ferro e fogo, matando ou reduzindo á escravidão os desgraçados indigenas. Em vão lhe fez representações o governador do Pará, sobre tão barbaro e impolitico procedimento. Replicou Maciel com arrogancia tal, que Fragozo de Albuquerque resolveo tirar o mando a este deshumano devastador; mas huma morte improvista o arrebatou tão rapidamente que só teve tempo para designar a seu primo Mathias de Albuquerque por seu successor. Os colonos não quizerão reconhece-lo, e a autoridade foi disputada entre diversos concurrentes. Finalmente ficou o governo em mãos de Pedro Teixeira, havendo o sanguinario Maciel, que tambem o pretendia, sido expulso pelo povo. Em vão tentou elle voltando á cidade tramar huma

conjunção contra Teixeira, porem vendo pela vigilancia d'este frustrados os seus malevolos intentos, fol edificar hum forte nas fozes de Itapicuru.

A colonia de Maranhão prosperou constantemente debaixo da administração de Domingos da Costa, e desde a morte de D. João III nunca a metropole tinha posto tanto desvelo na conservação dos estabelecimentos do norte do Brasil, cuja importancia começava a conhecer.

1621. — Jorge de Lemos Betencourt, debaixo da promessa de hum commenda, trouxe das ilhas dos Açores duzentos colonos, que forão em breve seguidos por mais quarenta. Este reforço chegou a proposito para reparar as perdas de gente causadas pelas heixigas, de que os Indios alliados tinham soffrido muito. O governador dos Açores, que era da familia Betencourt, tinha feito hum contracto com o governo para fornecer colonos ao Brasil, o que foi de grande proveito, por serem em geral homens laboriosos e atilados.

CAPITULO V.

O Brasil debaixo de Felippe IV. — 1621 a 1640.

1621 a 1622. — Morto Felippe III, succedeo-lhe seu filho Felippe, quarto de Hespanha e terceiro de Portugal; e em 1622 nomeou Diogo de Mendonça Furtado Governador general do Brasil, o qual trouxe consigo Antonio Moniz Barreiros, rico habilitante de Pernambuco, em qualidade de provedor-mór da fazenda real, obrigando-se elle a estabelecer fabricas de refinação do assucar no Maranhão. Para facilitar a execução d'este projecto exigio Barreiros que fosse nomeado seu filho governador de S.-Luiz, o que conseguiu apesar da pouca idade d'elle, dando-lhe para o aconsellar o padre Figueira, jesuita, que com outro padre da Companhia tinha vindo da Europa com Barreiros. Apenas estes dois religiosos chegarão ao Maranhão logo os habitantes se ligarão contra elles, convencidos que se declarariam contra o systema de oppressão dos Indios seguido pelos colonos. Chegou o furor do povo

a tal excesso que o senado da Camara para salvar os dois jesuitas, vio-se obrigado a requerer a sua expulsão da ilha. O padre Figueira, presente á deliberação, protestou que antes se deixaria fazer em pedaços, que consentir em infamar o proprio caracter faltando ao seu dever.

O novo capitão-mór e o seu predecessor Domingos da Costa procurarão apaziguar o povo, mas para o conseguir tiveram os jesuitas que assignar hum termo, obrigando-se a não se intrometter com os Indios escravos sob pena de serem banidos, e de perderem os padres todas as possessões que tinham na ilha.

Por esta mesma epocha, conseguiu Maciel ser nomeado capitão-mór do Pará, e fez huma horril matança dos Tupinambas em diversas expedições successivas commandadas por Teixeira, agora seu ajudante.

1623. — Na primavera d'este anno, chegou de Madrid Luiz Aranha de Vasconcellos, com a commissão especial de explorar o rio das Amazonas e reconhecer todos os pontos da sua embocadura, que estavam então occupados pelos Hollandezes ou por aventureiros. Devia abordar a Belem, eahi decidir-se em conselho de que lado começaria as suas indagações. Concluiu-se que fosse da banda do sul, onde se suppunhão estarem estabelecidos alguns armadores hollandezes.

Correia então a noticia, que Vasconcellos ca-
taram no rio Curupa cercado pelos Indios. Par-
tiu immediatamente Maciel a soccorrê-lo, com
setenta soldados portuguezes e mil Indios frê-
cheiros embarcados em huma caravela e vinte
e duas canoas de guerra. Encontrarão Vascon-
cellos que retrocedia, sendo falso o haver sido
cercado. Tinha encontrado aventureiros habi-
tando, tanto sobre o rio Curupa, como nas
margens do rio Amazonas, e não poude effec-
tuar a sua exploração por falta de forças suf-
ficientes. Determinarão por tanto começar de
novo a exploração com Teixeira em huma ca-
ravela, em quanto Maciel costeasse com as mais
embarcações para sondar e examinar todos os
rios até ao Curupa, onde se devia reunir toda a
expedição. Effectuou-se esta junção não sem
custo, por quanto Teixeira correu grande risco
entre os baixos, pelas correntes, tempestades e
navios inimigos que frequentavam estas para-
gens. Outro destacamento que devia seguir
Maciel, chegou do Pará.

Tornarão a fazer-se á vela, e encontrarão
sobre as margens do Curupa muitos aventu-
reiros Francezes, Inglezes e Hollandezes entrin-
cheirados, e auxiliados por hum grande nu-
mero de Indios. Desalojou-os Maciel das trin-
cheiras, queimou-lhes as feitorias e adiantou-
se para a ilha dos Tacujós, huma das situadas

na embocadura do rio Amazonas. Havia também alli algumas feitorias bem fortificadas, que forão todavia desamparadas logo que appareceu a esquadriha portugueza. Em quanto Maciel perseguia os fugitivos no interior da ilha, soube que hum navio de alto bordo viera em seu alcance; voltou logo a atacá-lo, poz-lhe fogo, e da tripolação só hum grumete escapou.

Intentara Maciel de principio formar hum estabelecimento na ilha dos Tucujós, mas renunciando a este designio remontou o Curupa, e em hum lugar chamado Marcocay, fez elevar hum forte, que ainda hoje conserva o nome de S.-Antonio que elle lhe deo. Tendo assim conseguido o fim que se propuzera, voltou a Belem. Desde esta expedição tomou Maciel com ostentação o titulo de *primeiro investigador e conquistador dos rios Curupa e Amazonas*. Arauza de Vasconcellos, que o precedera, assumio o mesmo titulo; mas a pueril vaidade de ambos não tinha fundamento algum. Orellhana e Aguirre tinham explorado o Amazonas, e o labyrintho de ilhas e baixos que Maciel acabava de passar tinha sido explorado meio seculo antes pelo piloto da costa chamado Marinho, cujos roteiros ainda conservavão para por elles se governarem aquelles que apprehendião esta difficil navegação.

1624. — Estas novas conquistas foram justamente consideradas pelo governo hespanhol como importantissimas, e derão lugar á nova divisão politica do Brasil. Em 1624, a Córte de Madrid separou as possessões do Maranhão e do Pará do Governo geral do Brasil, debaixo do titulo de *Estado*. Francisco Coelho de Carvalho foi o primeiro Governador d'estas possessões unidas.

Formação da Companhia Hollindeva das Indias Occidentaes. — A intoleravel oppressão de Felipe II provocou a obstinada resistencia dos habitantes das provincias de Hollanda e Zelandia, e fez de hum limitado territorio em grande parte pantanoso, e a gran custo defendido por diques contra a inundaçã do mar, hum estado poderoso que dentro de breves annos obrigou o orgulhoso monarcha da Hespanha a reconhecer a sua independencia, e a firmar com os Estados-Geraes huma tregoa de doze annos. Este prodigioso resultado foi devido ás instituições livres adoptadas por huma nação cansada do obedecer ao poder arbitrario de despotas e tyrannos. Felipe IV, em idade de dezasseis annos, incapaz de reinar, entregou-se ao conde (depois duque) de Olivares, ambicioso sem talento, que accelerou a ruina da Hespanha e o desmembramento d'aquella immensa monarchia. Rompeo a tregoa feita com

os Hollandezes, durante a qual estes activos republicanos consolidarão o seu poder e grangearão grandes riquezas, crearão huma formidavel marinha militar, e cobrirão os mares dos seus navios mercantes. Aproveitando a incuria da Côrte de Madrid, e o decadente poder dos Portuguezes na India, apoderarão-se das Molucas, dos portos de Java onde fundarão Batavia, e de muitos outros estabelecimentos fundados com tanto custo pelos Portuguezes na epocha da sua gloria. Agora calculando as vantagens commerciaes que resultarão da conquista do Brasil, e a grande utilidade de obrigar a Hespanha a dividir as suas forças na nova lucta que se preparava, resolverão os Hollandezes formar outra companhia semelhante á das Indias Orientaes que tanto tinha prosperado. Foi projectada a 3 de Junho de 1621 por João Vasseling de Anversa. Os principaes negociantes de Amsterdam offerecerão aos Estados Geraes fazer a conquista do Brasil, com condição de conservarem por hum certo numero de annos a posse d'elle. Os Estados Geraes, desprezando os futeis argumentos dos que erão oppositos ao projecto, o acolheo favoravelmente, e concedeo á nova Companhia o privilegio exclusivo de commerciar no Brasil por espaço de trinta annos, contados desde 1624. Esta associação composta de negociantes e propieta-

ção repartio-se em quatro camaras, estabelecidas em Amsterdam, na Zelandia, em Rotterdam, e na Hollanda Septentrional. A primeira devia entrar com a metade dos fundos, a segunda, com hum quarto, e as duas outras com hum oitavo cada huma. Os Estados Geraes se obrigão a contribuir com hum milhão de florins pagos dentro de cinco annos, e a fornecer dezasseis naos de guerra e quatro fragatas. Alem d'isso, promettêrão outros auxilios, em caso de necessidade, e prohibirão aos outros cidadãos o commerciar com o Brasil e com a costa opposta de Africa, situada entre o cabo da Boa Esperança e o tropico de Cancer.

As camaras nomearão administradores particulares em cada cidade livre, e dezanove directores geraes, escolhidos entre as personagens as mais opulentas. O principe Mauricio foi nomeado chefe honorario da Companhia. Os directores devião residir na Haya, munidos de amplos poderes para nomear a todos os empregos civis, administrativos, militares e judiciaes; erão encarregados de tudo o que dizia respeito á guerra, á marinha, á justiça, e de propagar a religião christã no Brasil. Tinhaõ a faculdade de equipar ou fretar navios, de alistar soldados, de registrar os navios voltando da America, de distribuir a cada camara e vender as carregações, em proporção do nú-

mero de acções: respectivo. Devido dar contas á Sociedade de seis em seis annos.

Expedição hollandesa contra o Brasil. — Esta expedição constava de trinta e dois navios de vinte e oito a trinta e seis peças, com mil e seiscentos soldados, alistados por tres annos e pagos adiantado. Treze d'estes pertencião ao Estado; os outros erão da Companhia. Esta frota bem provida de artilharia, munições e mantimentos para dois annos, era commandada pelo almirante Jacob Willekens, natural de Amsterdam, official mui habil de mar e terra. A infantaria era capitaneada pelo coronel João Van Dort, homem de reconhecido valor e experiencia. Partio do Texel a 22 de Dezembro 1625, e chegou a 27 de Janeiro 1626 á altura das ilhas do Sal, e de S.-Antonio, onde hum temporal dispersou a frota. Juntou-se de novo na ilha de S.-Vicente de Cabo-Verde, onde se demorou cinco semanas para se refazerem. Seguindo então sua derrota, foi segunda vez dispersada a 12 de Abril por huma violenta tempestade. Van Dort com alguns navios foi lançado pelos ventos perto da costa de Serra-Leda. O almirante Willekens tendo passado seis graos ao sul do equador, a 21 de Abril, abriu os despachos sellados, que lhe ordenavão de ir occupar a Bahia de Todos os Santos. Continuou a viagem com vinte e cinco navios,

e sete lanchas armadas, e chegou a 9 de Maio ao Morro de S.-Paulo, a doze legoas da Bahia, onde esperou por Van Dort.

O Governador e Capitão General do Brasil Diogo de Mendonça Furtado, avisado da chegada de hum navio d'essa armada pelo capitão do posto de Boypeba, fez ajuntar toda a gente capaz de pegar em armas, e tirou de quatorze navios da frota de Angola os poucos soldados que tinham a bordo, (sete ou oito em cada hum). No dia vinte e cinco o capitão de Seregipe deu aviso que sete navios grandes da frota inimiga se achavão entre aquelle rio e o de S.-Francisco, e era presumivel que não vinhão unicamente buscar madeiras de tinturaria. O Governador tendo ajuntado mil e seiscentos homens de infantaria, os repartio em quinze companhias, das quaes postou sete na praça d'armas, seis na cidade, e duas em S.-Antonio, onde o inimigo podia desembarcar com maior facilidade que nos outros pontos igualmente accessiveis de toda a praia que se extendia duas legoas até Tapagipe. O forte novo da cidade foi guarnecido de seis peças e cincoenta gabioes, e a praça bem fortificada tinha huma guarnição de quatro companhias de soldados. Assestou-se huma bateria de seis peças na cidade¹,

¹ A cidade continha então mil e quatrocentas casas, e sete conventos.

HISTORIA

e outra de quatro junto á pessoa do Governador. Seiscentos fusileiros foram reservados para a defesa de outros pontos. Os fortes de Tapagipe, e S.-Antonio foram guarnecidos o melhor que foi possível, e abrirão-se trincheiras para obstar ao desembarque do inimigo. A barra, onde havia sete a oito braças de fundo, foi protegida por hum forte guarnecido de artilharia. O bispo D. Marcos Teixeira usou de toda a sua influencia para excitar os cidadãos e os soldados a defender os seus lares, e até offereceo marchar á sua frente *.

Havia quatro semanas que o inimigo estava nestas paragens. Os soldados do Reconcavo pedião licença de voltar a suas casas para se proverem do necessario, e o Governador não poudo retê-los. Neste comenos as sentinelas descobrirão a armada inimiga. No dia seguinte (io), a armada hollandeza entrou na bahia, apesar do fogo da bateria de S.-Antonio, e das de dezoito navios mercantes, e do valor dos Portuguezes animados pelo bispo que andava em huma chalupa expondo-se a todos os perigos. O vice-almirante Pedro Heyne tomou dezaseis navios portuguezes, apossou-se de huma bateria de oito peças, e expulsou d'ella seiscentos

* Brito Freire diz pelo contrario, que o bispo se oppoz á chamada das forças do Reconcavo.

lioniçua que a guarnecião. No mesmo dia desembarcaram mil e quinhentos soldados escollidos, os quaes por hum caminho tortuoso e eminaranhado de arbustos, ganhãrão a altura perto da ermida de S.-Pedro. Os habitantes espavoridos fogem levando o que possutão de mais precioso, e apesar de haver na cidade cinco mil capazes de tomar armas, foi cobardemente abandonada por culpa dos chefes. Os Portuguezes fizeram alguma resistencia no convento de S.-Bento, no collegio dos Jesuitas e no mosteiro de S.-Francisco. O Governador com sessenta soldados tentou resistir, mas vendo artilharia amestada contra o palacio onde se tinha fortificado, entregou-se com seu filho, e ambos foram embarcados para Hollanda. Os historiadores Portuguezes não só procurão desculpar o Governador, mas até dão louyores excessivos ao seu valor; porém he manifesta a sua incapacidade e incuria. Talvez fosse valente de sua pessoa, mas por certo era inhabil capitão.

Van Dort que estava com parte da armadã perto do Morro de S.-Pulo, entrou na bahia com doze navios. Na sua ausencia entrãrão os marinheiros e soldados pelas igrejas, e roubãrão os vasos sagrados e muitas imagens de prata. Van Dort repartio a sua tropa pela cidade, e examinou os diversos pontos que convinha fortificar. Para conciliar a amizade dos

Tapuyas que os Portuguezes tinham feito escravos, prohibio com pena de morte, tratar como escravos qualquer individuo que não fosse negro de Africa, mulato filho de Portuguez e de huma negra, e os mamalucos ou mestiços nascidos de mãe India e de pai Portuguez. Proclamou huma inteira liberdade de consciencia a todos os que se submettessem, prestando juramento de fidelidade e obediencia aos Estados Gerais e ao principe Mauricio. No espaço de dois mezes mil duzentos habitantes, comprehendidos dois Judeos, prestarão juramento ao Governo hollandez.

O almirante expedia para os portos da Hollanda nove navios carregados dos productos os mais preciosos da terra, como acaucar, pao Brasil, gingivre, tabaco, e duas mil libras de prata achada nas prezas.

Senhores de S.-Salvador, os Hollandezes resolverão atacar os outros estabelecimentos Portuguezes do Brasil; e da costa de Africa.

O bispo D. Marcos Teixeira, acompanhado de alguns officiaes civis e ecclesiasticos, tinha-se retirado ao Espirito-Santo, aldêa d' Indios, e residencia dos Jesuitas junto ao Rio-Vermelho a huma legoa da cidade. Os habitantes dispersos pelos bosques se reunirão, e considerando o Governador Furtado de Mendonça como morto civilmente, as autoridades civis e ecclesiasticas

abrirão os despachos d'Elrei, em que Mathias de Albuquerque era designado successor ao governo, o qual estava então governando Pernambuco fazendo as vezes de seu irmão Duarte Coelho. Por conselho do bispo começaram a fortificar os lugares mais proximos da cidade. Antão de Mesquita de Oliveira, Ouvidor geral do Brasil, foi nomeado chefe de seis companhias commandadas pelos capitães Lourenço de Brito, Lourenço Cavalcante de Albuquerque, Francisco de Barbuda, Melchior da Fonseca, e Diogo da Silva. A direcção das operações militares foi confitada aos coroneis Antonio Cardoso de Barros¹, e Lourenço Cavalcante de Albuquerque. O bispo, tomando por estandarte hum cruelfixo, accitou o commando. O numero dos Portuguezes reunido neste lugar era de perto de quatrocentos; com duzentos e cincoenta Indios civilizados, e tinham nove peças de artilharia de hum navio que escapára.

Abrião trincheiras para defender os pontos, e armáram ciladas aos Hollandezes, em algumas das quaes foram mortos ou aprisionados alguns inimigos. A 15 de Junho Van Dort fez hum sortida para reconhecer o acampamento portuguez; pelo sitio chamado *Agua dos Meninos*, e encontrou hum destacamento

¹ Rocha Pitta o denomina *Joda Barros Cardoso*.

ás ordens do capitão Francisco de Paülha, chefe dos estabelecimentos do Rio-Vermelho, o qual atacou Van Dort e o matou da sua propria mão. A cabeça do chefe hollandez foi mandada ao Bispo. Foi grande perda para os invasores, pôr ser official mui distincto que tinha militado trinta annos. O mestre de Campo Alberto Schoutens, nomendo em seu lugar, mórreo de hum tiro de mosquete poucos dias depois. Seu irmão Wilhem que lhe succedeo, não pôde manter a disciplina, e os Hollandezes foram maltratados em alguns combates. No dia 3 de Setembro hum pequeno corpo de tropas capitaneado pelos capitães Antonio de Moraes, Francisco Brandão e Antonio Machado matou quarenta e cinco Hollandezes e ferio muitos. O capitão Afonso Rodrigues Adorno, atacou em outro ponto hum destacamento Hollandez que tentava apoderar-se de hum engenho de assucar na ilha d'Iaparica, matou treze e tomou dois, com algumas barcas cheias de munições. Em outros encontros, a 12 e 15 de Outubro, ficou tambem a vantagem aos Portuguezes.

Methias de Albuquerque, não julgando prudente sair de Pernambuco, nomeou para chefe das forças do Recôntavo a Francisco Nunes Marinho d'Eça, official experimentado, que tinha servido na India, e em outros pai-

DO BRASIL.

zes, e tinha sido capitão-mór da Paraíba. Este partio com muitas munições, para socorrer, não só esta capitania, mas tambem as de Serêgipe, Ilheus e Porto Seguro. Os Portuguezes continuárão a inquietar os Hollandezes. O Bispo reassumiô as suas occupações ecclesiásticas.

Na mesma epocha D. Francisco de Moura, nascido no Brasil, e Governador de Cabo-Verde, que tinha militado na India, partio por ordem d'Elrei côm o titulo de Governador e Capitão-general do Brasil. Chegou a Pernambuco, e a 3 de Dezembro occupou-se em fazer resenta das forças militares da capitania. Na praça havia duzentosequarenta homens, e duzentose onze nas estancelas vizinhas, e na proximidade da cidade, trezentos e sessenta e seis. Soube por Manoel de Sousa de Eça, que no Recôncavo havia dois mil homens capazes do serviço militar.

Entretanto o almirante Willekens fez-se vela para Hollanda côm onze navios, deixando o mando da esquadra ao vice-almiranté Heyne, o qual poucos dias depois partio côm o lito de surprehender Angola e fazer escravos. O Governador Fernão de Sousa tinha recebido reforços, e Heyne nao se julgando com forças sufficientes para realizar o seu projecto, voltou á Bahia com boas prezas que tinha feito. Pouco depois fez huma tentativa infructifera contra o

Espirito-Santo. Salvador de Sá, filho do Governador do Rio de Janeiro que alli se achava com reforços para o Reconheço, repellio os Hollandezes em dois ataques, e os obrigou a se retirar com perda de sessenta homens. Quando Hayne voltou a S.-Salvador em 1625, achou já a cidade em poder de huma esquadra hespanhola e portugueza, e não tendo foras sufficientes para a atacar, voltou á Europa.

A Companhia hollandeza, querendo conservar a conquista de S.-Salvador, expedio em Outubro, para aquelle porto, alguns navios bem guarnecidos, e em Dezembro huma esquadra de vinte e hum navios de guerra debaixo do mando do almirante João Dirks Lam; mas esta armada foi mui retardada por ventós contrarios.

1624.—*Missões do Maranhão.* Frei Christovão de Lisboa, religioso franciscano, guardião da sua ordem, e visitador e commissario da inquisição, chegou a Olinda, com um reforço de capuchos para as missões do Maranhão. Revestido de poderes para tirar aos colonos toda a autoridade sobre os Indios alliados, partio com os frades para S.-Luiz, onde não encontrou difficuldade em cumprir com os deveres do apostolado. Não foi assim em Belem, onde o senado da camara suspendeo a execução do edicto, debaixo do pretexto que devia primeiro

ser notificado ao Governador, então ausente. Frei Christovão julgou prudente conformar-se a esta decisão, e no em tanto tentou huma expedição para explorar o rio Tocantins. De volta fulminou huma carta pastoral e huma excommunhão contra todos os oppoñentes; mas a camara persistio, e o frade vio-se obrigado a ceder.

1625. *Fundação da cidade da Parnaíba, na capitania do S.-Paulo.* — Esta cidade he situada na margem esquerda do rio Tieté a perto de cinco legoas ao oeste de S.-Paulo.

1625. *Expedição da armada combinada de Hespanha e de Portugal, destinada a expulsar os Hollandezes do Brasil.* — A Côrte de Madrid, informada da tomada da Bahia, resolveo mandar huma força formidavel que de hum golpe recuperasse a importante cidade de S.-Salvador, e anniquilasse todos os projectos da Hollanda contra o Brasil.

Grande foi a consternação em Portugal quando se soubo a occupação da capital do Brasil; fizeram-se preces, novenas, e procissões, e tomáram-se meios mais efficazes para expellir os Hollandezes. A cidade de Lisboa se taxou em cem mil cruzados, o duque de Bragança deo duzentos mil cruzados, e o duque de Caminha dezaseis mil e quinhentos. As pessoas as mais distinctas se offerecêrão a partir como vo-

Juntarios; e em quanto se apromptava huma forte armada expedirão-se de Lisboa quatro expedições, a primeira para auxiliar os Portuguezes do Reconcavo da Bahia, debaixo de D. Francisco de Moura Rolim, a segunda para Pernambuco, a terceira para o Rio de Janeiro, e a quarta para Angola.

A expedição portugueza era commandada por D. Manoel de Menezes, e a armada portugueza levava por almirante D. Francisco d'Almeida: constava de dezoito naos e quatro caravelas*, e levava quatro mil homens a bordo. Sahio de Lisboa a 19 de Novembro de 1624, e dirigio-se ás Ilhas de Cabo-Verde a esperar a grande armada de Castella, que não poudo apromptar-se com tanta brevidade. Alli andou pairando, e perdeu muita gente de doença; a nao Nossa-Senhora da Conceição, capitão Antonio de Moniz Barreto, foi a pique nos escolhos de Santa-Anna. Constava a armada hespanhola de vinte e dois galeões, e dezasete ou dezoito embarcações menores. Levava oito mil homens de infantaria, e dois mil e setecentos marinheiros, alem de officiaes, e criados. Era commandada por D. Fadrique de Toledo Osorio, marquez de Villanueva e de Valdueza, Capitão-general da armada do Oceano, o qual nomeou almirante

* Raphael de Jesus diz que era de vinte e seis navios.

general D. João Fajardo de Guevara, general da esquadra do estreito de Gibraltar, e conselheiro de guerra. D. João de Orellana era Mestre de campo, e o capitão Francisco de Murga Sargento-mór. Os mais dos officiaes pertencião a familias nobres. Sahio da bahia de Cadiz a 14 de Janeiro de 1625 e chegou a Teneriffe a 24; a 6 de Fevereiro arribou á ilha de Maio para reparar duas galeras, e a 11 do mesmo mez fez a sua junção diante da ilha de Santiago com a esquadra portugueza, e a 27 chegarão á costa do Brasil a três leguas da bahia de Todos os Santos. No dia seguinte expedia o general o capitão José Hurtado acompanhado do piloto Sebastião Loureiro, para reconhecer as forças dos Hollandezes. Segundo a informação d'elles constava a força inimiga de mil e quinhentos soldados hollandezes, mil e oitocentos inglezes, escocезes, valões, francezes, allemães, judeos, e muitos negros. No porto estavam fundeadas doze naos; a cidade e os tres castellos erão guarnecidos de cento e oincoenta e seis peças de artilharia. D. Francisco de Moura Rolim tinha novecentos homens ás suas ordens no Reconcavo.

A 29 de Março entrou na bahia a esquadra combinada; Schoutens quidou ser a hollandez a qua esperava por dias. No 31, desembarcárão de frônte do castello de S.-Antonio dois mil ho-

mens de infantaria castelhana, mile quinhentos, Portuguezes, e mile quinhentos Napolitanos; ao mesmo tempo a esquadra tomou hum posição conveniente para interceptar todos os soccorros que por mar podessem vir aos Hollandezes. Abrio-se hum trìncheira, e estabeleceo-se hum bateria de 57 peças. Os Hollandezes, capitaneados por João Quif, fizerão hum sortida por hum camullo encoberto com dois corpos de trezentos homens cada hum, surprehendêrão o posto de S.-Bento, e matarão muita gente aos Ilespanhoes, e entre elles o Mestre de campo D. Pedro Ossorio. Os sitiados tentáram em vão incendiar a esquadra inimiga, e ao mesmo tempo fez-se á vela a esquadra hollandeza: a hespanhola a perseguiu e pôz em grande perigo, obrigando-a a abrigar-se debaixo da artilharia dos fortes; mas não obstante serão quasi todos os navios hollandezes mettidos a pique por duas baterias assentadas na rocha viva, que se rompeo para dar passagem ás peças. Depóis d'este feito a guarnição hollandeza, forte de dois mil homens, descontente do seu commandante, o destituiu e prendeo, pondo em seu lugar o valente Quif; mas as tropas auxiliares estrangeiras estavam mui descontentes em razão das privações que soffrião, e Quif vio-se obrigado a capitular. A 28 de Abril, dia do Laet, a cidade foi retomada, parte pela cobardia do

Governador, e parte pela traição de alguns capitães e soldados. No sobredito dia, Quif propoz condições que foram aceitadas a 3o pelo General hespanhol, o qual se obrigou a fornecer navios armados e mantimentos, para conduzir a guarnição aos portos de Hollanda. No primeiro de Maio entrou D. Fadrique na cidade, de que tomou posse em nome de Felipe IV. Achou nella mil novecentos e dezanove soldados, perto de seiscentos negros, quarenta e duas peças de bronze na cidade e nos fortes, quatorze a bordo dos navios, o cento setenta e nove peças de ferro, cincoenta e duas nos navios e as outras em terra, trinta e cinco pedreiros e muitas espingardas e munições de guerra. No porto havia seis navios, e nos almazens oitenta e nove caixas de assucar, duas mil pipas de vinho, etc. Nos cofres acharão trezentos mil ducados de prata, e seis mil cento e setenta e seis marcões do mesmo metal em barras. Faria e Sousa avalia as mercadorias tomadas em hum milhão de cruzados.

O General hespanhol conferio com qs principaes officiaes á cerca do melhor meio de pôr a cidade e a provincia em estado de defesa, quando huma caravela expedida de Teneriffe entrou na Bahia, trazendo a noticia que a esquadra hollandeza, destinada para o Brasil,

tinha passado a 6 de Abril entre aquella ilha e as Canarias.

Esta esquadra, que tinha sahido de Hollanda no mez de Março, constava de trinta e tres velas, e era commandada pelo almirante Balduino Henrique Leclerc. Chegou diante da Bahia a 23 de Maio, mas achando a cidade em poder dos Hespanhoes, e protegida por huma força naval superior, fez-se na volta do mar dirigindo-se a Pernambuco, e foi lançada por ventos rijos sobre a barra da Paraíba. Não podendo entrar, passou o Cabo - Branco perto da bahia da Traição, a cinco legoas mais ao norte, onde desembarcou os doentes, e com ajuda dos Pitagoares, começou a entraficheirar-se. Porém Alfonso de França, capitão-mór da Paraíba, destacou trezentos Indios Tabajares com alguns soldados debaixo do mando de hum official habil, para desalojarem os Hollandezes, e Mathias d'Albuquerque mandou quatro companhias debaixo de Francisco Ceelho de Carvalho, governador do Maranhão e Pará. Embarcádo-se a bordo de quatro carzvelas armadas de dezoito peças, com abundantes munições e viveres. Estes dois corpos reunidos atacarão os Hollandezes com tanto ardor que lhes matarão quarenta homens e trinta Indios, alem de maior numero de feridos. Os Portuguezes não perdêrao mais de cinco homens. Hum reforço

de sete companhias de infantaria lbes veio de Pernambuco, e outro da Paraíba; o que decidiu o commandante hollandez a retirar-se. Com effeito as suas forças estavam reduzidas a mil marinheiros, e oitocentos e trinta soldados. Dividiu a sua esquadra em duas; huma tentou apossar-se de Porto-Rico, mas foi repellida; a outra procurou surprehender o forte S.-Jorge da Mina, mas foi igualmente baltada esta tentativa, e huma mortifera epidemia, de que foi victima o almirante, fez grande estrago nas tripolações. A armada voltou aos portos de Hollanda.

D. Fadrique de Toledo deixou huma forte guarnição em S.-Salvador ás ordens do Governador D. Francisco de Moura Rolim, e começou a dispôr-se a voltar a Hespanha, levando consigo os prisioneiros de guerra hollandezes, e reteve duzentos e cincoenta marinheiros d'ellação para serviço da armada, que se fez á vela a 4 de Agosto, e chegou a Pernambuco a 21, tendo sido contrariado pelos ventos. Huma caravela expedida de Lisboa pelo Marquez de Minijosa trouxe aviso que huma armada de cem vélas cruzava para interceptar os galeões de Hespanha. D. Fadrique fez-se á vela a 25, e para evitar a esquadra ingleza, dirigio-se para a costa de Barberia pela latitude de 35°. A noticia era falsa, mas foi funesta á armada com-

binada, que, assaltada de hum furioso temporal, se dispersou e soffreo grandes perdas. Nove naos portuguezas e tres hespanholas foram a pique. A não almiranta deo á costa perto da ilha de S.-Jorge. O *Almirante de Quatro Villas*, commandado por D. João d'Orellana, saltou com huma preza hollandeza. Alguns navios desarvorados entrarão em Cadiz, e hum só navio portuguez a bordo do qual se achava Menezes, entrou no porto de Lisboa. Elrei de Hespanha, para remunerar os Portuguezes que tinham servido na expedição, concedeo a todos elles empregos ou pensões vitalicias.

Os Hollandezes continuavão a mandar pequenas esquadras ás costas septentrionaes do Brasil, que duas vezes atacarão o forte do Ceará, mas foram repellidos por Martim Soares com perda consideravel. Hum corpo de dozentos Hollandêzes penetrou em Curupa e foi expulso por Teixeira, que os perseguio até ao rio Felipe.

1626 a 1627. — *Segunda expedição de Heyne contra a Bahia.* Esta expedição composta de oito naos e cinco navios ligeiros, depois de tocar em Serra-Leôa a refazer-se de mantimentos, continuou a sua derrota á costa do Brasil, e apreizou hum navio portuguez vindo de Angola com trezentos escravos. A 3 de Maio chegou á Bahia.

Diogo Luiz de Oliveira, que havia militado em Flandres, tinha vindo render D. Francisco de Moura Rolim (1626). O novo Governador, temendo hum ataque, fez todas as disposições necessarias para defender o porto. Poz dezaseis navios carregados que estavam na bahia, debaixo da protecção do forte do interior do porto guarnecido de quarenta peças. Quatro navios de maior porte tinham a bordo tropas e artilheria. Não obstante estes meios de defesa, Heyne penetrou com a nao almiranta por entre as baterias fluctuantes, metteo hum a pique e tomou as outras. Não podendo os Portuguezes atirar sobre Heyne sem offenderem as suas proprias embarcações, o almirante hollandez cortou as amarras aos navios e os tomou. A sua nao maltratada do combate foi dar á costa perto dos fortes; Heyne lhe poz fogo e fez passar a gente d'ella para a vice-almiranta, contra a qual dirigirão os fortes toda a sua artilheria, e a fizerão ir pelos ares com trezentos marinheiros e soldados, salvando-se apenas cinco ou seis. Outro navio, denominado o *Oranger*, saltou tambem com sessenta e tres homens. Heyne todavin conseguiu ficar de posse dos navios portuguezes; guardou quatro para augmentar a sua esquadra, expedio hum para Hollanda, e queimou os outros. O despojo consistio em duasmil e quinhentas caixas de assucar, e hum

quantidade consideravel de madeira de tinturaria, de algodão, tabaco e coirama. Demorou-se na bahia vinte e quatro dias, e depois de hum cruzeiro ao sul voltou ao porto a 10 de Julho, meditando a empreza não menos arriscada de tomar quatro navios que remontavão humas das correntes do Reconcavo, perto da ilha de Marcos. Encontrou dois, cerca de duas legoas da embocadura, apossou-se de hum, e tirou boa parte da carregação do outro debaixo da artilharia que os protegia. Tinham a bordo novecentas caixas de assucar, muito tabaco e outras mercadorias. Os Portuguezes tinham feito hum entrincheiramento na embocadura do rio, mas Heyne conseguiu forçar o passo com a sua preza. Padilha, que tinha morto Van Dort, perdeu a vida neste combate.

Depois d'este feito Heyne sahio do Reconcavo a 14 de Julho, fez-se á vela e chegou a Hollanda carregado de ricos despojos a 25 de Outubro.

1627. — *Estabelecimento de Scrinhaem.* Foi fundada esta villa na margem elevada do rio d'este nome, a menos de duas legoas da sua embocadura na provincia de Pernambuco, com o nome de Villa Formosa.

1628. — *Colonia hollandeza estabelecida na ilha de Fernão de Noronha.* Esta colonia, formada por Cornelio Jol, que infestava a costa

do Brasil, foi depois destruida por huma expedição feita por ordem do Governador do Brasil. A ilha foi retomada pelo mesmo Jol, em 1635. *

1628. — *Nova expedição hollandesa debaixo do mando de Pedro Heyno, e Henrique Lonck vice-almirante.* A Companhia hollandesa, desejando aprezar os galeões da Nova Hespanha, armou com este fim huma esquadra de vinte e quatro navios montando seiscentas e vinte e tres peças, e levando dois mil seiscentos e quarenta e quatro marinheiros, e oitocentos e noventa e quatro soldados. Heynesabio do Texel a 20 de Maio, encontrou os galeões a 9 de Setembro perto do Golfo do Mexico, e aprezou dez d'elles apesar da resistencia de D. Juan Benavides. Oito ou nove galeões que escaparão e se acollirão á bahia de Matanzas, se entregááo no dia seguinte. Esses galeões destinados para Cadiz, ião carregados de prata em barras e amocdada. As prezas forão avaliadas em cinco milhões de cruzados.

1629 e 1630. — *Segunda expedição hollandesa contra o Brasil.* A Companhia hollandesa, decidida a tentar outra expedição para se apozar do Brasil, fez huma representação aos Estados Gerais em que expunha as grandes vantagens que resultariam da realisação de hum tal projecto. Eis aqui as principaes considera-

ções que allegarão para obter a cooperação do Governo da republica : 1.º A grande extensão de costa occupada pelos Portuguezes em forças diminutas, não possuindo em toda ella mais que duas cidades, Pernambuco e a Bahia de Todos os Santos; de modo que tomados estes dois estabelecimentos, a Companhia ficaria senhora de todo o Brasil, cujo territorio excedia em extensão a Allemanha, a França, a Inglaterra, a Hespanha, a Escocia e as dezasete Provincias-Unidas. 2.º Os indigenas farião pouca resistencia, e muitos d'elles, inimigos dos Portuguezes, serão favoraveis aos Hollandezes, particularmente tratando-os estes com humanidade, e não tentando mudar os usos e costumes dos selvagens. 3.º As praças sobreditas serão facilmente rendidas por huma forte expedição, visto estarem mal guarnecidas, e não poderem resistir a hum ataque feito de improviso. 4.º Apenas tomadas, facil seria obter mantimentos do interior. 5.º Os Hollandezes olhão esta conquista não só como mui proveitosa pela utilidade que d'ella resultará á nação, mas também pelo damno que causará a Elrei de Hespanha a perda do Brasil. 6.º O despojo será immenso, e as vantagens da commercio incalculaveis, pela importação do assucar e outros generos do Brasil, e frete dos navios. 7.º O Brasil offerecerá a muitos individuos que

não tem meios de subsistencia, hum refugio onde poderão ganhar a vida e exercer a sua industria. 8.ª Hum vez senhores do Brasil e da costa de Guiné, de Angola e Cabo-Verde, faremos exclusivamente o commercio da escravatura, tão necessario á cultura do tabaco e da canna.

O Congresso dos Estados Geraes, penetrado da solidez d'estas considerações, concedeu á Companhia licença para armar hum esquadra de setenta navios, que devião levar treze mil homens, a saber : oito mil soldados, e cinco mil marinheiros.

A expedição, composta de quarenta e seis navios com tres mil e quinhentos soldados e perto de quatro mil marinheiros, era commandada por Pieter Adrian, em qualidade de general, e por Henrick Lonck, tenente general; Justo Van Trappe de Bankart era vice-almirante, e o coronel Theodoro Wardenburg, engenheiro habil, commandava as tropas de desembarque. A armada sahio dos portos de

* Albuquerque Coelho avalia a força hollandesa em tres mil e seiscentos soldados e quatro mil marinheiros. Brito Freire diz que a frota constava de setenta e quatro navios, levando a bordo seis mil e duzentos e oitenta homens. Rocha Pitta quer que o numero dos soldados fosse de oito mil. G. Giuseppe diz seis mil. Raphael de Jesus afirma que a armada era de cincoenta e quatro navios, e levava a bordo sete mil duzentos e oitenta homens.

Hollanda em pequenas divisões. O vice-almirante partiu a 17 de Maio com a primeira divisão de seis navios; outra igual sahio do Texel a 23 de Junho, e cinco navios partirão de Goree a 28. Huma divisão de oito navios em que ia o General, descobrio, a 23 de Agosto, a duas legoas da ilha de Teneriffe a armada real de Hespanha, composta de trinta e oito navios debaixo do commando do general D. Fadrique de Toledo, destinada á India. O almirante hespanhol estando a barlavento, deo caça á esquadra hollandeza, a qual favorecida pela escuridão da noite, lhe escapou e se dirigio á ilha S.-Vicente de Cabo-Verde, onde não se juntarão mais do vinte e quatro navios, que se demorarão alli perto de quatro mezes á espera do resto da frota. No fim do anno acháram-se juntos cincoenta e cinco*. O General expedio dois liates para reconhecer a costa do Brasil, partiu com toda a frota a 26 de Dezembro 1629, e appareceu diante de Olinda a 14 de Fevereiro 1630. Tinha perdido por doenças hum numero tao consideravel de soldados e mari-

* Da Last diz que a armada hespanhola, forte de mais de quarenta navios, foi dispersada pelos hollandeses, e que lie contradicto pelo autor das *Memorias Diamas*. Le Cleir diz com huma apparencia de verdade, que o general Toledo vendo as boas disposições da esquadra hollandeza, a deixou escapar.

nheiros, que só lhe restavam dois mil e novecentos soldados, e dois mil e quinhentos marujos.

A Côrte de Madrid, informada do destino da armada hollandeza, fez partir para o Brasil Mathias de Albuquerque, que tinha já servido naquella colonia em qualidade de governador e capitão general, com ordem do Rei para visitar e fortificar o melhor que fosse possível as quatro praças de Rio Grande, Paraíba, Itamaracá e Pernambuco. Partio de Lisboa, a 12 de Agosto 1629, a bordo de hum caravela, com vinte e sete soldados e algumas munições, e desembarcou no Brasil a 18 de Outubro. Achou duas outras caravelas que tinham chegado de Portugal com munições. A 9 de Fevereiro 1630, hum navio expedido por João Pereira Cortereal, governador das ilhas de Cabo-Verde, aportou ao Recife para dar aviso ao governador que a armada hollandeza vinha atacar Pernambuco.

Para impedir os inimigos de entrarem pela barra, tinham-se afundido nella alguns navios grossos. O general hollandez entreteve os Portuguezes com hum forte canhonada, em quanto fazia desembarcar dois mil e novecentos homens de tropa debaixo do commando do cornel Wardenburg na praia do Pao Amarello, perto de tres legoas ao norte de Olinda. Este official despedio os navios, e só guardou quatro barcas

canhoeciras. Marchou a 16 sobre Olinda ao longo da praia. A vanguarda de novecentos e trinta e quatro homens era commandada pelo tenente coronel Eltz; o centro de novecentos e trinta e quatro homens, pelo tenente coronel Stein Callenfels, e a retaguarda de novecentos e sessenta e cinco homens, pelo official Foulques Hencq. Os habitantes abandonarão a cidade, levando consigo as cousas mais preciosas, e serão refugiar-se nos bosques. O general hollandez, chegando ao Rio-Doce, experimentou resistencia de hum corpo de tropas composto de quinhentos e cincoenta homens de infantaria, cem de cavallaria e duzentos Indios. Os primeiros são commandados por tres capitães, Francisco Bezerra, Felipe Paes e João Guedes Alcoforado, e os ultimos por Antonio Felipe Camarão. Mas á vista das tres barcas canhoeciras, os Portuguezes recceiando que a retirada lhes fosse cortada, atemorizados fugirão, por mais diligencias que fez o seu general para os conter.

Wardenburg, guiado por hum mulato prisioneiro, entrou no mesmo dia pela parte alta da cidade, arrombou a porta do collegio dos jesuitas, e a do convento de S. - Francisco, defendidas por alguns soldados, e preparava-se a dar o assalto a hum reduto á entrada da cidade, onde foi conduzido por dois Hollandezes ao serviço do Portugal, Adriano Franck e Cor-

nelio Jan. Ao mesmo tempo quinhentos homens que o almirante tinha desembarcado ao sul da cidade para soccorrer Wardenburg, entrarão sem resistencia. A cidade foi saqueada, mas o despojo não foi consideravel, porque os habitantes tinham levado no dia 16 quanto possuião de maior valor, deixando só vinho, azeite e alguma farinha.

As tropas de Albuquerque desertavão em tão grande numero, que não restavão bastantes para guarnecer os fortes. Elle, tendo perdido toda a esperanza de recobrar o Recife, incendiou, a 27, trinta navios, e todas as mercadorias, em que se comprehendião duas mil caixas de assucar, para não cahirem em poder do inimigo*.

Os dois fortes de S.-Jorge e S.-Francisco tentarão impedir a entrada do porto á esquadra hollandeza. O de S.-Jorge, com hum guarnição de trinta e sete soldados commandados pelo capitão Antonio de Lima, oppoz hum obstinada resistencia a mil e quinhentos Hollandezes, que perdêrão trezentos mortos, e grande numero de feridos. Wardenburg veio

* Historiadores hollandezes dizem que os navios queimados erão vinte, e mil e setecentas as caixas de assucar. Em hum carta dirigida a Elrei d'Hezpanha, que foi interceptada, a perda era avaliada em vinte milhões de cruzados.

em pessoa a 27 de Fevereiro pôr-lhe cerco. A guarnição capitulou no 1.º de Março, e obrigou-se a não tomar armas por espaço de seis mezes contra os Hollandezes.

No dia antecedente, hum pequeno combai portuguez tinha vindo a soccorrer a cidade. Consta de cem soldados e cento e oitenta Indios, mandados pelo Governador da Paraíba debaixo das ordens de Mathias d'Albuquerque Maranhão, pai do general. Hum destacamento hollandez quiz atacar os Portuguezes na casa da Asseca, ao passar a ponte do rio Beberibe, mas cahiu em huma emboscada que lhe matou quatorze homens. Albuquerque retirou-se a 4 de Março com os soldados que lhe restavão e os habitantes da cidade, a huma legoa de distancia, em huma planicie elevada, onde formou hum campo entrincheirado que denominou *Arraial do Bom Jesus*: guarneceu-o de quatro peças de ferro de quatro libras de bala.

Ao mesmo tempo despachou hum *apso*, para informar Felippe IV da perda do Recife, e humo caravela do porto da Paraíba, a D. Fadrique de Toledo que estava com a armada hespanhola em Carthagená das Indias. O Governo de Lisboa, conhecendo toda a importancia da perda do Recife, resolveo expedir caravelas com gente e munições para soccorrer o general, em quanto se apromptava huma

armada. Por huma das primeiras que chegarão recebeu o Governador Mathias d'Albuquerque huma carta régia datada do 26 de Janeiro 1630, que o nomeava membro do conselho de guerra, em premio do zelo que tinha inostrado e do valor com que se tinha havido na defesa de Pernambuco.

O general hollandez, logo que soube terem-se os Portuguezes fortificado perto da cidade, mandou a 14 de Março dois mil soldados debaixo do commando do seu tenente coronel, para atacar o acampamento, mas derão em huma emboscada e forão rechaçados por hum destacamento que lhes matou cento e setenta homens, tendo os Portuguezes perdido só dezaseis mortos e feridos.

Albuquerque tentou então hum ataque contra Olinda, mas sem successo. Apoderou-se das obras exteriores, mas não ponde penetrar na praça. Os Hollandezes perdêrão quatrocentos homens, mas a perda dos Portuguezes foi muito maior. Todavia, com o auxilio dos colonos e dos Indios, conseguio por muito tempo privar o inimigo de agua e viveres, e todos os dias matava grande numero dos soldados hollandezes que se aventuravão a arredar-se da praça. Mas dentro do pouco tempo os habitantes fornecêrão aos Hollandezes mantimentos e outras cousas de que carecião. Entretanto a

Côrte de Madrid tinha successivamente expedido nove caravelas com quatrocentos soldados, munições e viveres para o *campo do Barz-Jesus*; mas muitas das caravelas foram apre-
zadas.

1630. — *Tentativa dos Ingleses para se estabelecerem no Pará.* Os Ingleses tentaram formar hum estabelecimento na ilha dos Tocujós. Duzentos individuos d'esta nação, debaixo de hum chefe chamado Thoinny, se fortificarão no rio de Felipe, e fizeram alliança com os Tapuyas. O Governador general Coelho fez marchar contra elles Jacome Raimundo de Noronha, capitão do Pará, á testa de huma força consideravel. O forte se rendeu, e foi arrasado, e o capitão inglex procurando salvar-se em huma barca de noite, perdeu a vida. Os Ingleses fizeram outra tentativa para se estabelecer entre os Tocujós, debaixo da direcção de Roger Fray, o qual foi igualmente morto, depois de ter destruido o forte de Cuma que tinha construido. Pouco depois chegou hum navio de Londres com quinhentas pessoas, que vinhão unir-se á desgraçada colonia.

1631. — Os Hespanhoes, senhores do rico territorio ao sul e ao oeste de Paraguay, começaram a penetrar no interior do paiz, mas os Paulistas se lhe oppuzerão; atravessarão com oitocentos homens os rios *Paraná-panema*, e

Tibagy; atacarão e destruirão as cidades de Villa-Rica, Ciudad-Real, Xerez, e trinta e duas aldeas, formando tres provincias.

1631. — *Chegada do reforço portuguezes e holandezes. Tentativa contra a ilha de Itamaracá. Combate naval.* No principio do anno de 1631, tres navios holandezes tinham aportado ao Brasil, trazendo a bordo duzentos e quarenta homens, munições de guerra e viveres. No fim de Janeiro outros quatro navios da mesma nação trouxeram gente e munições. Huma expedição de cinco naos, que sahira do Texel a nove de Janeiro, chegou a Olinda a 14 de Abril, com tres mil e quinhentos homens de tropa, e muitos Holandezes e Judeos ricos. Era commandada pelo almirante Hadriano Patry, valente official que se tinha distinguido na India.

Com o fim de extender as suas conquistas ao norte do Brasil, os directores da Companhia hollandesa tinham recommendado aos commandantes das esquadras apoderarem-se da ilha de Itamaracá situada a sete legoas de Olinda. Para este fim fez a Companhia partir, a 22 de Abril, quatorze naos com grandes chalupas e baléis, levando a bordo 1200 homens debaixo do commando de Stein Callenfels. Este official abordou á foz septentrional do rio Catuama que admette navios de trezentas toneladas, e forma o canal que separa a ilha

d'Itamaracá do continente. Na parte mais alta da ilha estava situado o principal estabelecimento, composto de cem casas e cousa de cento e trinta habitantes, a que se dava o pomposo nome de *cidade da Conceição*. O forte era de difficil accesso, cercado de pantanos e matagaes, e tinha hum guarnição de sessenta homens commandados pelo conde de Monsanto, proprietario da ilha. Com força tão diminuta rechaçarão os Hollandezes, que não obstante construíram no lugar onde tinham desembarcado, denominado pelos Portuguezes *barra de Itamaraca*, hum forte que denominarão forte de Orange, onde deixarão hum guarnição de oitenta homens, com doze peças. A esquadra voltou ao Recife em fins de Junho.

A Côrte de Madrid, informada da partida da expedição hollandeza e do seu destino contra os galeões do Mexico, fez sahir de Lisboa vinte naos, quinze castelhanas e cinco portuguezas com mil e quinhentos soldados e doze peças de artilharia de campanha, para reforçar as guarnições de Pernambuco, Bahia e Para. Ao mesmo tempo expedirão-se em varias caravelas duzentos soldados castelhanos para a Bahia, commandados pelo capitão D. José de Gaviira. O general D. Antonio de Oquendo, Almirante da armada, tinha ordem de entrar na Bahia; mas quando chegou a este porto, a

15 de Julho, o almirante hollandez tinha já desembarcado a sua tropa, e soccorrido o Recife, e fazendo-se á vela deo caça a armada de Hespanha com dezaseis naos mais fortes que a de Oquendo.

A 3 de Setembro o almirante hespanhol sahio de Pernambuco com vinte naos, doze carevelas, e vinte quatro navios carregados de assucar. A onze as duas esquadras se encontrirão na Bahia de Todos os Santos, e entre ellas se travou hum renhido combate. Oquendo aferrou a nao de Patry, e depois de hum terrivel combate ambas ficarão rasas, e Oquendo esteve a ponto de ser aprezado. Emfim hum artilheiro hespanhol poz fogo á nao hollandeza. O almirante Patry vendo a sua nao incendiada, eingio á roda do corpo a bandeira, e lançou-se ao mar dizendo aos que procuravão retê-lo: *O Oceano he a unica sepultura digna de hum almirante Batavo*. O fogo pegou tambem a outra nao, cuja tripulação se lançou ao mar, mas os Hespanhoes salvarão a maior parte. Duas naos hespanholas derão á costa; outra foi tomada e levada ao Recife. A perda foi quasi igual, sendo os mortos de cada parte avaliados em tres mil. No dia seguinte desapareceo a esquadra hollandeza, e Oquendo seguiu sua derrota conduzindo os galeões a Hespanhá. O conde de Bagnuolo, que commandava os reforços des-

tinados para Pernambuco, ganhou com doze caravelas, a 20 de Setembro, a foz do Rio-Grande sobre a costa de Pernambuco, perto de quarenta legoas ao sul do campo do Bom-Jesus; outra caravela entrou no Rio-Formoso, e no mesmo dia outras dez chegarão ao porto da Bahia Grande, cousa de trinta legoas do dito campo. A caravela commandada por Antonio de Figueiredo, tendo-se desgarrado, foi lançada para o norte, e salvou-se entrando no rio Pottengy. Estas caravelas desembarcarão setecentos homens, que depois de huma penosa marcha, fizeram a sua junção com Mathias de Albuquerque, a quem Oquerdo tinha tirado trezentos homens para garantir a sua armada. As caravelas foram expeditas para Lisboa carregadas de assucar.

1631. — *Incendio da cidade de Olinda. Ataque infructifero da cidade da Paraíba.* O commandante hollandez, temendo não poder resistir a estas forças unidas, resolveo concentrar as suas no Recife, e a 25 de Novembro abandonou e fez pôr fogo a Olinda, que encerrava dois mil e quinhentos habitantes. Pouco depois tendo sabido que os reforços portuguezes não erão tão consideraveis como tinha supposto, projectou atacar a cidade da Paraíba, onde commandava o capitão-mór Antonio de Albuquerque. Esta cidade, a que em 1585

tinha posto o nome de *Felippéa*, continha então perto de quinhentos habitantes. A entrada do rio Paraíba era defendida pelo forte *Cabedello*, que tinha hum guarnição de sessenta homens commandados por João de Matos Cardoso, official velho e experimentado. Duas companhias compostas de cento e sessenta soldados, chegarão para soccorrer a praça, debaixo do commando de Antonio de Figueiredo, e Manoel Godinho. Ao mesmo tempo Mathias de Albuquerque fez marchar para a cidade ameaçada quatro companhias castelhanas commandadas pelo capitão D. João de Xerada, e duzentos Portuguezes debaixo do sargento-mór Francisco Serião.

A expedição hollandeza, commandada por Lichtart, fez-se á vèla a 2 de Dezembro. Constatava de vinte e seis navios, e hum numero igual de barcas, e levava tres mil soldados debaixo das ordens do coronel Stein Calve. No dia 5 emboccou o Paraíba; a tropa desembarcou e se entrincheirou na praia de areia. O commandante portuguez marchou contra elles com seiscentos homens, entre soldados e habitantes; mas depois de hum combate muito encarnizado foi obrigado a retirar-se pelos bosques. Durante a noite os Hollandezes escolherão hum reduto, de que os Portuguezes se senhorearão na manhã seguinte. Este feito cu-

lou-lhes alguns soldados, e nelle perdeu a vida Jeronymo d'Albuquerque Maranhão, irmão de Antonio d'Albuquerque, Governador da Paraíba. Apesar d'este contratempo, os Hollandezes começaram o assedio do forte. No dia 8, huma caravela commandada pelo capitão Luiz Pinto de Matos, vindo de Lisboa, entrou no rio Mamanguape, tres legoas ao norte do rio Paraíba, tendo escapado a seis navios hollandezes que lhe derão caça. No mesmo dia chegou o reforço das quatro companhias castelhanas, e atacou os sitiantes, obrigando-os a retirarem-se com perda de muitos feridos. No dia 7 o Governador fez abrir a trincheira a oitenta passos do forte. No dia seguinte o commandante hollandez fez construir hum reduto em que assentou duas peças de 24, que dirigio contra o forte. O capitão Manoel Godinho, natural de Moura em Portugal, que tinha conduzido o reforço da Paraíba, foi morto de hum dos primeiros tiros, e no mesmo dia tiveram os Portuguezes mais de quinze ou dezaseis mortos ou feridos. A 11 atacarão os Hollandezes o entrincheiramento por quatro pontos differentes, mas foram rechaçados com perda de cento e quarenta mortos. Os Portuguezes tiveram trinta e cinco mortos, e quarenta e dois feridos. Entre os primeiros se contavão os capitães D. João de Xerreda, Sebastião de Palacios, D. Aleixo de Aza,

Belchior de Valladares, e frei Manoel da Piedade, franciscano descalço da provincia de S.-Antonio, o qual com hum crucifixo na mão se tinha posto á frente dos soldados, para os animar ao combate.

Outra tentativa infructifera contra a fortaleza e cidade de Rio-Grande do Norte. — O general hollandez, irritado do mau successo da expedição contra o forte Cabedello, partio em pessoa do Recife com dois mil homens em vinte e dois navios e algumas barcas, a 21 de Dezembro, e fez-se á vela para o Rio-Grande. Cipriano Pita Porto-Carrero era então governador da provincia, e a cidade era defendida pela fortaleza a mais formidavel do Brasil, construida sobre hum rochedo á entrada do rio Pottengy. Os Jesuitas tinham feito alliança com cento e cincoenta tribus dos indigenas.

A 25 de Dezembro a esquadra hollandeza estava a treze legoas ao norte da Paratiba. O Governador julgando que os Hollandezes se dirigião a Pottengy, expedio seu irmão, Mathias d'Albuquerque Maranhão, com tres companhias e duzentos Indios. Ao mesmo tempo outra companhia, commandada pelo capitão João Vazquez de Dueñas, chegou tambem a bordo de huma caravela, com algumas munições. A 28 de Dezembro estes reforços tinham chegado ao forte do Rio-Grande. O general

hollandez julgou prudente desistir da empreza, e retirou-se levando algum gado de que se apoderara.

1652. — *Novo ataque dos Hollandezes contra o Pontal de Nazareth.* Este porto, situado no cabo de S.-Agostinho a cousa de sete legoas ao norte de Recife, era, depois da perda da capital da provincia, o emporio do commercio: a sua entrada era defendida por dois redutos e quatro peças de ferro, com huma guarnição de sessenta homens commandados por Bento Maciel, que foi reforçada por cem homens destacados do porto *dos Afogados*. A 24 de Fevereiro, a expedição, composta de vinte e quatro navios e algumas barcas, levando a bordo mil e quinhentos soldados, parto do Recife e demandou a barra da ilha de Itamaracá, d'onde passou ao cabo de S.-Agostinho. O general portuguez antevendo o destino das forças hollandezas, tinha expedido o sargento-mór Francisco Serrão, a 28 do mez, com hum reforço de quatro companhias castelhanas. O general hollandez, informado do estado de defesa da praça, foi desembarcar a meia legoa de distancia, em huma angra, onde foi atacado por hum destacamento portuguez de quinze fuzileiros, que se emboscou e matou muita gente aos Hollandezes. Estes, cuidando ser algum forte destacamento do Pontal, voltarão ao ata-

que, mas foram rechaçados com perda de setenta ou oitenta homens. Depois d'este feito, resolveo o conde de Bagnuolo construir humma fortaleza naquella sitio, para onde partio a 18 de Março; mas o terreno era arcento, e o forte ficava distante em demasia da barra.

Huma frota hollandeza de vinte navios sahio do Recife a 10 de Abril a fazer prezas. O Governador da Paraíba, avisado por Mathias d'Albuquerque, expedio Alberto Perez em humma caravela, para dar aviso aos commandantes dos fortes, e particularmente ao de Carthagena, para que fizesse escoltar os galeões; commissão que este official executou com pleno successo, e lhe mereceo humma carta mui honrosa de Elrei de Hespanha.

Saque da cidade de Iguaçu pelos Hollandezes. — A 20 de Abril o mulato Domingos Fernandes Calabar, homem valente que tinha militado com distincção entre os seus compatriotas, desertou e foi offerecer o seu grande prestimo aos Hollandezes. Ignora-se qual fôr o motivo que o decidio a trahir a causa da patria. Foi para os Hollandezes inappreciavel aqquisição, porque conhecia perfeitamente toda a costa, os portos, enseadas, os rios e bosques, e era tão activo como emprehendedor. Por conselho d'elle e debaixo da sua direcção, sahio o general hollandez do Recife a 30 de

Abril com mil e quinhentos homens, e se dirigio sobre Iguaçu perto da ilha Itamaracá atravessando as ruínas de Olinda. Surprehendo a cidade, estando quasi todos os habitantes na igreja, e depois de saqueada foi incendiada. Calabar tinha trazido quatrocentos negros para carregarem o despojo, os quaes commetterão actos da maior barbaridade, deixando os habitantes nus, e cortando os cabelos das mulheres para lhes tirar os anneis. Matarão cousa de trinta homens que fazião o serviço militar da praça, tomáráo os vasos sagrados da igreja da Misericordia e do convento dos Franciscanos, e se retirárão á ilha Itamaracá levando prisioneiro frei Boaventura. O capitão D. Fernando de la Riba-Aguero marchou com oitenta homens para soccorrer a cidade, mas chegou depois do saque. Todavia foy no alcance dos Hollandezes, a quem matou mais de cincoenta no acto de se embarcarem na barra do rio que separa a cidade da ilha Itamaracá. Depois d'este successo, houve varios encontros entre destacamentos dos dois exercitos. A 21 de Junho, ao nascer do sol, o commandante hollandez sahio do seu forte na Ponta da Asseca com mil homens, e marchou contra a estancia, em face de Nossa Senhora da Victoria, mas foi repellido com perda de oitenta e dois mortos e muitos feridos. A perda dos

Portuguezes foi comparativamente pequena.

A 13 de Julho os Hollandezes forão de novo maltratados em hum ataque que fizerão nas Salinas. A 4 de Agosto tendo sahido do Recife de noite para ir colher fruta nas vizinhanças de Olinda, forão atacados e perdêrão vinte e quatro homens.

A 20 de Novembro sahio do Recife huma expedição de doze navios, com algumas barcas e quinhentos soldados, dirigida por Calabar sobre os rios Serinhaem e o Formoso, onde as tropas desembarcarão. D'alli forão saquear o engenho de assucar de Romão Peres, situado a pequena distancia de Villa-Formosa. O general portuguez expedio o sargento-mór Mucio Oriola com duzentos Napolitanos, para soccorrer os estabelecimentos do cabo S.-Agostinho; mas antes da sua chegada, os Hollandezes, guiados por Calabar, tinhão entrado no Rio-Formoso, e queimado duas caravelas. Depois d'este revéz o general portuguez fez estabelecer no Rio-Formoso huma bateria e hum pequeno reduto que armou de duas peças de 4 e 6, com vinte homens de guarnição ás ordens do capitão Pedro de Albuquerque.

O conde de Bagnuolo fez huma tentativa infructifera contra o forte Orange, e foi obrigado a retirar-se com perda da sua artilharia. A indecisão e falta de energia d'este official foi

funesta nos Brasileiros, que injustamente o suspeitarão de traição.

Campanha de 1633. — A Companhia Hollandeza mandou dois commissarios ao Brasil com plenos poderes para evacuar o paiz, no caso de julgarem impossivel conservar a posse d'elle, ou para proseguir a conquista do Brasil com duplicado vigor. Trouxerão hum reforço de tres mil homens com muitas munições, que chegarão ao Recife a 25 e 28 de Dezembro 1632. Ao mesmo tempo receberão os Portuguezes dois pequenos reforços expedidos da ilha da Madeira, hum de noventa homens, commandados por João de Freitas Silva, que aportou perto da Paraíba no primeiro de Janeiro; o segundo de setenta soldados conduzidos por Francisco de Betancourt e Sá, depois mestre de campo, que entrarão a 12 no porto Francez a tres legoas ao sul da barra das Lagoas.

Os Hollandezes resovidos a tomar o forte do Rio-Formoso, fizerão a 4 de Fevereiro sahir do Recife huma expedição de dez navios e quinze lanchas, com trezentos homens, que chegou a 7 diante do reduto. Os vinte Portuguezes que o guarnecião fizerão a mais heroica resistencia; dezanove morrerão no assalto, e só escapou Jeronymo d'Albuquerque, parente do commandante: este valente moço, ainda que ferido, atravessou a nado o rio. Os Hol-

landezes entrando no reduto acharão o commandante ainda vivo, mas com duas feridas que lhe tolhião todo o movimento; admirarão a sua coragem, e tratando-o com bondade lhe facilitarão a passagem para Hespanha. Elrei lhe deu em recompensa dos seus serviços o governo do Maranhão.

O coronel Wardenburg partio para Hollanda, depois de ter entregado o commando das tropas hollandezas ao general Laurens de Rimbach, subordinado aos dois commissarios que decidirão dever-se continuar a guerra. Com esse fim resolverão apossar-se do importante posto perto do Passo dos Afogados onde começa a fertil campina de Capibaribe, e de dezaseis engenhos de assucar allsituados. Com effeito a 18 de Março 1633, partio do Recife a expedição composta de tres mil homens de tropas escolhidas, a qual atacou o forte defendido por Francisco Gomes de Mello com cento e quarenta homens de guarnição, o qual, depois de ter perdido vinte mortos e quinze feridos, se rendeo. Os Hollandezes perdêrão duzentos homens no ataque, mortos ou feridos. Construírão no mesmo sitio hum forte quadrangular que denominarão o forte *Wilhelm*, em honra do principe de Orange. Guarneccêrão-no de doze peças, e deixarão nelle humma forte guarnição. Os Hollandezes adestrarão cães para apa-

nharem os fugitivos escondidos nos bosques e pantanos. A 20 de Março perdêrão trinta e oito homens em huma cilada armada pelos Portuguezes commandados por Luiz Barbalho; mas no dia seguinte forão os Portuguezes obrigados a retirar-se com perda de vinte e seis mortos e vinte e dois feridos.

Derrota dos Hollandezes diante do campo do Bom-Jesus. — Os commissarios animados com estas vantagens, e aconselhados por Calabar, resolvêrão atacar o campo do Bom - Jesus, a 24 de Março, em sexta feira de Paixão, quando os Portuguezes estivessem a ouvir missa ás onze horas da manhan. Avisado d'este projecto Albuquerque concentrou as suas forças, e dispoz tudo para huma vigorosa defesa. Expedio trezentos e cincoenta homens com alguns capitães, a occupar o vao do pequeno rio de Paranámirim, ordenando-lhes que se retirassem diante de forças superiores. A defesa do campo foi confiada a quatro companhias hespanholas: o resto dos combatentes guarnecião a praça d'armas. Duarte de Albuquerque foi mandado com alguns soldados, defender o forte de Nazareth no cabo S.-Agostinho; e Ortensio Richo, sargento napolitano, com vinte e cinco soldados da sua nação foi postar-se em hum reduto proximo ao campo que protegia as cabanas dos vivandeiros. O general hollandez marchou

direito a atacar o campo á testa de tres mil homens, mas soffreu grande perda pelo fogo de humma bateria carregada com metralha. A' vista de tantos mortos, entre os quaes se achava o general, os Hollandezes se retirárão na maior desordem. Bagnuolo atacado de gata, e receioso de cahir em alguma emboscada, não permittio que se perseguisse o inimigo, e d'ahi resultou não alcançarem os Portuguezes humma victoria completa. Os Hollandezes perderão nesta acção mais de seiscentos mortos; hum sargento-mór, tres capitães e alguns outros officiaes e quinze soldados forão feitos prisioneiros¹.

A 13 de Abril, hum destacamento de quatrocentos Hollandezes, acompanhados de muitos negros e mulatos, assolou a aldêa da Moribean.

A 14 de Maio, humma expedição de seis navios e oito barcas, com quatrocentos homens a bordo, debaixo da direcção de Calabar, se dirigio ao porto das Pedras, na foz do rio do mesmo nome, que corre pelo meio da aldêa de Porto-Calvo, lugar do nascimento d'este mulato. Queimou tres navios que achou no rio; matou sete habitantes, roubou outros e

¹ Raphael de Jesus diz que a força hollandeza era de mil e quinhentos homens, e a perda de quatrocentos.

levou consigo cinco prisioneiros. He provavel que estes actos forão dictados pela vingança.

A 25 de Maio, hum destacamento de duzentos Hollandezes atacou os engenhos de assucar de Gararapes, mas foi repellido por vinte soldados e alguns habitantes, debaixo do mando do capitão Domingos Dias, que matarão vinte e cinco Hollandezes e ferirão muitos mais.

Tomada da Ilha de Itamaracá pelos Hollandezes. — O novo commandante Sigismundo Van Schoppe, querendo assignalar-se e reparar a afronta recebida no ataque do campo do Bom-Jesus, resolveo apoderar-se da ilha de Itamaracá, e da cidade da Conceição situada sobre huma altura, com hum forte defendido por cento e vinte homens, debaixo do commando do governador Salvador Pinheiro.

O general hollandez partio a 20 de Junho do Recife, com dois mil soldados, e facilmente obrigou os Portuguezes a capitular. Mathias de Albuquerque marchava com quatrocentos homens ao soccorro da ilha, quando soube que estava rendida. O conde de Bagauiolo, sempre tardo em suas operações, estava então no cabo S.-Agostinho. Os Portuguezes tornarão logo a occupar a cidade do Iguaçu com cem homens.

A 27 de Junho, mil e quinhentos Hollande-

os fizeram huma sortida de Itamaracá; dirigindo-se para a parte da provincia de Pernambuco, que ainda estava em poder dos Portuguezes, atravessarão o rio em lanchas, e marcharão contra o engenho de assucar do doutor Francisco Quaresma de Abreu, onde foram rechaçados com perda de setenta mortos ou feridos. O general portuguez, informado d'este successo, mandou a Iguaçu hum reforço de oitenta homens debaixo dos capitães Manoel Rebello de França e João Basilio de Sousa. Esta posto foi de novo atacado por seiscentos Hollandezes que foram repellidos com perda de setenta homens mortos ou feridos. A 12 de Julho, Calabar, que tinha dirigido os dois ataques, querendo vingar-se dos revezes, marchou com quatrocentos soldados para a parte de Goyana situada ao norte da ilha de Itamaracá, onde havia alguns engenhos de assucar. Queimou quatro, saqueou as habitações, fez alguns prisioneiros, e retirou-se antes que hum destacamento de Iguaçu tivesse tempo de o vir atacar. O General conhecendo a insufficiencia da guarnição d'esta praça, a evacuou.

A 15 de Julho, os Hollandezes, dirigidos por Calabar; sahirão do forte dos Afogados para atacar o engenho de Pedro da Cunha e Andrade, defendido por alguns soldados, e vinte negros commandados por Henrique Dias. Os Hol-

landezes foram rechaçados com perda de dezão mortos ou feridos; Dias e tres soldados foram feridos. A 25, os Hollandezes fizeram outra tentativa contra hum engenho de Luiz Ramires igualmente mallograda.

Tentativa dos Hollandezes para pôr cerco ao campo portuguez. — As forças de Mathias de Albuquerque, no campo entristhecido do Bom-Jesus, estavam reduzidas a mil e darentos homens, e o conde de Bagnuolo, com a sua companhia, se achava no cabo S.-Agostinho. Pareceu aos commissarios hollandezes opportuna a occasião para pôr cerco ao campo, para o que, a 4 de Agosto, fizeram marchar do forte dos Afogados tres mil soldados com alguns Indios, e desembarcarão na margem do rio Capibaribe. Tentarão atravessá-lo, e perdêrão vinte e cinco homens: fortificárão-se naquella sitio, na passagem de Jeronymo Paes, e no engenho de Marcos André junto á borda do rio.

O general portuguez fez então recolher todas as suas forças, que montavão a seiscentos homens. Não tendo mechas para as peças, suppriráo-nas com a planta chamada *embira* ou *imberiba*. Os postos avançados do inimigo estavam apenas a meia legoa do campo, mas o terreno em torno estava coberto de arvoredo, de cannas, e occupado pelos Portuguezes e Indios, que obstavão ao transporte da artilharia de

que carecião os Hollandezes. Estes embarcaram as peças a bordo de hum navio, de doze barcas e de huma lancha, com as munições e viveres necessarios. Começárão os Hollandezes a trazer estas embarcações a reboque ás onze horas da noite do dia 7 do mesmo mez; e ao mesmo tempo quinhentos soldados marchavam ao longo da praia para as proteger. A distancia do Recife até aos postos hollandezes era de cousa de huma legoa; mas o rio tinha muitas sinuosidades, o que retardou as embarcações, que não chegarão senão ás 5 da madrugada do dia 8 de Agosto, e forão avistadas pelas sentinellas portuguezas, postadas a mais de alcance da artilharia do campo.

Entre tanto o general portuguez tendo recebido alguns reforços, expedia oito companhias commandadas por Francisco Perea de Soto para atacar o comboi hollandez. Depois de hum conflicto que durou desde as cinco da manhã até ás nove, os Portuguezes se apoderarão de todas as embarcações nas quaes acharão seis peças de bronze e cinco de ferro, grande quantidade de munições e viveres, e abundancia de mechas de que muito carecião. Tomarão tambem tres bandeiras; e todo o despojo foi conduzido ao campo. Arrasarão as fortificações e queimarão os navios hollandezes. Estes perdêrão duzentos homens no combate, e se

retirarão, não vendo possibilidade de poderem renovar o cerco. A 9 de Agosto o general portuguez fez cantar hum *Ta Deum* em acção de graças. No dia seguinte chegou o conde de Bagnuolo em seu soccorro com duzentos homens do seu terço, e trezentos habitantes, dos quaes cincoenta erão de cavallo. A 12 voltou com esta gente ao cabo de S.-Agostinho.

Expedição hollandeza contra as Lagoas. — O territorio assim denominado dos lagos de agua salgada, está situado na beiramar, a quarenta e sete legoas ao sul do Recife. Para se apoderar d'elle é reparar de algum modo o desastre recente, resolvêrão os commissarios, por conselho de Calabar, expedir quinze navios e algumas barcaças com mil homens a bordo para este fim. Partio a expedição a 10, e foi desembarcar á barra das Lagoas, queimarão a primeira povoação que encerrava cento e vinte habitantes; mas em outra povoação a sete legoas distante experimentarão vigorosa resistencia, e forão obrigados a retirar-se.

Para melhor defesa da Paraíba fez construir o governador portuguez na embocadura d'este rio, o forte de S.-Antonio, fronteiro ao do Cabello.

A 6 de Septembro quinhentos Hollandezes capitaneados pelo tenente coronel Biman marcharão contra Iguaçu, cujos habitantes se

achavão, pela maior parte, no campo real do Bom-Jesus. O General Ihes mandou ao encontro os capitães Antonio André e Estevão Alvares com cincoenta homens, e Antonio Felippe Camarão com cento e oitenta Indios, alguns d'elles armados de espingardas. O encontro teve lugar em hum bosque, antes de chegar á cidade; nelle perderão os Hollandezes quarenta e sete mortos e muitos feridos, e julgando mais consideravel o numero dos inimigos, se retirarão. Os capitães Luiz Barbalho e D. Fernando de la Riba-Aguero, que tinham sido expedidos em soccorro, chegarão depois de terminado o combate. O general hollandez fez outra tentativa com mil homens contra a mesma cidade, e foi de novo rechaçado, com perda de cento e trinta homens. Nesta acção os Portuguezes serão duzentos, capitaneados por Francisco de Almeida Mascarenhas, natural da ilha de S.-Miguel, e Paulo Gomes de Albuquerque, de Pernambuco, ambos officiaes de grande valia. Henrique Dias estava á testa de trinta e cinco negros. A perda dos Portuguezes foi leve. No mesmo dia sahirão trezentos Hollandezes do forte dos Afogados a costear a praia; mas encontrando perto do vao do Rio da Jangada a duas legoas do Cabo S.-Agostinho, hum destacamento de cincoenta homens commandado pelo capitão João Paes de Mello,

este se defendeo com tanto vigor que os obri-
gou a retirar-se.

No dia 10 do mesmo mez, o capitão Fran-
cisco de Sotomayor chegou á Paraíba com dois
navios e setenta soldados, para soccorrer o
Campo.

Rodrigues Calaça Borges, antigo sargento-
mór de milicias, natural da ilha da Madeira,
querendo tomar parte na guerra, partio com
cinco camaradas, a 25 de Setembro, da fre-
guesia de Ipojuca; mas chegando a duas legoas
do forte dos Afogados, e a igual distancia do
Campo-Real, pelo caminho que conduz ao
Cabo S.-Agostinho, refugiárão-se em huma
casa para passar a noite, e forão mortos por
hum destacamento inimigo. Em consequencia
d'este facto mandou o general portuguez o ca-
pitão Domingos Corrêa com quarenta soldados,
e o capitão Antonio Cardoso com cincoenta
Indios, e a 6 de Outubro expedio outro desta-
camento de duzentos homens, os quaes tra-
váraõ com os Hollandezes hum combate em que
lhes matarão trinta e seis homens, e fizerão
sete prisioneiros, sendo dois d'estes francezes
do nome de Luiz, e de estatura agigantada,
tendo perto de onze palmos de altura. A 21 o
tenente-coronel Biman, conduzido por Cala-
bar, sahio do forte dos Afogados com setecen-
tos homens, com tenção de devastar as povoa-

ções e engenhos vizinhos. O general portuguez, informado d'este projecto pelos seus capitães de emboscadas, expedio a este sitio o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama com duzentos homens, e o capitão Luiz Barbalho com cento e cincoenta. Estes officiaes atacarão de improviso a vanguarda e a retaguarda do corpo hollandez, a quem matarão cento e oitenta homens, e fizeram dezoito prisioneiros.

Mathias d'Albuquerque, que padecia febres quartans havia dezoito mezes, pediu e obteve d'Elrei licença de se retirar.

Chegada e desastre do hum reforço portuguez.
— Dois navios (*Capitania* e *Almiranta*), hum de 20 peças de ferro, e outro de 15, e cinco caravelas, com seiscentos homens de tropas e munições, partirão de Lisboa a 29 de Agosto, e chegarão a 26 de Outubro á embocadura do rio Mamanguape, tres legoas ao norte da Paraíba. Era a expedição commandada pelo capitão Francisco de Vasconcellos, que havia servido na armada da India, e tinha sido governador de Cabo-Verde. O capitão Pedro Marino de Lobera, que commandava nesta paragem, lhe mandou hum piloto, convidando-o a entrar no rio, afim de evitar a esquadra hollandeza que cruzava nesta costa; mas Vasconcellos recusou, e cedendo ao parecer de seu conselho, dirigio-se ao Rio-Grande ou Pottengy,

situado a tres legoas mais ao norte. No dia 27, navegando entre as bahias da Traição e Formosa, encontrou tres navios inimigos. Tres das suas caravelas derão á costa, e duas outras que entrarão no rio, forão tomadas. Estes dois navios sustentarão o combate por algum tempo contra tres navios holandezes, que não ousarão tentar a abordagem; a Almiranta, commandada pelo capitão Fernando da Silva Miranda, tendo conseguido desembaraçar-se, entrou na Bahia-Formosa, onde a gente desembarcou, salvando parte das munições, viveres, e dez peças de artilharia. A Capitania só sustentou o combate até á noite, e se acolheu á mesma bahia onde Vasconcellos tinha desembarcado. No dia 29 cinco navios holandezes, dos quaes tres montavão quarenta peças, e os outros dois vinte, entrarão na mesma bahia. Os Holandezes mettêrão a pique a Almiranta. A costa era deserta, e a aldéa a mais vizinha estava debaixo da direcção do padre Manoel de Morales. Vasconcellos fez transportar tudo o que tinha salvado dos dois navios e das caravelas a hum engenho situado a tres legoas no interior do paiz. Reccando expedir todos estes objectos á Paraiba, conservou-se mais de hum mez na mesma posição, á espera de instrucções do general Mathias de Albuquerque, o qual lhe ordenou de encaminhar por terra

as munições e outros objectos de maior preço, expedindo por mar em quatro barcas, algumas pipas de vinho e azeite, a farinha e peixe salgado, embarcando tudo no porto de Cunhau distante cinco legoas do engenho em que Vasconcellos estava aquartelado. Este official metteo doze soldados em cada barca, e depois de as expedir voltou ao engenho. Por desgraça foram as barcas encontradas por hum palacho e quatro barcaças hollandezas, cada huma armada de duas peças de quâtro. Não podendo resistir, queimarão os Portuguezes tres das suas barcas e se salvarão em terra; a quarta foi tomada.

Vasconcellos logo que soube este desastre, poz-se a caminho para soccorrer os naufragados. Tinha já feito tres quartos do caminho quando, a instancias da sua gente, que não tinha tomado alimento algum, se deixou persuadir a paasar a noite que estava proxima, em huma povoação, onde tomarião algum refresco e descansarião. Não advertio que o inimigo tinha tempo de se valer da preamar para sair do rio. Na seguinte madrugada continuou Vasconcellos a sua marcha, mas quando chegou á barra já os Hollandezes tinhão partido, e só achou huma barca a que elles tinhão posto fogo, mas que não ardêra. As munições que ella continha foi tudo o que se poudo salvar, e

cento e oitenta homens, dos seiscentos de que constava a expedição, chegarão ao Campo-Real. Esta perda foi a maior que os Portuguezes tinham experimentado desde o principio da guerra. Outros tres navios de soccorro se perderão tambem. Nesta occasião o commandante hollandez poz em terra o capitão Lourenço de Brito Corrêa, feito prisioneiro no momento em que partia da Lagoa do sul com tenção de se embarcar a bordo de huma caravela para Lisboa.

A 6 de Novembro chegou de Lisboa ao Rio-Grande hum reforço de duas caravelas commandadas pelo capitão Cosme do Couto Barbosa.

A 25 Elrei escreveu a Mathias de Albuquerque huma carta honrosa em que reconhecia os serviços que elle tinha feito. No primeiro de Dezembro, em conformidade das ordens d'El-rei, o conde de Bagnuolo foi á Paraíba com dois engenheiros para continuar as obras da fortaleza de S.-Antonio.

Tomada do Rio-Grande pelos Hollandezes.
— A 5 de Dezembro huma expedição de dezoito navios, levando a bordo mil e quinhentos homens, sahio do Recife para pôr cerco ao forte do Rio-Grande. O coronel commandante era acompanhado do chefe de divisão Centio, e de Calabar que servia de guia. O forte tinha treze peças, e huma guarnição de oitenta e

cinco homens, dos quaes poucos erão soldados, debaixo das ordens do capitão Pedro Mendes de Gouvêa. No dia 8 a expedição passou alem da bahia do Rio-Grande, e remontando até á ponta de Gaspar Rebello, onde a artilharia do forte os não podia alcançar, tomou quatro caravelas. Os Hollandezes desembarcãrão nesta ponta e estabelecerão baterias sobre hum morro de arêa que dominava o forte. No dia 10, Gouvêa, posto que ferido, recusava capitular, como lh'o aconselhava o sargento Pinheiro; mas este infame official ajudado de Simão Pitta Ortigueira, e de outros traidores, abriu as portas ao inimigo na noite do 11. Por effeito d'esta traição, os Hollandezes entrãrão na praça. Hum reforço de duzentos e cincoenta soldados e duzentos Indios vindo da Paraíba, estava já a sete legoas do forte.

Hum Indio, chamado Jagoarari pelos seus compatriotas, e Simão Soares pelos Portuguezes, e tio de Antonio Felipe Camarão seu aliado, estava havia oito annos preso a ferros no forte do Rio-Grande. Eis aqui o que tinha dado lugar a este acto de rigor. Quando em 1625 os Hollandezes desembarcãrão na bahia da Traição, aprisionarão a mulher e o filho de Jagoarari, e indo elle reclamã-los forão-lhe restituídos; mas accusado de ter deserta-

do ao inimigo, foi injustamente suspeitado de traição. O capitão do forte recatando que se este homem fosse solto pelos Hollandezes, os auxiliasse, para se vingar dos Portuguezes, lhe tirou os grilhões e o fez escapar pela muralha da banda do mar¹. Jagoarari houve-se com heroica e magnanima generosidade. Em vez de excitar os seus compatriotas contra os Portuguezes, esquecendo a injustiça d'estes, e só lembrado da fidelidade que havia jurado, e da parte que tivera na tomada do Maranhão servindo debaixo das bandeiras portuguezas, decidio os Indios das aldêas vizinhas a se declararem contra os Hollandezes.

Os Hollandezes senhores do forte embarcaram duzentos homens, debaixo da direcção de Calabar, que remontou com elles o rio até ao engenho de Francisco Coelho, a duas legoas de distancia, onde se tinham retirado os habitantes da aldêa, a que se dava o nome de *cidade*, a meia legoa do forte. Por influencia de Pedro Vaz Pinto, escrivão da Fazenda, quarenta d'elles tomaram armas, debaixo de João Ferreira que tinha servido no Campo-Real, e

¹ Outros autores dizem que Jagoarari foi solto pelos Hollandezes, mas concordão no mais. Elrei lhe concedeo huma pensão de 7500 réis, que por sua morte devia passar á mulher e ao filho.

pondo-se de emboscada em lugar por onde devião passar os Hollandezes, estes vendo - se atacados, e cuidando ser o inimigo mais numeroso, se retiráráo com perda de oito mortos e alguns feridos.

O sargento-mór Antonio de Madureira, que tinha chegado tarde com trezentos e cincoenta homens em soccorro da praça, retirou-se pelo rio na direcção do engenho de Cunhau, a quinze legoas do forte, e d'alli passou á Paraíba com alguns habitantes do paiz, e muitas cabeças de gado.

O historiador Giuseppe refere horriveis particularidades das crueldades exercidas pelos Indios Janduis contra os Portuguezes depois da tomada do Rio-Grande. Estes selvagens anthropophagos erão repntados os mais ferozes do Brasil. Violavão as mulheres sobre os cadaveres dos pais e maridos, e depois as devoravão. Huma tribu barbara dos Tapuyas tambem commetteo grandes atrocidades devastando as povoações portuguezas do Rio-Grande.

Fundação da Republica dos Palmares. — Muitos escravos africanos de Pernambuco fugidos se acolherão aos bosques de palmeiras situados a trinta legoas no interior, onde formárão huma especie de republica em 1630, e com armas que roubarão aos Portuguezes se

puzerão em estado de defesa. A principio não passavão de quarenta, mas successivamente se foi augmentando o numero com huma multidão de outros negros fugidos, a ponto de exceder trinta mil. Estabelecerão huma forma regular de governo, e repartirão a povoação em villas, cidades, e districtos ruraes, onde cultivavão a terra associando-se com os indigenas. A maior das suas povoações, que elles chamavão *Mocambos*, contava mais de seis mil habitantes; tinha tres ruas, cada huma de meia legoa de longo, formadas de cabanas contiguas, cada huma d'ellas com seu quintal. Como não tinham mulheres, procuravão prover-se d'ellas nas povoações vizinhas, usando de artificio ou de violencia para arrebatarem todas as negras em huma grande extensão de territorio. Logo que conseguirão este objecto, constituirão-se em corpo de nação, e tomarão o nome de *Palmarianos*. A principio a fórma do governo foi democratica, nomearão autoridades judiciais, organisarão huma milicia composta de todos os homens capazes de pegar em armas, e adoptarão o catholicismo, mais ou menos alterado com mistura de festas, dansas e solemnidades africanas.

O assento da republica offerencia dois graves inconvenientes: a falta de agua nativa, e a proximidade dos estabelecimentos portuguezes,

que os expunha a continuas perdas do gente nas correrias que erão obrigados a fazer para se proverem de agua e outros objectos de primeira necessidade. He verdade que causavão maior damno aos colonos do que d'elles recebião. Inatacaveis no inextricavel labyrintho das suas embrenhadas selvas, só corrião risco quando d'ellas se afastavão. Tratavão como iguaes todas os negros fugitivos que vinhão incorporar-se na sociedade, mas fazião escravos os que aprisionavão: tão natural he ao homem a tendencia a opprimir os seus semelhantes! Esta notavel associação adoptou mais tarde o governo monarchico, obedecendo a hum chefe eleito. Subsistiu muito tempo, e resistiu aos Hollandezes victoriosos. Só quando os Portuguezes, senhores de todo o Brasil, dirigirão contra os Palmarianos forças consideraveis, he que estes succumbirão.

Campanha de 1654. — A 18 de Janeiro os capitães Fernando da Silva Miranda, e João de Madureira Godinho chegarão ao Campo com os cento e oitenta homens, unicos que restavão da expedição que partira de Lisboa. Dos quatro centos e vinte que saltavão, huns tinham morrido, outros estavam doentes; mas os mais d'elles tinham fugido para o interior do paiz, afim de evitar perigos e trabalhos, que lhes parecião intoleraveis.

O General deixou duzentos homens debaixo das ordens de Alvaro Fragoso d'Albuquerque, e de Jacinto Ayres de Lucerna, para defender a Paraiba. Ao mesmo tempo formou huma companhia dos soldados novamente chegados ao Campo, que deu ao capitão Bartholomeo de Vasconcellos, irmão de Francisco de Vasconcellos, que tinha servido nas armadas.

Para recompensar os serviços d'Antonio Felippe Camarão, Elrei o nomeou capitão-mór de todos os Indios, não só da sua nação Pitaguar, mas dos das outras que vivião em aldeas.

A 5 de Fevereiro chegou huma caravela portugueza ao porto do Cabo S. Agostinho; outras duas entrarão na Paraiba, e trouxerão cento e vinte homens de reforço. Ao mesmo tempo receberam os Hollandezes hum soccorro de quinhentos homens.

O chefe dos Tapuyas descendentes d'aquelles que fôrão vencidos pelos Portuguezes, sabendo estarem os Hollandezes senhores do Rio-Grande, sahio do sertão onde habitava a oitenta legoas da costa, e veio roubar e assolar as povoações portuguezas. Atacarão a fazenda de Francisco Coelho onde muitos colonos se tinhão refugiado, e matarão sessenta, comprehendidos os filhos e a mulher de Coelho.

Tentativa dos Hollandezes contra a Paraiba.

— O general hollandez Sigismundo tendo resolvido apoderar-se do Pontal de Nazareth, para depois tomar a Paraiba, sahio do Recife, a 23 de Fevereiro, com hum frotta de vinte e quatro navios, dezoito grandes barcaças, e algumas lanchas, levando a bordo tres mil homens de infantaria. A 26 a frotta chegou á altura do Cabo-Branco, e se dividio em tres Esquadras, das quaes hum se postou defronte da barra, e as outras duas á entrada da Ponta de Lucena, a duas legoas da Ponta de Cabedello; alli desembarcarão mais de dois mil homens, que marcharão contra o forte S. Antonio. Mathias de Albuquerque, sabendo, no dia 7, que os Hollandezes preparavão hum expedicao naval, avisou d'isto o governador da Paraiba. Ao mesmo tempo deu ordem a Lourenço Cavalcante, commandante das forças da Goyana, districto de Itamaracá, que o fosse soccorrer, e expedio oitenta homens do Campo commandados por Pedro d'Almeida Cabral. O governador da Paraiba tinha já fortificado hum ilheta chamada *dos Frades Bentos*, e estabelecido hum bateria de sete peças em hum banco de arêa defronte da barra do rio, quasi a igual distancia de Cabedello e S. Antonio, e da banda d'este segundo forte; e para fechar o passo ao inimigo, fez tambem hum estacada na passagem estreita, entre o mar e

huma lagôa impenetável. O capitão de engenheiros Diogo da Paz dirigio os trabalhos; e o capitão Lourenço de Brito Correia, que, feito prisioneiro dos Hollandezes, havia sido posto em liberdade, e chegado á Paraíba tomou o commando de cento e sessenta homens. A defesa do passo foi confiada ao capitão Domingos de Almeida, ao alferes Antonio da Silva Lobo, e a Simão Soares, com os Indios.

Os Hollandezes atacarão a estacada sem successo, e se retirarão, voltando providos de machados, mas serão de novo repellidos com perda de trinta e dois mortos, e muitos feridos. Tendo-se fortificado perto do entrincheiramento portuguez, atacarão pela terceira vez, na manhã do dia 27, e serão de novo repellidos com perda. Os Portuguezes tendo sido reforçados por algumas companhias, o Governador Antonio d'Albuquerque fez atacar por trezentos soldados e duzentos Indios o campo inimigo, e cortar a sua comunicação com os navios. Não o conseguirão, mas este ataque intimidou os Hollandezes, que se retirarão a 28 e se embarcarão. No 1º de Março o commandante Lichthart se fez á vela para Pernambuco.

1634. — *Tentativa dos Portuguezes para recuperar o Recife.* Mathias d'Albuquerque, sabendo que o commandante hollandez tinha

sahido do Recife, a 23 de Fevereiro, com tres mil homens de infantaria, projectou apoderar-se d'esta praça desguarnecida de soldados. Havia hum lugar onde se podia passar o rio Biberibe na baixamar, maa estava defendido por hum patacho armado de oito peças e cincoenta fusileiros, e protegido pelos fortes de Diogo Paes e S.-Jorge, de hum lado, e do outro, pelas baterias do Recife e o forte da ponta da Asseca. O capitão Martim Soares Moreno foi escolhido para executar esta empreza atrevida, á testa de setecentos soldados e duzentos Indios, tentando forçar a passagem do rio pela meia noite. O General repartio esta força em dois corpos; hum, de duzentos soldados e cem Indios armados de machados e grenadas, devia dar o assalto ao Recife da banda da estacada, em quanto o outro de trezentos soldados e cem Indios armados da mesma maneira, atacaria a porta da praça. Ao mesmo tempo, para fazer diversão, deviao fazer-se demonstrações contra os fortes mais remotos do Recife, situados da outra banda da ilha de S.-Antonio. Para animar os soldados, o General, posto que doente, se poz na borda do rio.

No primeiro de Março, pela meia noite, cem soldados e alguns Indios passarão o vao com agua pelos peitos, e chegando á porta a atacarão com intrepidez e se apoderarão das primei-

ras obras, o que deo rebate á guarnição. O chefe hollandez Centio, que se achava alli com duzentos homens, lançou-se em huma lancha, e passou da outra banda da ilha de S.-Antonio. Mas o patacho e os fortes de Diogo Paez, de S.-Jorge e da Asseca fizeram hum fogo continuo sobre o rio, o que intimidou o outro corpo portuguez, e os forçou a retroceder. O primeiro corpo não se vendo apoiado ao nascer do sol, se retirou passando o mesmo rio, levando os feridos sobre os hombros.

Tomada da cidade de Nazareth pelos Hollandezes. — O general Sigismundo, para distrahir a attenção dos Portuguezes, desembarcou na Paraíba, e demorou-se cinco dias a fazer entrincheiramentos; mas a 4 de Março levou ferro com onze navios, e appareceu diante do cabo S.-Agostinho. O forte de Nazareth, situado no terreno o mais elevado, era defendido por huma guarnição de perto de trezentos homens de tropas ás ordens do sargento-mór Pedro Corrêa da Gama, e de cincoenta milicianos capitaneados por João Paez de Mello. Para impedir o inimigo de desembarcar em Tapoão, situado em distancia de huma legoa ao norte, expedia quatro companhias para fazer trincheiras. A bateria da barra foi guardada de soldados capitaneados por Francisco de Betancourt, e D. Pedro Toívar Sotomayor.

Na de S.-Jorge, que ficava mais para dentro, foram assestadas duas peças, e se poz hum pequena guarnição ás ordens do alferes João Rodrigues Pestana. A cidade de Pontal, que estava fóra do alcance da artilharia da barra, era defendida pelos habitantes, pela maior parte marujos, commandados por dois capitães Amaro de Queiroz, e Jorge Cabral da Camara.

A frota hollandeza foi dividida em tres esquadras. Huma, de treze navios, treze lanchas e tres patachos, com tropas a bordo, não podendo effectuar o desembarque na praia de Tapoão, por estar este ponto bem defendido, foi costeando até outro lugar chamado *As Pedras*; mas os Portuguezes tendo recebido quarenta homens de reforço, obrigão os Hollandezes a se fazerem ao largo, depois de terem perdido mais de cem homens.

A segunda esquadra, composta de onze navios, conseguiu entrar pela barra estreita do porto do Cabo, por entre o fogo de duas baterias que a defendião. Hum só dos navios, que perdeu o leme, encalhou; tres dos outros se adiantarão até perto do Pontal. Os marujos intimidados fugirão, abandonando o assucar e as provisões ao inimigo.

A terceira esquadra compunha-se de todas

as lanchas, com mil homens a bordo: Domingos Fernandes Calabar, os conduzio a 5 de Marco ao porto, por huma abertura no Recife, a meia legoa ao sul da barra, e tão estreita, que se julgava não poder dar passagem a huma canôa.

A primeira esquadra ficou a meia legoa da barra, para communicar com a cidade por este canal, porque os Portuguezes estavam senhores dos redutos e dos fortes, e impedião a communicação pela barra.

No dia 6 o general Mathias d'Albuquerque chegou ao cabo S. Agostinho á testa de quinhentos homens. Tendo reconhecido a posição do inimigo, resolveo atacá-lo immediatamente na manhã do dia 7. As forças portuguezas consistião em oitocentos homens, a metade d'elles Indios. Destacou alguns capitães de emboscadas pelo rio dos Algodões, que corre perto da cidade, e entre o qual e a praia da barra havia hum bosque tão cerrado que era quasi impenetravel. O destacamento tinha ordem de reconhecer o terreno, e fazer huma diversão contra o inimigo, conduzindo-se segundo as circumstancias. Ao mesmo tempo o General marchou ao longo da praia contra os Hollandezes que se tinham entrincheirado. Apoderou-se de huma bateria de duas peças a oitenta passos das trincheiras. Os Hollan-

dezes atemorizados começaram a retirar-se da cidade; muitos se lançarão ao rio, e a nado ganharão os seus navios; outros fugirão para a ilha de Borges, da outra banda da cidade, e defronte do canal estreito já mencionado. Entretanto o destacamento portuguez avançava pelos bosques, quando hum grito se levantou de estarem os Hollandezes emboscados para lhes cortar a retirada. Hum terror panico se apoderou dos Portuguezes, que fugirão em desordem, sem que os officiaes conseguissem contê-los.

Os Hollandezes se fortificaram á pressa na cidade, e na ilha, em quanto o general portuguez dispunha as suas forças para lhe tomar a frota sahindo pelo canal estreito da barra; mas elles tiveram meio de excavar o esteiro descoberto por Calabar, em profundidade sufficiente para por elle escaparem os navios depois de descarregados. Os dois commissarios hollandezes deixarão dois mil homens para defender a cidade e as fortificações, ás ordens do coronel Sigiamundo, a quem conferirão o titulo de general, e partirão em dois navios para Hollanda. O governador da Paraíba, informado d'estas más noticias, mandou á cidade duas companhias de reforço.

O general portuguez fez reparar o navio encalhado no rio da Jangada duas legoas para o

norte, entre o porto do Recife e a barra do Cabo, e o expedio para Hespanha debaixo do commando do capitão Francisco Duarte, que encarregou de informar Elrei dos ultimos successos, e de solicitar promptos reforços.

O tenente-coronel Biman, que commandava no Recife, tentou em vão tomar o campo portuguez na ausencia do General, que estava então no forte de Nazareth. Foi obrigado a retirar-se com perda de cem homens, e de dois morteiros. O general portuguez foi igualmente frustrado em hum ataque contra a guarnição do Pontal. Os Hollandezes fôrão igualmente repellidos a 28 de Abril, em huma tentativa contra o engenho de assucar onde se tinham retirado os Portuguezes e os Indios do Rio Grande; mas estes adiantando-se de mais em alcance dos Hollandezes, perdêrão quarenta homens.

Para subjugar inteiramente os Tapuyas, commetteo-se a Duarte Gomes da Silveira o ir atacá-los com cento e cincoenta soldados e trezentos Indios da nação inimiga dos primeiros; Silveira passou o rio Pottengy, e encontrou a 28 de Maio, hum corpo de duzentos Hollandezes, que obrigou a retirar-se com perda de cem homens. Silveira, vista a falta de bons caminhos, resolveo não proseguir a marcha, limi-

tando-se a impedir os Tapuyas de communicarem com os Hollandezes.

Na noite do 18 de Maio os Hollandezes fizeram huma sortida da cidade do Cabo S. Agostinho, para atacar o reduto que os Portuguezes tinham construido na praia, mas foram repellidos com vigor. A quatorze de Maio tinha chegado hum reforço de duzentos soldados velhos da Bahia ao Cabo S. Agostinho. Para proteger a povoação de Pojuca a tres legoas ao sul do Cabo, o general portuguez fez postar alli alguns novos capitães de emboscadas. Esta villa continha cento e vinte habitantes, hum convento de Franciscanos, e nos contornos havia quinze engenhos e plantações de assucar.

A quatorze de Agosto Calabar chegou por mar a Porto-Calvo, onde se achava o capitão Francisco Rebello com alguns soldados, que o atacáram com vigor e lhe matáram quarenta homens e fizeram onze prisioneiros. Calabar foi ferido na acção.

A 20 do mesmo mez duas caravelas de soccorro, vindo de Lisboa, commandadas pelo capitão Balthazar da Rocha Pitta, chegarão, huma ao rio de Cunhau, a outra á Paraíba; cada huma d'ellas trazia trinta soldados e munições. No dia vinte e dois, os Hollandezes avisados que huma caravela e algumas barcas estavam a ponto de sahir do porto de Cunhau, a

primeira para Hespanha, e as barcas para a Paraiiba, resolverão atacá-las, assim como o forte que defendia o porto. Para este fim quinhentos soldados, e grande numero de Tapuyas vierão do Rio-Grande. O capitão Fragoso, que commandava o reduto, não tinha mais que vinte e dois homens, dos quaes quatorze erão marinheiros e oito soldados. No dia vinte o tres foi atacado de noite sobre tres pontos a hum tempo; os Tapuyas, descerçoados pelo estrondo da artilharia, fugirão, e os Hollandezes se retirarão com perda de alguns mortos e feridos; mas ao amanhecer reconhecerão a pouca força do reduto, e resolverão tomá-lo. A pequena guarnição defendeo-se com a maior coragem; dezoito homens perderão a vida, e os quatro que restavão forão depois deshumanamente mortos. O capitão recebeu tambem huma estocada, mas a ferida não foi mortal, e foi conduzido ao Recife onde ficou prisioneiro. Ao mesmo tempo chegou da Paraiiba a caravela de Rocha Pitta para soccorrer o reduto. Os Hollandezes se retirarão ao Rio-Grande. Tinhão perdido quarenta homens no ataque do reduto.

Tomada da Paraiiba pelos Hollandezes. — Os commissarios hollandezes, de volta á Haya, fizerão ver á Companhia Occidental a grande importancia da conquista do Brasil; e para a

completar, preparou-se huma nova expedição de dezoito navios com tres mil soldados¹, e muitas munições e viveres. O coronel polaco Artisjoski², official valente e experimentado, commandava as tropas. Esta frota entrou no porto do Recife a 25 de Outubro. O general teve ordem de se apoderar da Paraiba.

A 7 de Novembro Calabar sahio do Recife com quatro navios e hum patacho, e entrando no rio Mamanguape queimou huma caravela que alli estava descarregada, e tomou hum patacho meio carregado de assucar. Deixou alli os quatro navios, e voltou com os dois patachos.

A frota hollandeza de vinte e nove navios, levando dois mil homens de tropas, sahio do porto do Recife a 25 de Novembro, e appareceu diante do Cabo-Branco a 4 de Dezembro, levando a infantaria embarcada em cincoenta barcas e lanchas seguidas de hum patacho, para atacar a Paraiba. Esta praça tinha sido fortificada pelo Governador Antonio d'Albuquerque. Na entrada da barra do rio Paraiba, perto do canal da banda do sul estava o forte Cabedello, bem provido de munições e viveres,

¹ Brito Freire diz vinte e dois navios, e tres mil e quinhentos soldados.

² A. Coelho o chama Cristoval Arquichoffe.

defendido por duas companhias, e alguns artilheiros ás ordens dos capitães João de Matos Cardoso e D. Jacinto Arias de la Serna. Da outra banda, e mais longe da barra, estava o forte S.-Antonio, já acabado, excepto o parapetto: a sua defesa era confiada ao capitão Luiz de Magalhães, com sessenta artilheiros e sufficientes munições e mantimentos. Em distancia de tiro de canhão de cada hum d'estes fortes estava a ilha de S.-Bento sobre hum banco de areia defronte da barra, onde se tinha assentado hum a bateria de sete peças, defendida por quarenta homens debaixo das ordens do capitão Pedro Ferreira de Barros. Sobre a praia, em distancia de mais de quatro legoas, havia algumas trincheiras e redutos para impedir hum desembarque no rio, e na Guaramama, ao sul do Cabo-Branco. Havia outro reduto no passo de Boissas, defendido pelo capitão Antonio Ferreira de Lemos, com a sua companhia de milicianos. A cidade situada a tres legoas da barra, perto do rio, era protegida por alguns entrincheiramentos. A praça não tinha mais que oitocentos soldados e seicentos habitantes, para sua defesa.

O general Mathias de Albuquerque, avisado da partida e do destino d'esta expedição, fez marchar do campo tres companhias debaixo dos capitães Simão Caieiro, Gregorio Guedes

de Soutomaior e Jeronymo Pereira, os quaes chegarão á Paraíba antes dos Hollandezes. Lourenço Cavalcante de Albuquerque teve ordem de conduzir os reforços da Goyana. De toda esta gente se formarão cinco corpos destinados a guarnecer as posições onde o desembarque era mais facil ao inimigo. As tres companhias vindas do Campo forão postadas na entrada da enseada, chamada de Manoel Alvares, em distancia de mais de quatro legoas ao sul da barra e do forte Cabedello. A huma legoa mais ao norte, no lugar chamado Nicolao dos Reis, postou-se a gente da cidade debaixo do capitão Manoel de Queiroz Sequeira. No lugar denominado Jacome d'Oliveira, situado a legoa e meia da enseada de Jaguaribe, tomou posição o Governador com alguns habitantes e os reforços da Goyana. Emfim, entre este posto e Cabedello, havia outro posto na pescaria de João de Matos, onde se achavão os capitães D. Gaspar de Valcazar, e Domingos d'Arriaga.

A 4 de Dezembro, os Hollandezes effectuá-rão o seu desembarque na enseada de Jaguaribe sem outra perda mais que tres barcas e huma lancha. O Governador fez huma resistencia inutil, e perdeu quarenta e cinco homens mortos e maior numero feridos. Os Hollandezes tiveram quinze mortos e vinte e tres feridos. Todavia o Governador teve tempo de

mandar reforços ao forte Cabedello, e estabelecer o seu quartel em S.-Antonio.

No dia 10, as bombas dos Hollandezes matarão doze homens e ferirão vinte do forte Cabedello. Favorecida por hum denso nevoeiro, huma divisão da frota passou a barra, e oitocentos Hollandezes tomarão a ilha de S.-Bento e a bateria, matando vinte e seis dos quarenta Portuguezes que a defendião. Voltarão as peças contra o forte Cabedello, e occupando as duas margens do rio cortarão a comunicação entre os fortes e a cidade. Os sitiados tendo perdido oitenta e dois homens e dois capitães, e estando feridos cento e tres, perderão toda a esperança de conservar a fortaleza, e se entregão a 19 de Dezembro. O conde de Bagnuolo chegou no dia seguinte á Ermida da Guia, a hum quarto de legoa de S.-Antonio, com hum reforço de trezentos homens de Pernambuco para soccorrer a cidade; mas reconhecendo que toda a resistencia era inutil, deu ordem de evacuar a praça, e fez queimar os navios mercantes que estavam no porto. Os soldados levarão quanto puderão roubar aos habitantes, e retirárão-se com o commandante ao forte de Nazareth. No dia 23 o forte de S.-Antonio tambem capitulou com as mesmas condições que o de Cabedello.

Esta victoria custou seiscentos homens aos

Hollandezes. Antonio d'Albuquerque se retirou a Pernambuco, e o general hollandez Sigismundo entrou na cidade da Paraíba, que os Hespanhoes haviam denominado em 1583 Felippéa, e a que os Hollandezes mudaram o nome em Frederica. Toda a provincia e a do Rio-Grande se submeterão, assim como a ilha Itamaracá. Depois d'estes successos, Sigismundo voltou triumphante ao Recife.

1634. — Os agentes hollandezes sentindo a necessidade de reter por meios conciliatorios a povoação portugueza que emigrava logo que elles se apossavam do paiz, publicarão a 26 de Dezembro huma declaração, na qual promettião: 1.^o Que os habitantes gozariam da liberdade religiosa, e das suas igrejas; 2.^o que se lhes faria boa justiça, e que seriam protegidos contra toda a violencia; 3.^o que gozariam plenamente das suas propriedades; 4.^o que não pagariam nenhum imposto excepto os dizimos, e os direitos ordinarios da entrada de generos; 5.^o que possuiriam livremente todos os seus bens móveis e immoveis, gado e escravos, restituindo-se-lhe os que lhe houvessem sido tomados; 6.^o ás pessoas que quizessem ausentar-se se forneceriaão meios de transporte por agua ou por terra; 7.^o no caso de ser o paiz retomado, terão os habitantes á sua disposição todos os meios de se embarcar; 8.^o as pes-

soas que quizerem reconhecer a autoridade dos Hollandezes, prestarão em pessoa juramento de fidelidade; 9.^o o serviço militar será meramente voluntario; 10.^o os delictos serão só punidos segundo as leis; 11.^o as desavenças entre Portuguezes serão decididas por hum juiz da sua nação; 12.^o será licito a cada hum trazer armas para propria defesa.

A principio mui poucos Portuguezes se apresentárão para se aproveitar das condições d'este regulamento, mas a 9 de Janeiro do seguinte anno, oito dos principaes habitantes da Paraiba adherirão a elle, e o seu exemplo foi seguido por muitos outros.

Campanha de 1635. — Os Hollandezes victoriosos resolvêrão apoderar-se de Nazareth, e do Campo-Real, de que ainda os Portuguezes estavam de posse. Com este intento marchou Artisjoski da Paraiba sobre Goyana e Pernambuco a 7 de Fevereiro com trezentos homens. Ao mesmo tempo sahio o general Sigismundo do Recife com dois mil soldados e quinhentos Indios da Paraiba e Rio-Grande, e se dirigio pelo interior do paiz sobre Guararapes e Santa-Anna, na proximidade da freguezia da Moribeca, a quatro legoas do acampamento portuguez e a tres do forte dos Afogados. O general portuguez postou-se com trezentos homens no estabelecimento de S.-Antonio. Os Hollandezes ti-

nhão cinco mil e quinhentos, comprehendidos os Indios, e os Portuguezes não ousarão arriscar o combate com as poucas forças de que podião dispôr.

O acampamento tinha quatrocentos e cincoenta homens de guarnição debaixo do mando de André Marin, tenente-coronel de artilharia. O forte de Nazareth e o cabo S.-Agostinho erão defendidos por seiscentos homens debaixo de dois chefes Pedro Corrêa da Gama sargento-mór do estado, e Luiz Barbalho sargento-mór do regimento de Portugal. A 3 de Março, o general hollandez se approximou do Campo e do Cabo. No mesmo dia, o general Mathias d'Albuquerque, com trezentos homens, occupou Villa-Formosa, no districto de Serinhaem, para poder soccorrer as praças sitiadas, e proteger o desembarque dos reforços que pudessem vir de Hespanha pelos rios Formoso e Serinhaem. O general Sigismundo tomou posição no engenho dos Algodoaes de Miguel Paez, a huma legoa do forte de Nazareth, onde se poz em defesa com trincheiras e embarcações ligeiras. O coronel Artisjoski, com perto de tres mil homens, estabeleceo-se no engenho de Francisco Monteiro, em distancia de tiro de peça do acampamento real, e por detrás d'elle. André Marin com duzentos homens tentou em vão, por espaço de huma hora, obstar a esta manobra.

A 4 de Março o coronel occupou o engenho de Marcos André, a igual distancia do campo e em frente d'elle, na posição a mais conveniente para conservar a communição do forte dos Afogados. A 5 tomou hum posição na margem do rio Capibaribe em distancia de tiro de espingarda do campo portuguez. Nesta posição podia proteger a chegada do munições e viveres conduzidos pelo rio. Por conselho do conde de Bagnuolo, estabeleceu o general portuguez hum posto em Porto-Calvo, a 16 legoas mais ao sul, e a 25 do cabo S.-Agostinho. Em consequencia o conde partio no dia 8 para aquelle lugar, com duzentos homens, chegou a 12, e começou logo a fortificar-se na igreja velha. Reforçado por cem milicianos e os Indios do capitão-mór Camarão, o general procurou cortar as communições. Entretanto hum corpo de mil Hollandezes chegou a Pindeva, a hum legoa de Villa-Formosa : quatrocentos d'elles, qua tentarão penetrar por hum atalho, forão repellidos por cem Portuguezes e alguns Indios. Apesar da grande superioridade das forças hollandezas, os Portuguezes conseguirão metter viveres em S.-Agostinho e no Campo Real.

Os Hollandezes em numero de sete mil e quinhentos homens chegarão a Aybu, pequena povoação proxima ao cabo S.-Agostinho, e forão repellidos em tres tentativas contra os en-

trincheiramentos na vizinhança do forte de Nazareth. Por fim conseguiram apoderar-se d'este posto atacando-o no dia 27 com mil e quinhentos homens, dos quaes perdêrão cento e vinte. Guarnecerão o posto com tres peças, e assentarão outras tres no passo do Fidalgo para bater a praça.

Ao mesmo tempo o almirante hollandez Lichthart avisado que o conde Bagnuolo se fortificava em Porto-Calvo, marchou contra este ponto com seiscentos homens; Bagnuolo foi ao seu encontro com duzentos soldados e alguns milicianos, mas foi vencido e obrigado a retirar-se pelo rio das Pedras até á lagôa do Norte, situada a dezanove legoas ao sul, onde chegou a 21 de Março. O capitão D. Fernando de la Riba-Aguero, que Bagnuolo tinha destacado com quarenta homens, se salvou em Villa Formosa.

Os Hollandezes senhores de Porto-Calvo, se apressarão de fortificar a igreja velha e a nova, e duas casas grandes proximas á primeira situadas sobre hum altura. Levantarão tambem hum muro de terra com fosso e estacada, guarnecerão os quatro angulos de artilharia, e metterão na praça hum guarnição de quinhentos homens, obrigando os habitantes do districto a fornecer-lhes viveres.

O general hollandez, persuadido que a praça

tinha pequena guarnição, resolveo atacá-lo, para o que fez marchar oitocentos homens ás ordens do sargento-mór André Zon; este official chegou a 11 de Abril a hum posto distante huma legoa da cidade, contra o qual tinha já feito huma tentativa van a 18 de Março. Este posto era defendido por oitenta homens ás ordens do capitão Affonso d'Albuquerque, e alguns Indios debaixo do mando dos capitães Antonio Cardoso, e João d'Almeida. Não tendo força sufficiente para resistir ao inimigo, forão-se retirando pelo rio Serinhaem sobre o corpo do general, que tinha passado o rio mais acima. Atacados pelos Hollandezes resistirão desde as dez horas da manha até ao pôr do sol, e impedirão o inimigo de se senhorear da cidade, obrigando-o a retirar-se com perda de cento e vinte mortos e setenta feridos. Os Portuguezes tiverão dez mortos e vinte e dois feridos, sendo dos primeiros o capitão Antonio André, official mui distincto que servia desde o principio da guerra, e Estevão Velho, que tinha perdido na guerra dois irmãos e hum cunhado.

Estevão Velho era filho de Maria de Souza, huma das mulheres mais distinctas e ricas de Pernambuco. Já nesta guerra desastrosa tinha perdido dois filhos e hum genro. Quando lhe annunciárão a triste nova da perda do seu terceiro filho, chamou os dois que ainda lhe res-

tavão, hum de quatorze, o outro de treze annos, e com heroica virtude os excitou a sacrificar a vida no serviço do rei e da patria, mostrando-se dignos do pai que lhes dera o ser, e da gloria adquirida pelos irmãos.

A 4 de Maio o general hollandez renovou o ataque do Cabo S.-Agostinho, e conseguiu apoderar-se de hum reduto, mas d'elle foram rechaçados os Hollandezes pelo sargento-mór Luiz Barbalho que veio do forte de Nazareth, e lhes matou quarenta e cinco homens, sem contar os feridos. No dia 18 foram de novo repellidos.

No primeiro de Abril o coronel Artisjoski começou a apertar o cerco do Campo, occupando as casas de Jeronymo Pacz a tiro de espingarda da praça, onde estabeleceo o seu quartel general; e durante a noite avançou-se a tiro de pistola e elevou hum reduto, defendido por huma estacada coroada de gabiões.

O Governador fez sahir do campo cincoenta homens para desalojarem do bosque vizinho algumas companhias inimigas, mas foram obrigados a acolher-se ao acampamento depois de terem perdido alguma gente, e entre elles, o commandante. Tambem fizeram os Portuguezes algumas tentativas infructiferas para metter viveres no forte de Nazareth.

Entretanto os Hollandezes continuavão a

bater e bombardear o Campo, e durante trinta e cinco dias não cessou o fogo. Os sitiados perdão muita gente, e estavam mui faltos de viveres e munições, que os sitiadores não deixavão entrar na praça, occupando todo o paiz entre o forte de Nazareth e o Campo, e castigando de morte todos os que tentavão fazer entrar soccorros no Campo. Até davão a liberdade aos escravos que denunciavão os autores d'estas tentativas. O governador portuguez prolongava a defesa elevando parapeitos, e fez abrir hum cova no centro do Campo para depositar nella os feridos e as munições. Por fim virão-se reduzidos a comer coiro, cãs, gatos e ratos. Nesta extremidade foi o governador obrigado a capitular, depois de haver sustentado hum apertado cerco de tres mezes e tres dias. A 6 de Junho sahio a guarnição com as honras militares, e concedeo-se-lhe a faculdade de se embarcar para as ilhas hespanholas. Os desgraçados colonos, não sendo comprehendidos na capitulação, forão considerados pelos Hollandezes como traidores ao principe d'Orange e obrigados a resgatar a liberdade com dinheiro. Antonio de Freitas e outro Portuguez forão mettidos a tratos por não terem preenchido a somma exigida. Por este atroz expediente extorquirão os Hollandezes muitos mil cruzados. Perdêrão no cerco mil homens mortos, e sete

centos feridos. Os Portuguezes tiveram cem mortos e cento e quarenta feridos. Os Hollandezes armaram as fortificações, e transportarão a artilharia ao Recife.

O general hollandez concentrou as suas forças á roda do forte de Nazareth, onde Mathias d'Albuquerque conseguiu fazer entrar alguns socorros por meio de jangadas pequenas, das quaes cada huma não levava mais de meia fanga de arroz.

A 25 de Julho, o general portuguez teve aviso do conde Bagnuolo da chegada a Villa-Formosa de duas caravelas commandadas pelos capitães Paulo de Parada e Sebastião de Lucena, que trazião algumas munições, e a noticia que a armada combinada de Castella a Portugal partiria em Maio, em consequencia do que convinha reunir todas as forças nas Alagôas. Este plano foi adoptado, e o forte de Nazareth se rendeo a 2 de Julho, com as mesmas condições que a guarnição do acampamento.

O general portuguez evacuou esta porção do territorio de Pernambuco, e protegeo a emigração de tres mil habitantes, e quatro mil Indios amigos. Não tinha mais de duzentos soldados regulares, e pouco mais de cem Indios armados e commandados pelo capitão-mór Antonio Felippe Camarão. Marcharão para Porto-Calvo,

e a 12 de Julho fez o General alto no monte de Amador Alvares, a tiro de peça da cidade, e dispoz alli duas emboscadas de cincoenta homens cada huma, sobre as duas bordas da estrada, para cahir sobre os Hollandezes, que, illudidos por Sebastião de Souto, devião fazer huma sortida contra os Portuguezes. Souto vivia entre os Hollandezes que detestava, e era bem visto d'elles; tendo-se offerecido ao commandante Alexandre Picard para ir reconhecer a força dos Portuguezes, aproveitou esta occasião para avisar Mathias d'Albuquerque da chegada de Calabar a Porto-Calvo no dia antecedente com duzentos homens, aconselhando ao mesmo tempo que se dispozessem os Portuguezes a tirar partido do aviso falso que elle ia dar ao Governador, fazendo-lhe crer que a força inimiga era hum punhado de soldados com alguns Indios. Picard, confiado neste aviso de Souto, sahio com duzentos homens; mas atacado de improviso pela gente emboscada, foi repellido com perda de cincoenta homens. Os Portuguezes lhe foram no alcance até ás fortificações, nas quaes se trabalhava havia quatro mezes. A que dominava as outras era a igreja velha, fortificada e defendida por oitenta mosqueteiros e trinta carabineiros. Posto que privados de todos os meios de escalar, a tudo supprio o valor portuguez, e antes do sol posto

tinhão-se apoderado da igreja. Animados por este successo, os Portuguezes atacarão imprudentemente as duas casas fortificadas e a igreja nova, mas foram repellidos com perda de vinte Indios e Portuguezes mortos; e oitenta feridos. Todavia tomáram hum reduto que protegia os soccorros que vinhão pelo rio das Pedras. Depois d'esta vantagem continuarão a apertar a praça, que por falta d'agua não podia resistir muitos dias. A 18 incendiáram huma das casas fortificadas onde morrerão alguns dos que a defendião. No dia seguinte Picard offereceo capitular, sahindo com as honras militares; a guarnição foi conduzida á Bahia, para ser embarcada para Hespanha e de lá para Hollanda. Picard quiz salvar Calabar comprehendendo-o na capitulação, mas o general portuguez não consintio. Então este mulato, antevendo a sua sorte, resignou-se a ella com grande firmeza de animo. Deo todas as mostras de sincero arrependimento; e a 22, foi enforcado e esquartejado, e expostos os seus dilacerados membros nas palissadas da villa onde elle nascera. Era homem de engenho, e de notavel coragem e actividade, mas de má indole. Tinha desertado em 1632 para os Hollandezes, que lhe derão a patente de capitão, e depois a de sargento-mór: tinha dirigido todas as operações contra os seus compatriotas, a quem tinha causado gra-

vissimo dampo. Não se sabe qual fôra o motivo que o decidira a desertar. Mathias de Albuquerque, com gran desdouro seu, havia algum tempo antes seduzido hum primo de Calabar para o matar á traição, mas este vil assassino morreo espetado na propria espada quando ia cravá-la no parente, que o aguardava sem a menor suspeita da damnada tenção.

O general portuguez propoz ao commandante hollandez a troca dos prisioneiros que erão perto de quatrocentos, comprehendidos os officiaes, pelos Portuguezes do cabo S. Agostinho; mas esta proposição foi recusada. Tambem mandou enforcar Manoel de Castro, que tinha seguido o inimigo em qualidade de alcaide em Porto-Calvo. Recompensou Sebastião de Souto, nomeando-o alferes do capitão Affonso de Albuquerque.

Nesta epocha os Hollandezes tinham quatro mil homens em campanha, e estavam senhores de todos os portos da costa da Paraíba e Pernambuco, com cincoenta navios de guerra para os guardar.

Albuquerque tendo feito arrasar as fortificações de Porto-Calvo, e enterrado as peças nos hosques, partio a 23. para as Alagoas. De caminho encontrou no rio de Santo Antonio Grande, a seis leguas das Alagoas, os capitães Paulo de

Parada e Sebastião de Lucena, que tinham vindo de Lisboa em hum navio em que tambem viera embarcado o successor de Mathias d'Albuquerque. Os emigrados logo que chegarão ás Alagoas se dispersarão; hums forão para a Bahia, outros para o Rio de Janeiro.

A 29 o General chegou á Lagôa do Norte onde achou o conde de Bagnuolo, com quem conferio. Ambos assentarão em occupar a Lagôa do Sul, que era mais defensavel, por estar situada entre as tres fortalezas de Jaraguá, das Lagôas e a dos Francezes. O General occupou este posto a 2 de Agosto, com quatrocentos Portuguezes e Indios, e começou a fortificar-se. No dia 15, o coronel Artisjoski, com dois mil soldados, partio para occupar Peripueira, altura situada na costa quarenta legoas ao sul do Recife, oito das Alagoas, e duas do passo do Poço, situado seis legoas para o norte. Estabeleceo hum reduto sobre hum altura, perto da ermida de S. Gonçalo, e outro sobre a praia, para communicação com os habitantes do campo.

A 28 de Agosto o General fez partir para Hespanha humas das caravelas commandada pelo capitão Sebastião de Lucena, para informar Elrei dos ultimos successos.

A 25 de Septembro, o governador da Paraiiba, Antonio d'Albuquerque, partio para o Maranhão em hum barca, com tenção de se

embarcar para as colónias hespanholas e de lá para Hespanha.

Humma esquadra hollandeza de quatorze navios, commandada por Cornelis Jol, partio do Recife e tomou a ilha de Fernando de Noronha, onde deixou alguns navios. Com os outros foi-se em busca da frota do Mexico, que encontrou no canal de Bahamá; atacou-a com vantagem, mas a victoria lhe escapou pela insubordinação dos capitães, que não quizerão obedecer a hum almirante que tinha sido corsario.

Nova expedição huspano-portuguesa. A Corte de Hespanha, anciosa de retomar Pernambuco, armou humma esquadra de vinte navios, levando a bordo mil e setecentos soldados. O general da esquadra de Castella era D. Lope d'Hozes e Cordova, e o almirante, D. José de Menezes. O general da de Portugal era D. Rodrigo Lobo, e o almirante, João de Sequeira Varijão. A Armada partio de Lisboa a 7 de Setembro, levando a bordo D. Luiz de Roxas e Borja, mestre-de-campo do commandante em chefe D. Antonio d'Avila e Toledo, successor de Mathias d'Albuquerque, e Pedro da Silva, para render Diogo Luiz d'Oliveira, em qualidade de Capitão-general do Brasil, na Bahia. Esta frota arribou ás ilhas do Cabo-Verde, onde perdeu alguma gente por doença, e chegou a 26 de Novembro diante do Recife, onde es-

tavão nove navios carregados de tabaco, algodão, pan de tinturaria, e gengivre, promptos a partir, e tendo cada hum cinco ou seis homens de tripolação a bordo; mas não havia fundo sufficiente para os navios da esquadra poderem atacá-los.

A 3o de Novembro, abordarão os Portuguezes, a ponta de Jaraguá, para desembarcar a gente e as munições. Os Hollandezes tinham então as suas forças disseminadas em huma extensão de cem legoas de costa desde Peripueira até Pottengy. Sigismundo não tinha mais de duzentos homens na capital, e quando avistou os navios, deo-se por perdido. A frota dirigio-se para o cabo S. Agostinho, onde o mau tempo os impedio de desembarcar. Bagnuolo aconselhou a Hozes que entrasse no rio Serinhaem, mas elle recusou fazê-lo, e proseguio a sua derrota até á barra das Alagoas.

A 6 de Janeiro 1656, o Mestre-de-campo tomou o mando das tropas, e marchou ao encontro do inimigo com mil e quatro centos homens e alguns Indios commandados por Camarão, a quem Elrei tinha concedido o tratamento de Dom. Durante a marcha soube por dois soldados de Sebastião de Souto, que o general Schoppe com seiscentos homens se tinha aporreado de Porto-Calvo, e que para impedir toda a communicação entre o exercito portuguez e

os habitantes do paiz, tinha ordenado aos habitantes que residião ao sul da cidade, de se retirarem para o norte. De Roxas expedio o capitão Francisco Rabelo, com duas companhias, para entreter o general hollandez até elle chegar; mas este tendo aviso da marcha dos Portuguezes, retirou-se a Barra-Grande em distancia de cinco legoas.

No dia 16 o commandante portuguez informado que Sigismundo tinha desembarcado tropas nesse porto, e que Artisjoski tinha sabido do seu campo de Peripueira, com mil e quinhentos homens, deixou quinhentos em Porto-Calvo e marchou ao encontro do inimigo com oitocentos soldados e os Indios auxiliares. No dia 17, á bocca da noite, avistou o inimigo, com o qual teve algumas escaramuças, que lhe fizeram conhecer a grande differença entre a maneira de pelejar nos bosques, e a de fazer a guerra na Europa. Os seus officiaes lhe aconselharão de não arriscar combate contra forças superiores, e de esperar as tropas de Porto-Calvo. Elle seguiu o conselho, mas na seguinte madrugada, provocado pelo inimigo que se tinha postado em huma planicie estreita protegida por bosques, travou o combate e obteve algumas vantagens; mas tendo ordenado huma ordem que foi mal executada, quiz restabelecer a ordem apeando-se do cavallo, quando foi

ferido em huma perna de huma bala, o logo depois cahio mortalmente ferido de outra. Tinha cincoenta e dois annos de idade. Os Portuguezes, tiveram trinta e tres mortos e trinta e oito feridos; a perda dos Hollandezes passou de duzentos. Artisjoski, fulto de viveres, retirou-se a Peripueira levando prisioneiro Heitor de la Calchi, sargento-mór dos Napolitanos.

O tenente-general Manoel Dias d'Andrade, tinha-se adiantado a huma legoa de Porto-Calvo, com trezentos homens; quando soube a derrota e morte de Roxas, voltou a este lugar e alli se fortificou. No dia 19 abriu as cartas d'Elrei datadas de 30 de Janeiro de 1635, e nellas vio que o conde de Bagnuolo era nomeado successor de Roxas. Os soldados e os habitantes se mostrarão descontentes, e querião forçar Andrade a tomar o mando. Os da Alagôa tam-bem se oppozerao á nomeação Regia, e rogáráo a Duarte de Albuquerque que assumisse a autoridade civil e militar; mas elle recusou e conseguiu acalmar esta sedição. O conde de Bagnuolo participou ao capitão-general Pedro da Silva e aos almirantes, que estavam na Bahia, a morte de D. Luiz de Roxas, e a sua nomeação. Propoz-lhes ao mesmo tempo hum meio de fazer grandedamno ao inimigo, correndo a costa de Pernambuco que estava desguarnecida de navios e soldados. O projecto foi approvedo,

mas não poudes ter effeito, por haver o general D. Lope recebido ordem de partir para Curaçao, com Djogo Luiz d'Oliveira, a fim de expulsar os Hollandezes d'esta ilha. Bagnuolo expedio para a ilha Terceira huma embarcação que foi tomada pelos Hollandezes, e construiu hum forte na Lagôa do norte, de que nomeou capitão Affonso d'Albuquerque, com trezentos homens de guarnição. A 15 de Março o conde partio para Porto-Calvo, onde chegou a 19. Passou mostra á sua tropa, e achou que tinha mil e oitocentos soldados effectivos, alem dos Indios ás ordens de D. Antonio Felippe Camarão.

Bagnuolo destacou o tenente Manoel Dias de Andrade com quatrocentos soldados, e Camarão com os seus Indios, para occupar e fortificar hum posto ao sul, perto do Rio-Una, de frente da aldêa de S.-Gonçalo, a dez legoas de Porto-Calvo, e a seis de Villa-Formosa. Ao mesmo tempo mandou o sargento-mór Martim Ferreira, para commandar no forte da Lagôa, em lugar de Affonso de Albuquerque, que chamou para o quartel general. D'este posto fazia a guarnição continuas correrias, matando muita gente aos inimigos. O capitão de emboscadas Antonio Bezerra, com Sebastião de Souto e alguns soldados, penetrarão em humma quinta onde se achava o sargento-mór Hollandez André Zon e tres dos seus officiaes, que

forão mortos. Zou se salvar saltando pela janella, deixando a espada e o chapéo.

A 12 de Abril Duarte de Albuquerque mudou o nome de Porto-Calvo no de Villa de Bom-Successo, concedendo-lhe em nome d'El-rei huma jurisdicção municipal. Deo tambem o nome de Villa da Madalena ao estabelecimento da Lagôa do sul, e o de S.-Francisco ao do rio do mesmo nome.

No dia 14, o capitão Francisco Rebello fez outra correria com duzentos e cincoenta soldados e duzentos Indios, por outro caminho, atravessando o mato, e voltou com boa porção de polvora e munições que tinha colhido. Outro destacamento penetrou ate ao engenho de João Paes Baretto, a duas legoas do cabo S.-Agostinho, onde havia setenta Hollandezes de guarnição, que fugirão para a igreja, onde trinta forão mortos; os outros se entregarão.

Animado por estes successos, o conde de Bagnuolo entrou em campanha em pessoa, para devastar o paiz atacando os postos hollandezes, e não dando quartel; mas o capitão Rebello tendo-se adiantado imprudentemente até S.-Lourenço, aldêa do interior, a cinco legoas do Recife, encontrou hum corpo de oitocentos homens, soldados e marinheiros, commandados por Jacob Estacor: Rebello sustentou o combate por espaço de hora e meia (a 23 de

Abril), e retirou-se sobre Porto-Calvo, sem ter perdido mais de onze soldados e dois capitães. Os Hollandezes perderão mais de cem homens nesta acção. No mesmo dia o general Sigismundo partio com mil e quinhentos homens para atacar o posto do Rio-Una; mas o tenente defendeo-se com tanto valor, que obrigou o General a retirar-se a Villa-Formosa, com perda consideravel. Os Portuguezes perderão o Indio Antonio Cardoso, capitão da hum companhia de alliados indigenas.

No mesmo dia o commandante hollandez das fortificações de Peripueira, partio com perto de quatrocentos homens para a Lagôa do norte seis legoas distante, e encontrou o sargento-mór Martim Ferreira com duzentos homens, diante do qual se retirou com perda de alguns mortos e feridos. Os Portuguezes tiveram só dois homens feridos, hum dos quizes foi o capitão Affonso de Azevedo.

O conde de Bagnuolo fez transportar a artilharia e as munições que se achavão na Lagôa do norte a Porto-Calvo, onde se fortificou. Os Hollandezes começaram a commetter horriveis crueldades em muitos lugares. Para os castigar, o conde de Bagnuolo expellio Camarão com trezentos homens, dos quizes duzentos são mosqueteiros e arcabuzeiros, e dois capitães d'emboscadas com trezentos homens, para

fazer huma incursão nos districtos mais povoados da Goyana e de Itamaracá, a setenta legoas de Bom-Successo. Os Hollandezes tinham elevado alli hum reduto, para guardar o assucar e as mercadorias que se expedião por agua ao Recife. Camarão o tomou, e matou vinte homens da guarnição. Hum dos mortos era Jeronymo de Payva, que, havendo sido expulso da Companhia de Jesus na India, tinha passado ao serviço dos Hollandezes, e os tinha acompanhado a Pernambuco. Duas lanchas que vinham soccorrer o reduto, foram apreçadas, e dez homens mortos. Os Portuguezes perderão hum só homem, o capitão Antonio de Souza. O coronel Artisjoski veio ao encontro de Camarão com mil homens, a 25 de Agosto, mas este habil capitão sustentou o combate com tanto valor e pericia, que obrigou o inimigo a retirar-se a S.-Lourenço deixando no campo de batalha cem mortos, e levando muitos feridos. Camarão teve só oito mortos e dez feridos.

A 18 de Outubro Martim Soares, que occupava o Rio-Una, fez correrias até ao Rio-Formoso em que tomou alguns viveres, a 24 encontrou cento e cincoenta Hollandezes a quem matou dezoito homens, e o capitão que commandava os Indios seus alliados. A 7 de Novembro os Hollandezes não podendo manter-se

em campo tomarão o partido de destruir os redutos de Peripueira, o que foi de grande utilidade aos Portuguezes, deixando-lhes livre a communicação pela praia com a Lagôa do norte.

No dia 27 os destacamentos portuguezes, ás ordens dos capitães Francisco Rebello e Sebastião de Souto, atacados por mil e duzentos Hollandezes, no engenho de João Rabelo de Lima, perdêrão vinte soldados e dezasete negros de Henrique Dias. O inimigo perdeu setenta e quatro soldados e alguns Indios. Os Portuguezes se retirarão a Porto-Calvo depois de hum marcha difficil.

Duas caravelas chegarão nesta conjunctura á Bahia com soccorros para o governador de Pernambuco, e forão transportados por terra a Porto-Calvo.

O conde de Bagnuolo, informado pelos prisioneiros hollandezes que estes esperavão grandes reforços commandados por hum grande personagem, mandou fazer em torno da igreja nova de Bom Successo fortes entrincheiramentos, e restabelecer a cortina do forte da igreja velha. Ao mesmo tempo mandou hum capitão com cincoenta homens ao districto de Pojuca, onde destruirão hum engenho de assucar e hum patacho, ematárão quatorze homens. Outra expedição de oitenta homens, commandada

pelo capitão Sebastião de Souto, fez huma excursão na Paraíba, destruiu todas as plantações de canna por onde passou, e mais de quatro mil arrobas de assucar.

No fim de 1635 montavão as despesas da Companhia hollandeza das Indias Occidentaes, a quarenta e cinco milhões de florins. Tinha tomado aos Portuguezes e Hespanhoes quinhentos e quarenta e sete navios, e realiado mais de trinta milhões da venda das prezas. Tinha occasionado aos Hespanhoes huma despesa de perto de dözentos milhões, e tinha importado da America generos do valor de quatorze milhões e seiscentos mil florins.

1635-6-7. — Em 1636 foi fundada a cidade de S. Sebastião na capitania e comarca de S. Paulo.

Expedição do capitão Juan do Palacios para explorar o Rio Maranhão ou das Amazonas. — Em 1606 e 1607 alguns jesuitas resolverão tentar a conversão dos selvagens do Rio-Maranhão. Partirão de Quito, penetrarão na provincia de Cofanes, perto do nascente do rio Coca, onde o padre Manoel Ferrier foi morto pelos Indios. Os outros padres foram obrigados a fugir. Algum tempo depois o general João de Villamayor Maldonado, governador de Quixos, consuntou todos os seus bens para estabelecer huma colonia nas margens do Maranhão, mas

sem fructo. Em 1621, Vicente de los Reyes de Villalobos, governador e capitão general de Qui-xos, tinha feito disposições para a exploração do mesmo rio, quando recebeu ordem de largar o governo. Alonzo Miranda fôrmo o mesmo projecto, mas morreu antes de o executar. Na primavera de 1623, Luiz Aranha de Vasconcellos chegou de Madrid ao Brasil, trazendo hum commissão especial para explorar o Orellana e todas as paragens occupadas pelos Hollandezes. Puz-se a caminho com sessenta soldados, hum caravela commandada por Bento Maciel, e vinte e duas canoas em queião mil Indios. Atacou e incendiou muitos engenhos que os Hollandezes e Francezes tinham estabelecido no rio de Curupa, destruiu alguns bandos de Indios bravos, e obrigou outros a fugir ou a aceitar pazes. Retirou-se depois á ilha dos Tucujós na embocadura do Maranhão. De volta a Curupa construiu em hum sitio chamado Mariocay hum forte a que deu o nome de S.-Antonio. Depois d'estas vantagens, Maciel tomou o titulo de *primeiro explorador e conquistador* dos rios Amazonas e Curupa. Luiz Aranha assumio o mesmo titulo, ao qual nem hum nem outro tinham o menor direito. Muito antes d'elles tinha Orellana, Lope de Ayres, e Meirinho explorado o Amazonas, ou rio Maranhão, como já dissemos.

Em 1626 Bento Maciel, governador do Pará, foi encarregado por Felippe III de explorar este rio; mas foi obrigado a ir servir a Pernambuco sem ter podido executar esta commissão. No mesmo anno Teixeira, official habil, acompanhado de frei Christovão de S. José, remontou o Maranhão até ao estabelecimento dos Tapuyasus, e d'alli até ao dos Tapajós, nas margens do rio do mesmo nome. Os indigenas tecião esteiras com tanto primor que Teixeira suppoz não ser obra de selvagens.

Em 1634 Elrei deo ordem a Francisco Coelho, governador e capitão general da ilha Maranhão, e da cidade e fortaleza do Pará, que apromptasse huma expedição consideravel para explorar este mesmo rio até á sua origem; mas não ousou afastar-se do seu governo em razão dos continuos ataques dos Hollandezes contra o Brasil.

Trinta annos depois da primeira tentativa dos Jesuitas resolveo o capitão Juan de Palacios explorar o rio das Amazonas e estabelecer nas suas margens huma colonia, sem usar de meios violentos, acompanhado de alguns religiosos e soldados. Depois de huma longa e fadigosa marcha de Quito, chegou ao territorio dos Indios de *cabellos compridos* (*cabelludos*), quarenta e sete legoas abaixo da junção do rio Napo com o Coca. Procurou fazer

alli hum estabelecimento, a que poz o nome de *Arcoze*; mas os indigenas se oppuzeffão, e que descorçoou parte da gente. Alguns voltarão a Quito, outros forão mortos pelos Indios, e o mesmo Palacios foi ferido mortalmente. Dois leigos, hum chamado Domingos de Brito e outro André de Toledo, com seis soldados tiverão a fortuna de se embarcar nas canoas, e entregando-se á corrente, forão ter ao Pará, então dependente da capitania do Maranhão. D'alli forão a S.-Luiz dar conta da sua viagem ao governador da cidade, Diogo Raimundo de Noronha.

1637-8-9. — *Viagem do capitão Pedro Teixeira*. O Governador Noronha tendo tirado amplas informações dos dois leigos e de alguns dos soldados ácerca da sua navegação, resolveo mandar o capitão Pedro Teixeira proseguir a exploração d'este grande rio. Este official partio da Paraíba a 28 de Outubro 1637, com quarenta e sete canoas em que ião embarcados setenta soldados portuguezes, mil e duzentos Indios alliados com suas mulheres, e gente de serviço. Chegou á entrada do rio Payamino a 21 de Junho 1638, desembarcou a sua gente no territorio dos *Indios Cabelludos* á entrada do rio d'este nome, vinte legoas abaixo do rio Agarique, onde deixou quarenta Portuguezes e trezentos Indios. Alli formou

hum campo entrincheirado, de que deo o mandado aos capitães Pedro da Costa Favella, e Pedro Bayão d'Abreu, e remontando na sua barca o rio até onde cessa de ser navegavel, foi ter a Quito. O Presidente d'esta cidade, Alonzo de Salazar, informou o vice-rei do Peru da sua viagem. Este deo ordem, a 10 de Novembro 1638, de fazer partir Teixeira para o Pará pelo mesmo caminho com toda a sua gente. A audiencia real de Quito o fez acompanhar por dois religiosos, frei Christovão d'Acuña, reitor do collegio dos Jesuitas de Cuenca, e frei André d'Artieda, professor de rhetorica no mesmo collegio, para escrever hum relação da viagem, e ir apresentá-la a Elrei de Hespanha. A expedição partio a 16 de Janeiro 1639, chegou a entrada do Rio-Negro a 12 de Outubro, e a 12 de Dezembro voltou ao Pará.

1637. — Maciel obteve da côrte do Hespanha o governo da provincia do Maranhão com hum nova capitania denominada *do Cabo do Norte*, a qual se extendia desde este cabo até o rio Oyapoc, comprehendendo as ilhas em distancia de dez legoas da costa, e oitenta a cem no interior, até o rio dos Tapuyasus. Maciel obteve tambem, por hum edicto, a administração dos Indios chamados *livres*, mas dependentes do solo, e sujeitos aos proprietarios.

Cedeo ao sobrinho a nova capitania do Cabo do Norte.

Expedição hollandeza debaixo do commando de João Mauricio, conde de Nassau. A Companhia das Indias Occidentaes tendo resolvido mandar ao Brasil hum governador, não só capaz de commandar as tropas, mas tambem de administrar a nova colonia, tinha escolhido para este cargo, a 4 de Agosto 1636, o principe Mauricio de Nassau, nomeando-lhe hum Conselho composto de tres dos directores da Companhia. A expedição devia compôr-se de trinta e dois navios, mas só doze foram armados, e o principe se embarcou em Amsterdam e partio com quatro. A 25 de Outubro foi obrigado a entrar em Plymouth para reparar os navios maltratados por hum temporal. Alli se deteve quarenta dias, e fazendo-se á vêla arribou no 1.º de Janeiro ás ilhas do Cabo Verde, e a 23 entrou no Recife, onde foi bem acolhido pelo Conselho, tropa e habitantes da cidade. Communicou-lhes os despachos da sua nomeação ao cargo de governador, capitão e almirante general das terras conquistadas no Brasil, ou que poderião ser conquistadas para o futuro, com mando supremo por mar e por terra, com os poderes e privilegios seguintes: 1.º o direito de presidir o Conselho supremo e secreto, tendo nelle voto dobrado

em caso de empate; 2º o direito de fixar a sua residência na capitania de Itamaracá ou em qualquer outro lugar que o Conselho julgar conveniente; 3º o poder de executar, com ajuda do Conselho, as leis e regulamentos do paiz; 4º faculdade de nomear a todos os postos militares até o de alferes inclusivamente, e a todos os empregos da policia e marinha, excepto ao de vice-almirante das costas, o qual só deverá ser conferido interinamente, em caso de morte ou de demissão, com approvação de dezanove directores aos quaes fica igualmente reservada a nomeação dos conselheiros politicos do Brasil; 5º a faculdade de prover a todos os postos da milicia, e de conceder recompensas aos Brasileiros e aos indigenas por algum serviço importante; 6º o de ter hum ministro, hum medico e criados pagos pela companhia; 7º huma ajuda de custo de seis mil florins, e quinhentos florins por mez para mesa; 8º dois por cento de tudo o que se tomasse ao inimigo; e 9º o conde se obrigava com estas condições a pôr todo o empenho na conservação e engrandecimento das possessões hollandezas no Brasil.

Campanha de 1637. — Huma divisão da esquadra de Nassau debaixo do mando do seu lugar tenente, Henrique Vancol, abordou ao Recife a 4 de Janeiro.

Bagnuolo chamou a conselho os seus officiaes. Duarte d'Albuquerque tinha aconselhado metter duzentos homens de guarnição no forte da cidade de Porto-Calvo (depois chamado Bom Successo), postando outro corpo de soldados, Indios e Negros no passo do Rio-Una onde commandava Martin Soares. Mas Bagnuolo chamou a si este official com toda a sua gente, e fez estabelecer dois redutos na altura de Amador Arraes, em hum dos quaes assestou tres peças com cincoenta barris de polvora, balas e outras munições, e duzentas fangas de farinha. Nomêou Miguel Giberton, tenente general de artilharia, Governador de Bom-Successo, onde pôz huma guarnição de trezentos homens, com os doentes, e toda a artilharia, munições, engenheiros e artilheiros que estavam na Lagoa do norte. Infelizmente os viveres erão escassos; a artilharia não tinha reparos sùfficientes, e não havia quem soubesse concertar as armas. Bagnuolo foi com alguma gente postar-se na altura de Amador Alvares, para dar as providencias necessarias.

Nassau resolveo atacar Porto-Calvo, e para este fim ajuntou cinco mil e quinhentos homens de infantaria, não comprehendidos os Indios e Negros escravos. Deo o commando de dois mil soldados ao coronel Artisjoski, que embarcados em trinta navios devião ir ao longo da

costa cooperar ao ataque d'esta cidade, contra a qual elle marchou em pessoa por terra, com Sigismundo e tres mil e quinhentos soldados, mil e quinhentos Indios e Negros escravos.

● A 12 de Fevereiro, a frota composta de trinta e dois navios chegou á Barra-Grande, e a 16 Nassau passou o Rio-Una, a seis legoas d'aquelle sitio, para fazer a sua junção com a tropa embarcada. A tres mais adiante estava o posto occupado por Martim Soares. A 17 marchou Nassau a Porto-Calvo. Bagnuolo deo ordem ao seu tenente general, Alonzo Ximenes de Almiron, de ir ao encontro do inimigo com mil e quinhentos homens, acompanhado de Camarão com trezentos Indios, e de Henrique Dias com oitenta Negros escravos. A' bocca da noite os dois exercitos se acharão a tiro de espingarda hum do outro, e cada hum tratou de se fortificar. Os Portuguezes tomarão posição perto de huma ribeira; os Hollandezes se postarão sobre huma altura onde se entrincheirão assestando quatro peças, de que fizerão fogo toda a noite. Bagnuolo mandou trezentos homens commandados pelo sargento-mór Martim Ferreira para proteger os redutos, e o capitão Manoel Francisco com cincoenta homens, para guardar o Rio das Pedras. Na manha de 10 de Fevereiro o exercito hollandez se avançou em tres diviões: huma commandada por Artisjoski, outra

por Sigismundo, e a terceira debaixo do mando immediato de Mauricio de Nassau, na qual havia cincoenta arcabuzeiros a cavallo.

Travou-se o combate, e no terceiro ataque de toda a linha, forão os Portuguezes repellidos com perda de quarenta homens entre os quaes se achava D. Antonio Coutinho, official distincto, e Cosme Viana, o ultimo de cinco irmãos que morrerão nesta guerra, e vinte feridos. O negro Henrique Dias, á testa do seu corpo, mostrou huma intrepidez extraordinaria: huma bala lhe atravessou o punho, que logo fez amputar, dizendo: « Cada hum dos dedos da mão que me resta me dará com que me vingar. » A mulher de Camarão chamada Dona Clara, e outras Indias corrião as fleiras animando os soldados, e muitas Portuguezas se assignalárão igualmente tomando parte neste conflicto. O conde Bagnuolo que estava em hum dos redutos esperando o resultado da acção, deo ordem ao seu tenente Alonzo Ximenez, de ir com oitocentos homens acompanhar os habitantes que se dirigião ás Alagôas, para onde elle mesmo partio de noite acompanhado de Duarte d'Albuquerque, e de Andrade.

Ao amanhecer, o Governador do forte, Miguel Giberton enviou saber quaes erão as ordens do conde, mas elle tinha partido sem dar ordem alguma. Os redutos estavam sem de-

fesa, tendo-se a guarnição retirado ao forte, depois de ter engravado as peças, mas tão mal que logo forão desengravadas pelos Hollandezes e apontadas contra a praça. Nassau mandou hum sargento-mór com seiscentos homens a picar a retaguarda de Bagnuolo.

No dia 20 entráráo no rio duas lanchas trazendo artilharia grossa e munições para sitiá o forte, contra o qual quatro baterias com dezasete peças forão dirigidas, e a 6 de Março a praça não podendo resistir por mais tempo, se rendeo. A guarnição obteve huma honrosa capitulação. Os Hollandezes perdêráo cento e cincoenta homens, e Karel Nassau, sobrinho do principe, foi morto durante o cerco.

Nassau tendo confiado o commando d'esta praça a Pedro Van Derverve, marchou com todas as suas forças contra a cidade da Magdalena na Lagôa do sul, onde Bagnuolo tinha chegado a 25 de Fevereiro, com mil e duzentos soldados e alguns centenares de Indios. Esta praça era susceptível de defesa, e Mathias d'Albuquerque tinha resistido nella por espaço de seis mezes, não tendo mais de quatrocentos homens. Era accessivel aos soccorros da Bahia e da Europa. No estabelecimento da Lagôa do norte havia trinta e cinco barris de polvora e munições. Bagnuolo mandou a 5 o seu ajudante d'ordens Diogo Sanches para saber no-

ticias do forte, que este official não poude obter. Não obstante, cortendo voz que estava rendido, resolveo Bagnuolo abandonar a provincia retirando-se para o rio S.-Francisco alem do limite de Pernambuco, vinte legoas ao sul, para com mais facilidade receber soccorros da Bahia. Partio pois a 10, a pezar das representações dos soldados que estavam quasi nus, e faltos de medicamentos, de camas etc., e chegou a 17 á cidade de S.-Francisco a tres legoas da embocadura do rio d'este nome. Perseguido pelo inimigo, atravessou este rio a 18 e 19. No dia 20 Nassau atravessou o rio Piragui em jangadas, e a 27 chegou a esta cidade, e Bagnuolo se retirou a vinte e cinco legoas até á cidade de Seregipe d'Elrei, onde chegou a 31.

Bagnuolo, para inquietar Nassau, e ao mesmo tempo observar as suas operações, expedio varios destacamentos em diversas direcções. O capitão Sebastião de Souto passou o S.-Francisco cinco legoas a cima da cidade com quarenta homens, a metade Indios: surprehendeo em huma casa onze soldados de que matou sete, e aprisionou dois.

A 5 de Maio, João d'Almeida, com huma companhia de Indios, correu as bordas do rio S.-Francisco, matou quinze homens e tomou sete cavalloos. A 20 de Maio, Souto fez outra correria para explorar as margens do rio en-

tre a barra e a cidade, passou o rio e se dirigio a Villa-Formosa depois de ter morto cincoenta inimigos. A 26 fez outra incursao, em que aprisionou dois auditores do forte S.-Francisco.

A 25 de Junho, hum frotta hollandeza de nove navios, com mil e quinhentos homens a bordo, partio do Recife debaixo do commando de Jan Koin, membro do Conselho supremo, com o projecto de se apoderar do forte portuguez de S.-Jorge da Mina, na costa de Guiné. Este forte capitulou a 29 de Agosto.

A 29 Jan Cornelis Lichthart sahio do Recife com dezoito navios e alguma gente de pé, e aportou aos Ilheós, trinta legoas ao sul da Bahia. Queimou hum navio que alli estava descarregado, e tentou incendiar a aldea meia legoa distante, mas foi repellido pelos habitantes e ferido no combate.

A 16 de Agosto Luiz Barbalho Bezerra entrou na Bahia com quatro caravelas em que vinhão duzentos e cincoenta homens, de oitocentos que se tinham alistado em Lisboa. Nassau satisfeito de ter expulsado os Portuguezes da provincia de Pernambuco, não quiz persegui-los alem dos limites d'ella, e fez construir na cidade de S.-Francisco o forte Mauricio, para dominar o rio, que atravessou, ordenando aos habitantes que fossem com o seu gado oc-

cupar a margem septentrional d'elle. Ao mesmo tempo distribuiu presentes aos Indios para os desligar da alliança dos Portuguezes. Remontando depois o rio em distancia de cincoenta legoas para explorar o paiz, achou-o coberto de gado, e tão fertil que formou tenção de decidir a Companhia a estabelecer alli huma colonia alleman.

A estação das chuvas tinha começado, e Nassau atacado de febre partio para o Recife, deixando Schoppe com mil e seiscentos homens no novo forte.

Bagnuolo logo que soube a occupação da cidade de S.-Francisco por Nassau, expediao o capitão Sebastião de Souto com tres homens, para irem reconhecer as forças do inimigo. Souto passou o rio em huma canoa, chegou a Seregipe, a 5 de Novembro, e voltou sem que fosse descoberto. Por elle soube Bagnuolo que havia mil e oitocentos soldados e quinhentos Indios commandados por Gieselín, membro do Gran-Conselho. A 14 de Novembro Bagnuolo informado por seus emmarios de ter o inimigo atravessado o rio S.-Francisco com tres mil soldados, quinhentos Indios e sessenta homens de cavallo, abandonou Seregipe, fazendo devastar os campos e arruinando os infelizes habitantes, retirando-se para a Bahia. Depois de huma ardua marcha chegou a 29 á

Torre de Garcia d'Avila, quatorze legoas ao sul da Bahia e a huma millia do mar. Os miseros emigrantes que, por cansados ou casualmente se separavão da tropa, forão mortos pelos Indios Pitaguares; outros forão devorados por animaes ferozes, ou morrerão mordidos por cobras venenosas. Alguns autores dizem què nesta campanha Bagnuolo matou cinco mil rezes, e levou consigo oito mil. Os Hollandezes levirão muitas mil para as suas possessões, e matarão tres mil.

A 17 do mesmo mez Sigismundo e Giesselin chegarão a Serecipe, que achirão abandonada. Não construirão alli fortificação alguma, limitando-se a formar entrincheiramentos em algumas ruas. Queimarão as casas e os engenhos de assucar, e destruirão as plantações e as arvores fructiferas. Depois d'esta devastação voltarão ao forte Mauricio.

O capitão-general Pedro da Silva mandou o provedor-geral Pedro Cadena Villasanti, para fazer com que Bagnuolo se mantivesse na sua posição, para indagar as intenções do inimigo, e fazer escolha do lugar mais conveniente para postar as tropas. Bagnuolo respondeo que iria concertar-se com elle sobre o que convinha fazer. Partio para este fim; elle e Pedro da Silva convierão de aquartelar as tropas em Villa-Velha, a meia legoa da cidade,

e de mandar os emigrados para a Bahia.

No mesmo anno perderão os Portuguezes mais o estabelecimento do Ceará. Os Indios d'este districto que Martim Soares tinha pacificado, se ligarão com os Hollandezes, apenas chegou Mauricio de Nassau, pondo-se debaixo da sua protecção. Aproveitando-se d'esta offerta, expedia quatro navios em que embarcou duzentos soldados debaixo do mando de Joris Gartsman, que abordarão a tres legoas do Ceará defendido unicamente por hum reduto com duas peças de ferro e vinte homens de guarnição. Hum grande numero de Indios se veio unir aos Hollandezes, e o forte se rendeo.

Medidas politicas de Nassau. — O novo chefe das possesões hollandezas no Brasil, conhecendo a grande importancia d'ellas, procurou todos os meios de consolidar a posse, e de fazer prosperar tão ricos estabelecimentos. Fez vender como propriedades publicas os engenhos de assucar cujos donos tinham emigrado, e o producto montou a dois milhões de florins. Convidou os Portuguezes a voltar á colonia, promettendo-lhes plena e inteira liberdade de consciencia, e de reparar as suas igrejas á custa do Estado, mas prohibia-lhes a communicação com os habitantes da Bahia, e a introdução de frades, em quanto houvessem ecclesiasticos sufficientes para o culto.

Prohibio aos Judeos, as ceremonias publicas da sua religião, e aos catholicos as procissões fóra do interior das igrejas; e não permittia a erecção de templo algum sem permissão do senado. Os habitantes devião ser submettidos ás leis hollandezas, e pagar os mesmos impostos. Podião recobrar as suas propriedades, e o Governo se obrigava a restituir os escravos que fugissem a senhores que houvessem prestado juramento de fidelidade ao governo hollandez. Tambem concedeo aos Portuguezes o direito de trazer armas para sua defesa.

1637. — *Tomada do forte de S.-Jorge de Mina.* Nicolão Van Yperen, general de Guiné e d'Angola, tendo sabido por alguns officiaes que existião dissensões na guarnição portugueza da Mina, deo aviso d'isto á Companhia e a Mauricio de Nassau. Este chefe expedio logo huma frota de nove navios com oitocentos soldados e quinientos marinheiros de que deo o comando a Jan Koiv, membro do Conselho; com ordem de se apoderar do forte S.-Jorge. Este se fez á vela a 25 de Junho e chegou á costa d'Africa a 25 de Julho. Tendo-se concertado com Van Yperen, desembarcou a 24 e 25 de Agosto, com oitocentos soldados a que se juntarão muitos negros. Os Portuguezes tinham postado hum corpo de mil ne-

gros na encosta do monte no alto do qual estava a cidadella : quatro companhias mandadas para atacar esta posição, foram mui maltratadas, e perdêrão quasi toda a gente; porém o major Bongazzon tendo-se avançado com outro batalhão, derrotou os negros e se apossou do acampamento, postando-se na fraida do monte debaixo da artilharia do forte e fora do seu alcance. Os Portuguezes tentarão por duas vezes desalojá-lo, e não o podendo conseguir, se retirarão para hum valle entre o monte e o forte Santiago. No dia 26 os negros auxiliares atacarão sem effeito a villa da Mina. Entretanto, Koin tendo conseguido ganhar huma altura, estabeleceu nella huma bateria de duas peças e hum morteiro que dirigio contra o forte; mas em razão de estar mui distante, não produziu effeito. Todavia para intimidar os Portuguezes, mandou o commandante hollandez hum parlamentar, ameaçando passar a guarnição ao fio da espada se não se rendesse. Os sitiados pedirão tres dias para se decidirem, mas Koin só lhes deu hum, passado o qual ajuntou as suas tropas e fez hum fogo mui activo contra a praça, que se rendeu a 29, com as seguintes condições :

“ 1.º Os Portuguezes e mulatos poderão sair da praça levando o seu feto, e serão conduzidos á ilha de S. Thomé; 2.º a guarnição sahirá sem

bandeiras; 3.^a todos os escravos, excepto doze, pertencerão ao vencedor, assim como todos os ornatos da igreja, excepto os de ouro e prata; 4.^a perdoava-se a pena de morte ao desertor hollandez Herman. »

Acharão os Hollandezes na praça trinta peças e bastantes munições. Koin deixou no forte cento e quarenta homens de guarnição ás ordens do capitão Valraven Ván Malburg. O chefe hollandez intimou ao commandante da cidadella de Atzim que se rendesse, mas elle respondeu que se defenderia até á ultima extremidade. Koin retirou-se ao Recife.

1638.— Neste anno fundarão os Portuguezes a villa de Ubatuba na capitania de S. Paulo.

Campanha de 1638. Nassau restabelecido da sua doença e á espera de reforços, fez humã excursão nas capitancias da Paraíba, e de Pottingy, onde reparou as praças que elle desejava conservar, mudando-lhes os nomes. A de Paraíba poz o nome de Frederica; ao forte Cabedello, antigamente Santa Catharina, deu o nome de Margaretha, que era o da irmã do príncipe d'Orange. Ao forte do Rio-Grande chamou forte Keulen, nome do official que o tinha tomado. Percorrendo estas provincias ganhou a amizade dos Tapuyas, e de volta ao Recife achou hum reforço de duzentos soldados e algumas munições de guerra. Resolvo então

atacar S. Salvador ou Bahia de Todos os Santos, capital do Brasil.

O Governador da Bahia, avisado por hum prisioneiro portuguez, que o capitão João de Magalhães tinha conduzido, da ordem dada por Nassau de reunir todos os navios no porto do Recife, expedio Magalhães e Sebastião de Souto com setenta homens, para irem colligir informações exactas. Magalhães com quarenta e cinco homens atravessou o rio S. Francisco a cima do forte Mauricio. Souto, que tinha ajustado esperá-lo nas Alagôas, foi costeando o rio com os outros quinze homens até á barra, e dispunha-se a atravessá-lo em jangadas, quando descobriu huma pinaça hollandeza de dez homens, de que se apoderou, matando seis, e mandando os quatro para a Bahia conduzidos por tres soldados. Tendo sabido os projectos dos Hollandezes por hum habitante do paiz, e igualmente informado por elle de estarem dois navios em Crécuruipé, a dez legoas ao norte e a hum quarto de legoa do mar, para carregar pao Brasil, e que tinham feito hum entrincheiramento com seu fosso á roda da Igreja de huma aldeia de Indios onde tinham posto vinte e cinco homens das tripolações, a 20 de Março ao romper do dia Souto atacou com os seus duze homens o entrincheiramento, matou deza-sete, tomou dois, os outros seis escapáráo.

Os capitães dos dois navios, ignorando o succedido, vieram a terra e foram mortos. Na algibeira de hum d'elles se achou huma carta, pela qual constava ter Nassau communicado ao Conselho o seu projecto de atacar S. Salvâdor, e ter obtido a approvação. Soulo mandou quatro soldados com os dois prisioneiros e a referida carta ao conde Bagnuolo. Ao mesmo tempo deu aviso a Magalhães d'este successo, annunciando-lhe que o não esperaria nas Alagoas.

A 14 de Março o conde Bagnuolo foi a Villa-Velha, sem dar aviso ao Governador; de que elle se mostrou descontente, bem como os habitantes da Bahia. A presença do conde occasionou alguma confusão relativamente ao commando das tropas fóra da cidade; mas por hum accordo feito entre os dois chefes, assentou-se que cada hum teria o mando por quinze dias alternativamente, e em distancia de huma ou duas legoas do mar na direcção de Tapoão ao norte da barra da Bahia.

A cidade da Bahia não estava em estado de sustentar hum assedio. A guarnição consistia em mil e quinhentos soldados, e algumas companhias de milicias. As tropas de Pernambuco montavão a mil homens; mas as fortificações e a artilharia estavam em mau estado. Não havia farinha de reserva, nem carne ou peixe salgado mais que para o consumo diario. Espa-

Ihou-se a co[n]ternacão pelos habitantes; todavia cuidarão logo em construir hum forte junto ao convento de S. Francisco, no lugar que D. Fadrique de Toledo tinha fortificado em 1623.

A 21 de Março sahio a armada hollandeza do Recife, e a 14 appareceo em vista do Tapoão; no dia seguinte adiantou-se até o Rio Vermelho, em distancia de mais de huma legoa de Tapoão. No dia 16 lançou a armada ferro na ponta de Tapoão, defronte das ermidas da Escada e de S. Braz, cerca de meia legoa da cidade. Consta-va de quarenta navios de diferentes grandezas, e mais tres mil soldados, marinheiros e Indios.

As tropas desembarcarão, e a 20 de Abril occupáras hum outeiro fronteiro á cidade e ao entroncheamento que os Portuguezes acabavão de abrir. Na mesma noite Bagnuolo expedio para Hespanha algumas embarcações para informar Elrei do estado critico do Brasil. As tropas sahirão da cidade, e dos diversos postos, para atacar os Hollandezes; mas Bagnuolo representou o perigo de combater em tempo raso contra forças superiores, e o Governador e Duarte de Albuquerque consentirão em fazer retirar a gente. Esta retirada excitou o mais vivo descontentamento nos habitantes, que quizerao nomear outro governador; mas o bispo e Albuquerque os acobertão, e Bagnuolo

sahio no dia seguinte á testa das tropas para dar batalha; porém Nassau, havendo tomado outra posição, o conde foi obrigado a recolher-se. A desharmonia que subsistia entre os officiaes da guarnição e os de Bagnuolo, occasionou grande insubordinação. Pedro da Silva cedeo o commando, para se reconciliar com Bagnuolo, o qual lisongeado d'esta prova de confiança, fortificou sem demora o posto importante da ermida de S. Antonio, em distancia de hum tiro de espingarda da cidade, e trabalhou-se dia e noite para restabelecer as fortificações que o antigo-governador Diogo Luiz d'Oliveira tinha feito alli. No mesmo dia (20) veio hum trombeta do inimigo com cartas para os dois governadores, nas quaes dizia Nassau que hum religioso carmelita descalço recem chegado de Pernambuco desejava fallar ao seu guardião da Bahia. Bagnuolo, cuidando ser mero pretexto para hum fim hostil, respondeo evasiivamente.

A altura occupada por Nassau estava situada a hum tiro de espingarda de S. Antonio; dominava o forte do Rosario, e o reduto de Agua de Meninos, que protegião a praia; ambos forao tomados pelo inimigo, assim como o forte de Monterrate cujo commandante, o capitão Pedro Alvares de Aguirre, se rendeo sem disparar hum tiro.

Na noite do 21 Nassau tentou com mil e quinhentos homens escolhidos, apoderar-se do forte S.-Antonio; mas foi repellido com perda de duzentos homens. Os Portuguezes tiveram alguns capitães mortos. A 22 Nassau tomou o forte S.-Bartholomeo, guarnecido de dez peças e setenta soldados, e que o commandante Luiz de Vedoy houvera podido defender por alguns dias. A posse d'este forte estabeleceu a communição entre o campo hollandez e a frota. Na noite do mesmo dia duas barcas vindas de Camamu chegarão á barra perto dos dois fortes ainda em poder dos Portuguezes, e desembarcarão mil e duzentas fangas de farinha.

Bagnuolo, para inquietar o inimigo, expedia Sebastião de Souto com cem homens. Este activo official em diversas expedições causou grande damno ao inimigo: o Governador-general lhe testemunhou a sua satisfação lançando-lhe ao collo huma rica cadcia de puro. No dia 27 Souto matou vinte e dois homens ao inimigo e fez cinco prisioneiros, hum dos quaes era francez, e deu informação do projecto de Nassau de occupar hum posto mais proximo da cidade. Isto decidiu o commandante portuguez a occupar o posto das Palmas, separado da cidade por hum fosso cheio d'agua que o inimigo tinha aberto em 1625. D'esta

posição tinha D. Fadrique de Toledo incommodado muito os Hollandezes, quando elles occupavão S.-Salvador. Este posto foi confiado ao mestre-de-campo Heitor de la Calche. A 28 João Barbosa introduzio na cidade duzentas e cincoenta vaccas; e o capitão Francisco Rebello duzentas. Este official com sessenta homens encontrou duzentos Hollandezes que atacou de noite emboscado, e matou-lhes quinze homens. No primeiro de Maio Nassau abriu o fogo com cinco peças de vinte e quatro e hum de vinte e oito, que varrerão todos os caminhos entre S.-Antonio e a cidade, e matarão seis homens. Bagnuolo fez construir dois redutos á direita de S.-Antonio, a mais de mil passos no interior das terras, e os guarneceu de duas peças de dez debaixo do mando do mestre-de-campo Luiz Barbalho, e do capitão-mór D. Antonio Felippe Camarão. Hum posto que dominava os dois principaes caminhos da cidade, foi confiado ao sargento-mór Antonio de Freitas.

A 4 Bagnuolo fez enforcar hum espia hollandez. Nassau lhe mandou hum trombeta com algumas cartas achadas a bordo de hum navio aprezado, commandado pelo capitão Sebastião Ferreira 'Osaia, que vinha de Lisboa com socorros. Os autores d'estas cartas desesperavão da conservação do Brasil, dizendo que a Hes-

panha precisava de todas as suas forças de mar e de terra.

A 5 duas barcas entrarão no porto com mil e trinta fangas de farinha, e oitenta vaccas entrarão por terra. Por detrás da grande igreja assestárão-se duas peças que incommodarão muito o inimigo, e hum tiro das quaes por pouco não matou a Nassau. No dia 7 hum tiro de humna peça de vinte e quatro da bateria hollandeza matou hum trabalhador á ilharga do Governador-general e de Duarte de Albuquerque. No dia 8 Rebello entrou na cidade com duzentas vaccas e cem ovelhas, sôccorro bem opportuno para os feridos e doentes.

A 9, o inimigo começou a abrir a trincheira a seiscentos passos do seu campo, e perto dos dois redutos já mencionados, para se cobrir do seu fogo; mas foi obrigado a evacuá-los com perda.

A 10 entrarão na cidade cento e cincoenta homens, dos duzentos que formavão a guarnição do Morro de S.-Paulo, situado a doze legoas ao sul da barra da Bahia, onde havia hum reduto com quatro peças para proteger os navios que alli aportassem. A 11 o capitão Souto fez seis prisioneiros, pelos quaes se soube que havia falta de viveres no campo inimigo; porque Nassau persuadido que não encontraria grande resistencia, tinha embarcado poucoman-

timento, e a sua tropa não conhecia o paiz para poder achar nelle recursos. A 12 Nassau mandou as segundas vias das cartas de Portugal achadas a bordo de hum navio vindo de Lisboa, e aprezado a vinte legoas da costa. No mesmo dia o general hollandez plantou huma bateria de duas peças de vinte e quatro em huma eminencia á esquerda do reduto de Barbalho, donde lançou bombas sobre a cidade. A 15 Bagnuolo expedio huma caravela para Hespanha, dando parte a Elrei do estado das cousas, e solicitando promptos reforços.

A 16 e 17 a artilharia hollandez matou e ferio muitos soldados portuguezes, e a 18 Nassau se decidió a investir o ontrincheiramento de S.-Antonio. Começou o ataque ás sete horas da tarde com tres mil homens escolhidos, que jurarão de vencer. Conseguirão tomar o fosso, e nelle se entrincheirarão para atacar a porta. O combate então se tornou encarniçado; todas as forças dos sitiadores se dirigirão áquelle ponto, e os sitiados lançarão sobre o inimigo huma chuva de granadas, de pedras e de grossos madeiros. Depois de tres horas de porfiado combate em que se distinguirão os regimentos indios de Camarão e os negros de Henrique Dias, que o Governador Pedro da Silva conduzio em pessoa á peleja, os Hollandezes foram obrigados a retirar-se, deixando no campo de

batalha trezentos e vinte e sete mortos, e cinquenta e dois feridos. Nassau pediu huma tregua, para enterrar os mortos, que foi concedida. A perda total dos Hollandezes foi avaliada em mais de seiscientos homens, entre os quaes havia cinco capitães e o sargento-mór André Zon. Os Portuguezes tiveram cento e vinte mortos e oitenta feridos. Hum dos mortos foi o intrepido capitão Sebastião de Souto, cujo valor e boa fortuna tinham sido tão uteis aos Portuguezes. Era natural de Quintiães, termo de Barcellos, na provincia d'Entre Douro e Minho.

A 20 o capitão Francisco Rebello fez entrar na cidade hum novo comboi de mil vaccas.

A 21 Nassau mandou os setenta prisioneiros do forte S.-Bartholomeo, pedindo em troca sessenta Hollandezes que estavam em poder dos Portuguezes; mas Bagnuolo recusou annuir a esta proposição, indignado das devastações feitas pelo inimigo no Reconcavo.

A 24 e 25, os sitiantes lançarão na cidade muitas balas, que matarão hum capitão de milicias. Os Portuguezes lhes causarão damno maior, batendo o campo a travéz huma lagôa impraticavel, cujos miasmas forão mais funestos que a artilharia.

A 26 retirou-se Nassau, abandonando muitas munições, quatro peças de bronze, e toda a artilharia dos fortes de que se tinha apode-

rado. O cerco tinha durado quarenta dias, e a perda dos Hollandezes excedeo dois mil homens. No dia 28 a armada hollandeza se fez a vêla para Pernambuco levando quatrocentos escravos negros roubados aos habitantes da Bahia. Antes de partir tinha Nassau mandado quatro navios a Camamu para tomar hum navio portuguez carregado de farinha, de que se apoderarão fazendo ao mesmo tempo mais de cem prisioneiros.

A 29 os habitantes da Bahia fizeram celebrar hum *Te Deum* em acção de graças pela victoria alcançada sobre o inimigo, e immediatamente depois arrasáron todas as fortificações construidas pelos Hollandezes. Construiu-se hum novo forte entre o de Santiago e a ermida de S.-Pedro, e outro nas Palmas, e reparou-se o forte S.-Antonio.

O conde de Bagnuolo expedio tres caravêlas para Hespanha com as noticias d'esta victoria, que decidio a sorte do Brasil. Se os Hollandezes se tivessem então apoderado da Bahia, he provavel que terião conservado a posse de todo este vasto e rico continente. Elrei de Hespanha concedeo recompensas a todos os que se tinham distinguido durante o cerco. O Governador Pedro da Silva foi creado conde de S.-Lourenço; o conde de Bagnuolo foi feito principe em Italia, com huma commenda em Napoles,

em duas vidas. Os tres mestres-de-campo: Loden, Barbalho e Calcho, foram remunerados cada hum com sua commenda. Concederão-se pensões aos dois lugar-tenentes do mestre-de-campo Alonzo Ximenez d'Almiron, e Martin Ferreira. Pedro Corrêa da Gama foi feito fidalgo. Os outros officiaes tambem tiveram pensões, e D. Antonio Felippe Camarão huma commenda de duzentos ducados de renda.

Bagnuolo, de accordo com o Governador-general, expedia dois brigues commandados pelo capitão Andre Vidal e o ajudante Agostinho de Magalhães, cada hum com trinta homens, para ir explorar as forças do inimigo nos diversos rios que desembocão na costa de Pernambuco. Durante esta expedição matarão alguma gente aos Hollandezes, queimarão algumas plantações, e colligirão úteis informações relativas aos projectos do inimigo.

Nassau pediu novos reforços á Companhia hollandeza. As suas forças se achavam reduzidas a tres mil e quatrocentos homens de tropa, exigindo elle sete mil, com os marinheiros necessarios para o serviço naval. A Companhia abandonou o monopolio do commercio, á excepção do da escravatura, das munições de guerra e do pao de tinturaria, e prohibio-se ás pessoas que exercião cargos importantes, todo o commercio.

Em quanto não chegavão os reforços, Nassau se occupou dos meios de destruir as plantações e engenhos de assucar do Recontavo. Nestas expedições commetterão os Hollandezes ou tolerarão hum sem numero de crueldades matando até velhos decrepitos, sendo hum d'elles o octogenario João de Matos Cardoso, que tinha valerosamente defendido o forte de Cabedello. Entretanto chegou ao Recife a 5 de Junho huma frota hollandeza de quatorze navios, que tinham sahido do Texel a 24 de Abril, debaixo do mando do almirante Jol, por alcunha *Perna de pau*, que tinha ordem de ir esperar os galeões hespanhoes commandados pelo general D. Carlos de Ibarra, marquez de Tarracena. Jol partio a 15 com doze navios e dois patachos e encontrou os galeões na paragem do Pao de Cabanas, a doze legoas da Havana. Atacou-os a 31 de Agosto e a 3 de Setembro, mas não poudo conseguir a victoria, pela insubordinação dos capitães, que repugnavão servir debaixo de hum almirante que tinha sido corsario.

A 17 de Novembro doze embarcações hollandezas entrarão na Bahia perto de Tapagipe, onde desembarcarão e saquearão este lugar.

Duarte de Albuquerque partio para Hespanha. Neste mesmo tempo Camarão, descontente do procedimento de Bagnuolo a seu respeito, fez saber a Nassau que desejava reconciliar-se

com elle, e retirar-se para as suas propriedades; mas antes de voltarem os embaixarios que enviara ao general hollandez, mudou de parecer e arrependeo-se da traição que havia meditado. Oitocentos Tapuyas irritados contra Baguololo emigrarão da Bahia.

Em quanto lhe não chegavão os desejados reforços, divertio-se Nassau dando brincos d'armas ás provincias hollandezas. As de Pernambuco representavão huma mulher tendo em huma das mãos huma canna de assucar, e na outra hum espelho em que se mirava. Itamaracá tinha hum cacho de uvas; a Paraíba tres pães de assucar, e o Rio-Grande huma ema.

Depois da expedição de Jol, diversos Portuguezes ricos, suspeitados de huma conspiração, forão presos; alguns ficarão encarcerados depois de averiguado o negocio; outros forão mandados para a Bahia, e para outros lugares mais remotos.

Campanha de 1639 - 40. — No principio de 1639 voltou Artisjoski ao Brasil com hum reforço de oito navios trazendo a bordo setecentos soldados, com a missão secreta de examinar as operações de Nassau. Artisjoski accusou este general de ter violado as fórmas e usos militares, e publicou mesmo huma memoria contra elle, que dirigio aos directores da Companhia em Hollanda. Nassau appellou ao Se-

nado e refutou as accusações contidas neste escripto. A dita assemblea o justificou plenamente, e o seu accusador ressentido voltou a Hollanda.

Nesta epocha hum senador apresentou á Companhia hum quadro das suas conquistas. Possuía seis provincias, cujo territorio abrangia desde Seregipe até ao Ceará. Pernambuco continha cinco cidades e muitas villas consideraveis. De cento e vinte engenhos de assucar que existião antes da invasão, trinta e quatro tinham sido abandonados. Em Itamaracá, de vinte e tres que existião antes da conquista, subsistião quatorze; e na Paraíba só dois d'estes estabelecimentos tinham sido destruidos, de dezoito que existião. No Rio-Grande havia dois engenhos, de que subsistia hum. Em todas as provincias cento e vinte engenhos estavam em plena actividade; quarenta e seis tinham sido destruidos ou estavam abandonados. A Companhia trazia arrendados os dizimos dos seus productos pelas seguintes quantias: os de Pernambuco, por 148:500 florins e hum direito denominado *pensão* de 26:000; os da Paraíba, por 54:000, e os de Itamaracá e Goyana, por 19:000. A totalidade dos dizimos montava a 280:000 florins. A provincia de Seregipe tinha sido devastada durante a conquista por Gieselín e Schoppe. A do Ceará tinha hum só forte, com huma

guarnição de quarenta homens. As forças hol-
landezas no Brasil não excedião seis mil ho-
mens, com dois mil Indios alliados, desde as
Alagoas até Pottengy.

Antes da guerra o numero dos escravos afri-
canos e indigenas empregados nos engenhos de
assucar, montava a perto de quarenta mil.
Parte dos primeiros tinham seguido os senho-
res na sua emigração; outros tinham ido unir-
se aos seus irmãos nos Palmares. Os indigenas
repugnávão a todo o trabalho assiduo e pro-
longado; raras vezes persistião nos engenhos
mais de vinte dias.

O senador hollandez mostrou que a conser-
vação da posse do Brasil era devida mais ás
poucas forças do inimigo que á superioridade
dos Hollandezes. Os soldados soffião falta de
viveres e de sardamento. Os mantimentos ti-
nhão por tal maneira escasseado, que os indi-
genas erão obrigados por hum decreto, e de-
baixo da pena de morte, de prover d'elles o
Recife. Os proprietarios territoriaes erão obri-
gados por hum lei, a fornecer humas certa
quantidade, quatro vezes por anno, cujo preço
era taxado duas vezes por semana, pelo Se-
nado.

Nassau empenhou-se em fazer prosperar a
colonia. Formou o projecto de edificar hum
cidade, e hum palacio, em hum ilha deserta,

situada entre os rios Capibaribe e Biberibe, e propoz ao mesmo tempo ao Senado, fazer fortificar esta ilha; mas esta corporação não consentio nisso, allegando a falta de dinheiro. Nassau resolveo então plantá-la de arvoredo, para a proteger contra os ataques do inimigo e a abrigar dos calores do estio. Com este fim fez transplantar para alli setecentos pés de cacoeiros, os quaes derão no seguinte anno huma abundante novidade, que causou grande admiração aos Hollandezes. Fez igualmente plantar alli todas as sortes de arvores fructiferas do paiz, e fez construir hum edificio para sua residencia, que denominou Friburg, e que fortificou. Como o Recife estava atulhado de habitantes, propoz ao Senado, estabelecer nas ruinas de Olinda huma nova cidade, o que se executou. Deo-se-lhe o nome de *Maurícia*, em honra do seu fundador.

Resolveo-se que se estabeleceria huma ponte entre Olinda e o Recife, e hum architecto tinha contractado executá-la pela somma de duzentos mil florins; mas quando vio que era preciso fazer pilares de pedra a onze pés de profundidade, abandonou o projecto como impracticavel. Todavia Nassau conseguiu terminar a ponte em dois mezes, empregando madeiras duras de Brasil, em vez de pedra. Foi a primeira ponte construida na America Portuguesa.

Nassau lançou outra ponte sobre o rio Capibari-
be, para abrir huma communicação entre o
Recife e a outra banda do paiz, e fez construir
na proximidade outra casa para sua residencia
á qual deo o nome portuguez de *Boa-Vista*.
O Senado mui satisfeito de todas estas obras e
das providencias politicas, concedeo a Nassau
o titulo honorifico de *patronus*.

1639. — *Expedição portugueza para defen-
der o Brasil*. A Còrte de Hespanha expedia huma
armada mais consideravel que as precedentes,
debaixo do commando do conde da Torre,
Fernando Mascarenhas, nomeado Governador,
e Capitão general do Brasil em lugar de D. Pedro
da Silva. Esta armada, composta de oitenta e
sete navios, montando duas mil e quatrocentas
peças de artilharia, fez-se á vela de Lisboa em
fins de Outubro, dirigindo-se ás ilhas de Cabo-
Verde, onde perder a terça parte das tripola-
ções, victimas de huma febre epidemica. Hum
dos mortos foi Francisco de Mello e Castro, que
devia commandar as tropas de terra. Quando
a armada chegou perto do Recife, no mez de
Janeiro de 1640, o numero dos doentes era tão
grande, que o commandante julgou acertado
conduzi-los a S.-Salvador para se restabelece-
rem, e passou-se hum anno antes de se poder
utilisar esta expedição cujo armamento tinha
custado tanto dinheiro.

O commandante em chefe, tendo confiado o governo a D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, tornou a fazer-se á vela para tentar a conquista de Pernambuco; e para distrahir a attenção de Nassau, mandou tropas debaixo do mando de André Vidal de Negreiros, para devastar o paiz e queimar as plantações de cannas abaixo do Recife; mas a esquadra hollandeza estava em posição de impedir o desembarque. Esta esquadra, commandada por Guilherme Cornelio Loos, composta de quarenta e hum navios, era bem inferior á de Hespanha, que tinha oitenta e seis navios, tendo a bordo doze mil soldados, alem dos Brasileiros.

Derão-se quatro combates navaes a 12, 13, 14 e 17 de Janeiro. No primeiro, que teve lugar entre Itamaracá e Goyana, morreo o almirante hollandez, mas a sua nao escapou, e a esquadra se retirou á bocca da noite. O Conselho supremo confiou o mando a Pedro-le-Grand, e no dia seguinte as duas esquadras se encontrãrão entre Goyana e Cabo-Branco. Neste combate, que durou igualmente até á noite, hum navio hollandez, o *Sol brilhante*, foi mettido a pique com o capitão Mortamer e quarenta e quatro soldados; dez se salvãrão na chalupa. No terceiro, que se deu perto da costa da Paraíba, o *Cysna*, navio hollandez, commandado pelo contra-almirante Jacome

Alderic, perdeu o mastro grande, e foi obrigado a lançar ferro junto á costa. Hum navio hespauhol commandado por Antonio da Cunha d'Andrade, que lhe ia no alcance, encalhou em hum banco de areia, e ficou tao destroçado que o capitão se rendeo. Trinta homens da tripolação se lançarão a nado para ganhar o navio de Alderic, que os não quiz receber, e morrerão afogados. No quarto combate, os Hollandezes ganharão o vento, e obrigarão os Hespanhoes a se retirarem, depois de terem pelejado todo o dia. Parece que a artilharia hespanhola era mal servida, por quanto os Hollandezes tiverão só vinte e dois homens mortos, e oitenta e dois feridos, nos quatro combates. No primeiro de Fevereiro a esquadra hollandeza voltou ao Recife, onde houve grandes festas para celebrar a victoria. A esquadra hespanhola, contrariada pelos ventos e pelas correntes, não poudo entrar na Bahia. O commandante fez desembarcar na costa, a quatorze legoas ao norte de Pottengy, a maior parte das tropas, e fez-se á vela para as Antilhas, e de lá voltou a Portugal. As tropas consistião em mil e trezentos homens ás ordens de Barbalho e dos soldados indios de Camarão, e os Negros de Henrique Dias. Forão obrigados a marchar trezentas legoas a travez de hum paiz inimigo, antes de chegarem á Bahia. Vidal, que tinha

seguido a esquadra ao longo da costa, se reuniu a ella, e devastarão tudo o que encontrarão no caminho. Fizerão prisioneiro o Governador do Rio-Grande, o passarão ao fio da espada toda a guarnição de Goyana. O historiador hollandez Barléo, pretende que Barbalho matou aquelles dos seus soldados que não podião marchar, para não cahirem em mãos dos Hollandezes; crueldade atroz, e apenas crível.

Os Directores da Companhia hollandeza, persuadidos que não poderião conservar a posse do Brasil sem mandar a esta colonia novos reforços, fizeram apromptar huma esquadra de vinte e oito navios, de que derão o commando a Cornelio Jol, e a João Lichthart. Partirão a 17 de Março, levando a bordo alguns officiaes da Companhia, e chegarão ao Recife no principio da primavera. O conde Mauricio, não ousando tentar novo ataque contra a cidade de S.-Salvador, resolveo occupar as suas tropas a devastar o interior da capitania da Bahia. Ao mesmo tempo expedia huma esquadra de oito navios, commandados por Jol, levando a bordo setecentos soldados europeos, e duzentos Indios, para expellir o corpo de Barbalho das Alagoas; mas este official, vendo chegar a esquadra, abandonou o paiz, e se retirou com os habitantes, para o sul. A Companhia

hollandeza fez confiscar as suas propriedades, declarando-os desertores.

A expedição preparada para devastar o interior do Reconcavo, compunha-se de vinte vasos, debaixo do mando de Lich:hart e de Tournalon, tendo a bordo dois mil e quinhentos soldados, aos quaes se ajuntarão dos mil Tapuyas alliados, vindos do Rio-Grande. Destrui-rão todas as plantações e engenhos d'esta grande bahia, á excepção de tres, e todas as embarcações que encontrarão. Os Indios, com a sua ferocidade ordinaria, matarão muitos habitantes portuguezes. Mauricio não temendo já a armada portugueza e hespanhola, procurou conciliar os Portuguezes, fez lavrar huma lista dos principaes habitantes das tres provincias de Pernambuco, Itamaracá, e Paruiba, e prohibio aos seus officiaes de lhes fazerem o mais leve damno.

O principal objecto da esquadra de Jol era apossar-se dos galeões hespanhoes vindos do Peru e da Nova Hespanha. Fez-se á vela, com vinte e quatro navios, levando dois mil marinheiros e mil setecentos soldados, e chegou no primeiro de Septembro perto da ilha de Cuba. Em quanto elle cruzava á espera dos galeões, hum temporal dispersou a sua esquadra. Alguns dos navios derão á costa nesta ilha, outros voltarão ao Brasil, e muitos a Hollanda.

Estes ultimos, depois de reparados, foram de novo postos debaixo do mando de Jol e Lichthart. O primeiro tinha ordem de cruzar na costa de Angola; o outro na embocadura do Rio de Janeiro, onde apreizou hum navio carregado de assucar e de vinho.

O Brasil era entao de grande proveito para a Companhia hollandeza. Os dizimos do assucar, e os direitos sobre os mantimentos montavão a perto de 130:000 cruzados; os das mercadorias hollandezas a 240:000 cruzados; os do assucar importado em Hollanda a 120:000 cruzados. A renda dos bens de raiz, dos moinhos e dos escravos negros montava a tres milhões de cruzados. As prezas feitas nos Portuguezes montavão a 100:000 cruzados, e os escravos vendidos no Brasil, a 150:000 cruzados, sem contar o producto de outros direitos que pagavão os Europeos estabelecidos no paiz.

Hum novo Governador, com o titulo de Vicercei, chegou ao Brasil. Era D. Jorge Mascarenhas, conde de Montalvão, o qual ao mesmo tempo que abria huma negociação com Mauricio de Nassau, mandou secretamente os capitães Paulo da Cunha e Henrique Dias, com hum corpo de tropas ligeiras e negros, para devastar de novo as possessões hollandezas.

1640. — *Desordens no Brasil causadas pelos Jesuitas.* O padre Dias Taño, que se achava

em Madrid com Montoya, foi mandado a Roma para expôr, a Vitelleschi, Geral da Companhia de Jesus, hum quadro das missões do Paraguay, e fazer energicas representações contra a atroz caça que os Portuguezes davão aos indigenas, para os reduzir á escravidão. O Geral queixou-se ao papa Urbano VIII, que lançou huma excommunhão contra toda a pessoa que tentasse privar da liberdade os Indios convertidos. Taño, de volta a Madrid, encontrou alli o seu companheiro, que tinha obtido d'Elrei a passagem gratuita para trinta missionarios, que devião acompanhá-lo á America. O navio em que ião embarcados foi obrigado pelo mau vento, a entrar no porto do Rio de Janeiro. Taño tendo consultado com o padre Pedro da Mota, visitador no Brasil, e os outros padres, leu a bulla de excommunhão na igreja dos Jesuitas. Muitos dos habitantes, socios dos Paulistas na caça que fazião aos Indios, excitarão o povo a quebrar as portas do collegio dos Jesuitas, e a matar os Padres. Pela influencia do Governador Salvador Corrêa consentirão a ajuntar-se no dia seguinte na igreja dos Carmelitas, para discutir esta materia. Os Jesuitas, para salvar as vidas, annuirão á proposição feita pelos inimigos da Bulla, de reclamar contra este acto, appellando ao Papa por hum instrumento assignado a 20 de Julho. Em San-

tos os habitantes ameaçarão de matar o vigario-geral que tinha publicado a bulla, e os de S.-Paulo se amotinarão e expulsarão os Jesuitas. Taño e seus companheiros se embarcáram para Buenos-Ayres, no principio de Novembro, onde aportarão no fim do mez.

O Padre Montoya apresentou huma Memoria ao Rei, em Madrid, na qual sollicitava a favor dos indigenas : 1.^a a execução de huma lei, publicada em 1611, que prohibia fazer escravos os Indios, excepto os que fossem feitos prisioneiros em guerra justa ; 2.^a a confirmação dos breves de Paulo III e de Clemente VIII, que continhão as mesmas prohibições ; 3.^a de fazer julgar pela Inquisição os que se não conformassem a estas disposições ; 4.^a de restituir a liberdade os neophytas que tivessem sido feitos escravos, e de reprimir e castigar os Mamalucos. Este requerimento tendo sido submettido ao exame de commissarios escolhidos no Conselho-Real de Castella e no das Indias, lhes pareceo justo, e conformando-se com o seu parecer, Elrei publicou hum edicto, declarando as correrias dos habitantes de S.-Paulo, communmente denominados Mamalucos, injustas e contrarias ás leis divinas e humanas, mandando que os culpados fossem entregues ao Santo-Officio ; que todos os Indios reduzidos á escravidão fossem postos em liberdade, e que

os que para o futuro fossem convencidos d'este crime, houvessem de ser castigados como criminosos de lesa-majestade.

No anno de 1640 se fundou a cidade de Taubaté, na capitania e comarca de S.-Paulo, a huma legoa do rio Paraíba, a de Paranaguá, na comarca d'este nome, e Curytiba na provincia de S.-Paulo.

Devastações dos Mamalucos. O marquez Grimaldi affirma que desde o anno 1620 até 1640, os Mamalucos destruirão vinte e duas povoações de Indios Guaranis, treze situadas no Salto do Paraná, entre os rios Anembi e Paranápané, e outras nove mais abaixo perto do nascente de Ibay. Nestas diversas irrupções, arruinarão as cidades de Guaira e Xerez, e a antiga Villa-Rica, e levarão oitenta mil vaccas do paiz situado entre a cidade de Curytiba, e o nascente do Rio-Grande de S. Pedro, que pertencião aos Guaranis. Tambem forão accusados os Portuguezes de terem usurpado, e occupado setecentas legoas no sertão do Maranhão, que pertencião á Corôa de Hespanha.

CAPITULO VI.

1641 a 1656.

Revolução de Portugal. — Tratado de tregua entre Dom João IV e as Provincias-Unidas, a petar do qual os Hollandezes proseguem as hostilidades no Brasil e na costa d'Africa. — Guerra com os Hollandezes, e expulsão total d'elles.

1641. — *Acclamação de D. João IV.* Nos fins de Janeiro dois commissarios, o padre Francisco de Vilhena, jesuita, e o tenente-general Pedro Corrêa da Gama, chegarão ao Brasil depois de huma curta viagem, e trouxerão a noticia da Revolução de Portugal effectuada a 3 de Dezembro 1640. Vinhão encarregados pelo novo rei D. João IV, a receber o juramento de homenagem do Vice-rei o marquez de Montalvão, e dos outros officiaes militares e civis.

A revolução não excitou menos enthusiasmo no Brasil que em Portugal. Foi celebrada no mez de Abril, com grande jubilo, pelos Portuguezes e pelos Hollandezes. O conde Mauricio deo

por esta occasião hum jantar e huma cêa esplendida, no fim da qual hum navio recém chegado de Hollanda trouxe a nova de huma tregoa de dez annos entre os Estados-Geraes e Elrei de Portugal.

Os Paulistas a principio recusarão reconhecer D. João IV, e proclamarão rei a Amador Bueno de Ribeira, Hespanhol; elle não quiz aceitar, e teve que acolher-se a hum convento de Benedictinos, para escapar á violencia com que procuravão constrangê-lo. Em fim, por influencia dos ecclesiasticos e dos principaes habitantes, foi em fim proclamado D. João IV em toda a provincia.

O Vice-rei Mascarenhas tinha já mandado hum dos seus filhos a Lisboa, para dar a Elrei a segurança da sua obediencia; mas os seus dois outros filhos estavam em Madrid, e erão oppostos ao duque de Bragança. D. João IV, suspeitando a fidelidade do pai, tinba dado ordem a Villena de o depôr, confiando o governo a tres regentes, o bispo D. Pedro da Silva, Lourenço de Brito Corrêa, e o mestre-de-campo Luiz Barbalho. O jesuita Villena lhes communicou os seus poderes, e elles insistirão na destituição do Vice-rei, que foi preso, carregado de ferros, e posto a bordo de huma caravela, que partio para Lisboa. Alli se apresentou na Côrte, e plenamente justificado foi res-

tabelecido nas honras de que tinha sido despojado.

O Jesuita Vilhena fez uso dos decretos que Elrei lhe tinha dado em branco, para se enriquecer; mas o navio em que se embarcou para voltar a Lisboa, foi tomado por hum pirata argelino, e o pobre padre acabou os seus dias no cativoiro.

A Companhia hollandeza expedia ao mesmo tempo instrucções secretas a Nassau, para que aproveitando a debilidade do novo governo de Portugal, extendesse as conquistas no Brasil, e procurasse tomar a Bahia. Pedro Corrêa da Gama, e o licenciado Simão Alvares da Penha, mandados pelos regentes de Bahia ao Recife, para conferir com Mauricio de Nassau, e estabelecer relações amigaveis entre os dois governos, suspeitârão as intenções do chefe hollandez, e communicârão as suas suspeitas ao governo de Bahia. Todavia Mauricio tinha manifestado aos Estados-Geraes o desejo de voltar a Hollanda, mas teve que ceder aos rogos do Governo hollandez, e da Companhia, que instarão para que ficasse ainda alguns annos no Brasil, a fim de estender e consolidar a potencia dos Hollandezes naquelle continente.

Tratado de tregoa, de navegação e commercio entre D. João IV, Rei de Portugal, e as Provincias-Unidas dos Paizes-Baixos, assignado

na *Haya*, a 12 de Junho de 1641. Apenas havia D. João subido ao throno, enviou embaixadores a Paris, a Londres e á *Haya*, para solicitar a alliança d'estas tres Côrtes. Tristão de Mendonça, encarregado d'esta ultima missão, devia tambem exigir a evacuação do Brasil pelos Hollandezes, e allegar que os Portuguezes tinham sido constrangidos a tomar parte na guerra contra os Hollandezes, sendo depois da separação das duas Corôas, alliados naturaes da Hollanda. Mas todos os esforços do negociador forão balbados, e só poudo concluir huma tregoa por dez annos, para a India e a America, e huma alliança offensiva e defensiva na Europa. Por este tratado os Estados-Geraes conservavão a soberania e posse de todo o territorio que tinham até então conquistado no Brasil.

A má fé dos Hollandezes não tardou a manifestar-se. O conde Mauricio concentrou as suas forças, e não as julgando sufficientes para atacar a Bahia, começou as suas operações apoderando-se de São Christovão, a setenta legoas do Recife. A sua esquadra, composta de quatro naos, arvorou a bandeira branca, entrou no porto e desembarcou sem opposição. Os Hollandezes tendo-se fortificado, partirão para o sertão em busca de minas de prata, e encontrarão as tropas de Camarão que estavam acampadas a vista da cidade. Nassau guardou a praça,

debaixo do pretexto que esta conquista tinha sido feita antes de ter conhecimento da ratificação da tregoa.

Os Portuguezes se houverão com generosidade para com as tropas hespanholas e napolitanas. Em vez de as reter prisioneiras, as embarcarão em hum navio destinado á America Hespanhola; mas obrigado a arribar á Paraiba, foi tomado pelos Hollandezes, e a gente feita prisioneira.

Expedição hollandeza contra Angola. Tomada de Loanda. Esta expedição, composta de vinte vasos, levando a bordo dois mil soldado europeos, novecentos marinheiros, e duzentos indigenas do Brasil, era commandada pelo almirante Jol, e o vice-almirante Hinderson; partio de Pernambuco a 30 de Maio, e desembarcou a 24 de Agosto em S. Paulo de Loanda, junto ao lugar onde o governador portuguez Cesar de Menezes se tinha acampado com novecentos soldados, muitos negros, e duas peças de artilharia. Depois de algumas escaramuças, os Portuguezes abandonarão a cidade e se retirarão a Massangano. Em vão tentou o Governador obter a cessação de hostilidades, allegando a tregoa entre Portugal e a Hollanda. Jol pretendeo não ter conhecimento d'ella, e concedeo a Menezes hum tregoa de nove mezes, com tanto que as tropas portuguezas se retirassem:

a trinta legoas de Loanda. Entretanto muitos dos chefes africanos da vizinhança, e grande parte dos habitantes se submeterão aos Hollandezes. Os habitantes ricos offerecerão ceder a Jol a metade dos seus escravos, se este lhes permittisse embarcarem-se para a Bahia com os que lhes restavão. Jol não annuo, porque foi informado que de Angola sahiao todos os annos para os portos do Brasil quinze mil escravos avaliados em seis milhões de florins. Nassau propoz annexar o governo de Loanda ao do Recife; mas a Companhia decidio que Angola seria hum Governo separado.

Expedição hollandoza contra a ilha de S. Thomé. A 20 de Outubro do mesmo anno Jol desembarcou na ilha de S. Thomé, a duas milhas da cidade principal, e se entrincheirou sem opposição. O alcaide-mór Miguel Pereira de Mello fez conduzir ao interior da ilha os objectos de maior valor, e se retirou ao forte, que foi bombardeado quatorze dias pelos Hollandezes. Repdeo-se por fim, com condição de-ser embarcado com a sua tropa para Portugal. Chegadq a Lisboa foi preso, e morreo na cadeia. Os Hollandezes perderão quasi toda a sua gente por huma doença que matava em tres ou quatro dias. Barléo a attribue a tres causas: 1.^a á cohabitação com as negras; 2.^a á exposição ao ar estando mui encalmados; e 3.^a ao uso immode-

rado do assucar mascavado, e leite de coco, que produzia a dysenteria. Jol succumbio a doença, e o vice-almirante Matheus Janse tomou o mando da esquadra, da qual seis navios voltáram ao Brasil, os outros a Hollanda, excepto dois, hum tomado pelos Hespanhoes, e outro mettido a pique por falta de tripolação.

Expedição hollandeza contra o Maranhão. —

Huma esquadra de oito naos e seis embarcações menores commandada por Koio e Lichtart, sahio de Pernambuco a 3o de Outubro de 1641, e entrou a 22 de Novembro na bahia de Arasagi, tres leguas a léste da cidade do Maranhão. A 25 entrou pela barra de San-Marcos e desembarcou a tropa junto á *Ermi-da do Desterro*, sem resistencia, havendo os habitantes fugido para o sertão. O governador Maciel se metteo no forte com cento e cincoenta homens, e mandou hum recado ao commandante hollandez, representando-lhe que vista a paz que existia entre Portugal e Hollanda, era a aggressão contraria a todas as leis. Koio respondeu que tinha arribado alli por effeito do mau tempo, e que os Portuguezes tinham feito fogo sobre elle. Convidou o Governador a sahir do forte para tratar de hum ajuste igualmente vantajoso a ambas as nações; mas logo que este se afastou do forte, declarou-lhe não poder sahir do Maranhão sem instrucções do seu

Governo. Maciel lhe entregou as chaves da cidadella, onde Koin fez arvorar a bandeira hollandeza. Pedro Maciel, sobrinho do Governador e nomeado por elle ao governo do Pará, estava então em Tapuytaperá, na terra firme, com trinta soldados, trezentos indigenas, e hum comboi de fazendas destinadas á cidade de Belem. Quando soube da occupação do Maranhão pelos Hollandezes, voltou a esta cidade e foi-se entregar a elles com todo o seu trem. Koin poz guardas em cada engenho de assucar, reparou o forte de Itapicuru, e deixando quatro navios e seiscentos homens de guarnição, voltou a 31 de Dezembro ao Recife com o resto da esquadra, levando comsigo o governador Bento Maciel Parente, que morreo pouco tempo depois na prisão de Rio-Grande do norte, geralmente desprezado.

O conde Mauricio, não tendo obtido licença de voltar a Hollanda, expedio Carlos Tolner, membro do seu Conselho privado, para representar o estado florescente do Brasil, e reclamar contra a diminuição do soldo dos officiaes e soldados, e requerer reforços de tropa, visto que toda a tropa no Brasil e costa de Africa não passava de quatro mil oitocentos e quarenta e tres homens, cujo numero mingoava continuamente. Recommendeu igualmente a Tolner, que convencesse os Estados-Geraes da

necessidade de deixar aos Portuguezes o livre exercicio da sua religião, e de tratá-los com brandura. Pedia tambem maior provimento de viveres e de medicamentos.

De balde protestou D. João IV contra a infracção do Tratado pelos Hollandezes. Em vão recorreo á intervenção d'Elrei de França : os Estados-Geraes desprezarão todas as representações das duas Cortes, e Elrei de Portugal não ousando lutar com os Hollandezes, não só dissimulou o seu ressentimento, mas até procurou ganhar a amizade d'elles, mostrando-se-lhes muito affecto. Tal era o character astucioso de Dom João IV.

Antonio Telles da Silva foi nomeado Governador e Capitão-general do Brasil, com instrucções que lhe prescrevião imitar a politica de Nassau, affectando grande amor da paz, e procurando por todos os meios fomentar a insurrecção nas provincias occupadas pelos Hollandezes. Silva começou o seu governo tirando devassa dos tres regentes, relativamente ao procedimento que tinham tido contra o marquez de Montalvão. Condemnou o bispo a restituir os emolumentos que tinha recebido, e remetteo para Lisboa presos Barbalho e Brito. O primeiro foi perdoado, como tendo obrado por falta de capacidade; o segundo foi condemnado á prisão.

Os Portuguezes irritados da perda de Loanda, de S. - Thomé e do Maranhão, procuravão humra occasião de reparar estes reveses: Entretanto Mauricio procurava por todos os meios conciliar a amizade dos colonos portuguezes, protegendo o seu culto e as suas pessoas, fazendo julgar os processos por juizes da sua nação. Estabeleceo escolas; casas de orphãos, e regulou o preço da moeda. Expirados os cinco annos do seu governo, de novo manifestou o desejo de voltar á patria, mas a força de instancias; consentio em ficar ainda por algum tempo no Brasil. Todos o consideravão, com razão, como o unico homem capaz de governar as possessões hollandezas do Brasil.

1642-43.—*Sublevação dos Portuguezes no Maranhão.* Os Hollandezes portárão-se com dureza e crueldade para com os colonos do Maranhão, a pezar de haverem algumas mulheres portuguezas casado com Hollandezes. Vinte e quatro Portuguezes; presos sem justa causa por hum agente do governo hollandez, forão entregues aos Tapuyas, que os matárão e devcrárão. Indignados de tão atroz tyrannia, resolvérão cincoenta habitantes, ajudados de alguns negros, expulsar os oppressores ou morrer. Escolhérão para os capitanear Antonio Moniz Barreiros, que tinha sido governador da colonia havia vinte annos. Na noite do ultimo de Septembro,

este chefe começou o ataque no districto de Itapicuru, contra a fazenda de Bento Maciel, filho bastardo do governador do mesmo nome, e se apoderou d'ella em menos de meia hora, matando quantos Hollandezes lá achou, e de cujas armas os vencedores se apossarão, e marcharão contra a habitação do governador Maciel. Puzerão-lhe fogo, e matarão todos os Hollandezes que nella se tinham refugiado, ou que procurarão salvar-se por humna brecha feita no muro. Com a mesma facilidade tomárão dois engenhos de assucar da outra banda do rio, hum d'elles pertencente ao sargento-mór Antonio Teixeira de Mello, que commandava em segundo, e por cuja influencia salvárão as vidas alguns Hollandezes. Barreiros marchou então contra o forte do Calvario, construido pelos Hollandezes, que o tinham guarnecido de oito peças de artilharia, e estava defendido por setenta homens, para proteger os seus estabelecimentos de Itapicuru. Tendo chegado ao forte ao romper do dia, fez prisioneiro hum soldado; o qual, para salvar a vida, consentiu a lhe servir de guia. Havendo postado a sua gente detrás do rochedo, chamado depois *Penedo de Paciencia*, entrou de envolta com hum destacamento hollandez, que tinha sahido do forte a fazer hum reconhecimento. Toda a guarnição foi morta, á excepção de alguns Francezes.

No fim de 1642, Barreiros, depois de deixar guarnição no forte do Calvario, passou á ilha do Maranhão, esperando surprender o forte S.-Felippe. Os Hollandezes, avisados do seu projecto, sahirão para reconhecer o inimigo, mas forão inteiramente derrotados. Barreiros com sessenta soldados e oitenta Indios, tomou huma forte posição a tres legoas da cidade; cento e vinte Hollandezes o vierão atacar, mas elle se poz em emboscada, e os derrotou completamente, escapando só cinco com vida. Então marchou Barreiros contra a cidade de S.-Luiz, entrou sem opposição nos suburbios, e tomou o convento do Carmo, situado em huma eminencia, a hum tiro de espingarda da muralha; e na noite seguinte tomou huma posição ainda mais vizinha da praça, e alli se fortificou. Os Hollandezes, não ousando atacá-lo, mandarão pedir soccorros ao Recife. Barreiros pediu igualmente auxilios ao Pará, mas as dissensões que agitavão a provincia os demorarão. Chegarão emfim cento e treze Portuguezes e setecentos Indios commandados por Pedro Maciel e seu irmão. Barreiros achando-se doente, o sargento-mór Antonio Teixeira de Mello tomou o mando. Com duas peças de ar-

¹ Expulso de S.-Luiz, e embarcado em hum navio por-de, voltou a Belem, onde tentou em vão exercer o cargo de capitão-mór.

tilharia tomadas no forte do Calvario, resolveo bater o forte S.-Felippe; mas em quanto se preparava a esta empreza, chegou aos Hollandezes hum reforço de setecentos homens de Pernambuco, o qual conseguiu entrar na praça a 15 de Janeiro. No dia seguinte os Hollandezes sahirão pelo meio dia e atacarão os Portuguezes, mas forão repellidos com perda. O commandante hollandez atacou depois o convento fortificado do Carmo, mas foi rechaçado com perda de cem homens, quasi todos Indios auxiliares. Barreiros morreo na vespera d'esta victoria.

1642. — Este anno foi funesto á provincia de Pernambuco. Soffreo muito por effeito de inundações dos rios, e por huma doença epidemica. As bexigas matarão mais de mil negros, só na capitania da Paraíba.

1643. — Teixeira, vendo as suas munições quasi esgotadas, retirou-se a 25 de Janeiro para Tapuytaperá, separada de S.-Luiz por huma bahia de quatro legoas de largo. Depois de ter atravessado o Coty foi perseguido por trinta Hollandezes e mais de cem Indios, commandados pelo official hollandez que tinha vindo do Ceará em soccorro do Maranhão: este destacamento cahio em huma emboscada e foi inteiramente derrotado por Teixeira, que se apoderou de todas as armas e munições, e se foi

postar na forte posição de Morupy fronteira a Itapicuru. O commandante hollandez, irritado d'este desastre, teve a ferocidade de entregar vinte e cinco Portuguezes aos Indios do Ceará, para serem por elles devorados, e fez embarcar cincoenta para serem vendidos na Barbada aos Inglezes¹; saqueou as habitações dos colonos, e fez lançar as mulheres nuas fóra da cidade.

Teixeira ficou mais de tres mezes em Morupy, mas não recebendo soccorros, retirou-se a 2 de Maio para Alcantara. Alguns dias depois da sua chegada, Pedro Maciel e seu irmão se embarcaram a bordo das suas canoas para o Pará, levando consigo a maior parte da sua tropa, e alguns colonos do Maranhão.

Teixeira, reduzido a sessenta Portuguezes e dois mil Indios, e falto de munições deliberava sobre os meios de se retirar ao Pará, o que por falta de canoas não podia fazer por mar, quando lhe chegou hum barca de Belem com cinco quintaes de polvora; continuou a inquietar os Hollandezes causando-lhes continuas perdas. O commandante de hum esquadra hollandeza, que appareceu sobre a costa, propoz a Teixeira, em nome do conde Mauricio, de o nomear governador dos Portuguezes na cidade de S.-Luiz, com autoridade independente do governador

¹ O governador ingles os poz em liberdade.

hollandez; Teixeira respondeu por escripto, que com effeito tinha tenção de estabelecer os seus quarteis naquella cidade, quando d'ella houvesse expulsado os Hollandezes. Depois de varios recontros, em que Manoel de Carvalho, expedido por Teixeira, derrotou os Hollandezes; este se approximou da cidade, e occupou de novo o forte do Calvario, que tinha sido abandonado. Nesta conjunctura chegou á costa Pedro de Albuquerque, novo governador do Brasil, com cem homens e muitas munições; por falta de piloto fez-se á vela para o Pará, mas á entrada da barra o navio encalhou em hum banco de areia.

O governador com a sua familia e parte da tripolação se embarcaram nas chalupas do navio e em duas canoas de pescadores; e tomaram terra; mas o resto da guarnição vendo o navio a ponto de se espedaçar, tentaram salvar-se em huma jangada, e morreram todos afogados, em numero de setenta; em que entrava Luiz Figueira e oito jesuitas. De onze pessoas que ainda ficaram no navio é que se embarcaram em outra jangada, só tres escaparam: dois jesuitas cahiram no mar; dos outros lançados na illha de Joannes, dois foram mortos pelos indigenas da tribu dos Aruans. Pedro de Albuquerque, com a gente que escapára do naufragio partiu para a ilha do Sul, e d'alli

para Belem, onde tomou posse do governo. Annuindo á representação do procurador autorisado pelos habitantes da capitania, recusou reconhecer o infame Pedro Maciel em qualidade de capitão-mór, não obstante ter este sido nomeado por Elrei.

Depois da publicação da tregoa entre Portugal e a Hollanda, Niculand foi nomeado pelos Estados-Geraes governador de Loanda, e fez huma convenção com o antigo governador portuguez Menezes, pela qual este se obrigou a ir estabelecer-se nas margens do rio Bengo, mas debaixo do pretexto que os Portuguezes se dispunhão a atacar os Hollandezes, o estabelecimento portuguez foi tomado, saqueado e devastado; Menezes preso, e cento e sessenta Portuguezes embarcados para Pernambuco em hum navio podre. Durante a viagem oito morrerão de fome, e os outros chegarão em miseravel estado ao Brasil.

1644. — O governador Pedro de Albuquerque morreo no principio d'este anno, deixando o governo ao seu parente Feliciano Corrêa, conjunctamente com o sargento-mór, Francisco Coelho de Carvalho.

Teixeira manteve-se na sua posição, e continuou a inquietar os Hollandezes, não os deixando sair da cidade. Emfim estes abandonarão o Maranhão a 28 de Fevereiro, e se

embarcarão em numero de quinhentos a bordo de hum navio portuguez, que hum temporal tinha lançado na bahia de Arasagy. Os Tapuyas do Ceará, seus alliados, reduzidos a oitenta, se retirarão descontentes de não terem recebido recompensa: elles e os da sua tribu assaltarão o forte hollandez do Ceará, matarão toda a guarnição, e arisarão Teixeira, que tomou posse d'elle. O mesmo fizeram a outros fortes hollandezes, cujas guarnições tiveram igual sorte.

As diversas expedições que os Hollandezes fizeram contra Seregipe, o Maranhão, Angola, e o Chili tinham esgotado os recursos de Pernambuco, e a Companhia tinha-se descuidado de mandar reforços. O Conselho supremo, não tendo dinheiro para as despezas da administração, exigio o prompto pagamento das sommas devidas. Os negociantes fizeram outro tanto aos seus devedores. Havia tal escassez de dinheiro, que o juro subio a tres e quatro por cento por mez. Os agentes do Governo, não podendo obter o pagamento dos devedores, se apoderarão da novidade do assucar; os negociantes e outros credores dos colonos se queixarão, allegando que por esta medida ficavão privados de garantia, e para se embolsarem do que se lhes devia, se apossarão violentamente dos escravos, bois e instrumentos dos engenhos. Os proprie-

ta-pis tomáram o partido de resistir. Para remediar a este estado violento, o Conselho supremo fez hum ajuste com os proprietarios das plantações e engenhos de assucar, pelo qual elles deviao entregar todo o assucar que fabricassem por hum certo numero de annos á Companhia, obrigando-se esta a satisfazer os credores dos senhores de engenho. Os negociantes adherirão a esta medida, o assignarão obrigações por mais de dois milhões de florins, mas a desquidam era tão grande, que este arranjo recebeu mui imperfeita execução.

A estes males, o Governo hollandez ajuntou outros, que tornáram insupportavel o seu jugo. Recompensavão com carta de alforria os escravos que denunciavão os senhores de terem armas escondidas; taxava-se o preço de todos os productos do solo; a justiça era administrada com a maior parcialidade, sendo o numero dos juizes hollandezes superior ao dos portuguezes em todos os tribunaes; a disproporção se tornava ainda maior, porque muitos dos juizes portuguezes residindo no campo, não assistião ás deliberações.

1644. — Depois de grande contestação entre os Directores da Companhia e os Estados-Generaes, Mauricio obteve em fim licença de voltar á patria, havendo oito annos que governava as possessões hollandezas no Brasil. Antes de par-

transferiu o governo civil ao Conselho supremo, e o commando das tropas a Henrique Haas, e fez huma falla em que lhes deo mui acertados conselhos sobre o modo de reger o paiz. Recommendou-lhes que tratassem os Portuguezes com brandura, e procurassem ganhá-los, e particularmente os padres, depositarios dos segredos dos catholicos; que supprimissem os tratos; que castigassem severamente os assassi-natos e os duellos.

Mauricio despedio-se das autoridades e partio para Hollanda a 22 de Maio, levando com-sigo alguns selvagens de differentes tribus, e cinco Portuguezes brasileiros, para que vissem com seus proprios olhos a Hollanda, e se convencessem que não era hum povo de piratas e pescadores. Mil e quatrocentas pessoas se embarcãõ a bordo da frota, que ia carregada de 2:500:000 florins de generos. Mauricio, logo que chegou a Hollanda, partio para a Haya e apresentou aos Estados-Geraes e aos de Hollanda, huma memoria em que deo conta da sua administração e da sua viagem.

1644. — *Sublevação das provincias conquistadas, por influencia de João Fernandez Vieira.* — O Governador hollandez, desejando conhecer as forças dos Portuguezes na Bahia, e a disposição dos habitantes das provincias meridionaes do Brasil, enviou huma deputação ao

governador Antonio Telles, para o cumprimentar, e exigir a entrega dos devedores e desertores holandezes. O Governador lhes fez bom agasalho, e prometteo communicar-lhes os nomes dos individuos designados que viessem buscar asylo na Bahia. Estes agentes souberão que as tropas em S. Salvador e nos fortes vizinhos, montavão a dois mil e quinhentos homens; que cento e cincoenta guarneccião as capitancias dos Ilheos, de Porto-Seguro e Espirito-Santo, e que duas companhias de Indios e de Negros, cada huma de cento e cincoenta homens, commandados por Camarão e Henrique Dias, guarneccião os fortes septentrionaes na fronteira holandeza. Souberão mais que não havia forças navaes, dois navios de guerra tendo sahido da Bahia, e que os Hollandezes e Allemães de S. Salvador tinham sido transferidos a bordo de navios portuguezes, para não communicarem com os agentes.

O governo de Pernambuco suspeitando as intenções hostis dos habitantes, recorreo a medidas oppressivas, principalmente dirigidas contra os ecclesiasticos não residentes na provincia, prohibindo o exercicio do sacerdocio a todos os que de novo se introduzissem nas possesões holandezas, e que fossem ordenados pelo bispo da Bahia. A tyrannia avivou o descontentamento, e accelerou a explosão que de-

via expulsar do Brasil os seus avidos, crueis e imprudentes oppressores.

O principal chefe que ousou combater a potencia hollandeza, que parecia demasiado forte para ser abalada pelas debeis forças portuguezas no Brasil, foi João Fernandes Vieira. Era elle natural da ilha da Madeira, d'onde sahira moço para ir tentar fortuna no Brasil. Depois da perda de Olinda, distinguio-se na defesa de S. Jorge, e foi feito prisioneiro na tomada do campo do Bom-Jesus. Tendo-se enriquecido por sua industria, ganhou a confiança dos Hollandezes do Recife, a ponto que hum dos membros do Conselho supremo, antes de partir para a Hollanda tratar dos seus interesses, o nomeou seu agente com plenos poderes. Senhor de cinco engenhos, casou com Dona Maria Cesar filha de Francisco Berenguer de Andrade, natural da Madeira. Em razão da sua conhecida intelligencia, era muitas vezes consultado sobre os negocios da Companhia, de cujo verdadeiro estado era assim inteirado, conhecendo cabalmente os seus recursos e a sua fraqueza. Todo o seu fito era a ruina da dominação hollandeza, que lhe era odiosa. Apenas julgou poder começar as hostilidades, communicou o seu projecto ao governador Telles da Silva, e ao seu amigo André Vidal de Negreiros, que tinha sido nomeado chefe da capitania da Ma-

ranhão, e que tinha vindo ver os seus parentes na Paraíba, acompanhado do padre frei Ignacio, beneditino. Vidal prometteo a Vieira ajudá-lo na execução do seu projecto. Estes dois patriotas estavam exasperados por hum acto recente do Conselho hollandez, que tinha feito enforcar tres desertores portuguezes, sem consentir que hum sacerdote os ajudasse a bem morrer, e lhes ministrasse os auxilios da religião.

Vieira tinha já transmittido ao Governador do Brasil huma memoria em que mostrava ser chegado o tempo de sacudir o jugo dos Hollandezes. As suas praças estão em mao estado, as guarnições mui diminutas (dizia elle); os melhores officiaes têm partido com Mauricio, e os seus compatriotas que ficão vivem nas fazendas com mulheres portuguezas, e a maior parte dos que residem na cidade são Judeos expulsos de Portugal. Ao mesmo tempo transmittio Vieira outra memoria a D. João IV, em que lhe expunha os aggravos e insultos recebidos pelos Portuguezes, que os obrigavão a tomar armas para se libertarem, declarando não haver nem leis, nem tregoa ou tratado que pudesse privá-los dos seus direitos naturaes. Vieira escreveo tambem a Camarão e a Henrique Dias, pedindo-lhes a sua cooperação.

Animado por estas disposições, expedio o

Governador Antonio Telles secretamente hum destacamento de sessenta homens , commandados por Antonio Dias Cardoso, com ordem de seguir as instrucções de Vieira. Cardoso entrou na provincia de Pernambuco em Dezembro de 1644. Chegarão aos poucos sem armas ao lugar designado, onde forão escondidos pelo fiel Miguel Fernandes, oriado de Vieira. Quatro d'elles forão mandados á Bahia a buscar armas. Ao mesmo tempo Camarão e Henrique Dias, cumprindo a promessa feita a Vieira, se puzerão em marcha. Então este chefe, de acordo com Cardoso, querendo communicar o seu projecto aos amigos, os convidou a hum festim, no fim do qual se abriu a elles, e declarando-lhes ser sua tenção libertar Pernambuco, ou morrer na empreza, estimulou-os a mostrarem o seu patriotismo ajudando-o a conseguir tão desejavel victoria. Informou-os dos seus aprestos e meios de execução; todos se mostrarão bem dispostos, mas manifestarão o desejo de conferir com Cardoso, para o que se ajuntarão no dia seguinte em huma fazenda de Vieira, onde Cardoso lhes confirmou a approvação dada ao projecto pelo Governador da Bahia, e a marcha de Camarão e de Dias. Toda a assemblea proclamou Vieira chefe da insurrecção. Dois dias depois voltarão os confederados, e annunciarão a

HISTORIA

Vieira que o Conselho supremo estava informado do seu conciliabulo, e sabia os nomes de todos os confederados. Propuz-se por tanto tratar com o Conselho para obter d'elle o perdão, e hum salvo-conducto para Cardoso se poder retirar á Bahia com a sua gente. Vieira desenvolveo neste critico lance grande penetração e consummada prudencia. Bem vio elle que alguns dos cobardes que por vergonha tinham entrado na conjuração, intimidados pelo perigo que corrião, e arrependidos do que haviam feito, tinham denunciado Vieira, e Cardoso ao Conselho supremo. Em vez de se mostrar aterrado, respondeo-lhes mui tranquillo, que sem motivo se acobardavao, que facil lhe seria a elle desvanecer as suspeitas concebidas pelo Conselho supremo, ainda suppondo nao serem vagas, e haver com effeito algum traidor communicado os nomes dos conjurados. Bem sabeis, disse Vieira, a grande conta em que me tem os Hollandezes, e que para com os magistrados mais pesa hum mentira minha que a verdade de muitos, e a hum official como Cardoso não se pode propôr semelhante arbitrio. » Com isto os despedio; elles se retirarão assustados, e receando com razão ser tidos por impostores pelas Hollandezes, e tratados como traidores por seus compatriotas.

Vieira apenas se desembaraçou d'elles , partito sem perda de tempo a avisar-se com Cardoso no seu esconderijo , e bem opportuna foi a sua chegada. Hum dos traidores tinha ido informar Cardoso da descoberta da conjuração , procurando decidi-lo a retirar-se á Bahia , offerecendo-lhe hum salvo-conducto do Conselho supremo. Cardoso rejeitou com indignação a proposta , e ameaçou o vil traidor de communicar os nomes de todos os conjurados ao Governo hollandez , pondo toda a culpa a elles , e declarando a innocencia de Vieira. O traidor tentou ameaçá-lo , mas vendo Cardoso tirar a espada , fugio. Depois de conferir com Vieira , escreveu com effeito hum carta ao Conselho supremo , em que com muita arte allegava ter sido chamado a Pernambuco por muitos dos habitantes ligados a fim de atacarem os Hollandezes , mas depois de hum a ardua marcha conheceo que o tinhao illudido ; asseverava ao mesmo tempo que elles tinham occultado o projecto a Vieira , em quem não tinham confiança , por conhecerem a sua afeição aos Hollandezes. Immediatamente depois de escripta esta carta , entranhou-se Cardoso pelo sertão , e foi esconder-se em hum lugar escolhido por Vieira , onde era summamente difficil descobri-lo ; entretanto affectando completa ignorancia da communicação feita a Cardoso pelo

traidor, manifestou aos conjurados a admiração que lhe causava a partida de Cardoso para a Bahia.

Entretanto a situação do Conselho supremo era critica. Estava convencido das disposições hostis dos habitantes, e sabia que Vieira e seu cioso á Berenguer erão chefes da conjuração; mas o receio de precipitar a explosão fez que não se atrevessem a desarmar os Portuguezes, dissimulando até acharem occasião de prenderem Vieira. Em quanto isto se passava em Pernambuco, chegarão os emissarios de Cardoso á Bahia. O Governador os acolheo bem e prometteo auxiliar a insurrecção de Pernambuco, com tanto que não fosse compromettido, e que Cardoso affectasse obrar de seu moto proprio e sem participação do Governador. Quarenta aventureiros partirão com os emissarios, e chegados a Pernambuco serão escondidos nos matos pelos agentes de Vieira e postos debaixo das ordens de Cardoso.

Neste intervallo Vieira continuou os seus preparos, com summa prudencia, de modo a não excitar as suspeitas dos Hollanlezes. Cumprou polvora, ajuntou viveres, tirou as mandadas de bois das varzeas, e as fez conduzir ás suas fazendas do interior. Meditou igualmente o projecto de matar os principaes membros do Conselho supremo, attrahindo - os a hum

festim, que intentava dar por occasião do casamento de hum filho e huma filha d'elle com hum irmão e irman da mulher de Antonio Cavalcante, rico proprietario a quem Vieira tinha communicado o seu projecto, e que, chegado o momento da execução, hesitava. Para o assegurar, tinha Vieira proposto este casamento mui vantajoso á familia de Cavalcante. Tudo estava disposto, e já os criados e dependentes de Vieira na varzea tinham desenterrado as armas, quando por imprudencia de alguns d'elles, que não puderão conter o seu jubilo, vendo aproximar-se a libertação da provincia, foi avisado o Conselho, e mallogrou-se o projecto. Forão igualmente infructiferas todas as tentativas do Governo hollandez para se apoderarem de Vieira, ora convidando-o para funções, ora chamando-o para concluir a concessão de hum contracto com o governo. Vieira avisado por tres amigos, que tinha de sua mão, de tudo o que se resolvia no Conselho, evitou todos estes laços. Alem dos indicios certos já obtidos, recebeu o Conselho supremo humma carta anonyma de hum Portuguez, em que se expunha com a maior individuação todo o plano de Vieira, e foi entregue por hum Judeo portuguez, interessado, como todos os da sua nação, na conservação do dominio hollandez, tendo justa razão de recear atroz perse-

guição da parte dos Portuguezes, se estes viessem a triumphar.

Vieira inquieto pela tardança de Camarão e Henrique Dias, e continuamente perseguido pelos destacamentos hollandezes, via-se obrigado a evitar o perigo que o ameaçava, não apparecendo nas suas fazendas, e nunca passava a noite no mesmo sitio; mandou a mulher, que estava adiantada na prenhez, para a fazenda de hum parente, e dispoz-se a começar as hostilidades, apesar da insufficiencia dos meios de ataque. Isto se tornava tanto mais urgente por ter sido preso pelos Hollandezes Sebastião de Carvalho, hum dos que tinham denunciado a conjuração ao Conselho supremo de Pernambuco, na carta anonyma de que já fallámos. Este traidor declarou ter sido hum dos denunciantes, e confirmou quanto tinha escripto pedindo aos Hollandezes que o conservassem preso, para não excitar suspeita a Vieira.

Emfim, a 7 de Junho, recebeu Vieira aviso que Camarão e Dias tinham passado o rio San-Francisco, e participou immediatamente a feliz nova ao padre Francisco da Costa Falcão, chefe do clero da Varzea, o qual a communicou aos habitantes. Todos manifestarão a maior satisfação, declararão ser bons Portuguezes, e estarão promptos a tomar as armas contra os oppressores, e a favor do Rei legitimo.

A 10 de Junho expedio o Conselho deputados á Bahia, para descobrir se o Governo portuguez auxiliava a insurreecção. Tinhão ordem de exigir o castigo de Camarão e Dias, declarando que se elles recusassem voltar á Bahia, os faria proclamar inimigos d'Elrei de Portugal.

O Conselho supremo fez alargar os fossos de Mauricia, e reparar as fortificações de Itamaracá, e offereceo o perdão a Antonio Cavalcante, e a João Paes Cabral.

A 13, Vieira avisado por Sebastião de Carvalho, tomou huma posição dominante no engenho de Luiz Braz Bezerra, situado no meio dos bosques: alli convocou huma assemblea de quinze pessoas*, que se obrigarão todas a seguir a fortuna do chefe. Dentro de tres dias o seu numero se augmentou a cento e trinta, todos animados do mesmo espirito, mas sem armas, e sem nenhuma experiencia da arte militar. Entre elles havia alguns negros escravos da

* Eis aqui os nomes d'elles: Francisco Berenguer d'Andrade, Christovão Berenguer, Antonio Bezerra, o capitão Antonio Borges Uchoa, Francisco de Faria, Antonio da Silva, capitão de cavallaria, o capitão Antonio Carneiro Falcão, Bernardim de Carvalho, Cosme de Castro Pessoa, Manoel Cavalcante, com dois filhos, o capitão João Nunes Victoria com alguns homens armados de espingardas, João Cordeiro de Mendanha, Alvaro Teixeira e Amaro Lopes Madureira, nomeado depois capitão.

costa da Mina e de Angola. D'alli passou a Camaragibe, lugar cercado de pantanos e situado a cousa de duas milhas da Varzea. Proclamou então a guerra, e expedio messageiros ás parochias vizinhas solicitando o apoio de todos os Portuguezes, promettendo alforria a todos os escravos negros e mulatos que viessem unir-se a elle, e obrigou-se a compensar os senhores d'esses escravos. Para excitar a indignação geral, fez publicar por esses mesmos emissarios hum supposto decreto do Conselho supremo, pelo qual todos os Portuguezes de quinze a trinta e cinco annos de idade devião ser passados á espada. Grande numero de escravos acodirão a esta chamada, e começaram as hostilidades matando na mesma noite quantos Hollandezes e Judeos encontrárão nas habitações circumvizinhas, e na manhã seguinte forão ter ao campo de Vieira carregados do despojo que havião colhido.

A 18 de Junho, o Conselho publicou huma amnistia, de que erão exceptuados os chefes, aos sublevados que viessem entregar-se no Recife dentro de nove dias, contados do dia da publicação do edicto, renovando o juramento de fidelidade ao Governo hollandez. Ao mesmo tempo teve a imprudencia de mandar prender em toda a provincia quantidade de pessoas, que não tinham entrado na conspiração. Mui-

tos habitantes indignados d'esta injustiça, foram unir-se aos conjurados. Os mais foram obrigados a comprar a troco de dinheiro a sua liberdade aos agentes Hollandezes, para quem este edicto foi occasião do lucro.

1645. — Não tendo conseguido apoderar-se de Vieira por meios violentos, procurou o Conselho supremo ganhá-lo mandando-lhe offerecer 200:000 cruzados se consentisse a abandonar o seu projecto, prometendo pagar esta quantia onde e como elle desejasse, e dando todas as seguranças que elle exigisse. Para ganhar tempo, fingio-se disposto a aceitar a proposição; mas obrigado por fim a dar hum resposta categorica, respondeu por escripto dizendo que não podia por tão vil preço renunciar á honra de castigar hum oppressor. Irritados d'esta resposta os membros do Conselho, offerecêrão hum recompensa de 4000 florins a quem lhe trouxesse preso Vieira, morto ou vivo. Elle, não querendo mostrar-se menos largo em promessas, publicou que daria o dobro pela cabeça de qualquer dos membros do Conselho. Convidou todos os Portuguezes a tomar armas contra os seus tyrannos, sobpena de serem tratados como inimigos da patria. Prometteo aos Judeos e aos estrangeiros protecção como vassallos da Corôa de Portugal, obrigando-se elles a viver pacificamente em suas

casas; e para intimidar o Conselho, ameaçou entrar na cidade com quatorze mil soldados europeos e vinte e quatro mil Brasileiros e Indios : jactancia ridicula !

As primeiras hostilidades começaram em 19 de Junho, em Ipojuca, perto do cabo Santo-Agostinho. Vieira tinha confiado o mantlo d'este districto a Amador de Araujo em qualidade de capitão-mór, e fez capitão Domingos Fagundes, mltato livre, filho de hum fidalgo rico. Este homem obrigou-se a levantar humma companhia, e desde logo recrutou dezaseis homens. Aproveitando-se de hum tumulto excitado por humma rixa entre hum habitante e hum negociante judeo, em que tres judeos forão mortos, Fagundes e a sua gente assaltarão e roubarão os Hollandezes, e hes incendiarão as casas. A guarnição fugiu assustada e abandonou as armas aos sublevados.

Animado por este successo, Fagundes atacou tres barcas carregadas de azeite e farinha que se achavão em Porto do Salgado, senho-reou-se d'ellas e matou todos os Hollandezes que estavam a bordo. Depois d'este acontecimento todos os Portuguezes do districto e da vizinhança tomárão parte na insurrecção capitaneados por Amador de Araujo, e conseguirão cortar toda a communicacão entre os Hollandezes do cabo Santo-Agostinho e o territorio

situado ao sul. Affim de conservar esta communicação, o Conselho do Recife expedio a 24 de Junho, o coronel Henrique Haas com duzentos soldados holandezes e quatrocentos Indios, para reduzir os rebeldes. Fagundes, não tendo forra sufficiente para resistir, retirou-se ao bosque de Vasco Pires Borralho com vinte homens, tendo morto tres soldados holandezes e ferido outros, e foi unir-se a Araujo.

O coronel Haas entrou em Ipojuca, fez enforçar hum dos chefes da insurrecção, e offerrecoo perdão a todos os que se submettassem dentro de tres dias. Cerca de duzentos individuos declararão submeter-se, na esperança de aproveitar occasião mais favoravel para sacudir o jugo. Entretanto Haas, guiado por hum traidor, conseguiu obstar á junção de Araujo com Vieira. Encontrou os insurgentes que foram obrigados a retirar-se aos bosques.

Vieira, avisado que os Holandezes intentavão atacá-lo em Camaragibe, retirou-se a hum Mocambo de negros no sertão onde se lhe veio ajuntar Antonio Dias Cardoso, ao qual deo o titulo de sargento-mór com honras de tenente general. Neste ponto o numero dos insurgidos era de duzentos e oitenta, comprehendidos trinta Negros das Minas. Os Holandezes expedirão o sargento-mór Blaas com trezentos soldados europeos e duzentos Pitaguares; mas

Vieira, avisado a tempo, se retirou a Maciapé, onde vierão unir-se-lhe Francisco Ramos e Braz de Barros com quarenta homens bem armados, que forão logo seguidos de cincoenta novas recrutas conduzidas por João Barbosa, Sebastião Ferreira, Domingos da Costa e Domingos Raimundo. Hum destacamento ás ordens do ajudante Amaro Corceiro acompanhado de padre Simão de Figueiredo, foi mandado a excitar os habitantes das margens do Capibaribe, a tomar armas, elles e seus escravos, para libertarem o paiz. No espaço de cinco dias oitocentos se apresentarão, trinta armados de espingardas, e os outros de chuços ou de paos tostados. Com esta força dirigio-se Vieira a São Lourenço, e encontrando hum destacamento hollandez de cincocenta homens, que escoltavão hum comboi de farinha para o Recife, os desbaratou matando-lhes treze homens e oito dos Indios que os acompanhavão.

Blaar informado que os insurgidos tinham largado o Mocambo, mandou a Iguarassu destacamentos que incendiarão as habitações, e matarão os habitantes. Tendo então feito a sua junção com Haus, o qual tomou o mando, Vieira não ousando arriscar o combate em São Lourenço, sem o soccorro de Camarão e Dias, largou esta posição, atravessou o Capibaribe em huma jangada com oito a dez homens, ma-

chou na direcção do rio Itapicuru, e foi postar-se em huma fazenda pertencente a Belchior Rodrigues Covas. Alli começou a manifestar-se desalento entre os insurgidos; muitos d'elles declararão a tenção de se retirar a suas casas; mas Vieira ameaçou da forza os que tal tentassem, e receoso de que o quizessem matar, formou huma guarda do corpo que o seguia de continuo, e postou duas sentinellas na cozinha, para evitar o ser envenenado. Não havendo cirurgiaão entre os insurgidos, e sabendo que no districto de Santo Amaro havia hum medico francez chamado Mestrola, fê-lo conduzir ao campo bem contra sua vontade. Pouco depois foi o pequeno exercito reforçado por quatrocentos homens vindos da Moribeca e de Santo Antonio do Cabo, debaixo da direcção do capitão-mór João Soares d'Albuquerque. Este reforço chegou com Amador d'Araujo e a sua gente, seguidos de setecentos Indios armados de espingardas biscainhas, os quaes annunciarão a proxima vinda de Camarão e Henrique Dias. O numero dos capitães montava já a trinta e quatro. Pela influencia d'elles e dos principaes ecclesiasticos, conseguiu Vieira acalmar os descontentes.

Neste tempo o Conselho hollandez publicou huma proclamação obrigando todas as mulhi-res cujo marido, filho, pai ou parente se achasse

entre os insurgidos, de sahirem de suas casas dentro de cinco dias, sob pena de serem tratadas como rebeldes, e declarando todos os que lhes dessem asalhão indignos da protecção dos Estados-Geraes. Alguns Portuguezes que não tinham tomado armas, intercederão a favor d'estas infelizes, pedindo ao Consellho quizesse deixá-las residir em suas casas até baixarem as aguns que tornavão impracticaveis os caminhos; mas não foram attendidos. O padre Manoel do Salvador renovou a supplica, dirigindo-se ao Governador, e representou - lhe que seria infligir hum castigo aos innocentes, e que estando os bosques cheios de Portuguezes armados, elles não perdoarião os maos procedimentos e insultos feitos a suas mulheres e filhas. Se hum tal edicto se executa, dizia elle, durará a guerra entre as duas nações em quanto os Portuguezes conservarem memoria de tão atroz injuria. O Consellho desprezou todas estas representações, fez executar com o maior rigor o edicto contra as mulheres dos insurgidos, e o padre Salvador, receando ser victima do ressentimento dos Hollandezes, fugio para o mato depois de ter expedido a Vieira hum proprio a avisá-lo do estado das cousas.

A 15 de Julho Vieira fez affixar nos lugares os mais frequentados do Recife huma contra-

proclamação em que denunciava o edicto do Conselho como barbaro e cruel, contrario ás leis da natureza e ás da policia humana; edicto, dizia elle, que sujeita ás leis militares mulheres, que a sua natural fraqueza, e a cortezia usada entre todas as nações, deve proteger contra as calamidades da guerra. Em virtude do que, convidava as mulheres a ficarem em suas casas, declarando que vingaria as injurias que se lhes fizessem. O Conselho vendo esta proclamação affixada nas portas da fortaleza, intimidado fez suspender a execução de seu barbaro decreto.

Outro acontecimento veio ainda augmentar a indignação dos Portuguezes. Os habitantes do districto de Cunhau foram convidados pelos Pitaguares e Tapuyas de Pottengy a ajuntarem-se na igreja no dia 16 de Julho, para deliberar sobre negocios importantes. Concorrerão com effeito sessenta e nove, que todos foram mortos por estes barbaros, á excepção de tres. Os Portuguezes attribuirão esta atrocidade aos Hollandezes. A 24 de Julho Vieira fez affixar hum edicto no Recife, declarando ter formado o projecto de restabelecer a autoridade legitima em Pernambuco, e convidando os habitantes de todas as capitânias a tomar armas contra a tyrannia e injusta occupação dos Hollandezes, dentro de quatro dias da data do dito decreto,

sob pena de serem declarados rebeldes, e perseguidos como inimigos da patria.

Vieira informo da junção das tropas de Haue e de Blaar, que se dispunham a atacá-lo, retirou-se, a 31 de Julho, ao monte das Taboas, situado a cousa de nove legoas a oeste do Recife e perto do pequeno rio Itapicuru. Toda a sua força consistia em mil e duzentos Portuguezes e em cem Indios ou escravos; com pouco mais de duzentas espingardas. Vieira procurou inflamar a sua gente em hum eloquente discurso, em que lhes rememorou os altos feitos dos Portuguezes na Asia, e pintou com vivas côres a tyrannia do jugo dos Hollandezes, insistindo particularmente nos sacrilegos insultos feitos á religião catholica, e aos seus templos e sacerdotes.

Na vizinhança d'este lugar residia, debaixo da protecção dos Hollandezes, hum ecclesiastico chamado Manoel de Moraes, que, havendo abjurado o catholicismo, pregava as doutrinas de Calvino. Vieira o fez conduzir ao campo por hum destacamento, onde renunciou ao calvinismo, voltando á fé catholica, com apparentes mostras de convicção e arrependimento. Esta conversão, real ou fingida, pareceo de bom agouro aos insurgidos que começavam a desalentar-se pela tardança da vinda de Camarão e Dias. Para tranquillisar os espiritos, expedio

Vieira hum destacamento de quarenta homens ao encontro dos dois capitães.

Entretanto o Conselho hollandez tendo mandado hum reforço a Henrique Haas, com ordem de marchar contra os insurgidos; este se avançou até o engenho das Covas com mil e quinhentos soldados bem armados e disciplinados, e hum numero consideravel de Indios e negros escravos. Alli soube que Vieira tinha abandonado a sua posição, e poz fogo á fazenda. A vanguarda de quatrocentos Hollandezes e de hum destacamento de Indios, marchou contra o engenho de Balthazar Gonçalves Moreno, perto de legoa e meia de Taboas, onde se achava o capitão Antonio Gomes Taborda com duzentos e quarenta homens, para defender o passo. Repellio esta vanguarda e matou quatorze homens aos Hollandezes; mas Vieira lhe ordenou que se retirasse sobre o acampamento, para alli esperar o ataque do inimigo. O sargento-mór Cardoso tinha disposto tres embocadas debaixo dos capitães João Cebal, João Pessoa, Paulo Velloso, e Antonio Borges Lisboa, nas quebradas dos rochedos, e postado hum destacamento commandado pelo capitão Domingos Fagundes nas margens do rio Itapiouru, para disputar passagem. Fagundes tendo em vão tentado obstar á passagem das tropas inimigas, retirou-se a 3 de Agosto sobre as emboca-

caduas; alli se travou hum renhido combate que durou cinco horas, e no qual trezentos e sessenta soldados hollandezes ficarão no campo de batalha. Vieira perdeu vinte oito homens mortos, entre os quaes havia alguns dos principaes chefes, e teve trinta e sete feridos.

Os Hollandezes tinham oitocentos Pitaguares disciplinados, e hum grande numero de homens da mesma tribu e de Tapuyas seguião a retaguarda. Os Portuguezes tomarão duas mil espingardas, muita polvora e munições. Esta foi a primeira brilhante victoria obtida pelos insurgidos, que transportados de jubilo se ajoelharão bradando : *Viva a fé catholica romana, viva a liberdade, viva Elrei D. João IV!* Vieira abraçou todos os officiaes e soldados, e cumprindo a promessa feita aos seus escravos, deu alforria a cincoenta d'elles, que formou em duas companhias de soldados livres, debaixo das ordens de dois capitães escolhidos por elles mesmos.

- Henrique Haas retirou-se de noite com o resto das suas tropas, a São Lourenço de Ipojuca, sete legoas distante do campo de batalha, e entrou depois no Recife, por ordem do Conselho.

Durante a sua estada em S. Salvador o major Hoogstraten, propoz ao governador Antonio Telles da Silva, entregar-lhe o forte de

DO BRASIL.

Nazareth, dizendo haver já communicado este plano a João Fernandes Vieira. O Governador lhe respondeo, que se assim o fizesse, seria bem recompensado pelo Governo portuguez. Para encobrir o seu projecto, Ilongstratten, de volta ao Recife, informou o Conselho que o Governador se preparava a atacar as possessões hollandezas, não esperando senão alguns navios do Rio de Janeiro para começar as hostilidades.

O governador Telles da Silva fez embarcar na Bahia a bordo de oito navios, dois regimentos commandados pelos mestres-de-campo André Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno. Deo o mando d'esta frota a Jeronymo Serrão de Paiva, habil official. A que era destinada para Portugal, composta de trinta e sete navios, se achava na Bahia, debaixo do mando de Salvador Corrêa de Sá, o qual devia acompanhar a primeira expedição até Tamandare, onde devião desembarcar a tropa. Serrão de Paiva devia entrar no Recife, para apresentar cartas ao Conselho, da parte do Governador gen~~eral~~, nas quaes dizia que, fiel á sua promessa, tinha expedido dois officiaes para persuadirem aos insurgidos que renunciassem aos seus projectos, e não querendo elles annuir, tinha ordem de os fazer obedecer.

Levantamento em Serinhaem. O comman-

dante hollandez de Serinhaem tinha recebido ordem de desarmar os Portuguezes no seu districto. Hum d'elles, João de Albuquerque, excitou os outros á resistencia, persuadindo-lhes que, huma vez desarmados, seriam victimas da perfidia hollandeza. Quarenta e nove moços se ajuntarão, mettêrno a pique tres navios destinados ao Recife, e puzerão-se debaixo da protecção das tropas da Bahia que acabavão de desembarcar na vizinhança. Os commandantes mandarão o capitão Paulo da Cunha com hum destacamento intimar á guarnição que se rendesse, visto ter o Governo hollandez tratado os Portuguezes, não como subditos, mas como escravos. A guarnição composta de sessenta e dois Hollandezes e quarenta e nove Indios, vendo-se cercada por forças superiores, e falta de agua, capitulou, abandonando os Indios á vingança dos Portuguezes, que fizerão enforcar trinta d'elles considerados como traidores, em virtude de huma sentença pronunciada pelo auditor-geral Francisco Bravo. Os mais Indios foram empregados a transportar a bagagem, e as mulheres e filhos distribuidos entre os habitantes. A maior parte dos soldados hollandezes entrarão no serviço portuguez, e dois sahirão do districto.

Passados sete dias em Tabocas, para enterrar os mortos e curar os feridos, foi Vieira unir-se

às tropas de Serinhaem. No dia da partida os habitantes de Iguaçu e de Goyana, ameaçados pelos Hollandezes de Itamaracá, lhe enviaram huma deputação solicitando soccorros. Vieira lhes mandou hum destacamento de cento e cincoenta homens, de que confiou o mando a Antonio Cavalcante, o qual tendo chegado a Iguaçu, alli permaneceu em inacção e pouco depois morreo de hum pleuriz. Vieira o tinha suspeitado de haver excitado a tropa a amotinar-se, e por isso se quiz descartar d'elle.

Immediatamente depois da partida de Vieira, chegarão a Tabocas Camarão e Henrique Dias, com parte das suas tropas, e indo-lhe em seguimento, fizeram a sua junção com elle na segunda noite de marcha. Vieira, informado que estava hum destacamento hollandez de cento e oitenta homens na aldeia de Santo Antonio do Cabo, marchou para o surprender; mas o commandante, avisado a tempo, se retirou ao forte da Nazareth. Vieira fez alto em Santo Antonio a tres legoas de Ipojuca, onde se achavam as tropas vindas da Bahia. Martin Soares Moreno se postou em Algodoaes, a huma legoa do Pontal de Nazareth. O mestre-de-campo Vidal de Negreiros foi ao encontro de Vieira, com quem teve huma conferencia a 16 de Agosto, de que resultou a união dos dois corpos, para de accordo continuarem a guerra: Mar-

HISTORIA

tin. Soares Moreno seguiu o mesmo exemplo com as tropas que commandava. No mesmo dia Vieira partiu com o seu exercito para a Moribeca, d'onde continuou a sua marcha pelo rio Tigipiú, seguido de huma multidão de Portuguezes, de Indios e escravos negros, os quaes, fugindo o jugo hollandez, se tinham acolhido áquelles sitios retirados.

O General hollandez Henrique Haus, que tinha estabelecido o seu quartel no engenho de Anna Paes, fez partir duas companhias de soldados, e alguns Indios ás ordens do major João Blaar para irem saquear as habitações dos insurgidos, e apoderar-se das mulheres dos principaes proprietarios da Varzea que se tinham sublevado, com ordem de as trazer ao Recife, para servirem de refens. Blaar executou as ordens, e prendeu algumas mulheres, sendo d'este numero D. Antonia Bezerra, mulher de Francisco Berenguer de Andrade; D. Isabel de Goes, mulher de Antonio Bezerra; Luiza de Oliveira, mulher de Amaro Lopes: a mulher de Vieira, D. Maria Cesar, tinha fugido para o mato. Vieira avisado do que se passava, acodio logo, e tendo passado com grande difficuldade o Capibaribe, surpreendeu os Hollandezes no engenho de D. Anna. Estes, não podendo retirar-se, apresentarão as mulheres prisioneiras nas janellas da casa, para fazer ces-

sar o fogo da mosquetaria. Os Portuguezes movidos d'este espectaculo, propuzerão aos Hol-landezes que capitulassem, mas elles recusarão, e fizeram fogo sobre o parlamentar que levava a bandeira branca. Exasperados os Portuguezes puzerão fogo á casa, que era construida sobre pilastras de madeira. Então pediu Haus capitular, e a custo escapou com vida, que-rendo os soldados portuguezes queimá-lo com toda a sua gente, ao que Vidal se oppoz. Haus e Blaar sahirão, e ficarão prisioneiros com duzentos homens que restavão. Os Hollandezes perderão quatrocentos homens no combate, e perto de duzentos Indios alliados d'elles foram mortos depois do conflicto. Os Portuguezes tiveram dezoito mortos, e trinta e cinco feridos. Acharão seiscentas espingardas, muitos bons cavallos de sella, e abundantes viveres. Os capitães Domingos Fagundes, e Henrique Dias foram feridos nesta acção na qual os ecclesiasticos se distinguirão como nas precedentes, animando e combatendo. Alguns prisioneiros hollandezes entrarão no serviço portuguez; os outros foram enviados debaixo de escolta á Bahia. Durante a marcha, Blaar foi morto por hum habitante, para se vingar das crueldades d'este official.

Depois d'esta victoria, Vieira marchou em triumpho para o engenho de S.-João Baptista,

situado na planície, levando em sua companhia as mulheres que tinham sido captivas, e seguido dos prisioneiros hollandezes, entre os quaes vinha Haus a cavallo, sem armas nem insignias militares.

Tomada de Olinda pelos Portuguezes. — No mesmo dia da precedente victoria, Olinda foi tomada por trinta Pernambucanos, a testa dos quaes estava Manoel Barbosa. Este joven, de boa familia, tinha-se escondido no mato a hum legoa de distancia da cidade Mauricia com cinco companheiros de dezoito a vinte annos de idade, todos bem armados, e esperando occasião favoravel para se unirem a Vieira. Entretanto hum destacamento hollandez de desazeis homens, que escoltavão negros carregados de objectos saqueados, chegarão de noite á habitação da irman de Barbosa, viuva em cuja companhia vivião suas irmans. Os Hollandezes arrombarão as portas, e aos gritos das infelizes acodio Barbosa com os seus companheiros, e com tal coragem atacarão os Hollandezes que matarão alguns e obrigarão os outros a fugir. Sem perda de tempo distribuirão as armas tomadas a alguns outros amigos, e juntos em numero de trinta sorprendêrão Olinda. Barbosa foi recompensado com a patente de capitão.

Combate naval. — Conformando-se ás suas

instruções, Salvador Corrêa e sua frota appareceo diante do Recife a 12 de Agosto. Ignorando as operações dos insurgidos, offereceo os seus serviços ao Conselho hollandez, assim como os de Vidal e Soares. O Conselho, julgando-se com razão insultado por esta offerta, deliberou se devia mandar prender os dois portadores d'esta communicação; mas receando que a frota somentasse o espirito de insurrecção, contentou-se com intimar a Corrêa que se retirasse. Elle, tendo desempenhado a sua commissão, fez-se á vela. O Conselho reabrando animo, ordenou a Lichthart que aprontasse a esquadra, e fosse em busca dos navios portuguezes e os atacasse onde quer que os encontrasse. Huma esquadra portugueza de oito navios se achava então na bahia aberta de Tamandaré, cujo chefe ignorava que o forte de Nazareth estava em poder dos Portuguezes. Os mestres-de-campo lhe tinham escripto a 2 e 6 de Setembro, avisando-o d'este successo, mas as cartas tinham sido interceptadas. Lichthart, com huma força superior, atacou a esquadra portugueza, e lhe tomou tres navios; dois derão á costa, outros dois foram abandonados e incendiados, e só hum escapou e foi ter á Bahia. Avaliou-se a perda dos Portuguezes em setecentos homens. O navio de Paiva foi tomado á abordagem, o capitão

combateo com grande coragem, e recebeu muitas feridas. Os Portuguezes accusarão os Holandezes d'este acto iniquo, que representarão como desleal e atraçoado, e os insepãrão da crueldade com que havião tratado os prisioneiros, lançando muitos ao mar com pedras e balas atadas ao pescoço e ás pernas para se afogarem. O Governador da Bahia prohibio deitar luta pelos que havião perecido em Tamanca, e prometteo tirar exemplar vingança de tao ntroz injustiça.

A 3 de Setembro o forte de Nazareth foi entregue aos Portuguezes pelo major commandante Hoogstraten, pela quantia de 9000 cruzados, dos quaes Vieira deo sete mil, e os seus officiaes o restante.

Sublevação dos habitantes da Goyanna. — No mendo de Junho o Conselho hollandez tinha expedido Paulo de Linge, hum dos seus membros, á Paraíba em qualidade de governador, afim de tomar medidas para a segurança d'esta provincia. Este official estabeleceo a sua residencia no convento de S.-Francisco, e obrigou todos os habitantes a renovarem o juramento de fidelidade. Fez prender quatro individuos, dois dos quaes tinhão sido nomeados capitães do districto por Vieira, e fez matar hum d'elles chamado Estevão Gonçalves; o corpo do outro, Jacome de Leiria, morto na ca-

idea, foi arrastado pelas ruas. Nesta conjuntura espalhou-se a noticia do morticínio de Cunhau (a 17 de Agosto), em que Vieira tinha feito publicar, da tenção dos Hollandezes de matar todos os Portuguezes. Os habitantes pedirão a Paulo de Linge armas para se defenderem contra os Tapuyas, e elle, avisado da derrota dos seus compatriotas em Tabocas, permitio aos habitantes munirem-se de armas quaesquer, excepto de espingardas, e retirou-se com a tropa ao forte Cabedello. Os Tapuyas acompanhados de hum corpo de duzentos Hollandezes commandados por Guilherme Lambartz, avançarão, matando quantos Portuguezes encontrarão. O chefe d'estes Indios, chamado Jan Duwy, quando consentio em se alliar com os Hollandezes, tinha exigido a destruição de todos os Portuguezes na Paraiiba. Em vão procurou Lambartz pôr termo ás crueldades d'estes ferozes selvagens. Muitos d'elles descontentes se retirarão com os despojos, outros se apresentarão diante da cidade de Goyana, onde tentarão penetrar de noite; mas vendo huma força superior disposta a tolher-lhes a passagem do rio, tomados de hum subito terror fugirão para o mato. Lambartz se retirou com a sua gente a Cabedello, d'onde partio para o Recife.

Vieira Vidal, que tinham tomado o titulo de

governadores, expedirão á Paraíba tres officiaes para commandarem os insurgidos. Hum d'elles; Antonio Rodrigues Vida., sobrinho de André Vidal, era natural d'aquella capitania; os outros dois erão capitães, hum do regimento de Camarão, o outro do corpo de Henrique Dias. Chegados no 1.º de Setembro a Tibiry, alli se demorarão para conferir com tres dos habitantes do lugar. Concertadas as medidas, foi proclamada a liberdade da provincia pelos habitantes d'ella, e fortificámo-se no engenho de assucar de S.-André, pertencente a Jorge Homem Pinto, depois de terem mandado as mulheres e os filhos para o sertão. O governador Linge fez marchar trezentos Holandezes, e seiscentos Indios capitaneados pelo chefe Pero Poty, para surprender o campo dos insurgentes, ao mesmo tempo que elle simularia hum ataque contra a cidade de Paraíba pelo rio, com algumas lanchas. Os Holandezes forão rechagados, a 11 de Setembro, com perda de setecentos e sete mortos, e grande numero de feridos. A perda dos Portuguezes foi pequena.

Depois d'este successo entrarão os insurgentes em negociações secretas com Linge para comprar o forte de Cabedello; mas o projecto foi revelado por hum padre a hum ministro calvinista: o commandante hollandez, para

evitar as suspeitas, fez enforcar o agente dos patriotas.

Tomada de Porto-Calvo pelos Portuguezes.— O Conselho hollandez tendo perdido a esperança de socorrer as guarnições no sul do Recife (as de Seregipe sobre o rio S.-Francisco, e Porto-Calvo), as mandou evacuar, enterrando ou destruindo as peças; mas antes de poder executar esta medida, rompeo huma insurrecção em Porto-Calvo, suscitada pela prisão de hum dos principaes habitantes, Rodrigo de Barros Pimentel. Os mais habitantes tomáão armas debaixo das ordens de Christovão Lins, que Vieira tinha nomeado capitão do districto. O commandante hollandez fez marchar contra elle hum destacamento, mas foi atacado em huma emboscada em que todos forão mortos.

Tres dias depois Lins tomou hum navio que remontava o rio Mangoaba, carregado de munições para a fortaleza. Acharão nelle muitas armas de fogo e provisões de bocca. Nove Hollandezes morrerão nesta acção.

Vieira fez pôr cerco á fortaleza de Porto-Calvo, e deo o commando das tropas ao capitão Lourenço Carneiro de Araujo. O commandante hollandez, Klaas Florins, depois de hum accção, capitulou a 17 de Setembro, com condições honrosas, sendo permittido aos soldados embarcar-se para Hollanda, ou tomar

serviço com os patriotas do Brasil. O commandante fez distribuir 700 : 000 réis aos officiaes e soldados em numero de cento e cincoenta e seis. A fortaleza foi arrasada a peditorio dos habitantes ; oito peças de bronze foram mandadas ao exercito patriota.

Sublevação dos habitantes da villa do rio S.-Francisco. — O forte Mauricio sobre o rio S.-Francisco se entregou quasi no mesmo tempo aos Portuguezes, e com as mesmas circumstancias. Hum Portuguez preso pelas autoridades hollandezas, foi posto em liberdade pelos seus compatriotas, que se sublevarão. Hum destacamento de setenta homens mandados contra elles cahio em huma emboscada, e foram mortos. Animados por estas vantagens os patriotas, commandados por Valentim da Rocha Pitta, puzerão sitio á fortaleza, e pedirão socorros á Bahia. O Governador-General lhes mandou hum reforço de quatro companhias ás ordens do capitão Nicolao Aranha, que partio de Rio-Real a 27 de Julho, e chegou a S.-Francisco a 10 de Agosto. Ao mesmo tempo os patriotas se apoderarão de huma caravela com viveres e munições para a fortaleza. Os Hollandezes tiveram seis homens mortos neste ataque, e no mesmo dia perderão mais vinte em horda escaramuça. Senhores do rio, os patriotas interceptarão todas as embarcações, e entre ellas

a que trazia ordem de evacuar o forte. No dia 11 o capitão Aranha atravessou o rio, e se fortificou ao norte do forte com cento e oitenta homens bem armados, portuguezes e indios. Os Hollandezes tentáreo humia sortida, mas sem effeito, tendo perdido quatro soldados mortos em humia das portas. A 15 o commandante portuguez lhes propoz humia capitulação: os Hollandezes pedirão tres dias para se decidirem; mas vindo nesta occasião a passar por alli Henrique Haus e os mais Hollandezes aprezados no engenho de Anna Paes, Haus aconsellhou ao commandante do forte que accitasse as condições offerecidas por Aranha. Aproveitando este conselho, capitulou com effeito a 19 de Setembro. A guarnição compunha-se de duzentos e sessenta homens, hollandezes e francezes; dos quaes setenta e sete tinham sido mortos durante o cerco. Havia tambem alguns Indios, mulheres, e dezoito crianças e escravas. No forte se acharão dez peças, e muitas munições e viveres. Os prisioneiros forão mandados para a Bahia por terra, e as mulheres e crianças por mar. O forte foi arrasado, e Aranha foi com as suas tropas unir-se a Vieira na Varzea.

Tomada do forte da Santa-Cruz. — Pela influencia de Hoogstraten, o commandante d'este forte, situado a perto de humia legoa do Recife,

se entregou aos Portuguezes, e a guarnição foi incorporada em hum regimento de desertores que se acabava de formar, composto de Hollandezes, Francezes e de outras nações, que servião as Provincias-Unidas como mercenários. Deixou-se no forte huma companhia de soldados para sua defesa.

Para proteger a chegada de viveres e munições, Vieira fez construir outro forte em huma altura a quatro milhas da cidade, que foi acabado dentro de tres mezes. Guarneceu-o de oito peças de bronze, e denominou-o *forte do Bom-Jesus*, nome do antigo acampamento. A cidade, que pouco depois se elevou á roda d'este forte, foi chamada *Arraiol-Novo*: estabelecceo-se nella huma Casa de Misericórdia para os doentes e feridos.

O Conselho hollandez occupou-se então dos preparativos necesarios para defender o Recife, onde esperava ser atacado. Fez destruir a ponte de Boa-Vista, assim como os jardins e dependencias do palacio de Nassau. Publicou depois hum edicto pelo qual mandava demolir a cidade nova dentro do prazo de dez dias.

Tentativa dos Portuguezes contra a fortaleza de Cinco-Pontas. Vieira informado que a ilha de Itamaracá era o principal deposito dos Hollandezes, preparou huma expedição para se apode-

rar d'esta posição, situada na horda do mar a hum tiro de canhão da cidade de Mauricio. Deixando o mando do campo a Henrique Dias, marchou á testa do principal corpo do exercito á cidade de Iguarassu, ajuntou todas as embarcações da vizinhança na barra do rio Catuama, e tomou hum navio que defendia o canal entre a ilha e o continente. Esta empreza foi executada por cousa de cem homens da guarnição a bordo de hum grande barca e de hum batel, commandados pelo capitão Simão Mendes, a quem deo ordem de vencer ou morrer. A maior parte dos Hollandezes foram mortos defendendo o seu navio; só quinze se entregarão. D'esta maneira as tropas effectuáram o desembarque sem serem vistas. Depois de tres ataques successivos penetrarão na cidade de Schoppe, principal estabelecimento da ilha. Os Hollandezes obrigados a refugiar-se nos seus entrincheiramentos, estavam a ponto de capitular, quando as tropas da Bahia e o regimento de Hoogstraten começaram a saquear. Os Indios que se vião ameaçados de perder a vida, aproveitando a desordem cansada pelo saque, fizeram hum ataque furioso, e ajudados pelos Hollandezes forçaram os Portuguezes a se retirarem depois de hum combate de onze horas, com perda de sessenta homens mortos, a saber trinta e quatro estrangeiros do regimento

de Hoogstraten , quatorze Portuguezes , e doze Indios. Os Hollandezes tiveram mais de duzentos mortos , e grande numero de feridos. Camarão foi ferido na acção. Sete homens do regimento dos desertores , que tinham enchido as mochilas de despojo e abandonado as suas armas , forão condemnados á morte por Hoogstraten , mas elle mitigou depois a sentença , e hum só d'elles , tiradas sortes , foi executado.

Hum doença contagiosa fez grande estrago no campo portuguez. Consistia em grande oppressão da respiração acompanhada de dores rheumatismas agudas. Muitos morrerão de repente , outros em poucas horas , e nenhum dos doentes viveo alem do terceiro dia. Atacava igualmente os Europeos, os Indios e os Negros. Os medicos, ignorando a natureza do mal, não sabião que remedio applicar; salvarão porém alguns doentes por meio de copiosas sangrias. Fizerão-se, segundo o costume do tempo, procissões e penitencias, e expuzerão-se as imagens de S.-Gonçalo e de S.-Sebastião no hospital e na Casa de Misericordia, e como a enfermidade cessou pouco depois, attribuiu-se a estes actos supersticiosos a cessação do mal. Esta epidemia rompeo na Paraiba em fins de Setembro, grassou por todas as capitancias, e cessou no principio de Dezembro. Os medicos a considerarão como hum sorte de peste, cau-

sada por perniciosa influencia atmospherica (1).

Representação a Elrei. A 7 de Outubro os patriotas lavrãrão huma representação a Elrei, para se desculparem da accusação de terem faltado á fidelidade que lhe devião, e de desobediencia aos seus decretos, expondo que a tyrannia dos Hollandezes tinha obrigado os habitantes do Brasil a tomar as armas para defender a sua liberdade e a honra do Reino, e os tinha determinado a proclamar João Fernandes Vieira, Governador; que confiados inteiramente na clemencia e na magnanimidade de S. M., esperavão que lhe ministrasse auxilios para terminar huma empresa tão gloriosa, tão util á Coroa de Portugal, e tão necessaria ao livre exercicio da religião. Esta representação foi assignada pelos tres Estados da capitania, a saber: 1.^o por todos os capitães e officiaes militares, á excepção dos governadores e mestres-de-campo; 2.^o pelas camaras; 3.^o pelo clero, frades, e principaes habitantes do Reconcavo em numero de sessenta e quatro. Este documento foi transmittido ao Governador-General para ser por elle enviado e posto na presença d'Elrei.

¹ Raphael de Jesus a designa nos seguintes termos: *Aer contagioso, que pelos effeitos pareceo ramo de peste. Os medicos tinham assentado entre si ser o ar inficionado e corrupto*, p. 401.

Morticínio dos Portuguezes de Potiengy feito pelas Tapuyas. — Durante os desastres causados pela epidemia na Paraíba, os Indios conduzidos por Jacob Rabbi assolarão a capitania do Rio-Grande, e matarão quantos Portuguezes puderão encontrar, para vingarem assim a morte dos seus compatriotas, em Serinhaem, posto que estes Portuguezes não tivessem tido parte naquelle successo. A Companhia hollandeza confiscou os gados e propriedades d'estas infelizes victimas da ferocidade dos Indios.

A principal força dos patriotas estava postada diante do Recife, o que dava lugar a continuos combates. O primeiro domingo de Outubro, sendo dia da festa do Rosario, sempre celebrada pelos escravos negros do Brasil, e particularmente pelos de Olinda, os Hollandezes, aproveitando esta occasião, atacarão os patriotas, mas foram repellidos com perda.

Traição dos escravos desertores. — Muitos escravos seduzidos por dinheiro que os Hollandezes lhes offerecêrão, convierão em que não atirarião com bala, e que trarião nos chapéos hum pedaço de papel dobrado, para que os Hollandezes não atirassem a elles. Vieira, que tinha sempre suspeitado a fidelidade d'estes negros, tinha destacado os mais d'elles sobre diversos pontos, de modo que não ficavão mais de duzentos e cincoenta com o principal

corpo d'exercito, debaixo do mando do capitão hollandez Nicholzon, o qual procurava occasião opportuna de passar ao inimigo. Para auxiliar os negros, fizerão os Hollandezes huma sortida commandada por Garsman, de que os desertores procurarão aproveitar-se para escapar; mas forão prevenidos por huma manobra repentina do sargento-mór Antonio Dias Cardoso. Sete Portuguezes forão mortos nesta occasião, e trinta e cinco feridos, e entre estes Pedro Cavalcante de Albuquerque, e Paulo da Cunha. Os Hollandezes perderão trinta homens. Vieira querendo experimentar a lealdade de Nicholzon, e da sua gente, deixou-lhe escolher sessenta, que forão postos em emboscada para atacar o inimigo quando viesse prover-se de agua.

Apenas o Biberibe deo vao, atravessarão o rio e marcharão para o Recife a toque de caixa, e disparando as armas. Acharão-se nos outros provas da sua intelligencia com as autoridades do Recife; em consequencia do que forão desarmados e remettidos para a Bahia, excepto os cirurgiões e dois engenheiros. O mestre-de-campo Illoogstraten e o sargento-mór Francisco de la Tour se mostrarão tão indignados d'esta traição, que solicitarão e obtiverão licença de irem servir na Bahia com a mesma patente, em hum regimento portuguez. Os mestres-de-campo á-

nhão conseguido por meio de huma correspondencia anonyma persuadir que os desertores se entendião com Vieira e Hoogstraten , e todos elles não sêr enforcados quando se descobrio o artificio. As suspeitas se dirigirão então contra trinta Francêzes da guarnição dos Afogados , que serão encarcerados ; quatro d'elles postos a tratos nada revelarão , e hum foi executado , que tambem nada tinha confessado.

Hum destacamento de duzentos e cincoenta Portuguezes e trezentos e cincoenta Indios , commandado pelo capitão João Barbosa Pinto , tinha sido mandado , no 1.^o de Novembro , para proteger os patriotas de Cunhau , mas chegou quando já se havia effectuado a matança dos Portuguezes pelos Indios , e estabeleceo-se em huma fazenda arruinada. Assustados pelo ruido que sentirão durante a noite , retirárão-se a huma lagoa , e fortificarão-se em huma posição só accessivel por hum lado. Quatrocentos Hollandezes que haviam desembarcado na Bahia da Traição , marcharão para atacar a fazenda e engenho , que acharão abandonado ; tendo seguido as pisadas dos Portuguezes , atacárão-nos na sua nova posição , mas serão repellidos com perda de cento e quinze mortos , Hollandezes e Indios , e grande numero de feridos.

Por este mesmo tempo houve huma horrivel

matança na Paraíba, dirigida por hum chefe dos Tapuyas, e denominado Pedro ou Pero Poty, parente de Camarão, e não obstante, zeloso partidario dos Hollandezes. Este chefe desalmado surprendeo hum numero consideravel de Portuguezes que se achavão congregados por occasião da vespera da festa de S.-Martinho, e os matou a todos, excepto huma rapariga notavel por sua belleza, que conduzio ao forte da Paraíba.

1645. — *Victoria ganhada por Camarão.* Para vingar as crueldades, e impedir que os Hollandezes se apoderassem de todo o territorio da Paraíba, Camarão partio do campo á testa do seu regimento, e de duzentos Tapuyas do rio S.-Francisco, com ordem de matar quantos inimigos encontrasse, e de ajuntar gado sufficiente para prover o campo. Chegados á Paraíba, os chefes dos patriotas d'esta capitania lhe derão cincoenta homens que conhecião bem o territorio, com os quaes continuou a sua marcha para o Rio-Grande, matando todos os Tapuyas e Pitaguares que encontrou, e saqueando e incendiando as suas aldêas. O Consellio hollandez expedio contra elle hum corpo de mil homens de tropas hollandezas, e o corpo dos Tapuyas commandado por Jacob Rabbi e os filhos de Duwy. Camarão postou-se nas margens de hum pequeno rio entre Cu-

nhau e o forte Keulen , onde se entrincheirou da banda do norte e do sul ; os dois outros lados estavam protegidos pelo rio, que não dava vao , e por mato de tabocas. Camarão não tinha mais de seiscentos homens , e cento e cincoenta frecheiros indios do rio S.-Francisco. Rhineberg, que commandava os Hollandezes , atacou as trincheiras , mas não podendo forçá-las , fez da sua gente tres corpos , dos quaes conservou hum , para fazer crer que ia continuar o ataque , em quanto mardou aos outros dois tentar a passagem do rio mais acima , e ao mesmo tempo penetrar pelas tabocas. As tropas hollandezas cabirão em duas ciladas e fugirão. O outro corpo tentou em vão passar o rio defundido pelos frecheiros indios. Os soldados de Camarão proclamarão a victoria , e Rhineberg se retirou deixando cento e quinze homens, e toda a sua bagagem no campo de batalha. A perda dos Portuguezes foi insignificante. Camarão tendo esgotado todas as suas munições, não poude ir no alcance do inimigo, retirou-se á Paraíba , para alli se dispor ao ataque do forte Keulen.

Incendio das cannas de assucar na Bahia. — O Governador-General Antonio Telles da Silva, querendo arruinar as possessões hollandezas, deu ordem aos seus mestres-de-campo na Varzea, que puzessem fogo a todas as plantações

de cannas em Pernambuco, não reflectindo que os Portuguezes e não os Hollandezes estavam senhores do paiz, e que por este acto ia destruir todos os recursos do exercito patriota. Existião então na provincia cento e cincoenta fazendas e engenhos de assucar, que empregavam tres mil setecentos e cincoenta homems. Vieira ficou tão attonito ao receber ordem tão absurda que a não quiz referendar; mas para dar exemplo de obediencia, fez pôr fogo nos seus proprios cannaviaes, soffrendo huma perda de 200:000 cruzados; exemplo singular de heroico desinteresse, e de requintado patriotismo. A impolitica ordem foi revogada, mas quando já a maior parte das plantações estavam incendiadas.

Vieira, resolvido a mandar dois messageiros a Portugal, para representar ao Rei D. João IV, o estado actual do Brasil, as vantagens obtidas, e fazer-lhe saber que os seus fieis e zelosos subditos erão dignos da sua protecção e auxilio, escolheu para esta missão Francisco Gomes de Abreu, e Francisco Berenguer de Andrade, que se embarcarão no porto de Nazareth, cada hum em sua caravela, no meiado de Dezembro. Antes de perderem de vista a costa, foram perseguidos por dois navios hollandezes. Huma das caravelas ganhou o porto de Tamandaré, onde se salvou a tripolação, e o agente de

Vieira com os seus despachos; a outra em que ia embarcado Abreu conseguiu escapar, e aportou a Lisboa.

1645. — *Fundação da cidade de Taubaté ou Itabaté.* Esta cidade situada na latitude de $22^{\circ} 54' 12''$, e na longitude de $352^{\circ} 35'$ da ilha de Ferro, foi fundada por Antonio Barbosa de Aguiar, capitão e lugar-tenente. Está situada a vinte legoas de Mugi das Cruzes, e a doze de Jacauhi.

1646. — *Expedição portugueza para proteger o districto de Pottengy.* A situação dos Hol-landezes no Recife tinha-se tornado summa-mente critica; sentia-se grande escassez de viveres, e a guarnição murmurava. Os Judeos fizeram hum dom consideravel para o serviço do estado, mas que era insufficiente para as necessidades urgentes. No exercito havia grande deserção. O districto de Pottengy era o unico que fornecia viveres, e para se manter na posse d'elle, mandáráo para lá os Hollandezes reforço de tropas; mas os Portuguezes decididos a expulsá-los, destacáráo Vidal com quatro companhias, duas de Europeos, huma de negros nascidos escravos nas Minas, e por isso denominados *Minas*, e outra de crioulos. Os Hollandezes avisados por espias, da partida d'estas tropas, fizeram passar a Itamaracá a maior parte dos Tapuyas, e huma companhia

de fuzileiros. Vieira, para fazer ver que as suas forças não tinham soffrido diminuição, fez executar varias correrias, em huma das quaes se distinguio Domingos Ferreira, aprezando de noite muitas cabeças de gado, e alguns cavallos, debaixo do fogo do forte dos Afogados.

A 11 de Março o negro Paulo Dias, a quem Bagnuolo dera o seu appellido *San-Felice*, que era sargento-mór de Henrique Dias, passou o rio de noite, tomou hum reduto defendido por cincoenta Hollandezes, que todos matou, excepto quatro. Dias teve oito homens mortos e vinte feridos.

No campo portuguez celebrou-se com zelo o jubileo que tinha sido publicado pelo papa Innocencio X, pela prosperidade da igreja catholica, destruição da heresia, e paz entre os principes christãos.

André Vidal tendo feito a sua junção com Camarão na Paraíba, as suas tropas unidas chegarão de noite á ermida de Nossa-Senhora da Guia, perto dos postos inimigos de Santo-Antonio e Cabedello, onde se postarão em tres emboscadas; e destacarão quarenta homens escolhidos para irem insultar a guarnição do primeiro forte, e excitá-la a fazer huma sortida. O commandante tendo recebido soccorros de Cabedello, marchou contra os Portuguezes á testa de sessenta Hollandezes, e cento e sessenta In-

dios, que cahirão na cilada. Os primeiros foram todos mortos, e muitos dos segundos, e os Portuguezes lhes tomarão todas as armas e as lanchas. Entre os Indios se achava hum *payé* ou prophetisa, chamada *Anhaguiari*, (que significa senhora dos demonios) que encarnicava os selvagens contra os Portuguezes. Vidal informado por hum prisioneiro da força do inimigo, mandou Camarão a Pottengy, e voltou com hum só companhia a Pernambuco.

A má estação (em Abril), a destruição das plantações, e a falta da agricultura, tinham causado grande escassez de viveres necessarios para o sustento da tropa, que se queixava amargamente. Muitos soldados que tinham vindo da Bahia voltarão para lá, e muitos negros fugirão para o Recôncavo. Os mestres-de-campo escreverão a Antonio Telles pedindo-lhe remedio a estes males. Este Governador fez punir de morte, alguns soldados, desterrou outros para Angola, e fez reconduzir ao campo os que se tinham deixado seduzir pelos mais criminosos. Fez tambem prender os negros de Pernambuco, para os entregar aos seus senhores, mas não deo providencia alguma para fazer cessar a penuria de mantimentos, causada em grande parte pela sua própria inepecia.

Derrota dos Hollandezes em S.-Lourenço de Tejucoopapa. — Vieira tinha estabelecido hum

forte na barra de Tamandaré, e entupido a passagem do forte de Nazareth, por onde Calabar tinha feito passar a esquadra hollandeza.

Os chefes hollandezes, tendo sahido a partida de André Vidal para Pernambuco, fizeram embarcar oitenta Hollandezes e Indios em lanchas na illa de Itamaracá para irem saquear as plantações de Tejucopapo, onde com effeito desembarcárão; mas forão repellidos por trinta soldados commandados por Zenobio Achioli, capitão de milicias d'aquelle districto, e obrigados a retirar-se com perda de trinta mortos e vinte feridos.

Os Hollandezes fizeram partir do Recife huma expedição de maior força, composta de doze lanchas, e de quinze da ilha de Itamaracá em qui ião trezentos Hollandezes e numero igual de Indios. Desembarcárão no districto de Tejucopapo, em huma ilheta chamada Tapesso-ca, com o fim de surprender S. Lourenço, situado a doze legoas do campo. Os habitantes retirárão-se a huma especie de reduto cercado de huma forte palissada, em numero de oitenta. Agostinho Nunes, sargento-mór de ordenanças do districto, os excitou a tomar armas para repellir o inimigo, obrando de accordo com as companhias do capitão Manoel Lopes. Nunes mandou trinta homens de cavallo, ás ordens de Matheus Fernandes, para atacar o inimigo

da banda do mato, quando elle viesse acommetter o reduto. O inimigo tentou tres vezes forçar a estacada, mas foi rechaçado com perda. Renovando o ataque fez humna brecha, que as mulheres defendêrão com successo, em quanto a gente de cavallo dava sobre os flancos do inimigo, o qual vendo-se assim acoisado, se retirou ás suas embarcações, deixando no campo de batalha oitenta mortos, muitas urnas e munições.

De volta ao campo, Vieira achou nelle dois jesuitas mandados pelo governador Antonio Telles, os quaes erão portadores de humna ordem d'Elrei mandando retirar de Pernambuco as tropas de Vidal e de Martim Soares Moreno, abandonando aquella provincia aos Hollandezes. Vieira oppoz-se á execução d'esta ordem de hum rei tão indigno da corda que humnação heroica lhe cingira, sem que elle fizesse o menor esforço para a merecer. « Elrei, disse Vieira, ignora a situação dos seus fieis vassallos; a lei da natureza he superior a todas as leis, e obedecer a taes ordens seria votar-nos á destruição. Faremos S. M. sabedora do successo das nossas armas, e continuaremos no entanto a guerra; e quando Elrei reiterasse as suas ordens, eu declaro que não abandonarei empreza tão eminentemente util ao serviço de Deos e de hum principe tão catholico. » Vidal

DO BRASIL.

assentio nesta resolução. Soares hesitou a principio; mas havendo o Governador-General insistido na obediencia devida ás ordens regias, submetteo-se, e pouco depois largou o posto, e se embarcou para Lisboa a tratar dos seus negocios particulares.

O timorato D. João IV tinha expedido estas ordens pelo receio de huma alliança offensiva entre a Hespanha e a Hollanda, e o seu ministro nallaya, Francisco de Sousa Coutinho, tinha sempre declarado que os Pernambucanos obra-vão de seu moto proprio, sem terem sido excitados nem auxiliados pela Côrte de Lisboa, directa ou indirectamente; no que dizia verdade. Mas quando os Estados-Geraes receberam a noticia da batalha de Tabocas, e da perda da parte meridional da provincia de Pernambuco, a Companhia pediu auxilio ao Governo, e obteve huma prestação de setenta mil florins, e tres mil homens de tropa, e foi ao mesmo tempo autorisada a visitar todos os navios mercantes, e a pôr embargo nos que voltassem de Pernambuco. Todavia a supposta alliança projectada dos Estados-Geraes com a Hespanha não tinha a menor probabilidade, e só hum rei tão debil como D. João IV, podia sacrificar os patriotas de Pernambuco a tão pueril receio, o qual, ainda quando se realisasse, não era motivo para se expôr a perder o Brasil, quando a

occupação dos Hollandezes estava reduzida ao Recife e parte do littoral; tornando-se de dia em dia mais precaria.

Tentativa para matar Vieira. Alguns descontentes do exercito de Vieira, cansados da guerra, formárão o projecto de matar o chefe, que era a alma de todas as operações; hum dia que elle voltava de visitar os seus engenhos de assucar, tres Mamaluços, escondidos detrás de hum vallado, dispararão sobre elle alguns tiros de espingarda, dos quaes hum o ferio no hombro. Hum dos assassinos foi tomado pela sua guarda e feito em postas; os outros escaparão. A ferida era leve, e cedo se curou.

Expedição dos Portuguezes contra Itamaracá. Os Hollandezes tinham estabelecido tres navios de guarda, bem providos de soldados e de munições, nos lugares vadeaveis do canal que separa esta ilha do continente. Vieira fez celebrar a festa de S. Antonio na sua capella do engenho da Varzea, e por esta occasião fez dar salvas de artilharia e de mosquetaria. Voltando ao campo no meio da festa, partio de noite com o mestre-de-campo André Vidal, á testa de mil e quinhentos homens escolhidos commandados por oito capitães, com o fim de atacar os referidos navios. Favorecido por hum tempo nebuloso e de chuva, assestou duas peças de

dezoito em huma plataforma escondida pelo arvoredor, no porto dos Marcos, onde estava surto hum dos navios de guarda. Tinha disposto para esta assaltada algumas chalupas e jangadas: doze homens se embarcarão em cada chalupa, e se aproximarão do navio; mas huma d'elles foi mettida a pique, salvando-se a gente em huma jangada com o alferes reformado Affonso de Albuquerque, que os commandava. A gente da outra chalupa commandados pelo sargento reformado Francisco Martins Cachadas, se chegarão ao navio, e ao romper do dia se prepararão (a 15 de Junho) a atacar o que estava ancorado no vao de Tapessuma. Os Hollandezes, vendo-os chegar, o incendiarão e queimá-
rao igualmente outra embarcação que estava surta no vao de *Entre-dois-Rios*. Vieira fez levantar hum forte na praia chamada *dos Marcos*, e deixando alli o sargento-mór Antouio Dias Cardoso, voltou ao campo com o grosso das suas tropas.

Os Portuguezes tinham seduzido alguns dos artilheiros do forte Orange (fortaleza da Barra), os quaes haviam indicado o lugar por onde se poderia atacar com vantagem, promettendo que não carregariam as peças d'aquella banda com bala; mas o projecto foi descoberto pelo commandante hollandez, que fez recolher ao forte os soldados dos differen-

tes postos. Vio-se ao mesmo tempo abandonado por quarenta Tapuyas da sua jurisdição, que forão unir-se ao corpo de Camarão.

Translação dos Indios alliados dos Hollandezes de Itamaracá para o Pottengy.—Para diminuir o rapido consumo dos viveres, e prover ás necessidades dos soldados, embarcáram-se mil e duzentos naturaes d'esta ilha, pela maior parte mulheres e crianças, que tinham perdido os maridos ou os pais na guerra. Não se deo a cada individuo para a viagem mais que hum arratel de peixe salgado.

Assassinato de Jacob Rabbi. — Este feroz allemão celebre por suas crueldades, foi assassinado por ordem do coronel hollandez Garsman, em cuja companhia tinha passado o dia antecedente. Não se sabe qual fôra o motivo d'este acto, de que muito se resentio o chefe dos Tapuyas Duwy, a ponto que para o acalmar, o Conselho do Recife lhe fez presente de duzentos guilders em dinheiro, de mil varas de panno do Osnaburg, de cem gallons de vinho d'Hespanha, de duas barricas de aguardente, de quarenta gallons de azeite e huma barrica de carne salgada. Ao mesmo tempo fez prender Garsman.

Fome no Recife. — Os Hollandezes privados das provisões que tiravão da ilha de Itamaracá, e não podendo fazer correrias no interior, começaram a sentir grandê escassez de viveres.

Os habitantes e os soldados da guarnição não tinham mais que hum arratel de carne por semana, e dentro de pouco foi tirada esta ração aos primeiros, para a dar dobrada á tropa, que ameaçava de desertar para o inimigo. Tinhaõ comido todos os cavallos, ratos e ratazanas; e os escravos negros tinhaõ desenterrado os cadaveres dos habitantes para os devorar; não havia viveres para mais de dois dias, e tinha-se resolvido romper o bloqueio, quando dois navios, o *Falcão* e a *Isabel*, entrãõ no porto annunciando a proxima chegada de hum grande reforço. Esta nova encheo de jubilo todos os habitantes. Deo-se huma medalha de ouro a cada hum dos capitães dos navios recém-chegados, e os fortes derão salvas. No mesmo dia (24 de Junho) Vieira fez celebrar a festa de S. João-Baptista, em honra do Santo, ed'Elrei D. João IV.

Nova expedição hollandesa para o Brasil. —

Os Hollandezes preparãõ hum novo armamento para soccorrer as suas possessões no Brasil, a cuja partida procurou obstar o Embaixador portuguez, declarando estar munido de instrucções do seu Governo, que o autorizãõ a tratar dos negocios de Pernambuco. Para este effeito pedio huma audiencia aos ministros hollandezes, que elles lhe negãõ; respondendo que o seu unico objecto era retardar a partida da expedição. Propoz-lhes então com-

municar-lhes as instrucções que elle mesmo tinha redigido em hum papel assignado em branco pelo Rei. Os ministros, não suspectando este artificio, suspenderão os preparativos de guerra; mas não tardarão a descobrir a verdade, e exigirão da Côrte de Portugal o castigo devido ao seu Embaixador; mas Elrei approvou o seu procedimento, pondo toda a culpa aos sublevados de Pernambuco.

A expedição hollandeza aportou ao Brasil, a 20 de Julho, com seis mezes de viagem, levando a bordo tres novos membros do Conselho supremo, para renderem os antigos, e seis mil homens de tropa debaixo das ordens de Schoppe, nomeado commandante em chefe.

A primeira operação d'este general foi hum tentativa para recuperar Olinda. Para este fim partio do Recife com mil e duzentos homens¹, mas chegando á passagem do Burac Pequeno foi batido pelas companhias de Antorio da Rocha Damas, Braz Soares, e João Soares d'Albuquerque, que o obrigarão a retirar-se. Os Portuguezes concentrarão as suas forças, para poderem melhor resistir ás de Schoppe. Camarão foi chamado da Paraíba, e ordenou-se a todos os habitantes da capitania e da Goyana, que se

¹ Raphael de Jesus diz: quatro mil homens de infantaria commandados por Jacob Estacourt.

puzessem debaixo da protecção d'aquelle chefe.

Vieira escreveu então huma carta ao Conselho hollandez, na qual pretendia estar à testa de mil e quatrocentos homens, sem contar os Negros e os Tapuyas dispersos entre o Pottangy, e o rio S.-Francisco. « Camarão, ajuntava elle, commanda seiscentos fusileiros, Henrique Dias oitocentos Negros, duzentos Minas e setecentos Tapuyas, e todos os do sertão estão promptos á primeira intimação a virem unirse a nós. Antes da vinda de Schoppe vós não tinheis mais de seiscentos homens; o seu reforço não excede mil e duzentos soldados, os mais d'elles mui moços. Eu conheço as vossas forças. Nós temos morto ou aprisionado perto de dois mil e seiscentos das vossas tropas frescas, e quinhentos indigenas, sem contar os feridos que tem sido conduzidos ao Recife; e fizemos isto quando não tínhamos outras armas mais que varapaos, e cacheiras. Agora temos boas tropas, bem providas de armas e munições. » Vieira convidava os Hollandezes a abandonarem o paiz, offerecendo hum perdão geral, e hum ajuste para o pagamento das dividas.

O Conselho respondeu por huma proclamação dirigida aos rebeldes, e Van Goch, hum dos novos membros, propoz ao exercito de não dar quartel aos insurgentes.

Expedição de Hinderson ao rio S.-Francisco.

— Schoppe fez huma incursão na capitania do norte, que tinha sido abandonada pelos Portuguezes, e resolveo depois cortar-lhes as communicações pelo rio S.-Francisco, e estabelecer alli armazens para huma expedição mais importante. Com este intuito foi Hinderson destacado, nos primeiros dias de Outubro, com huma força consideravel. Este official achou os Portuguezes occupados em demolir o forte Mauricio; e como não tinham feito nenhuma disposição de defesa, sem custo os expulsou para a outra banda do rio. Entretanto o mestre-de-campo Francisco Rebello, que estava postado na vizinhança, para defender a capitania da Bahia, matou em huma emboscada cento e cincoenta homens das cinco companhias expedidas para Orambou. Os Hollandezes experimentarão outra perda sensivel com a morte do famoso Lichthart, quemotreo subitamente, por ter bebido agua fria estando suado.

A 29 de Junho, trinta soldados da companhia do capitão Francisco Lopes Estrella, tomãrão á abordagem huma lancha inimiga carregada de provisões, perto do confluente dos rios Tigipiú e Giquiá, e matarão oito Hollandezes.

A 12 de Agosto Sigismundo partio do Recife com huma força consideravel, para atacar Olinda, mas foi rechaçado. Na noite seguinte

mil homens de infantaria tomáram o caminho do forte dos Afogados, para atacarem a estancia de João d'Aguiar, e forão repellidos pelas tropas dos capitães Antonio Lopes Uchoa, Francisco de Abreu Lisboa, e Camarão.

Os Hollandezes, com dõis mil soldados e duas peças de artilharia, tentáram apoderar-se do engenho de assucar de Bartholomeu. O capitão Francisco Lopes teve ordem de marchar da estancia da Barreta, para a montanha de Guararapés.

A 11 de Septembro os Hollandezes se apoderáram da Povoação da Jangada. Os habitantes sorprendidos não tiveram tempo de se defender, nem puderão retirar-se.

1647. — *Negocios do Maranhão.* O Governador-General, Francisco Coelho de Carvalho, tendo chegado doente a Belem, alli morreo. O Ouvidor-geral de S.-Luiz, Durão, aproveitou-se da morte do Governador, para commetter actos de violencia; Manoel Pitta da Veiga, que fazia as funcções de governador interino, fez prender Durão no forte de Itapicaru; mas o novo governador Luiz de Magalhães o fez soltar, e mandou encarcerar Manoel Pitta, cujo emprego deo a seu proprio irmão.

Expedição hollandeza contra o Maranhão.

— O principal objecto d'esta expedição, composta de oito navios de guerra, debaixo do

mando de Vandergoes, era de tomar o forte de Curupa, e d'alli marchar sobre Belem. Sebastião Lucena de Azevedo, capitão-mór do Pará, depois de ter declarado que não era responsavel pela defesa da cidade, mas unicamente da do forte, se embarcou com todas as forças que ponde juntar, para se oppôr a esta invasão. Tendo desembarcado em Curupa, marchou sobre Maricary, onde atacou os Hol-landezes, obrigando-os a se acolherem aos seus navios, depois de terem experimentado humma perda consideravel. Este successo de Lucena não bastou para desvanecer o resentimento que o seu procedimento anterior tinha excitado; e a instancias da Camara de S.-Luiz, o Governador-General, Francisco Coelho de Carvalho, o suspendeo do seu commando, e o mandou para Gurupy, a setenta legoas de Belem, sobre a costa, onde foi condemnado a residir até que a Còrte o sentenciasse. Ella confirmou a suspensão das suas funcções, e foi embarcado para Portugal.

1647. — No principio d'este anno Schoppe partio com o resto dos seus navios para o rio de S. Francisco, onde se lhe foi juntar Hinderson. Dalli fez-se a vela para a Bahia e desembarcou na ilha de Itaparica, a tres legoas da cidade; alli se fortificou, levantando quatro redutos protegidos da banda do mar pelos

navios. Contra o parecer do seu Conselho, o Governador-General resolveu atacar os Hollandezes nesta forte posição, e escolheu o mestre-de-campo Francisco Rebello, para dirigir tão arriscada empresa, á testa de mil e duzentos homens. Este official foi morto no meio do ataque, com seiscentos homens, entre os quaes se acharão Antonio Gonçalves Tição e alguns capitães. Outros se retirarão feridos.

A occupação do Rio S.-Francisco pelos Hollandezes interceptava os viveres aos Portuguezes. Por isso foi expedido o mestre-de-campo André Vidal de Negreiros á Paraíba, para trazer mantimentos, e destruir as plantações de assucar feitas recentemente pelos Hollandezes. O sargento-mór Antonio Dias Cardoso entrou nesta capitania com trezentos e trinta e sete homens, todos do regimento de Vieira, e expedio o capitão Cosme do Rego Barros, com cento e sessenta soldados, para assolar o districto de Cunhau, e destruir o engenho e a plantação de assucar do mesmo nome, situados a dezoito legoas da Paraíba. Este estabelecimento foi reduzido a cinzas. Vieira voltou com duzentos prisioneiros, pela maior parte escravos desertores, algumas mulheres que tinham tido commercio com os Hollandezes e os Indios, e trezentas cabeças de gado.

Vidal de Negreiros partio da novo do campo

a 24 de Agosto, á testa de novecentos homens de infantaria e noventa de cavallo, e penetrou até hum lugar chamado Ceará-Mirim, situado ao norte do Rio-Grande, onde achou setecentas cabeças de gado, que conduzio ao campo, com alguns homens e mulheres que se puzeram debaixo da sua protecção. Nesta correria matou setenta Hollandezes ou indígenas.

Bombardeamento do Recife pelos Portuguezes. — Logo que se soube da chegada do reforço hollandez, tinham os mestres-de-campo expedido a Lisboa o padre Manoel do Salvador, para fazer constar a Elrei as vantagens obtidas, e pedir soccorros. Esperando a chegada de forças navaes para atacar o Recife por mar, resolveo Vieira e Vidal estabelecer huma bateria que cooperasse da banda da terra. Os Hollandezes tinham construido hum forte sobre hum banco de arêa chumado *Assoca* pento da cidade de Maurício. Os mestres-de-campo descobrirão huma posição sobranceira, que dominava o forte, a bahia e as passagens. Deixando a direcção do campo a João Soares de Albuquerque, partirão para fazer assentar a projectada bateria. O máto em torno d'este lugar occultou a principio a obra; e á medida que ella começava a elevar-se, não trabalharão nella senão de noite, tendo cuidado de a cobrir

de dia com ramadas verdes. Acabada a bateria (a 3 de Outubro), abriu-se a roda d'ella hum fosso profundo, que se encheo de agua do Rio Capibaribe. Cortou-se então o arvoredo da banda do Recife, e começou-se a bater a cidade. Muitas pessoas foram mortas, e os habitantes assustados se escondêrão nas adegas subterraneas. Como o reduto dominava o porto, foram obrigados os Hollandezes a fazer sair d'elle os navios. Continuarão os Portuguezes o fogo durante o dia, e de noite fizeram varios ataques, em hum dos quaes tomáráo e saquearão o palacio de Nassau. Os habitantes pedirão auxilio a Schöppe e Hinderson, que partirão logo e encontrarão hum quadra portugueza de doze navios, a bordo da qual vinha o conde de Villa-Pouca, Antonio Telles de Menezes, como Governador-General, para render Antonio Telles da Silva.

Continuou-se a bombardear a cidade até á chegada da esquadra hollandeza ao Recife (em fins de Dezembro). Schoppe apressou-se em desembarcar a sua gente, e fez construir hum bateria opposta á dos Portuguezes.

A esquadra fez-se á vela de novo para ir arruinar o Reconcavo. A esquadra portugueza teve ordem de a combater, mas só tres navios pelearão, e não sendo apoiados pelos outros, hum foi tomado, outro queimado, e o tercei-

ro escapou. A bordo do primeiro morreo Dom Affonso de Noronha, filha do conde de Linhares.

Elrei de Portugal, seguindo o exemplo de outros reis, deu a seu filho D. Theodosio o titulo de Principe do Brasil.

Os ministros da Côrte de Portugal anteveião os perigos que ameaçavão o Brasil, sem lhes poder descobrir remedio, quando o jesuita Antonio Vieira fez saber a Elrei que hum negociante de Amsterdam tinha offerecido armar quinze navios montando trezentas peças, por vinte mil cruzados cada hum, fazendo - os entrar no porto de Lisboa no mez de Março proximo. Para achar esta quantia Vieira propoz a creação de hum imposto de hum testão ou seis vintens, por arroba de assucar. A frota do Brasil tinha chegado havia pouco com quarenta mil caixas de assucar.

Alguns mezes depois, Elrei recebeu a noticia da occupação da ilha de Itaparica, por Schoppe. O Conselho foi unanimemente do parecer que era necessario socorrer a Bahia; mas para o fazer, precisava-se de trezentos mil cruzados, quantia que não havia meio de obter. D. João IV fez vir Vieira, a quem communicou a deliberação dos seus ministros. O jesuita partio para Lisboa, e negociou hum emprestimo da quantia exigida, com Duarte da Silva e outro negociante;

devendo o capital ser embolsado pelo referido imposto sobre o assucar.

Francisco Barreto de Menezes, nomeado Mestre-de-campo-General, para o commando de Pernambuco, partio de Lisboa com dois navios pequenos, levando a bordo trezentos homens, algumas armas e munições; mas quando chegáram á costa da Paraíba, cahiram em mãos dos Hollandezes. Menezes, levado prisioneiro ao Recife; conseguiu escapar nove mezes depois, por meio do filho do capitão de Bra, a cuja guarda estava commettido. A 24 de Janeiro chegou ao campo, e o Governador-General lhe fez entregar o commando por João Fernandes Vieira e André Vidal; o que causou grande descontentamento entre os Pernambucanos; mas Barreto soube ganhar a confiança d'estes dois chefes, seguindo os seus conselhos.

Desde o principio da insurrecção, Vidal e Vieira tinham percorrido cento e oitenta legoas desde Ceará-Mirim até ao rio S.-Francisco. Tinhão tomado em diversos fortes mais de oitenta peças de artilharia, morto ou aprisionado dezoito mil pessoas, e o seu exercito estava provido para dois mezes.

No principio de Fevereiro huma esquadra hollandeza de sessenta navios, com seis mil homens de infantaria e tres mil marujos, entrou no Recife. O Conselho renovou a offerta

de huma amnistia a todos os insurgentes que se apresentassem no prazo de dez dias; Hoogstraten só exceptuado, o declarou ao mesmo tempo que passado este termo, não se pouparia nem idade nem sexo. Vieira respondeo (a 7) que não temia estas ameaças; que Camarão e Dias conhecião bem os membros do Consellho para dar ouyidos ás suas proposições, que farião cartuxos com as proclamações hollandezas, e lhas recambiarião com a devida resposta.

Todavia a chegada d'este reforço obrigou os insurgentes a concentrarem as suas forças entre Serinhaem e Moribeca; e posto que não excedessem tres mil e duzentos homens, resolverão tentar a sorte de huma batalha.

Schoppe entrou em campo á testa de sete mil e quinhentos homens de infantaria, e hum grande numero de Indios e de gastadores, e na sua marcha apoderou-se da estancia da Barreta, defendida por oitenta homens commandados pelo capitão Bartholomeu Soares da Cunha: quarenta e sete forão mortos, e sete prisioneiros.

1648. — *Batalha de Guararapés* (1). Os che-

* Guararapés ou Goararapés significa na lingua dos indigenas, estrondo, ruido que fazem as aguas despenhando-se pelas fendas e concavidades dos rochedos, e em geral, estrepito, som ruco, como de tambor, atabale.

ses portuguezes sabendo que os Hollandezes deião passar em Moribeca pelo caminho entre a falda das collinas elevadas do Guararapes e huma lagôa, se postarão neste passo. Como não tinham artilharia, e escassas munições, deo-se a ordem de atacar á espada, feita a primeira descarga de mosquetaria. Chegão, com effeito os Hollandezes, tráva-se o combate a 19, domingo de Pascoa, e são inteiramente derrotados depois de hum renhido combate de cinco horas. Retirarão-se a Barreta, deixando no campo de batalha mil e duzentos mortos, e entre elles cento e oitenta officiaes, duas peças de artilharia e a maior parte da bagagem. O coronel Haus foi morto, e Schoppe ferido no calcanhar.

Os Portuguezes tiveram oitenta e quatro mortos, e cousa de quatrocentos feridos. A perda dos Negros e Indios não he conhecida. Camarão, tão distincto pelos seus talentos militares, morreu pouco depois da batalha. O seu verdadeiro nome indio era *Poly*, que significa camarão, e tinha sido baptizado Antonio. Felippe IV lhe tinha conferido a ordem de Christo, com o titulo de Dom, e o de *Capitão-general dos Indios*. Teve por successor seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão, o qual em remuneração de seus serviços, foi feito cavalleiro de Santiago.

Depois d'esta desastrosa derrota Schoppe voltou ao Recife, a 20 de Abril. Consolou-se

d'ella pela morte do Camarão, e por ver que a bateria d'Assoca, que tinha posto a cidade em tão imminente risco, se tinha rendido a hum official da guarnição.

Depois da partida da esquadra da Bahia para Portugal, a armada hollandeza ficou senhora do mar, e conseguiu destruir vinte e dois engenhos de assucar no Reconavo.

Expedição portugueza para retomar Angola.

— Salvador Correa de Sá Benavides, fidalgo descendente de huma familia que tinha contribuido a expulsar os Francezes do Rio de Janeiro, chegou a este porto vindo de Lisboa, com a faculdade de apromptar huma expedição para reconquistar Angola, e ordem ao conde de Villa-Pouca para este lhe fornecer cinco navios para esse fim. Logo que chegou ao Rio de Janeiro convocou huma assemblea dos magistrados e das pessoas principaes da cidade, a quem communicou a autorisação que tinha recebido d'Elrei, de levantar hum forte na bahia de Coquimbo, sobre a costa de Angola, para d'alli prover o Brasil de Negros. Ajuntou que, em razão da tregoa, era-lhe vedado fazer guerra aos Hollandezes; mas que não seria condemnado por Elrei, se conseguisse recobrar por força d'armas as praças de que elles se haviam apoderado durante a dita tregoa. A assemblea acolheu o projecto, e fez ao autor d'elle

hum dom de cincoenta e cinco mil cruzados, e alistárão-se novecentos soldados para a expedição. Correa de Sá afretou mais seis navios, comprou quatro á sua custa, e fez-se á vela com quinze embarcações, e provisões para seis mezes. Chegado á bahia de Coquimbo, fundeou, mas infelizmente a violencia da mareta submergiu o navio almirante com trezentos e sessenta homens a bordo. Informado de que os Hollandezes fazião a guerra aos Portuguezes no interior do paiz, obteve o consentimento do seu Conselho para ir a Loanda, onde soube (a 4 de Agosto), que os Portuguezes de Massangano estavam atacados por hum destacamento de trezentos Hollandezes e tres mil Negros, o que o decidio a atacar o Morro de S.-Miguel, defendido por huma guarnição de mil e duzentos Europeos e numero igual de Negros. Deixando só cento e oitenta homens a bordo dos navios, desembarcou seiscentos e cincoenta soldados, e duzentos e cincoenta marujos a duas milhas da cidade, apossou-se do convento dos Franciscanos que dominava a praia, assim como da fonte de Maganga, d'onde os Hollandezes se tinham retirado, e entrando pela cidade occupou o collegio dos Jesuitas, a casa do governo, e o forte de Santo-Antonio que tinha sido evacuado. Achou nelle oito peças de artilharia, das quaes só duas tinham sido enoravadas. Com

estas seis peças e quatro que tinha desembarcado, estabeleceu duas baterias sobre a igreja, situada em frente do Morro, em hum terreno igualmente elevado e separado por huma quebrada. Começava a bater o forte sem effeito, quando lhe veio a noticia da derrota dos Portuguezes de Massangano. Tentou então levar de assalto o Morro, que atacou ao romper do dia, mas foi repellido com perda de cento e sessenta e tres mortos, e cento e sessenta feridos. A pezar d'este revez não renunciou Correa á sua empreza, mas fez tocar a retirada. Os Hollandezes, cuidando ser signal para hum novo assalto, espavoridos e tomados de terror panico arvorárão a bandeira branca em signal de capitulação. Correa aproveitando-se d'este erro, não lhes concedeo mais de quatro horas para se decidirem, e fez comprehender nas estipulações (a 24 de Agosto) todos os Hollandezes existentes em Angola. Mais de dois mil homens depuzerão as armas diante de menos de

¹ O autor das *Memorias historicas* do Rio de Janeiro, diz que Correa se fez á vela para Angola a 12 de Maio, e que a 15 de Agosto reconquistou o territorio occupado pelos Hollandezes, e que em memoria d'este glorioso feito, a comarca de Angola celebra annualmente hum festa solemne por huma procissão da igreja de S.-José até a cathedral, denominada *Anniuersaria da Restauração*.

soiscentos, e forão embarcados em Cassandano. Retirarão-se para a embocadura do rio Guansa, onde construirão hum forte para impedir o commercio aos Portuguezes.

Logo que os Hollandezes de S.-Thomé souberão a tomada de Angola pelos Portuguezes, evacuarão a cidade de S.-Thomé, abandonando a artilharia, e a maior parte das munições.

Depois da tomada de S.-Paulo de Loanda, em 1641, o governador Menezes se tinha retirado com as tropas e habitantes, para as margens do Bengo, a trinta legoas da cidade, onde se fortificou no meio de huma aldeia que estabeleceu. Alli se dispoz a atacar os Hollandezes, os quaes informados da sua intenção (Maio 1648), marcharão contra elle com cem homens, e lhe matarão vinte soldados da sua guarda, ferirão outros tantos, e entre elles, o Governador, e fizeram os outros prisioneiros, que embarcarão para Pernambuco. Só os principaes officiaes escaparão.

Negociação entre a Corte de Portugal e a Hollanda. — O Embaixador de Portugal tinha proposto aos Estados-Geraes (a 28 de Novembro 1647), de acompanhar os commissarios hollandezes ao Brasil, para pôr hum termo á insurrecção; ou se a Companhia preferia renunciar á posse do paiz, cedendo os seus di-

reitos a Elrei de Portugal, este offerecia indemnizar os Hollandezes. Esta proposta tendo sido rejeitada, o Embaixador para ganhar tempo, propoz de novo, no mez de Agosto 1648, de empregar as forças de Portugal para subjugar os rebeldes, logo que a ratificação da paz estivesse assignada, e no seguinte miz offereceo por ordem d'Elrei, a restituição de tudo o que tinha sido tomado á Companhia. Esta accitou a proposição, debaixo da condição que ella ou os Estados-Geraes serião postos de posse da Bahia, ou da ilha Terceira. O Embaixador respondeu que Elrei de Portugal não podia ceder nem hum a nem outra d'estas possessões sem o consentimento das Côrtes do Reino, e offereceo em troca diversos portos, ou hum a cidade maritima de Portugal.

Relativamente ás capitánias do Ceará e do Maranhão, cuja restituição tinha sido exigida pelos commissarios hollandezes, representou que a primeira tinha sido retomada pelos Portuguezes desde 1638, e que a Companhia hollandeza se havia apossado da segunda durante a tregoa, em 1641; o que Elrei não podia obligar-se a restituir senão o que tinha sido tomado pelos rebeldes.

Os Estados-Geraes bem penetrados da importancia das possessões que tinham conquistado no Brasil, e conhecendo a situação critica

DO BRASIL.

em que se achava Portugal , pobre , sem commercio nem marinha , continuamente ameaçado por todas as forças de Castella, e sem hum só alliado em que pudesse confiar, insiatião em impôr as mais duras condições , determinados a obtê-las pelas armas se as não conseguissem por negociação. Declararão pois ao Embaixador, que, alem da restituição de todo o territorio que possuíão no Brasil quando se assignou a tregoa , exigião mais hum terço da capitania de Seregipe , a ilha e forte do Morro de S.-Paulo (d'onde dominavão a Bahia) por tempo de vinte annos como garantia , e até á inteira execução do ajuste. Exigião mais o pagamento annual de 100 : 000 florins por vinte annos , e o fornecimento annual de mil bois de lavoura , mil vaccas , quatrocentos cavallo e mil carneiros por tempo de dez annos , e mil caixas de assucar de vinte arrobas cada huma cada anno, durante o tempo de vinte annos. Todos os escravos tomados aos Hollandezes devião ser-lhes restituídos , ou o seu valor, assim como a artilharia e mais effeitos tomados pelos insurgentes. Modificarão depois estas condições renunciando á occupação do Morro de S.-Paulo , e reduzindo a compensação a 600 : 000 cruzados , e a dez mil caixas de assucar, a metade branco , e a outra mascavado , em pagamentos annuaes por espaço de dez annos. Insistião

na conservação da posse de Angola e de S.-Thomé.

Este ultimatum communicado a Elrei Dom João IV o poz em grande aperto, não sabendo que partido tomar, á vista sobre tudo da paz, que a França estava a ponto de concluir com Castella, pela qual esta potencia desembaraçada de tão poderoso inimigo, podia voltar todas as suas forças contra Portugal, e unindo-se aos Hollandezes, arruinar de hum golpe o Reino e suas colonias na America e na Asia. Nesta difficil conjunctura, convocou Elrei o seu Conselho, cuja maioria se pronunciou contra a restituição do Pernambuco e de Angola, sem todavia dissimularem os perigos que ameaçavão o Reino, mas confiando em Deos e no acaso. Entre os discursos que o tempo nos conservou, he notavel o de Pedro Fernandes Monteiro, procurador da fazenda. Este patriota esclarecido expoz com franqueza os riscos, não dissimulou as forças da Hollanda, mas mostrou que não erão tão grandes como se julgava, e fallando da Companhia das Indias Occidentaes, notou que as suas acções tinham baixado em valor, de 100 a 28. Concluiu que se tentasse negociar, offerecendo dinheiro e generos em compensação, mas não fazendo cessão de hum territorio que os Hollandezes não tinham meios de conservar, e pro-

poz a criação de huma companhia de commercio do Brasil. A Mesa da Consciencia adoptou o mesmo parecer; mas o celebre jesuita Antonio Vieira, a quem Elrei communicou as deliberações, foi de parecer que não havia a menor esperança de poder resistir ás forças da Hollanda e de Castella, e que para conservar as possessões de India, era forçoso sacrificar Pernambuco, que para o futuro se poderia reconquistar quando o Reino estivesse desafogado e a independencia nacional consolidada. Expoz esta opinião em hum memorial, cujos argumentos parecerão tão solidos a D. João IV, que o denominou *papel forte*.

Deve porém notar-se que Vieira não só se enganou em quanto ao resultado, o que com effeito foi devido a circumstancias imprevistas que occorrêrão a favor de Portugal; mas a meu ver, era mui errado o seu raciocinio relativamente ao valor das nossas possessões da India, e van a esperança de as defender contra os Hollandezes. Não vio Vieira a muito maior importancia do Brasil, e a facilidade de o conservar, até depois de perdido Portugal.

1648. — Neste anno forão fundadas as villas de Paranaguá, na margem meridional da bahia d'este nome, na provincia de S.-Paulo, e a villa de Alcapara, antigamente denominada *Tapuy-Tapera*.

Continuação das hostilidades. — A 23 de Novembro, Dias sahio do campo á testa do seu regimento, e de algúmas companhias do de Camarão, e entrou no Rio-Grande no principio do anno seguinte, matando e incendiando. Quarenta Hollandezes e alguns Indios tinham-se fortificado em hum lugar chamado Guarairás, em huma ilha situada no meio de hum lago. Dias se apoderou d'este posto, na noite de 6 de Janeiro 1649, matando toda a guarnição, á excepção de cinco homens que fugirão. Os Portuguezes tiverao tres mortos, e muitos feridos. No dia 7 marchou contra o engenho de Cunhau, onde os Hollandezes tinham huma boa guarnição. Tendo ameaçado de o incendiar com o mato que se achava cortado em torno, o commandante assustado se rendeo. Dias voltou triumphante ao campo com os prisioneiros e o despojo. No domingo seguinte, o vigario geral, Domingos Vieira de Lima, deu ordem de celebrar esta victoria, dando graças a Deus d'este triumpho sobre os hereges.

O exercito victorioso, depois de ter enterado os mortos, e tratado dos doentes, retirou-se ao Engenho-Novo, situado sobre o mesmo monte na direcção do norte, e no caminho que conduzia ao campo.

1649. — Os Estados-Geraes descontentes do Embaixador portuguez, Francisco de Sousa

Coutinho, que tantas vezes os tinha illudido, lhe intimarão que houvesse de sair da Hollanda, *Visto estarem resolvidos a empregar a força para obrigarem Portugal a executar o tratado de 1641. Coutinho respondeo que não podia largar o seu posto sem ordens positivas da sua Côrte, á qual ia escrever a este respeito. A Côrte de Portugal nomeou com effeito outro ministro o qual morreo de repente. Entretanto os Estados-Geraes havendo mudado de parecer relativamente ao Embaixador portuguez, instarão com elle para que pedisse novas credenciaes, affectando grande confiança nelle. O motivo d'esta mudança foi, ao que parece, a esperanza de obterem communicação de todos os despachos que elle recebesse da sua Côrte, por meio do seu secretario francez que tinham corrompido; mas este avisou o Embaixador, e ambos de accordo conseguirão enganar completamente o Governo hollandez, communicando-lhe despachos dictados por Coutinho, e escriptos em folhas assignadas em branco por Elrei, de que por precaução se tinha munido. Emfim foi Coutinho substituido pelo novo Embaixador Antonio de Souza de Macedo, que chegou no mez de Setembro de 1650. Os Estados-Geraes demorarão muitos mezes a sua recepção, e elle que nada tanto desejava como ganhar tempo, esperou tranquillamente. Foi

enfim reconhecido, mas não lhe foi possível entrar em negociação; e tendo expirado os dez annos fixados pelo tratado de 1641 para a sua duração, retirou-se de Hollanda.

Segunda batalha do Guararapés. Não obstante o revez de Schoppe no passo de Guararapés, o Conselho de guerra do Recife decidio-se a tentar de novo a fortuna das armas, e nomeou o coronel Brinck para comandar a expedição. Este official partio á testa de cinco mil soldados, trezentos marinheiros, setecentos gastadores, duzentos Indios, e alguns Negros, e foi acampar-se nos montes Guararapés. O exercito portuguez, cuja força não excedia dois mil e quinhentos homens, the foi ao encontro, e depois de seis horas de combate, alcançou huma victoria completa. Os Hollandezes confiados nas suas forças, e enganados relativamente ás dos Portuguezes, commetterão o erro de descer das alturas que a principio tinham occupado, para a planicie, onde foram atacados com denodado valor por Vieira, que lhes tomou a artilheria postada na frente. Este valeroso chefe correu mil perigos, teve hum cavallo morto na acção, e cobrio-se de gloria.

• Nieuhoff não refere sendo huma batalha, a qual pela data, deve ser a primeira. Todavia falta da outra sem dar particularidades.

Brinck tentou voltar á sua primeira posição, mas já Vidal se tinha apoderado do monte Viezerro, onde o coronel hollandez Eltz, á testa de hum regimento allemão, se defendia com grande intrepidez; porém atacado pelo flanco esquerdo por Dias Cardoso, e na direita pela cavallaria de Silva, recuou e ficou totalmente destroçado. Brinck procurando formar em columna os fugitivos, cahio morto de huma bala atirada da bateria que fôra tomada aos Hollandezes. Francisco Barreto perseguio os fugitivos.

Esta memoravel batalha foi dada a 19 de Fevereiro de 1649, sendo os Portuguezes commandados por Francisco Barreto de Menezes; Perderão os Hollandezes o Estandarte real e dez bandeiras, seis peças de artilharia, e muitas munições e bagagens. A perda dos Hollandezes he avaliada em mil e trezentos mortos, e entre elles o commandante do batalhão de marinheiros. O numero dos feridos foi de seiscentos. Os Portuguezes dizem ter só perdido quarenta e sete homens mortos, sendo hum d'elles Paulo da Cunha, sargento-mór do regimento de André Vidal, Manoel de Araujo, e Cosme do Rego de Barros, que morreo alguns dias depois. O numero dos feridos foi de duzentos e sete, em que entrarão Henrique Dias e oito mestres-de-campo. No dia seguinte enterráram-se os mortos, e no vinte e hum os Hol-

landezes pedirão e obtiverão huma suspensão de armas para o mesmo objecto. Os restos da expedição voltarão ao Recife. Os Portuguezes victoriosos marcharão para a Fortaleza do Arraial. Pedro Poty, chefe dos Indios alliados dos Hollandezes, foi tomado, mettido a ferros por tres annos; e depois remettido para Lisboa, morreo na viagem.

Schoppe quiz ainda tentar hum ataque contra a *Estancia de Mendonça*; mas foi repellido a 25 de Agosto, com perda, pela guarnição commandada por Antonio Borges Uchoa.

Os Hollandezes experimentarão a mesma sorte a 7 de Outubro, em huma tentativa contra o forte d'Aguiar, e a 15 de Dezembro serão de novo repellidos com perda de dezasete homens no ataque do forte das Salinas, pelo capitão Antonio Ferreira Machado.

No principio do mesmo anno (1649), tinha-se creado em Portugal huma companhia mercantil, com a denominação de *Companhia geral do Commercio do Brasil*: os membros d'ella residentes no Brasil erão nomeados administradores. A Companhia obrigou-se a equipar trinta e seis navios, dos quaes dezoito armados erão destinados a proteger as embarcações que sahiam dos portos do Brasil e a acompanhá-las até aos de Portugal. A primeira

• Esta Companhia foi dissolvida em 1720. •

frota da Companhia, commandada pelo almirante Pedro Jaques de Magalhães, partio de Lisboa a 4 de Novembro, e chegou á Bahia a 20 de Dezembro, com huma feliz viagem. Nella ia embarcado o novo Governador e general João Rodrigues de Vasconcellos, conde de Castello-Melhor, que ia render o conde de Villa-Pouca. Oitenta navios mercantes voltarão a Portugal debaixo da protecção d'esta esquadra, a bordo da qual se havião embarcado os dois precedentes governadores. A nao *Nossa Senhora da Conceição* que levava Antonio Telles da Silva, naufragou na costa de Buarcos, e toda a gente se perdeu. Hum galeão teve a mesma sorte, e dois forão lançados sobre a costa da ilha de S.-Miguel.

O novo Governador do Brasil seguindo as instrucções de D. João IV, não prestou auxilio algum aos patriotas do Pernambuco. Estes, reduzidos ás suas proprias e escassas forças, e esgotados pelos continuos esforços e sacrificios feitos desde o principio da insurrecção, não esmorecerão todavia; esperando por algum lance favoravel, e não podendo atacar o Recife, occupáram-se em aperfeiçoar a organização da sua tropa introduzindo nella a necessaria disciplina.

1650. — Neste anno o novo Governador do Maranhão Luiz de Magalhães deo a patente de

capitão-mór ao commandantê Bartholomeu Barreiros de Ataíde, para ir descobrir as suppostas minas de ouro, o *Rio*, ou *Lago Dourado*, e trazer de lá escravos indios. A expedição não produziu effeito, e a ordem de escravisar os Indios suscitou huma accusação judicial contra Barreiros, e fez perder o cargo ao Governador.

1651. — No fim do anno precedente Schoppe tinha feito partir huma expedição do Recife para o rio S.-Francisco, a qual não foi mais feliz que as outras, tendo sido os Hollandezes obrigados a retirar-se a 5 de Janeiro, diante de quinhentos homens commandados pelo sargento-mór Antonio Dias Cardoso. Nesta epoca as tropas portuguezas tiravão todos os viveres das terras banhadas pelo Rio S.-Francisco.

A 16 de Julho, hum destacamento de trezentos soldados debaixo do commando do capitão João Barbosa Pinto, correu ao longo das margens do Rio-Grande, e voltou com sessenta e tres prisioneiros, e algum gado.

1651. Neste anno foi fundada a villa de Guaringuetá, na margem direita do Paribá, provincia de S.-Paulo, por Dionysio da Costa capitão-mór, e lugar-tenente do donatario.

1652. — Estabeleceo-se na Bahia huma Relação para examinar as sentenças dos Ouvido-

res geraes, e outros magistrados. No mesmo anno se fundou a villa de Jacareby na provincia de S.-Paulo e margem direita da Paraiíba, pelo donatario D. Diogo de Faro e Sousa.

No 1.^o de Maio quatrocentos soldados portuguezes commandados pelo sargento-mór Antonio Dias Cardoso, se puzerão em emboscada entre o forte dos Afogados e o da Barreta, e sorprendêrão as guarnições, matando-lhes quinze homens e ferindo muitos mais.

A 20 de Maio o Mestre-de-Campo-General, tendo sabido que os Hollandezes tinham cortado muito pao Brasil nas margens do Rio-Grande, destacou quinhentos soldados ás ordens do mesmo sargento-mór, o qual devastou o paiz, destruindo as plantações, e castigando os Indios rebeldes.

Negocios do Maranhão. Apenas os Portuguezes se apossarão do Maranhão, reduzirão os habitantes á escravidão. D. João IV renovou a lei de Felippe III que abolio a escravidão dos indigenas; e o novo Governador Balthasar de Sousa Pereira trouxe instrucções para emancipar os escravos Indios. Estando a principiar esta operação, o povo amotinado se ajuntou na praça de S.-Luiz, para se oppôr á execução. Pereira fez sahir a artilharia para os dispersar, mas pouco depois fez retirar a tropa, e procurou acalmar o povo por meio dos Jesuitas,

suspendeo a execução da medida, e consentio que os habitantes nomeassem deputados para irem expôr a Elrei as suas razões.

O Governador do Pará, Ignacio do Rego Barreto tinha trazido as mesmas instrucções relativamente aos Indios escravos, e foi igualmente obrigado a suspender a execução d'ellas em razão do levantamento do povo. Tal era a situação d'estas duas capitánias quando chegou o padre Antonio Vieira, em qualidade de Superior das Missões.

1654. — Na esperanza de poder tomar a fortaleza do Arraial, Schoppe, á testa de mil seiscentos e cincoenta homens, fez hum primeiro ataque contra a Estancia do Aguiar, mas o commandante Affonso d'Albuquerque, que tinha sido advertido, o repellio com perda. A 18 de Junho renovou duas vezes a mesma tentativa, igualmente mallograda.

Os Hollandezes mandarão outra expedição por mar ao rio S.-Francisco, para colher gado, mas não teve melhor exito que a precedente. Atacados pela companhia do capitão Francisco Barreiros, trinta e sete forão mortos; mas este official foi ferido de huma bala, depois de ter tido tres soldados mortos e dōze feridos.

A frota annual partio de Lisboa, a 4 de Outubro, debaixo do commando do general Pedro Jaques de Magalhães e do almirante Francisco

de Brito Freire, e chegou diante de Pernambuco a 20 de Dezembro. D'alli foi surgir no porto de Nazareth onde se lhe vierão reunir os navios mercantes que se achavão nos portos de Serinhaem, Rio-Formoso, Tamandaré e Camaragibe. Barreto, convencido da impossibilidade de tomar o Recife por terra, solicitou a cooperação da esquadra, para o atacar por mar. O general Magalhães bem quizerá annuir, mas fiel ás suas instrucções representou que elle estava encarregado dos interesses da Companhia, e tinha ordem de se não intrinmetter na contenda com os Hollandezes; todavia declarou que seguiria o parecer da maioria dos votos do Conselho que sobre isso se convocou. Brito Freire pronunciou-se a favor da cooperação, e dia de Natal concertou-se o plano de operações. Desembarcarão a maior parte das tropas, cujo commando foi confiado a Francisco de Brito; e para enganar o inimigo sobre a força dos sitiantes que não excedia tres mil e quinhentos homens, embarcáram-se de noite os soldados que havião desembarcado de dia, e no dia seguinte tornarão a desembarcar, como se fossem tropas frescas. Bloqueou-se o Recife por mar e por terra, de maneira a cortar-lhe todas as communicações. Ao mesmo tempo a esquadra tomou muitos navios hollandezes. A guerra entre os Estados-Geraes e o protector Cromwell

tinha impedido os Hollandezes de acodirem com soccorros ao Recife, e de mandarem hum a esquadra para proteger esta cidade.

1654. — *Expulsão completa dos Hollandezes do Brasil.* Vieira deixando mil homens para guarnecer as fortificações do Arraial, Olinda, Pao-Amarello e Barreta, marchou a 14 de Janeiro á testa de dois mil e quinhentos homens contra a fortaleza das Salinas, que commandava a passagem do rio. O commandante hollandez Naker, não tendo munições de guerra, vio-se obrigado a capitular a 16, debaixo da condição de se embarcar com a guarnição para Portugal. Consta de oitenta e sete Hollandezes; havia no forte quatro peças de artilharia, e bastantes armas e mantimentos.

Schoppe fez evacuar Barreta, e o Buraco de Santiago, para empregar as guarnições na defesa da cidade. Os Portuguezes começaram as operações pelo ataque do forte Altena situado sobre o Biberibe, a meio quarto de legoa do de Salinas e defronte do Recife. Praticou-se hum caminho coberto, e hum mina debaixo da direcção de hum engenheiro francez, capitão dos mineiros, chamado Dumon, que tinha desertado do serviço hollandez com alguns dos seus mineiros. A guarnição composta de duzentos e quarenta Hollandezes e Tapuyas, recendo saltar pelos ares, ou ser morta pelos

negros de Henrique Dias, capitulou a 16 de Janeiro. Trinta e hum soldados tinham morrido durante o cerco, e vinte feridos. Vieira poz guarnição no forte,,em que achou nove peças de bronze e huma de ferro, e muitas munições e mantimentos.

Schoppe fez tambem evacuar o forte dos Afo-gados, a meia legoa do Recife. Não restava então aos Hollandezes senão o forte das Cinco Pontas, e o reduto de Milhou, construidos no mar, em distancia de duzentas toezas da cidade. André Vidal e Dias Cardoso atravessarão a planicie á testa de mil homens, e favorecidos pela escuridão da noite e a baixamar, sorprendêrão o reduto. O commandante Brinck, filho do general morto, se rendeo a discreção, depois de ter perdido cinco homens mortos, e outros tantos feridos. A guarnição se compunha de cincoenta e dois Hollandezes, e dez Indios.

Os habitantes do Recife recusando obedecer ás autoridades hollaudezas, e estas não esperando ser soccorridas, o Conselho supremo foi obrigado a propor huma capitulação, e depois de tres conferencias assignou-se a seguinte capitulação a 26 de Janeiro, que vamos transcrever como monumento historico digno de memoria.

ASSENTO E CONDIÇÕES

Com que os Senhores do Conselho supremo residentes no Arrecife, entregão ao Senhor Mestre-de-Campo-General Francisco Barreto de Menezes, Governador em Pernambuco, a cidade Maurícia, Arrecife e mais forças, e fortés junto d'ellas, e mais praças, que tilião occupadas na banda do Norte, a saber; a Ilha de Fernão de Noronha, Ceará, Rio-Grande, Paratiba, Ilha de Itamaracã, acconlado tudo pelos Commissarios, de luma e outra parte, abaixo assignados.

I.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General, Francisco Barreto, dá por esquecida toda a guerra, que se tem comettido com os vassallos dos Senhores Estados-Geraes das Provincias-Unidas e Companhia Occidental, contra a nação Portugueza, ou seja por mar ou por terra, a qual será tida e esquecida, como se nunca houvera sido comettida.

II.

Tambem serão comprehendidas neste accordo todas as nações de qualquer qualidade, ou religião que sejam; que a todas perdão, posto que hajão sido rebeldes á Corôa de Portugal; e o mesmo o concede, no que pôde; a todos os Indios que estão no Arrecife, e cidade de Maurícia.

III.

Concede a todos os vassallos, e pessoas que

estão debaixo da obediencia dos Senhores Estados-Geraes tudo o que for de bens móveis, que actualmente estiverem possuindo.

IV.

Concede aos vassallos dos Senhores Estados-Geraes que lhes dará de todas as embarcações, que estão dentro do porto do Arrecife, aquellas que forem capazes de passar a linha, com a artilheria que ao Senhor Mestre-de Campo-General parecer bastante para sua defensiva, da qual não será nenhuma de bronze, excepto a que se concede ao Senhor General Sigismundo Van Schoppe.

V.

Concede aos vassallos dos ditos Senhores Estados-Geraes, que forem casados com mulheres Portuguezas, ou nascidas na terra, que sejam tratados como que se forão casados com Framengas, e que possam leyar consigo as mulheres Portuguezas por sua vontade.

VI.

Concede a todos os vassallos acima referidos, que quizerem ficar nesta terra, debaixo da obediencia das armas Portuguezas, e no que toca á religião, vivirão em a conformidade em que vivem todos os estrangeiros em Portugal actualmente.

VII.

Que os fortes situados ao redor do Arrecife, e cidade Mauricea, a saber: O forte das Cinco-Pontas, a Casa da Boavista e do Mosteiro de S.-Antonio, o castello da cidade Mauricéa, o das Tres-Pontas, o de Brum com seu reduto, o castello de S.-Jorge, o castello do mar, e as mais casas fortes, e baterias, se entregarão todos á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, logo que acabarem de firmar este accorde e assento, com a artilheria e munições que tem.

VIII.

Que os vassallos dos Senhores Estados-Generaes, moradores no Arrecife, e cidade Mauricéa, poderão ficar nas ditas praças, no tempo de tres mezes; com tanto que entregarão logo as armas e bandeiras, as quaes se metterão em hum armazem á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, durante os tres mezes; e quando se quizerem embarcar (ainda que seja antes dos tres mezes), lhas darão para sua defesa. E logo, juntamente com as ditas forças, entregarão o Arrecife e cidade Mauricéa; e lhes concede que possam comprar aos Portuguezes, nas ditas praças, todos os mantimentos, que lhes forem necessarios para seu sustento, e viagem.

IX.

As negociações, que os ditos vassallos fizerem, em quanto durarem, os ditos tres mezes, serão feitas na conformidade acima referida.

X.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General assistirá com seu exercito, onde lhe parecer melhor; mas fará que os vassallos dos Senhores Estados-Geraes, de nenhuma pessoa Portuguesa sejam molestados nem vexados, antes serão tratados com muito respeito e cortezia, e lhes concede que nos ditos tres mezes, cuctão de estar na terra, possam decidir os pleitos e questões, que tiverem, huns com outros, diante dos seus ministros de justiça.

XI.

Que concede aos ditos vassallos dos Senhores Estados-Geraes, levem todos os papeis que tiverem, de qualquer sorte que sejam, e levem tambem todos os bens moveis, que lhes tem outorgados no terceiro artigo o Senhor Mestre-de-Campo-General.

XII.

Que poderão deixar os ditos bens móveis, acima outorgados, que tiverem por vender, ao tempo de sua embarcação, aos procuradores,

que nomearem, de qualquer nação que sejam, que fiquem debaixo da obediencia das armas Portuguezas.

XIII.

E lhes concede todos os mantimentos, assim secos como molhados, que tiverem nos armazens do Arrecife, e fortalezas, para se servirem d'elles, e fazerem sua viagem, laigando aos soldados os de que elles necessitarem para seu sustento e viagem: mas não lhes outorga o maçame para os navios, porque pròmette dar-lhos aparelhados, para quando partirem para Hollanda.

XIV.

Que' sobre as dividas e pertencções, que os ditos vassallos dos Senhores Estados-Geraes, pertendem dos moradores Portuguezes, lhes concede o direito, que S. M. o Senhor Rei de Portugal lhes decidir, ouvidas as partes.

XV.

Que lhes conceda que as embarcações pertencentes aos ditos vassallos, que chegarem a este porto, ou fora d'ello, por tempo das primeiros quatro mezes, sem ter noticia d'esta accordo, que possam livremente voltar para Hollanda sem lhes fazerem molestia alguma.

XVI.

Que conceda aos ditos vassallos dos Senhores

Estados-Geraes, que possam mandar chamar os seus navios, que trazem nesta costa, para que d'este porto do Arrecife se possam tambem embarcar nelles, e lavar nelles os bens móveis acima outorgados.

- XVII.

No que toca ao que os ditos vassallos podem, sobre não prejudicar este concerto, o amento ás conveniencias que podem estar feitas, entre o Senhor Rei de Portugal, e os Senhores Estados-Geraes, antes de chegar noticia do dito concerto, não concede o Senhor Mestre-de-Campo-General, porque se não intromette nos taes accórdos, que os ditos Senhores tiverem feito, porquanto de presente tem exercito, o poder para conseguir quanto emprender em restituição tão justa.

Artigos militares.

XVIII.

Que todas as offensas, e hostilidades quanto aos Senhores Estados-Geraes, e vassallos, que se tem comettido, se esquecem na conformidade acima referida.

XIX.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General concede, que os soldados assistentes no Arrecife, e cidade Mauricá, e seus fortes, saião com suas

armas, mecha acesa, bala em boca, bandeiras largas, com condição que passando pelo nosso exercito Portuguez, apagarão logo os murrões, e tirarão logo as pedras das espingardas, e cravinas, e metterão as ditas armas na casa ou armazem, que o Senhor Mestre-de-Campo-General lhes nomear; das quaes elle mandará ter cuidado, para lhas entregarem quando se embarcarem, e só ficarão com ellas todos os officiaes, de sargento para cima. E quando se embarcarem seguirão directamente a viagem, que pedem, aos portos de Nantes, a Rochella, ou outros das Provincias-Unidas, sem tomarem porto algum da Corôa de Portugal. Para firmeza do que, deixarão os vassallos dos ditos Senhores Estados-Geraes, em refens tres pessoas : hum official maior de guerra, outra pessoa do Conselho supremo, e outra dos maiores vassallos dos Senhores Estados-Geraes. E que os officiaes de guerra, soldados d'esta praça do Arrecife, e mais portos junto a elle, se embarcarão todos juntos, em companhia do Senhor General Sigismundo Van Schoppe : com condição que se entregarão primeiro á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, as praças e forças do Rio-Grande, Paraíba, Itamaracá, Ilha de Fernão de Noronha, e Ceará; para cumprimento de todo o referido neste capitulo, deixando as pessoas que se pedem em refens.

XX.

Que concede ao Senhor Sigismundo Van Schoppe, que depois de entregues as ditas praças, e forças acima referidas, com a artilheria que têmão, até á hora que chegou a armada á vista do Arrecife, leve vinte peças de artilheria de bronze, sorteadas de quatro até dezoito libras; além das peças de ferro, que serão necessarias para defensa dos navios, que forem em sua companhia; com as quaes lhe darão suas carretas e munições necessarias; o mais treme se entregará á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General.

XXI.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General lhe concede as embarcações necessarias para a dita viagem, na conformidade acima referida.

XXII.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General lhe concede os mantimentos, na conformidade que estão concedidos no capitulo XIII acima, e dado caso que não bastem os ditos mantimentos, o Senhor Mestre-de-Campo-General, promette de lhe dar os de que necessitarem os soldados.

XXIII.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General con-

cede ao Senhor Sigismundo Van Schoppe, que possa possuir, alienar e embarcar quaesquer bens móveis, e de raiz, que tem no Arrecife, e os escravos que tiver consigo, sendo seus. E que o mesmo favor concede aos officiaes de guerra, e que possam morar nas casas em que vivem até á hora da partida.

XXIV.

O Senhor Mestre-de-Campo-General concede aos soldados doentes, e feridos, que se possam curar no hospital em que estão, até que tenham saude para se poderem embarcar.

XXV.

Que em quanto estiverem os soldados do Senhor General-Sigismundo Van Schoppe, em terra, não serão molestados, nem offendidos de pessoa alguma Portugueza. E em caso que o sejam, ou lhes fação alguma molestia, se dará logo parte ao Senhor Mestre-de-Campo-General para castigar a quem lha fizer.

XXVI.

No tocante a irem juntos com os soldados, que hoje estão no Arrecife, os que se renderão, e aprisionarão antes d'este accordo, não concede o Senhor Mestre-de-Campo-General; porque tem dado já cumprimento ao que com elles capitulou sobre sua entrega.

XXVII.

O Senhor Mestre-de-Campo-General concede perdão a todos os soldados; especialmente a Antonio Mendes, e mais Judeus assistentes no Arrecife, e Terras junto a elle. E da mesma maneira aos mulatos e negros e Mamaluços; mas que lhes não concede a honra de irem com armas.

XXVIII.

Que tanto que forem assignadas as ditas capitulações, se entregarão á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General as praças do Arrecife, e cidade Mauricéa, e todos os mais fortes e redutos, que estão ao redor das ditas praças, com sua artilheria, trem, e munições. E que o Senhor Mestre-de-Campo-General se obriga a dar guarda necessaria, para que no alojamento das ditas praças, esteja com segurança a pessoa do Senhor General Sigismundo Van Schoppe, e mais officiaes, e ministros durante o tempo concedido.

XXIX.

E sobre todos estes capitulos, e condições acima contratados, se obrigão os Senhores do supremo Conselho, residente no Arrecife, a entregar tambem logo, á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, as praças da Ilha de Fernão de Noronha, Ceará, Rio-Grande, Pa-

raíba, Ilha de Itamaracá, com todas as suas forças e artilheria, que tem, e tirão até á chegada da Armada Portugueza, que de presente está sobre o Arrecife, e cidade Mauricéa. Mas que o Senhor Mestre-de-Campo-General será obrigado a mandar ao Ceará huma nao, sufficiente para se embarcar nella a gente, assim moradores, como soldados, vassallos dos ditos Senhores Estados-Geraes, com os referidos bens : a qual nao levará mantimentos para sustento da viagem das ditas pessoas, que se embarcarem do Ceará. E que todos os navios e embarcações que estiverem naquelles portos do Rio-Grande, Paraíba e Ilha de Itamaracá, capazes de poderem passar a linha, lhos concede o Senhor Mestre-de-Campo-General, para sua viagem, e trespasso de seus bens; mas que não levarão artilheria de bronze, mais que a de ferro, necessaria para sua defesa. Feita nesta campanha do Tabora a 26 de Janeiro de 1654, segunda feira, pelas onze horas da noite.

FRANCISCO BARRETO DE MENEZES; ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS; AFFONSO DE ALBUQUERQUE; o capitão secretario MAXUEL GONÇALVES CORRÊA; o ouvidor e auditor FRANCISCO ALVARES MOURA.—SIGISMUNDO VAN SCHOPPE; GISEBERTO VUIT; o tenente general VAN DER VAL; o capitão VALOO.

A guarnição hollandeza compunha-se de mil e duzentos homens de tropas regulares; oitocentos e cincoenta Indios tinham-se retirado para o Ceará: Acháram-se na cidade cento e três peças de bronze, cento e sete de ferro, muitas munições de guerra, e viveres para hum anno.

No dia 28 o mestre-de-campo João Fernandes Vieira entrou triumphante no Recife; e no primeiro de Fevereiro o mestre-de-campo-general Francisco Barreto de Menezes deu ordem a Francisco de Figueiroa de ir com o seu corpo de oitocentos e cincoenta soldados, e o regimento de Vieira, tomar posse das capitánias e fortes da ilha Itamaracá, Paraíba e Rio-Grande. No primeiro havia quatrocentos soldados, trinta e tres peças de artilharia, e grande quantidade de armas, munições e viveres.

Os conselheiros Schonenburg e Hacks chegaram a Hollanda a 13 de Julho, e fizeram huma exposição aos Estados-Geraes queixando-se da falta de soccorros e de dinheiro. O tenente general Sigismundo Schoppe tambem allegou em sua defesa as mesmas razões, e ajuntou que desde 1648 que tinha sido mandado ao Brasil, tinha em vão pedido mais tropas, dinheiro e navios; e que no momento em que capitulára, a tropa estava reduzida a mui pequeno numero, e havia hum só navio, o *Brasil*, para proteger a

costa contra sessenta e oito navios portuguezes. As Camaras da Companhia Occidental nomearão deputados para examinar estes Memoriaes, e fizerao prender o general Schoppe e os dois conselheiros para serem julgados. Em fim, por sentença do 20 de Março do anno seguinte, Schoppe foi privado de seu ordenado desde 25 de Janeiro, dia da capitulação do Recife. Os Conselheiros forão remettidos para serem julgados pelas Provincias a que pertenciao.

A noticia da capitulação chegou a Lisboa, no dia de S.-José, anniversario do nascimento de D. João IV. Vidal, que a tinha trazido, vinha encarregado de solicitar Elrei a favor dos Per-nambucanos, que tinham contra vontade d'elle reconquistado o paiz.

Os Hollandezes lamentarão vivamente a perda de huma tão rica colonia, que por incuria tinham perdido. A sua esquadra commandada por Van Tromp foi batida pelos Inglezes, o que lhe tirou os meios de tirar vingança de Portugal. Todavia forão mais felizes na India, onde tomáráo Ceilão aos Portuguezes.

1654. — Neste anno se fundou a villa de I-Tu, na provincia de S.-Paulo, a huma legoa da margem esquerda do Rio Tieté, em que ha huma grande catadupa. *I-Tu* significa cachoeira. No mesmo anno se fundou a villa de Corytiba, na provincia de S.-Paulo, a cento e

vinte legoas da capital. Foi fundada pelo capitão das canoas de guerra, Theodoro Emano Pereira, o qual fundou também no mesmo anno a villa de Iguapé, na mesma provincia, a quarenta e oito legoas da capital, na extremidade do lago da Cannanéa.

1635. — *Estabelecimento da Junta das Missões.* O padre Antonio Vieira, por hum decreto de 21 de Outubro de 1652, tinha sido autoruado, em qualidade de superior da missão do Maranhão, a fazer construir igrejas e a estabelecer missões no interior do paiz. Os colonos tinham continuado em todo o Brasil o mesmo systema de oppressão para com os indigenas, que, apezar de todas as leis em contrario, reduzião ao estado de escravos. Vieira depois de ter examinado a triste condição d'estes infelizes, voltou a Portugal, para defender a sua causa perante D. João IV. Este rei nomeou hum junta composta de homens versados na theologia e nas leis, para examinar a questão da escravidão. Depois de oito dias de discussão decidirão a favor dos Indios. Por influencia do padre Antonio Vieira, que gozava da confiança d'Elrei, foi creada a Junta das Missões, encarregada de proteger os Indios, e decretou-se que todas as aldeas de Indios na provincia de Maranhão seriam postas debaixo da direcção dos Jesuitas; e Vieira, como superior d'ellas, era autorisado a estabe-

lecer os Indios submittidos onde melhor lhe parecesse. Para acabar com a questão da escravidão, decretou Elrei que os Indios escravos recuperariam a sua liberdade no cabo de cinco annos, e que os livres não seriam obrigados a trabalhar no serviço dos colonos mais que seis mezes no anno, e de dois em dois mezes, recebendo como salario duas varas de panno de algodão cada mez. Vieira voltou ao Maranhão para fazer executar estas disposições.

1655. — *Expedição ao Tocantins.* Os Portuguezes do Pará, aproveitando-se das disposições da lei de 1653, se derão com successo ao commercio dos escravos. André Vidal, nomeado governador do Maranhão, trabalhou, de accordo com Vieira, a destruir este odioso traffico. Os principaes estabelecimentos dos Indios onde elle se fazia, estavam situados ao norte do Maranhão, onde cerca de cincoenta aldeas occupavão hum território de quatrocentas legoas. O plano de Vieira era estabelecer alli hum certo numero de postos, extendendo-se para o sul até ao Ceará na direcção dos grandes rios, e nas ilhas á embocadura do Orellhana. Para este effeito fez-se hum expedição composta de cem canoas, em que ião dois jesuitas e hum cirurgião portuguez, com o fito de submeter hum tribu de Tupinambas, que se deixou facilmente ganhar. Mais de mil homens d'esta tribu,

e trezentos d'elles-guerreiros, seguirão os Portuguezes em sessenta canoas. Os Catingas, da nação Tupi, que occupavão parte do territorio intermedio, seguirão o mesmo exemplo, e viernão estabelecêr-se no districto de Camuta; o resto dos Poquis veio tambem pôr-se debaixo da direcção dos Jesuitas, ou padres-negros (*Obunas*) como lhes chamavão os Indios. O padre Manoel de Sousa fez huma excursão desde Curupa até, aos rios Xingu e Tapajós, e ganhou igualmente os Jarunas ou Boccas-Negras, nação que differia muito dos Tupia.

Os missionarios se adiantarão até á serra de Ibiapaba, ou paiz dos precipicios. O anno precedente, o padre Francisco Velloso e Manoel Pires tinham penetrado até á embocadura do Rio-Negro, e conduzido seiscentos escravos, depois de huma jornada de quatro mil milhas. Pires, acompanhado do padre Francisco Gonçalves, ex-provincial do Brasil, voltou ao Rio-Negro, e remontou com o seu companheiro este rio, que ainda nenhum Portuguez tinha explorado. Voltarão, depois de terem resgatado seis a setecentos escravos em huma viagem de quinze mezes, no fim da qual Gonçalves morreo de fadiga. Os missionarios fizerão outra expedição ao rio Tocantins, durante a qual os Indios que os acompanhavão forão atacados, e muitos d'ellos perdêrão a vida.

Para castigar este acto de hostilidade; hum corpo de quarenta e cinco Portuguezes, e quatrocentos e cincoenta Indios commandados por dois Jesuitas, marchou contra os Tocantins e tomou trezentos prisioneiros. A expedição continuou a sua marcha, e no cabo de hum mez chegou ao paiz dos Poquignaras, dos quaes alguns centos consentirão a virem estabelecer-se entre os Portuguezes; d'alli remontou o rio reduzindo algumas tribus de Tupinambas o Catingas. D'esta viagem trouxerão os Jesuitas dois mil Indios.

Vieira resolveo tambem submeter os Indios da grande ilha de Joannes ou de Marajó (de quinhentas a seiscentas milhas de circumferencia), situada na embocadura do Orelhana ou Amazonas. Já anteriormente o governo do Pará tinha mandado hum expedição contra duas tribus d'aquella ilha, os Aroans e os Nheengaibas, composta de setenta Portuguezes e quatrocentos Indios, commandada por João Betencourt Moniz. Este official, tendo-se entrincheirado na costa, fez proposições de paz que forão rejeitadas; e tendo perdido alguns dos seus mortos pelos Indios, e outros estando atacados de doença, foi obrigado a se retirar. Vidal tendo visitado esta ilha, fertil em pastos excellentes, formou o projecto de estabelecer o assento do governo na principal aldêa dos

Aroans. Tentou primeiro submeter os Nheengaiabas, fazendo marchar contra elles cento e vinte Portuguezes e quatrocentos Indios, commandados pelo sargento-mór Agostinho Corrêa, acompanhado dos dois jesuitas, João do Souto-Maior, e Salvador do Vallé; mas os habitos bellicosos d'estes Indios e a natureza do terreno fez renunciar ao projecto, e no cabo de tres mezes evacuou Vidal a ilha, tendo perdido muita gente, tanto pelas frechas dos indigenas, como por doenças e falta de viveres.

Vieira, por meios conciliatorios, conseguiu submeter estês ilheos em numero de quarenta mil, comprehendendo as tres nações: os Mainynas, os Aroans e os Anaynas. Souto-Maior com quarenta Portuguezes e duzentos Indios penetrou no paiz dos Pacajás, que se dizia abundar em minas de ouro e prata. A expedição foi mallograda, e Souto-Maior morreu em quanto se occupava na conversão dos Pacajás e Pirapés.

1656. — *Projecto da comunicação com o Ceará.* Vidal queria estabelecer hum forte na embocadura do Camuci, para fazer commercio com o Ceará. O pau violete crescia junto á serra d'Ibiapaba, perto do mar onde tambem havia ambar-gris; mas os Indios auxiliares dos Holandezes occupavão estes montes. O Governador expedio por terra hum Indio Tabajara, pelo qual mandou offerecer aos Indios do Ceará

HISTORIA

rá hum perdão inteiro pelo passado, e annuncian-lhes que Vieira e os Jesuitas, seus antigos amigos, erão chegados, e vinhão instrui-los e protegê-los. Tambem mandou hum navio, o qual contrariado por ventos adversos foi obrigado a voltar ao Maranhão.

Ao mesmo tempo Vieira se embarcou para a Bahia, e depois de huma viagem de sete semanas, dispunha-se a voltar ao Maranhão, quando encontrou a canôa do Indio Tabajara, o qual conduzia dez Indios da Serra, munidos de cartas dos seus chefes escriptas em papel de Veneza, e selladas com lacre hollandez. Erão Indios de Pernambuco, em companhia dos quaes Vieira voltou ao Maranhão:

O Governador tinha expedido por terra o padre Antonio Ribeiro e hum companheiro que sabia bem a lingua 'Tupi', acompanhados de setenta Indios que levãõ ás costas em mactas a provisão de mandioca. Huma escolta portugueza os acompanhou para os proteger contra os Tapuyas, em distancia de cem milhas, atravessando planicies de areia branca, ditas *lençois brancos*. No decimo terceiro dia, estavão esgotadas as provisões, e a gente vivia de peixe e caranguejos. Alli corrêrão risco de ser assassinados por hum chefe indio, e depois de hum trabalhosa jornada de cinco semanas chegarão á serra de Ibiapaba, onde Ribeiro foi

bem acolhido pelos Indios. Traduzio o *Credo* em versos *tupis*, e ensinou a cantar ás crianças.

A sessenta legoas d'este sitio estava a fortaleza do Ceará, perto da qual havia duas alcêas de Indios convertidos, e duas povoações de Tapuyas que vivião em paz com os Portuguezes, posto que tivessem guerra huns contra os outros. Em hum encontro entre as duas tribus inimigas em que alguns Jaguaruanas estavam a cortar pao violente para o governador do forte, a tribo dos Guanaces veio acommettê-los; e acudindo os Portuguezes a soccorrê-los, quinhentos Guanaces se retirarão ao mato, e convidados pelos Portuguezes vierão submeter-se, depondo as armas, mas forão aleivosa e barbaramente mortos. Este acto atroz excitou em toda a provincia a indignação geral contra os Portuguezes, e o commandante implorou o auxilio dos Jesuitas. Ribeiro veio com effeito, e conseguiu restabelecer a paz. De volta á serra de Ibiapaba soube por Vieira que o provincial tinha mandado instrucções para abandonar a missão, retirando-se os padres para o Maranhão. Communicou estas ordens aos Indios a quem tentou persuadir que fossem com elle para o Maranhão, pois assim o pedia o serviço de Deos e o do Rei. Hum dos chefes com muito siso respondeo, que em quanto ao serviço de

Deos, elle estava em toda a parte; e quanto ao do Rei, que' lbiapaba lhe pertencia assim como o Maranhão. Vidal, nomeado governador de Pernambuco, fez por terra a viagem ao Maranhão.

Neste mesmo anno fundou o conde de Montanto a villa de Jundiaby, na provincia de S.-Paulo e na margem esquerda do rio d'este nome, a nove ou dez legoas da cidade capital. O nome lhe vem do peixe chamado *jundias*.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.